

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ARTES

RETRATOS DA VELHICE
UM DUPLO PERCURSO: METODOLÓGICO E COGNITIVO

FABIANA BRUNO

CAMPINAS - 2003

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ARTES
Mestrado em Multimeios

RETRATOS DA VELHICE
UM DUPLO PERCURSO: METODOLÓGICO E COGNITIVO

FABIANA BRUNO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Multimeios do Instituto de Artes da UNICAMP como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em Multimeios, sob a orientação do Prof. Dr. Etienne Ghislain Samain.

CAMPINAS - 2003

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA CENTRAL DA UNICAMP

B836r	Bruno, Fabiana. Retratos da velhice - um duplo percurso : metodológico e cognitivo / Fabiana Bruno. – Campinas, SP : [s.n.], 2003. Orientador : Etienne Samain. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes. 1. Memória. 2. Velhice. 3. Comunicação visual. 4. Comunicação oral. 5. Fotografia. I. Samain, Etienne Ghislain. II. Universidade Estadual de Campinas. III. Título.
-------	--

RESUMO

A proposta central de *Retratos da Velhice. Um duplo percurso: metodológico e cognitivo* reside no esforço de procurar oferecer princípios de uma reflexão metodológica em torno da memória de pessoas idosas, estudo este trabalhado a partir de dois suportes da comunicação humana: a *verbalidade* e a *visualidade*. Desta forma, os grandes momentos deste trabalho se desenvolverão no horizonte de três eixos correlacionados: *a memória, a verbalidade e a visualidade*, reservando à integralidade da trajetória desta Dissertação de Mestrado uma vertente e uma estrutura essencialmente *exploratória* em torno dos “Retratos da Velhice”.

Os dois suportes comunicacionais serão pólos de entrada neste mundo da memória de idosos: a *visualidade* exposta por meio de imagens guardadas nos “baús fotográficos” destes idosos e a *verbalidade*, oriunda e concretizada a partir de entrevistas. O subtítulo, *Um duplo percurso: metodológico e cognitivo* define a direção da pesquisa: o desejo de se explanar algo inovador sobre a velhice e a memória de pessoas idosas conjugando-se dois canais da comunicação humana: a imagem e a palavra.

ABSTRACT

The central purpose of this research is an effort to offer a study of the memory of aged people, using the verbal and visual elements of human communication. Therefore, the central focus of this work will be developed along the horizon of three correlated axes: memory, speech and sight, reserving to the trajectory of this masters thesis a source and an essentially exploratory structure on the “Pictures of Oldness” (Retratos da Velhice).

The two elements of communication will be the entrance into this world of the memory of aged: the visuality, displayed by means of images kept in the “photographic trunks” of these aged, and the verballity, deriving and materialized from interviews. The subtitle, A double journey: methodological and cognitive defines the direction of the research, which is the desire to explain something innovative about oldness and the memory of aged people, using two canals of human communication: the image and the word.

AGRADECIMENTOS

Muitos foram os caminhos desde a decisão de realizar este trabalho. Trilhar estas veredas foi determinante para descobrir novos horizontes de entendimento da própria vida.

Nesta lida com o tempo próprio da pesquisa, as pessoas passam a ter uma significação muito especial, cada uma com sua leveza, cor, tom, voz, luz e imagem, cada uma com o seu retrato. Desta forma, registro meus agradecimentos a todas as pessoas que de alguma maneira colaboraram para a realização desta Dissertação.

Em especial agradeço:

Aos meus pais pelo apoio, carinho, confiança e ensinamentos de humildade e honestidade e, aos meus avós, pela partilha de sabedoria de vida e afeto.

A Etienne Samain, meu orientador, a quem sempre serei grata pela oportunidade de vivenciar os seus ensinamentos. Pela constante, dedicada e generosa parceria de pesquisa e por ter, antes de mais nada, depositado em mim confiança, estímulo e amizade, tornando o resultado desta Dissertação um inesquecível aprendizado de vida.

À querida Godelieve, pela sempre atenciosa presença, carinho e toda a sua generosidade nesta trajetória de trabalho. À Maíra e Tiwani, pelo oferecimento de sua amizade.

Ao pequeno Tharik pela sua presença de carinho e alegria.

À Marta, por todo o estímulo e troca de idéias na difícil fase de conclusão da pesquisa, em especial, por toda a sua dedicação na revisão do texto final desta Dissertação.

Ao amigo, Eugênio Erasmo, que mesmo distante, também me ofereceu atenciosamente dicas em relação à redação.

Aos meus informantes, Dona Celeste, Dona Olga, Dona Teresa, Seo Moacir e Seo Manoel pela confiança e toda disposição em colaborar para realização desta pesquisa.

À Profa. Dra. Olga von Simson por sua sempre dedicada atenção oferecida desde o início deste trabalho e por suas preciosas dicas e contribuições advindas de sua vasta experiência no campo da História Oral.

À Profa. Dra. Célia Lucena pela inesquecível acolhida às idéias centrais deste trabalho e troca de bibliografias.

Aos membros do Grupo de Estudos Memória, Educação e Cultura (Gemec) do Centro de Memória da Unicamp pelos proveitosos encontros em busca de novos horizontes no campo da pesquisa.

À Profa. Dra. Neusa Gusmão e ao Prof. Dr. Jaime Pacheco pelas generosas sugestões no campo da Gerontologia.

Aos amigos Sérgio Marcos Rodrigues e Carlos Penna por toda a amizade e colaboração no tratamento técnico dado às fotografias e execução gráfica do *layout* da Dissertação.

Aos meus queridos amigos, sempre próximos, Ângelo e Mirza, pela convivência e o exercício contínuo de compartilhar saberes.

À amiga, Maria Abigail Ziggiatti, pela amizade e permanente espírito de pesquisa.

A Marcos Mendes, por sua presença pacienciosa e sempre disposta à troca de idéias.

À Andréa Resende, amiga desde as disciplinas do início do curso, pelo entusiasmo e carinho.

À Banca de Exame de Qualificação, Prof. Dr. Fernando de Tacca, Profa. Dra. Olga von Simson, Prof. Dr. Stéphane Malysse e Profa. Dra Neusa Gusmão, pelas valiosas apreciações e indicações para o trabalho de conclusão desta pesquisa.

Agradeço especialmente à CAPES pelo apoio, em forma de financiamento pelo Programa de Demanda Social, ao conceder-me bolsa de Mestrado no período de março a dezembro de 2003.

SUMÁRIO

Resumo	5
Agradecimentos	7
INTRODUÇÃO	13
PRELÚDIO	17
Palavras e Reflexões sobre a Velhice	19
Imagens e Reflexões da Velhice	26
Usos metodológicos da fotografia e do relato oral	33
PARTE 1	
PRIMEIROS CONTATOS, PRIMEIROS OLHARES	57
Capítulo 1: Primeiros Contatos: Os Informantes	59
1.1 Cinco personalidades	65
Capítulo 2: Primeiros Olhares: Movimentos de um Percurso	71
2.1 Reconhecimento	74
2.2 Operação de Triagem	78
2.3 Operação de Montagem	82
2.4 Articulação entre Triagem e Montagem	84
2.5 Dois panoramas existenciais	85
A) Panorama de Dona Celeste Pires da Costa Ferrari (28 fotografias)	86
B) Panorama de Seo Moacir Malachias (20 fotografias)	99

INTERLÚDIO:

PERCURSOS DA MEMÓRIA VISUAL	111
A) Diagrama indicativo de Percorso da Memória Visual	115
B) Modelos de Percorso da Memória Visual	117

PARTE 2

NOVOS CONTATOS, OUTROS OLHARES	127
---	------------

Capítulo 3: Arranjos Visuais da Memória

e “Formas que pensam”	130
3.1 Arranjos Visuais da Memória	131
3.2 “Formas que pensam”	155

Capítulo 4: Visual e Verbal: elos interativos da Memória

4.1 Dimensões exploratórias das segundas entrevistas	186
4.2 Dimensões exploratórias das segundas pranchas fotográficas	189

CONCLUSÃO	201
------------------------	------------

BIBLIOGRAFIA	203
---------------------------	------------

ANEXO 1

Dona Celeste Pires da Costa Ferrari

(transcrição da primeira entrevista)	220
Seo Moacir Malachias (transcrição da primeira entrevista)	287

ANEXO 2

Dona Celeste Pires da Costa Ferrari

(transcrição da segunda entrevista)	302
Seo Moacir Malachias (transcrição da segunda entrevista)	326

INTRODUÇÃO

De quando era ainda menina guardo as lembranças de rostos de pessoas velhas. São retratos que foram despertados e que se fixaram na minha memória. Por volta dos 6 anos, conheci o mundo de uma instituição asilar, na qual estava abrigada a minha tia-avó Isa. Era ela que eu encontrava, com outros velhos, nos finais de semana.

Naquela época, algo me tocava, me comovia, e, ao mesmo tempo, me incomodava: eram sensações. Talvez melhor: fossem emoções. E para ser mais precisa: emoções ambíguas, paradoxais. Uma dor cega que parecia pairar naquele asilo e, ao mesmo tempo, um encanto feito de pequenos segredos que se desvendavam ao longo do tempo da visita.

Mais tarde, essa percepção abandonada no meu imaginário de criança, reaparecia. Desta vez, cenas de rostos enrugados, tristes ou sorridentes, imagens congeladas na minha memória se multiplicavam abrindo-se a novas dimensões.

Para além do contexto asilar, passava a ter consciência de questões relativas à descoberta do tempo do envelhecimento. Passava, também, dos meus 8 para os 18 anos e partilhava com a minha avó Olga, esta descoberta da adolescência. “*Retratos da Velhice. Um duplo percurso: metodológico e cognitivo*” participa desta viagem.

O propósito central deste empreendimento reside no esforço de procurar oferecer princípios de uma reflexão metodológica em torno da memória de pessoas idosas, estudo este trabalhado a partir de dois suportes da comunicação humana: a *verbalidade* e a *visualidade*. Desta forma, os grandes momentos desta pesquisa se desenvolverão no horizonte de três eixos correlacionados: *a memória, a verbalidade e a visualidade*. Reserva-se à integralidade da trajetória desta Dissertação uma vertente e uma estrutura essencialmente *exploratória* em torno dos “Retratos da Velhice”.

O subtítulo, *Um duplo percurso: metodológico e cognitivo*, não por acaso, define a direção da pesquisa, qual seja, o desejo de se explicar algo inovador sobre a velhice e a memória de pessoas idosas, conjugando-se dois canais da comunicação humana: a imagem e a palavra. No presente trabalho, estes dois suportes comunicacionais serão pólos de entrada neste mundo da memória de idosos: a *visualidade* exposta por meio de imagens guardadas nos “baús fotográficos” e a *verbalidade*, oriunda e concretizada a partir de entrevistas.

Quando iniciamos os *primeiros contatos* com a rede de informantes, formada por cinco pessoas, ainda não podia medir o que viriam a ser os *primeiros olhares* sobre a temática e, muito menos, imaginar o que significaria mapear com certo rigor nos detalhes os dados (visuais e verbais) que iam sendo recolhidos.

Todavia o próprio movimento de investigação junto aos cinco informantes revelou, rapidamente, a amplitude e a magnificência do empreendimento e sua complexidade. A decisão foi logo tomada. Apesar de já dispor de cinco blocos de fotografias e das respectivas entrevistas, optamos por trabalhar, *de imediato*, com as fontes de dois desses informantes, procurando construir os primeiros passos de um percurso, cognitivo e metodológico, de apreensão e de compreensão da memória de pessoas idosas. Pretendíamos desta maneira, privilegiar um campo de estudo mais restrito: o dos suportes visuais e verbais, suas relações e interações, na perspectiva de construção e de representação do “trabalho da memória”, mais especificamente, na revelação dos “retratos da velhice”.

A presente pesquisa se desenvolverá em torno de dois eixos complementares. Num primeiro, intitulado *Primeiros Contatos, Primeiros Olhares*, partiremos das primeiras entrevistas oferecidas por nossos informantes, Dona Celeste e Seo Moacir. Dos movimentos indicativos verbais nelas registrados, seguiremos os passos de um percurso de “reconhecimento”, de “triagem” e de “montagem” – exercícios de memória, que os informantes realizaram em torno de seus baús fotográficos.

Num segundo momento, um tanto inverso, intitulado *Novos Contatos, Outros Olhares*, operaremos, desta vez, com dois conjuntos imagéticos e a segunda entrevista desses mesmos informantes. Procuraremos desvendar, então, o trabalho da memória a partir de “modelos de percurso” e de “arranjos visuais”, passando, depois, à exploração de “elos interativos da memória” existentes entre o visual (pranchas fotográficas) e o verbal (entrevistas) na constituição de panoramas existenciais, histórias de vidas ou, simplesmente, retratos da velhice.

PRELÚDIO

À guisa de abertura, oferecemos ao leitor algumas reflexões gerais em torno de problemáticas que, de fato, serão retomadas no decorrer desta Dissertação. Entre elas, as potencialidades heurísticas do *verbal* e do *visual* na exploração dos problemas da *velhice*. Num primeiro momento, daremos relevo a alguns eixos da reflexão acadêmica sobre o envelhecimento e nos debruçaremos sobre alguns “discursos” imagéticos da velhice propostos por fotógrafos da contemporaneidade. Num segundo momento, apresentaremos subsídios metodológicos de uso conjunto de fotografia e de relato oral em estudos no campo das ciências humanas, propostos por pesquisadores brasileiros.

Palavras e Reflexões *sobre a Velhice*

“Ser velho” permanecerá um complexo questionamento e um real desafio para as sociedades modernas. Quer seja no contexto dos estudos demográficos, sociais ou econômicos, quer no contexto dos processos biológicos, psicológicos e valorativos, o estudo do envelhecimento é mais do que nunca um problema da contemporaneidade, num mundo que impõe aos homens ritmos biológicos e tecnológicos cada vez mais alucinantes, ao mesmo tempo que abre novas perspectivas à sua longevidade.

Esta situação de conjunto imprime novos reflexos na maneira como a sociedade brasileira também vem redescobrendo a velhice. Até pouco tempo, ainda na década de 60, o Brasil era o país dos jovens, cuja dimensão social era centralizada nessa faixa etária. Poucos estudos científicos sociológicos se valiam do tema velhice, sendo que a predominância da bibliografia originava-se, então, dos Estados Unidos e da Europa Ocidental. Bastará lembrar alguns trabalhos que se tornaram famosos, tais como o de Simone Beauvoir, “*La Vieillesse*”¹, com tradução também para o português “*A Velhice*”², que observa e analisa o envelhecimento, do ponto de vista da exterioridade, de diferentes ciências como a Psicologia, Sociologia, Antropologia, Economia, Geriatria e Gerontologia, recuperando historicamente como sociedades primitivas e tribais lidavam com seus velhos, ampliando, ao mesmo tempo, o tema para questões intrínsecas como a vivência do corpo, do tempo, da vida cotidiana. Há referências no trabalho de Myriam Moraes Lins de Barros³, no entanto, sobre o trabalho de Peter Townsend, lançado em 1957, como uma das obras iniciais

¹ BEAUVOIR, Simone de - *La Vieillesse*, Paris, Éditions, 1970.

² BEAUVOIR, Simone de - *A Velhice*, tradução de Maria Helena Franco Monteiro, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1990.

escritas mais relevantes sobre a velhice nas Ciências Sociais, realizada junto à população velha de um bairro operário de Londres, descrevendo a vida familiar na velhice e apresentando os seus problemas sociais.

É na década de 80 que as questões relativas ao envelhecimento ganham importância e se destacam no Brasil se tomarmos como parâmetro os novos mercados econômicos e, conseqüentemente, as novas políticas sociais que passam a atender esta nova demanda social. Dados preliminares do Censo Demográfico de 2000 apontam que os idosos com mais de 60 anos são aproximadamente 11% da população brasileira. Pesquisas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) e Organização das Nações Unidas (ONU)⁴ apresentam projeções que apontam que num período de 53 anos – entre 1997 e 2050 – a população acima de 60 anos crescerá de 8,7% para 24%. Vale lembrar que em 1900 esta população representava apenas 1,2% e 50 anos depois era equivalente a 4,2% da população brasileira.

O parâmetro mercadológico e econômico, evidentemente, está longe de ser a única vertente e o único componente do problema da velhice. Numa perspectiva antropológica, diríamos que se tornar velho representa *um tempo e um espaço* do ser humano, de qualquer ser vivo, cravados numa vida e numa memória; o tempo e o espaço de um *indivíduo* vivendo *numa sociedade* e participando *de uma cultura*. Será, nessa perspectiva de conjunto, que pretendemos agora - embora parcialmente - realçar, tematicamente, algumas das produções escritas em que estudiosos brasileiros contemporâneos vêm refletindo.

³ BARROS, Myriam Moraes Lins - “Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice” IN: BARROS, Myriam Moraes Lins de (Org.). *Velhice ou Terceira Idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*, .. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 116.

⁴ Pesquisa divulgada pelo jornal *Folha de S.Paulo* em *Caderno Especial* na edição de 26 de setembro de 1999.

Essas temáticas deverão servir de horizontes críticos à pesquisa que entendemos desenvolver de maneira mais singela quando, sob o título de “*Retratos da Velhice*”.

Nas sociedades ditas modernas, a velhice é, muitas vezes, entendida como problema social ou ainda um processo de perda de papéis como profissional ou familiar, tendendo a levar ao isolamento social. Muitos autores já concentraram esforços para debater a representação social dos velhos. É deste ponto que partimos para nossa problematização em busca de alcançar o entendimento da velhice sob o ponto de vista da construção social e de seus significados.

Buscamos, primeiro, o pensamento de Guita Grin Debert⁵, autora de diversos estudos sobre o envelhecimento do ponto de vista antropológico. A pesquisadora considera que o problema social não é simplesmente um resultado mecânico do aumento do número de pessoas velhas, como muitas vezes induz a noção de envelhecimento demográfico. A discussão de Guita Grin Debert, pelo contrário, passa pelo entendimento de que todo problema social é também uma construção social. Com razão, cita Remi Lenoir que escreve: “a constituição de um problema social supõe um trabalho em que estão envolvidas quatro dimensões: reconhecimento, legitimação, pressão e expressão”⁶.

Pensar e mostrar a velhice de um ponto de vista antropológico, como sendo uma construção social, traz, segundo a autora, elementos para a politização de debates sobre questões indissolúveis ligadas ao envelhecimento.

Pensar na variedade de como – socialmente e historicamente – o envelhecimento foi e é concebido será mais um ponto de uma problematização sobre a qual também nos propomos refletir em busca de traçarmos o panorama

⁵ Debert, Guita Grin – “A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade” IN: BARROS, Myriam Moraes Lins de (Org). *Velhice ou Terceira Idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*, Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998 p. 49 a 67.

⁶ Apud Lenoir, Remi – “A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade” in *Velhice ou Terceira Idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*, BARROS, Myriam Moraes Lins de (Org)., Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 62.

de delineamento contemporâneo da experiência da percepção e da enunciação do envelhecimento.

As sociedades contemporâneas têm criado novos termos para definir envelhecimento como, por exemplo, recentemente, *terceira idade*. O estudo de Guita Grin Debert alerta que é típico da transformação do envelhecimento em problema social a criação de novas definições da velhice e do envelhecimento, registrando o novo vocabulário que se opõe ao antigo: “terceira idade x velhice; aposentadoria ativa x aposentadoria passiva; centro residencial x asilo; Gerontologia x ajuda social; animador x assistente social”⁷.

Outro estudo, “*Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso e terceira idade...*”⁸ de Clarice Peixoto, também retoma esta discussão, corroborando que o termo *terceira idade* é um vocábulo adotado para os jovens velhos, sendo o idoso aquela pessoa mais velha, “os velhos respeitados”, como na representação francesa. “A rubrica de terceira idade é fundamentalmente empregada nas proposições relativas à criação de atividades culturais e esportivas”⁹. De igual modo, Neusa Maria Mendes Gusmão contribuiu para o debate ao considerar que considerando que a idade é uma construção social, “alguém pode ser socialmente velho sem estar biologicamente velho ou vice-versa ...”¹⁰.

Prosseguiremos, assim, na seguinte direção: antes de considerarmos a velhice unicamente como problema social – até para alcançarmos propostas

⁷ DEBERT, Guita Grin *op. cit.*, p. 63.

⁸ PEIXOTO, Clarice - “Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso e terceira idade...” IN: BARROS, Myriam Moraes Lins de (org.). *Velhice ou Terceira Idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998, p.81.

⁹ *Ibid.*, p.80

que se propõem a refletir sobre questões pertinentes de viver bem a velhice ou obter qualidade de vida – pretendemos tratar e discutir com os autores a velhice considerando o tempo e espaço de um indivíduo numa sociedade.

Neste sentido, propomos um breve e necessário retorno ao entendimento do envelhecimento humano, através dos tempos e das culturas. Retomando o estudo citado por Marcelo Antonio Salgado em seu trabalho “*Velhice, uma nova questão social*”¹¹, verificamos as diferenças históricas, sociais e culturais. O autor descreve que em algumas tribos esquimós o envelhecimento só chegava quando as pessoas por si só já não conseguiam mais prover as suas próprias necessidades e contribuir para o desenvolvimento do trabalho geral do grupo, recorriam ao suicídio, que era indicado pela própria cultura. Da mesma forma, certos grupos, no Japão antigo, também sacrificavam velhos abandonando-os em locais para que morressem distantes dos demais. Por outro lado, entre os integrantes da tribo que habitava a Terra do Fogo, os homens idosos eram muito respeitados em função da sua experiência e sabedoria e eram sempre consultados pelos mais jovens.

Tomando como base estes exemplos temos referências para interpretar que ao contrário das contemporâneas, as sociedades da Antigüidade, de modo geral, consideravam a velhice dignificante e acatavam os mais velhos como sábios, cuja posição chegava a ser cobiçada pelos mais jovens. No caminho inverso, hoje a velhice, para uma sociedade com cultura tecnológica mais próxima dos jovens, é considerada apenas em seus aspectos de decadência, de dificuldades e perdas de papéis sociais.

O fato é que, de modo geral, nas sociedades ocidentais, a idade cronológica é imposta por exigência de leis que determinam deveres e direitos do cidadão, ou seja, por elementos da estrutura social de correntes da própria padronização

¹⁰ GUSMAO, Neusa Maria Mendes – “A Maturidade e a Velhice: um olhar antropológico” IN: NÉRI, Anita Liberalesso (org.), *Desenvolvimento e Envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas*, SP, Papirus.

¹¹ SALGADO, Marcelo Antonio - *Velhice, uma nova questão social*, São Paulo, Sesc-CETI, 1980, p. 45 a 47.

da infância, adolescência, vida adulta, velhice, que por sua vez atende também a uma estrutura econômica e a um mercado de trabalho. Assim, há medo de envelhecer e um há um combate forte às marcas da idade, sobressaindo a valorização da juventude, da sedução e da vitalidade.

Para um entendimento amplo do envelhecimento, a preocupação da sociedade contemporânea é um “falso resgate da velhice”. O “rótulo” de incapacidade e ausência de papéis sociais é dado aos velhos independente de sua capacidade produtiva, cujo parâmetro é o modelo socialmente criado. Neusa Maria Mendes Gusmão considera que “a quase inexorabilidade do sistema e de seu movimento parece condenar o velho e a velhice para, em seguida, resgatá-los, não na condição de cidadania e direitos, mas de mercadorias e de consumidores, supondo serem esses seus lugares próprios”¹².

O velho para a sociedade moderna não é mais a sua história. Se o envelhecimento, por um lado, é um processo de perdas, na velhice, conforme refletem as autoras Olga Rodrigues de Moraes von Simson e Zula Garcia Giglio¹³, por outro, é possível conservar as competências e habilidades intelectuais, bem como, do funcionamento do ego permitindo por meio da acumulação de experiências alcançar elevado grau de especialização e domínio: “narrar, interpretar o passado e analisar o presente à luz da experiência”.

Há que se considerar, no entanto, que no contexto moderno, a valorização não é dada à experiência e sabedoria, mas sim ao tempo de duração, onde o moderno é a busca do novo, da curta duração. Assim, podemos aqui arriscar a reflexão, ainda de maneira modesta, que o envelhecimento que é vivido e sentido pelas pessoas não é o individual, mas sim aquele definido, elaborado e expresso pela sociedade e somente depois incorporado pelo sujeito na condição de velho.

¹² *Ibid.*, p. 130.

¹³ SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von e GIGLIO, Zula Garcia “A arte de recriar o passado: história oral e velhice bem –sucedida” IN: NÉRI, Anita Liberalesso (Org.). *Desenvolvimento e Envelhecimento* Campinas, Papyrus, 2001.

O sentimento de velhice, passa pela imposição social na contemporaneidade e pela experiência que transcende o pessoal: a idade é aquela que o outro vê. Parafraseando Alda Britto Motta “a velhice é um choque que primeiro chega pelos olhos dos outros”¹⁴.

Mas o caminho que perseguimos é inverso. Neusa Maria Mendes de Gusmão¹⁵ traz o desafio de uma discussão, à qual pedimos licença para tomarmos como referência para nosso entendimento de velhice em termos próprios para além dos processos biológicos e psicológicos, uma vez que, conforme reforça a autora, temos de registrar que pouco se vê e se ouve o velho e a velhice, ainda mais se considerarmos – como é proposta intrínseca de nossa pesquisa – que “não existe um único modo de ser velho e de viver a idade madura”.

Entender o envelhecimento e o lugar da velhice, e permitir ao velho que ele próprio se reconheça em sua bagagem de experiências vivenciadas – individuais ou coletivas – em sua história de vida, em suas marcas do corpo, torna-se muito maior que meramente a demarcação de temporalidades.

Uma vez mais apresentando o pensamento de Neusa Maria Mendes Gusmão “não basta olhar os velhos em sociedade para descobrir-lhes as marcas cronológicas; é preciso um olhar que lhes descubra as propriedades, vale dizer, a alma”¹⁶.

¹⁴ MOTTA, Alda Britto “Chegando pra idade” IN: BARROS, Myriam M. L. (Org). *Velhice ou Terceira Idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*, Rio de Janeiro, FGV, 1998, P.228.

¹⁵ GUSMÃO, Neusa Maria Mendes – *op.cit.*

¹⁶ *Ibid.* p.137.

Imagens e Reflexões sobre Velhice

Da mesma maneira que achamos necessário dar relevo a alguns eixos da reflexão acadêmica brasileira hodierna, no que diz respeito às questões levantadas pela ampla temática da “Velhice”, julgamos interessante nos debruçar sobre alguns “discursos” imagéticos da velhice, propostos por fotógrafos da contemporaneidade mundial, na medida em que nos oferecem, também, num outro suporte comunicacional, outras visões, expressões e representações da velhice entendidas numa perspectiva, desta vez, imagética e visual.

O fotógrafo inglês, John Coplans, trabalhou na produção de auto-retratos de seu próprio corpo acéfalo oferecendo à fotografia um corpo marcado pela velhice. Diferentemente do passado, quando a tendência era esconder a imagem do corpo velho valorizando os corpos esteticamente perfeitos, a proposta de Coplans é explorar o corpo envelhecido, cheio de pêlos e rugas, em grandes formatos preto e branco, propondo um questionamento à idéia cultural de que o velho é feio. O fotógrafo mostra a velhice em sua naturalidade, evitando esconder a realidade, mesmo que por diversas vezes possa parecer cruel, para um recorte imagético.

*Coplans 1984**Coplans 1984*

Nesta perspectiva, ele próprio confirmou em entrevista a Robert Berling, publicada no *Art Journal*, em 1994, que seu trabalho é enfocar como a cultura vê a idade, reforçando a sua percepção de que estava vivo, possuía um corpo e podia fazer dele algo extremamente interessante¹⁷.

Prosseguindo com a proposta de tratar o corpo velho com naturalidade, Coplans fotografa *closes* dos pés, como *Feet Frontal* (1984), pernas e mãos *Legs & Hands, thumbs together* (1985), entre outras. Os fragmentos do corpo estão no foco da câmera revelando uma atenção especial do fotógrafo para os mínimos detalhes. A proposta, percebe-se, não é de tratamento à imagem, pelo contrário, muitas vezes, a fotografia até certo ponto aparenta estar distorcida ou ampliada pela proximidade de seu foco, outras vezes, aparece como a expressão de um gigante.

¹⁷ Entrevista de John Coplans, publicada na Primavera de 1994, e divulgada no site <http://revolutn.com/pastex/exhibitions>

*Coplans 1984**Coplans 1985*

A fotografia dos pés – cujo tema criou especialmente uma série, mostrando também fragmentos como a planta, calcanhar, dedos –, por exemplo, é exposta sob um ângulo que destaca a verticalidade remetendo à noção de firmeza, de linearidade, pouco comum no tratamento do tema velhice. A foto está entre uma das mais divulgadas de seu trabalho sobre o corpo, que restitui o poder, e é tema para discussão do corpo acéfalo do ponto de vista de vários autores, inclusive Annateresa Fabris¹⁸. Para a autora, Coplans utiliza-se da estratégia iconográfica promovendo “uma leitura da negação da legitimidade social conferida ao corpo”¹⁹.

As fotografias de Coplans, como a das pernas e mãos, que trazem também um toque de erotismo, caminham em direção da idéia contrária à degeneração do corpo velho diferentemente da noção idealizada do corpo. Ao invés de descobrir os defeitos físicos os apresenta de maneira segura, reconfigurando-os.

¹⁸ FABRIS, Annateresa - “O corpo acéfalo como auto-retrato: John Coplans” IN: LYRA, Bernadette e GARCIA, Wilton (Orgs.). *Corpo e Cultura*, São Paulo, Xamã, ECA-USP, 2001.

¹⁹ FABRIS, Annateresa op.cit. p.21

Poderíamos arriscar a dizer que a proposta do trabalho fotográfico contemporâneo, de Coplans traz dignidade para o corpo em processo de envelhecimento, colocando em xeque a questão de uma identidade única para o corpo humano, vinculado ao belo e ao perfeito. A valorização das rugas, das cicatrizes, está ligada a uma proposta de memória do corpo. A produção de Coplans reflete um espaço novo para um pensamento mais maduro sobre o corpo humano, que está de passagem..

No mesmo caminho, o fotógrafo francês Yves Trémorin, também dedicou passagens de seus trabalhos à discussão do corpo velho. A despeito de sua formação matemática, o fotógrafo deixa escapar uma forte reverência à presença do espírito humano em sua obra, quando registra o corpo envelhecido sob o ponto de vista da afetividade e da solidez.

Nas fotografias de Trémorin o corpo do velho é tomado pelo cuidado, dado pelo grande plano de sua objetiva, que numa evidente homenagem, fotografa Hélène Trémorin, sua mãe, na série “*De cette femme (1985-1986)*”. A imagem propõe uma leitura delicada e cuidadosa sobre a idade, por meio de ângulos que buscam formas densas, resultando numa beleza estética que valoriza profundamente a consistência de vida impressa no corpo velho.

Na ótica do fotógrafo, o corpo envelhecido sugere uma associação simbólica com as formas da terra, num resgate ao enraizamento, à fertilidade e à robustez. Como avalia William Ewing, em *Le Corps*²⁰, Trémorin não condiciona a velhice a algo decrépito ou depreciativo, pelo contrário, respeitosamente explora a consistência expressa pelas formas, às vezes, muito próximas a uma volta ao corpo da maternidade.

²⁰ Ewing, William A. *Le Corps*, Editions Assouline, 1994, p.143



“De cette femme” 1985-86

As fotografias de sua mãe trazem a conformação do colo materno, onde os seios deslizam em direção à terra, indicando para a consistência da vida. Em outra, as enormes coxas sugerem alguma coisa profundamente enraizada e envelhecida.

A série intitulada *“De cette femme”* resultou num prêmio de notoriedade a Yves Trémorin, que iniciou em 1980 os seus trabalhos artísticos fotográficos sobre nus, evoluindo depois para versões em vídeo, mas sempre associados à essência do suporte fotográfico.

Na fotografia brasileira contemporânea encontramos registros sobre o tema Velhice com uma ótica social. Lily Sverner, em 1990, produz o ensaio fotográfico intitulado “*Nomes*” trazendo uma reflexão sobre velhos que vivem em uma instituição asilar em Itatiba, interior de São Paulo. Na produção da fotógrafa, a proposta claramente desvendada é a discussão do isolamento social em que vivem pessoas idosas na condição de um modelo de asilo.



“Nomes” 1990, Itatiba - SP

Para apresentar a sua produção visual, Lily Sverner opta pela documentação em retratos preto e branco de velhos junto de seus pequenos pertences – ao que parece, as poucas coisas que restaram a eles – considerando os objetos relicários de memória. Diríamos, que suas fotografias têm a proposta de um resgate da idade ou uma revelação dos nomes dos velhos asilados em busca da identidade deles, uma vez que o isolamento provém da própria depreciação imposta pela estrutura social na qual vivem.



“Nomes” 1990, Itatiba - SP

Ao contrário de Coplans e Trémorin, Sverner agrega em seu trabalho uma forte contribuição para uma análise crítica da estrutura social em que vive o velho asilado. Focando sua câmera para ensaios, ora de meio plano, ora de plano aberto, a fotógrafa constrói um retrato deste velho e de seu ambiente físico, numa procura evidente da contextualização,

marcada pela ausência de individualidade, sobressaindo-se o caráter da instituição, e de seus recursos, notadamente da solidão, da tristeza, da loucura.

A verdadeira cor das fotografias do ensaio de Sverner emerge da realidade em preto e branco do semblante de seus personagens. Embora belga, de Antuérpia, no Brasil desde 1941, quando ainda tinha 7 anos, começou a praticar a fotografia aos 44, estabelecendo suas raízes culturais no país. Sverner iniciou a montagem do ensaio “Nomes” em 1989 recolhendo retratos de idosos em asilo. A fotógrafa faz uma alusão ao título *Nomes* referindo-se à idéia egípcia da Antigüidade de que “nome é muito mais do que um signo de identificação: é a dimensão essencial do homem. Existe um poder criador que emerge do nome, a sua parte viva. Escrevendo ou pronunciando o nome de uma pessoa, permitimos que ela viva ou sobreviva, atendendo ao dinamismo do símbolo”²¹.

²¹ Depoimento impresso no catálogo da exposição Nomes no Centro Cultural Banco do Brasil, 1992.

Usos metodológicos da fotografia e do relato oral

Refletir sobre o uso metodológico da fotografia e do relato oral em pesquisas no campo das ciências humanas é o que se propõe na segunda parte deste prelúdio. Sem desconhecer importantes trabalhos em torno das memórias de velhos, produzidos predominantemente através da técnica da entrevista ou do método biográfico²², focalizaremos aqui experimentos que utilizam metodologias conjugando o verbal e o visual. A partir desses modelos, tentaremos elucidar as contribuições que os dois suportes associados podem oferecer enquanto ferramentas de pesquisa.

As considerações propostas decorrem de uma leitura realizada com base nas experimentações de campo efetuadas por oito autores: Maria Christina Souza Campos, Olga R. Moraes von Simson, Miriam L. Moreira Leite, Célia Lucena, Miguel Mahfoud, Renata Amaral Araújo, Maria Letícia Mazzuchi Ferreira e Luciana Aguiar Bittencourt. Dentre esses experimentos, pôde-se identificar duas grandes vertentes: de um lado, as pesquisas que utilizam preferencialmente o relato oral recorrendo às fotografias enquanto “técnicas de coleta de dados”; de outro, as pesquisas que partem de fotografias e de um relato oral em torno delas, para assim reconstruir uma memória.

²²Mencionamos os trabalhos de Ecléa Bosi, Maria Isaura Pereira de Queiroz, Guita Grin Debert, Cornélia Eckert, Myriam Moraes Lins de Barros, Boris Kossoy, Clarice Peixoto. Ressaltamos que Clarice Peixoto também discute imagem e velhice em importante pesquisa no âmbito videográfico; ver *Envelhecimento e Imagem: as fronteiras entre Paris e Rio de Janeiro*. São Paulo: Annablume, 2000.

“Família: Representação e Autoridade”, de Maria Christina de Souza Campos²³

A autora estuda a questão das relações familiares no início do século XX (1900-1930) em São Paulo e utiliza, numa associação ao relato oral de pessoas idosas, a fotografia enquanto *técnica de coleta de dados*. No âmbito deste estudo de cunho sociológico, a pesquisadora associa, também, aos relatos orais e à fotografia, o estudo de documentos.

Na sua pesquisa, a autora apresenta o processo de produção de conhecimento por meio das análises fotográficas, dividindo a leitura das fotografias a partir de quatro elementos: a) objeto que é em si registrado, b) sua configuração vista em detalhes, c) a legenda indicando uma história oferecida pelo doador, d) a visão do pesquisador.

Com base nisso, Maria Christina de Souza Campos organiza o seu trabalho em torno das seguintes etapas:

- 1) coleta e sistematização do acervo fotográfico pertencente às famílias;
- 2) preenchimento de ficha técnica de identificação geral das fotos, por meio de um quadro de referências (número e relação de parentesco das pessoas da família, data, pose, fotógrafo amador ou profissional, de estúdio ou não);
- 3) análise individual e ficha de conteúdo em quatro partes: identificação dos personagens (sexo, idade, cor e relação de parentesco), descrição do cenário (posição e expressão das pessoas, descrição dos objetos e roupas), observações técnicas sobre o estado de conservação da foto e análise de cada uma para

²³ A pesquisa, coordenada pela autora, “Família: Representação e Autoridade”, foi realizada em 1988. Sobre este assunto ver CAMPOS, Maria Christina S. de Souza. “Associação da fotografia aos relatos orais na reconstituição histórico-sociológica da memória familiar” IN: LANG, Alice Beatriz da S. G. (org). *Textos Ceru “Reflexões sobre a Pesquisa Sociológica”*. São Paulo: CERU, 1992, p. 97 a 116.

interpretação sobre a composição do grupo; 4) classificação das fotografias por série conforme conteúdo das relações familiares (“família nuclear”, “familiar nuclear incompleta”, “famílias constituídas por um filho”, “famílias constituídas por dois ou mais filhos”); 5) análise fotográfica das semelhanças e diferenças, entre elas, numa perspectiva sociológica.

Após a devolução das fotos originais levadas para reprodução, inicia-se uma segunda etapa do trabalho que pensamos poder resumir da seguinte maneira.

A pesquisadora realiza o que denomina as “entrevistas-retorno” com os informantes, encontros esses de caráter mais profundo, que denomina, também, de “depoimentos”. As fotografias, neste momento, são introduzidas como “elemento mediador e detonador do aspecto emocional do relato”. Para análise das entrevistas, os depoimentos foram transcritos e organizados num fichário temático para que as informações contidas nas entrevistas fossem comparadas com as conclusões da análise das fotos.

Ela assim escreve:

“a análise das fotos permitiu captar o padrão de família das classes elevadas no início do século XX, a imagem que a sociedade projetava dela, o comportamento ideal proposto e aceito... caracterizam esteriótipos de uso pessoal e coletivo, revelando a ideologia da sociedade(...) As entrevistas mostraram a maleabilidade dos papéis, as nuances desse comportamento permitindo, portanto, chegar mais perto do comportamento real...”²⁴

Voltando a refletir, numa outra oportunidade²⁵, sobre esta sua experiência

²⁴ Ibid. p. 113 e 114.

metodológica de campo, a pesquisadora indica tipos de usos que pode-se fazer da fotografia, como: servir como forma de *recuperação da memória de pessoas idosas* na reconstrução histórico-sociológica do passado; utilizada adicionalmente para estabelecer um contato produtivo entre entrevistador e entrevistado, e ainda, servir como *fonte de dados*, mas nesse caso somente a partir de uma “análise acurada”²⁶ dos mesmos.

“Branços e Negros no Carnaval Popular Paulistano (1914-1988)”, de Olga Rodrigues de Moraes von Simson²⁷

Ainda no campo da pesquisa sociológica, Olga Rodrigues de Moraes von Simson utiliza a fotografia associada a outras fontes de dados na reconstrução da memória histórico-sociológica do Carnaval Paulistano. Para tanto, ela reunirá, primeiro, um acervo de mais de 500 fotografias antigas, registradas por fotógrafos profissionais ou amadores, sobre o Carnaval Paulistano; fotografias essas recolhidas em periódicos antigos e com informantes e doadores voluntários. Em seguida, integrará esses documentos imagéticos à dinâmica da pesquisa, mediante toda uma metodologia prévia de organização e análise do material fotográfico, a saber:

²⁵ Refiro-me ao texto resumido de sua comunicação apresentada no III Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, intitulado “Dinâmicas Multiculturais, Novas Faces, Outros Olhares – As Ciências Sociais nos Países de Língua Portuguesa e os Desafios Contemporâneos”, em 1994.

²⁶ Ibid. p.245

²⁷ Trata-se da tese de doutorado da autora “Branços e Negros no Carnaval Popular Paulistano (1914-1988)” Depto. Sociologia FFLCH/USP 1990. Fazemos referência aqui ao artigo “Depoimento oral e fotografia na reconstrução histórico-sociológica: reflexões de pesquisa” IN: *Boletim do Centro de Memória*. Campinas, SP: Unicamp, v. 3, nº 5, jan/jun, 1991, p. 14 a 24. O artigo corresponde a um dos capítulos da tese da autora.

- 1) elaboração de uma ficha técnica (tipo de fotografia, estado de conservação e indicação de doador e acervo) e de conteúdo (análise detalhada da foto de caráter histórico-sociológico incluindo a legenda fornecida pelo informante, número de personagens, sexo, idade, cor, carnavalesco ou não, descrição da encenação);

- 2) observações do pesquisador a respeito do conteúdo das fotos;

Fichando o material, a autora nota que devido às diferentes origens e condições das fotografias reunidas, poderiam ser divididas em dois grupos, a saber: as “fotos frias”, para as quais apenas contava com informações visuais do registro fotográfico, e as “fotos quentes”, para as quais possuía uma descrição da situação fotografada e dados sobre as condições e intenções do registro feito pelo doador. Desta forma, optou por primeiro se debruçar sobre a transcrição e análise dos depoimentos orais a respeito do folguedo carnavalesco para, posteriormente, dedicar-se à análise de conteúdo das fotos.

Tendo feito isso, construiu ainda séries temáticas para as fotografias, dentro de um conjunto mais amplo de fotos já analisadas, procurando estabelecer relações entre as imagens. Proporcionando assim, novas informações a partir da justaposição lógica do exame das imagens. No término deste trabalho, a pesquisadora admite ter conseguido extrair uma série de informações muito mais concretas, que os depoimentos não forneciam, tais como: número de participantes, caracterização etária, gênero, hierarquia interna de agrupamento, os diferentes espaços urbanos, entre outros.

No trabalho de reconstituição da memória do carnaval popular paulistano, a pesquisadora utilizou ainda, - além do depoimento oral e das fotografias antigas - outras fontes de dados, como mapas antigos da cidade, recortes de jornais e cadernos antigos dos informantes. Para ela, no entanto, foram os depoimentos orais que contribuíram para os dados de caráter qualitativo (descrição de processos de criação e evolução dos agrupamentos carnavalescos na cidade).

Com relação à fotografia, Olga von Simsom afirma que em determinado momentos da pesquisa, uma foto sozinha, não lhe permitiu fazer muitas inferências de caráter histórico-sociológica, mas por outro lado, se tornou produtiva na situação da coleta de dados, pois funcionou como “elemento desencadeador da memória do entrevistado”, contribuindo para o estabelecimento de uma ponte mais consistente entre pesquisador e informante, sugerindo novas questões, às vezes não previstas no roteiro, e criando uma empatia ao dar ao entrevistado o papel de “conhecedor do conteúdo da foto”

As investigações de Olga von Simson mostram que “o procedimento mais vantajoso, no sentido de tentar a reconstrução histórico-sociológica de um determinado fenômeno ou processo, é aquele que utiliza a fotografia conjuntamente com outros tipos de dados empíricos”²⁸.

“Imagem e Linguagem: Reflexões de Pesquisa”, de Miriam L. Moreira Leite e de Olga Rodrigues de Moraes von Simson ²⁹

Num outro trabalho assinado com Miriam L. Moreira Leite, Olga von Simson volta sobre a questão dos meios de que dispomos para analisar, no caso, o conteúdo das imagens fotográficas do século XX, referentes à pesquisa sobre o carnaval paulistano. Ao lado desta pesquisa sobre o carnaval paulistano de Olga von Simson encontra-se o estudo metodológico sobre Documentação Fotográfica (potencialidades e limitações), de Miriam L. Moreira Leite.

²⁸SIMSON, Olga R. de Moraes von. “Depoimento oral e fotografia na reconstrução histórico-sociológica: reflexões de pesquisa” in *Boletim do Centro de Memória*. Campinas, SP: Unicamp, v. 3, nº 5, jan/jun, 1991, p.20.

²⁹ A respeito deste experimento nos baseamos em artigo de LEITE, Miriam L. Moreira e SIMSON, Olga R. de Moraes von. “Imagem e Linguagem: Reflexões de Pesquisa” IN: LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo (Org.). *Textos Ceru* “Reflexões sobre a Pesquisa Sociológica”. nº 3, 2ª série, 1992, p. 117 a 140.

A proposta das autoras era desenvolver um processo de experimentos de percepção e memória em torno de um acervo fotográfico constituído no Centro de Estudos Rurais e Urbanos e imagens do carnaval paulistano, com finalidade dupla: “conhecer um espectro mais amplo a festa anual, na capital do Estado de São Paulo e avaliar as contribuições do material visual para a compreensão de uma festa popular à preocupação sociológica...”³⁰. Realizado através de práticas da História Oral, as autoras lidam com a imagem fotográfica em quatro direções: do observador à imagem, da imagem ao observador, do retratado ao observador e de uma imagem para outra.

Na primeira parte do trabalho, organizam o material recolhido, reproduzindo e catalogando as imagens. Para uma primeira ordenação das fotografias, elaboram três fichários: um de identificação, outro técnico e o terceiro, descritivo, fazendo para estes dois últimos uma distinção entre “fotos frias” e “fotos quentes”, conforme o estudo anterior. Num segundo momento, realizam a ordenação de acordo com a origem das fotografias – de periódicos, de álbuns de família ou clubes.

Ánexo 1 - Ficha Técnica

IMAGEM DES CARNAVAIS - SÃO PAULO, SÉCULO XX	
Data e indicações do periódico	Período: carnavalesco/não
Local: interno/externo	diurno/noturno
rua, avenida, praça	
banho à fantasia	
Tipo: poseada/instantâneo	Características: nítida/
estúdio/revista, jornal	embaçada/
isolada/montagem	pouco contraste
ritmo up/fundo/grupo em 1º plano	
Fotógrafo	Reador
	Coletorador

Ánexo 2 - Ficha de Conteúdo

IMAGEM DES CARNAVAIS - SÃO PAULO, SÉCULO XX	
1. Número de personagens e caracterização por sexo, idade e cor:	indivíduos (M ou F) / pequenos grupos (quais) / agrupamento carnavalesco
2. Existência de personagens não-carnavalescos:	autoridades da sociedade civil ou do agrupamento carnavalesco +
	políticos / representantes da alegoria / comercialistas / públicos / jornalistas / técnicos de TV
3. Escenografia carnavalesca	decoração interna ou externa / estandartes / alegorias / animais / bandeiras / falas / veículos / acessórios / fantasias / instrumentos
4. Legenda	
5. Início de música e dança	expressão facial ou corporal / instrumentos musicais
6. Observações das pesquisadoras	origem da modelo / data / local / tipo / desdobramento / motivos
	caráter do espetáculo: alegórico / laudatório / crítico / divertimento

Modelos de fichas técnica e de conteúdo

³⁰Ibid, p.118.

Nesta etapa ainda, as pesquisadoras procuram examinar primeiro as fotografias para, depois analisar o depoimento. Inversamente, num outro momento, partem de uma análise das entrevistas antes de passar para a foto-análise. Desta forma, as pesquisadoras procuram promover um controle do experimento de crítica documental, antes de chegar a um trabalho interpretativo por meio de comparação entre os diferentes núcleos fotográficos e carnavalescos observados.

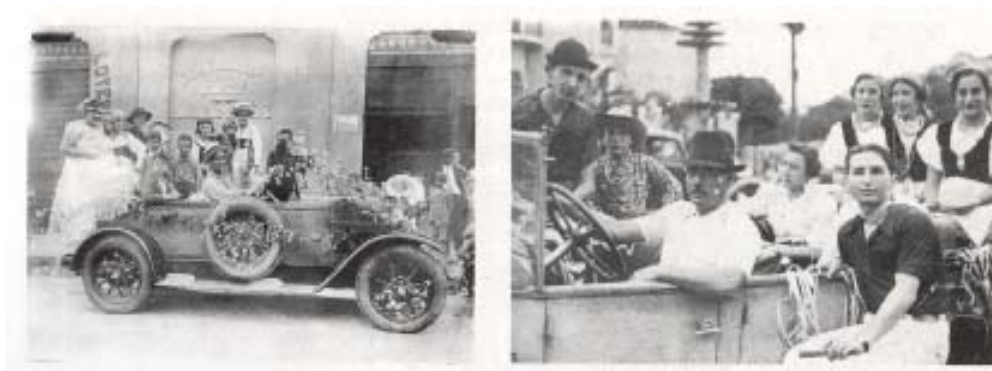
Para o referido experimento, as pesquisadoras analisam 42 fotografias do arquivo de “Seo” Zezinho do Morro da Casa Verde, selecionadas pelo informante. Logo após a transcrição e análise das várias entrevistas de Seo Zezinho, realizam a classificação e análise das fotografias. Utilizam ainda mapas antigos da cidade de São Paulo para localização dos lugares citados nos relatos.

Segundo as autoras, o uso das fotos se mostrou produtivo no processo de rememorar e registrar a memória em três momentos:

- 1) realização das entrevistas para auxiliar no processo de relembrar do entrevistado;
- 2) transcrição dos relatos para esclarecimento de fatos e passagens obscuras;
- 3) análise dos relatos conjugados com foto-análises;

Refletindo sobre o próprio experimento, as pesquisadoras puderam concluir que a leitura da documentação fotográfica do carnaval paulistano contribuiu, fundamentalmente, para fornecer dados de caráter mais quantitativo (composição étnica, etária, gênero, posição hierarquia do grupo, dados sobre a fantasia e alegorias, etc), enquanto que as entrevistas descreveram os processos de criação e evolução. Para as autoras, a leitura da documentação fotográfica dos núcleos de imagens do Carnaval Paulistano forneceu, essencialmente, as dimensões espaciais da festa (locais, formas, posição dos retratados, ocupação do espaço público por diferentes camadas da população, etc). E exemplificam:

“As diferentes imagens de Carnaval Paulistano – a da camada abastada da Avenida Paulista, a dos imigrantes do Brás e o carnaval popular de origem africana – estabelecem-se em manchas que se espalham ou se restringem pelo mapa da cidade de São Paulo, através do século XX ... A diferenciação ocorre desde a qualidade das fotografias de cada camada social, do tipo e qualidade do tecido das fantasias com que os carnavalescos se paramentam, da existência ou não de veículos particulares ou de recorrência a veículos de aluguel, das idades dos carnavalescos, da posição que ocupam dentro dos carros ou nas calçadas das avenidas, dos hotéis e clubes...”³¹



“(à esquerda) Carro decorado levando a Família Barreto para desfilar no carnaval do bairro da Lapa, em São Paulo na década de vinte. O desfile lapiano incluía grandes carros alegóricos construídos pelos operários do bairro e carros decorados levando as famílias mais abastadas. (à direita) Carro da Família Brilhante desfilando no Corso do Brás, na década de trinta em São Paulo. Note-se o empregado da família desfilando transvestido de mulher à esquerda da foto, fato que demonstra a maior liberalidade dos comportamentos sociais por ocasião dos festejos carnavalescos”³².

³¹ Ibid. 133 e 134.

³² A descrição das legendas das fotos se encontra em “Imagem e Memória” IN: SAMAIN, Etienne (Org). *O Fotográfico*. São Paulo: Hucitec, 1998, p. 25

Mais recentemente, Olga von Simson tem trabalhado em outras experiências de utilização de fotografias e relatos orais no desenvolvimento de pesquisas: uma que diz respeito ao estudo do papel da família como mediadora entre indivíduo e a sociedade, mediante o incentivo à educação, ao lazer e ao consumo cultural, no processo de integração dos filhos de imigrantes alemães à sociedade brasileira, a partir da trajetória do bairro rural de Friburgo, em Campinas, SP. Uma outra trata da reconstituição da história e da emergência de uma identidade em dois bairros de Campinas, Cambuí e Vila Industrial, por meio de depoimentos orais de velhos moradores, do resgate de imagens fotográficas do passado e, desta vez, introduzindo também o registro fotográfico do cotidiano atual dos bairros³³.

A pesquisadora destaca que, por intermédio do trabalho de recuperação da memória histórico-sociológica de vários grupos sociais, é importante considerar a maneira como as comunidades estudadas encaram o uso da imagem no processo de registro e transmissão do passado: “a forma como estes grupos transformam fatos em textos memorizáveis, por meio de signos fotográficos, e a importância que dão a eles na vida social cotidiana, podem fornecer pistas importantes para o pesquisador entender a própria lógica interna e a trajetória de tais grupos, complementando assim, de maneira enriquecedora, os dados de conteúdo que tais imagens, ou série de imagens, nos possam oferecer”³⁴.

³³ Sobre essas pesquisas ver “Imagem e Memória” IN: SAMAIN, Etienne (Org). *O Fotográfico*. São Paulo: Hucitec, 1998, p. 21 a 34.

³⁴ Ibid. p. 33

“Retratos de Família: leitura da fotografia histórica”, de Miriam L. Moreira Leite³⁵

Para Miriam L. Moreira Leite as imagens fotográficas têm modos peculiares de combinação e a transmissão da imagem por meio das palavras freqüentemente é “empobrecedora”. Esta constatação, para ela, representa um problema para o qual ainda não temos uma solução. A pesquisadora desenvolveu um projeto-piloto, a partir de uma amostra documental representativa de álbuns de famílias de imigrantes vindos para São Paulo durante a chamada “Grande Imigração”, de 1890 a 1930. Neste trabalho, as fotografias são classificadas pelo tipo de conteúdo e as séries analisadas individualmente e coletivamente, são acompanhadas, já na fase de coleta do material de depoimentos dos retratados e seus descendentes.

Para este estudo também apresenta processos de experimentação de pesquisa para permitir uma “compreensão e utilização adequada” das fotografias, a partir da composição de um texto de imagens, resultante de uma ordenação seqüencial das fotos.

Como resultado desta experiência, a pesquisadora nos oferece algumas considerações no tocante à existência de diferentes níveis de conteúdo na fotografia: 1) a quase impossibilidade de leitura por parte de alguém que desconhece pessoas, locais ou temas tratados; 2) a memória da imagem não só difere da memória da palavra como chega em alguns casos a substituir a própria memória. Exemplo: pessoas que não se lembram do que aconteceu, mas se lembram do retrato do que aconteceu: “a memória da imagem pode ser completa ou parcial, o que não impede que evoque uma série de outras imagens análogas ou contrárias”³⁶.

³⁵ Leite, Miriam Moreira. *Retratos de Família: Leitura da Fotografia Histórica*, 2. ed. rev. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000 (Texto & Ver).

³⁶ Ibid. p. 18.

Para a autora uma análise sistemática de fotografias implica em uma ordenação e um tempo de observação para uma legibilidade visual adequada: “após uma leitura inicial, que seria um exercício de identificação, a fotografia admite a interpretação, a qual resulta de um esforço analítico, dedutivo e comparativo”³⁷. Além disso, a pesquisadora aponta para a necessidade de um conhecimento pré-existente da realidade representada na imagem para o “re-conhecimento” do conteúdo da fotografia.

Em um trabalho¹ em que busca compreender os mecanismos implicados no fascínio despertados pelas fotografias dos álbuns de família, refletindo sobre as práticas sociais ligadas à documentação do universo familiar, ela lembra que existem dois tipos diferentes de retratos: os formais e os informais. Ela trabalha com a hipótese de um “envolvimento de mecanismos inconscientes de formação de uma auto-imagem, na visualização desses retratos”, portanto, recomenda que a forma de produção dos retratos e suas finalidades sejam acompanhadas de perto, incluindo os contextos de suas utilizações.

Em conclusão escreve: “o texto verbal e o visual são polissêmicos e complementares, sendo cada um mais adequado a determinadas utilizações”³⁹. A autora defende que, apesar das palavras não conseguirem evocar exatamente a imagem, as imagens visuais precisam das palavras para se transmitir. Mas ao que é impossível descrever, indiscutivelmente a prioridade vai para a imagem visual.

³⁷Leite, Miriam Lifchitz Moreira. “Texto visual e texto verbal” IN: FELDMAN-BIANCO, Bela e LEITE, Miriam L. Moreira (Orgs.). *Desafios da Imagem* Campinas, SP: Papirus, 1998, p.40

³⁸ LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. “Retratos de família: imagem paradigmática no passado e no presente”, IN SAMAIN, Etienne (Org.) *O Fotográfico*. São Paulo: Hucitec 1998.

³⁹ Ibid. p. 43.

“O uso de imagens em história oral: bricolagem de representações” de
Célia Toledo Lucena⁴⁰

Ainda numa perspectiva de *suporte desencadeador de lembranças* para a produção de palavras na construção da narrativa, Célia Toledo Lucena, utiliza a fotografia em conjunto com os relatos orais em pesquisa sobre as práticas culturais de migrantes em São Paulo. No decorrer da pesquisa se utiliza da subjetividade dos seus informantes para compreender como o migrante transfere seus usos e costumes do lugar de sua origem para o de seu destino⁴¹.

A pesquisadora analisa as expressões do imaginário construído através da memória dos migrantes no momento da coleta do depoimento oral e formas caricaturais elaboradas por meio de palavras nos exercícios de leitura de fotos⁴². Primeiro, trabalha no recolhimento de histórias de vida em São Paulo e relatos de vida, entrevistas mais sumárias, em Minas Gerais. Ao todo entrevista 31 pessoas, 22 delas vivendo em SP e 9 em MG. Entre os entrevistados, quatro localizam fotos de interesse para análise realizada após a coleta da entrevista: “a leitura das fotos forneceu interpretações novas, cujo resultado foi a produção de mais palavras e a criação de mais imagens, possibilitando uma bricolagem de representações”⁴³.

⁴⁰ LUCENA, Célia Toledo. “O uso de imagens em história oral: bricolagem de representações” in *Historicidade Revista Virtual*, <http://www.historicidade.cjb.net>, 2002, UNIVÁS – MG.

⁴¹ No caso, famílias que migraram nas décadas de 50 e 60 da região da Mantiqueira para Cotia, fundando, em São Paulo, o bairro com o mesmo nome daquele de origem, ou seja, Barbacena.

⁴² Esta pesquisa é um desdobramento da tese da autora defendida em 1997.

⁴³ LUCENA, Célia Toledo. *op.cit.*

Para a pesquisadora, enquanto os relatos orais seriam semelhantes aos fragmentos de um caleidoscópio (opacos, coloridos, uniformes e multiformes), a fotografia ampliaria as possibilidades de pesquisa, fazendo um elo entre lembranças, imagens e palavras. A autora diz ter levado em conta a tensão criada entre palavras e imagens e a complexidade contida nas representações. Entre as contribuições trazidas pela fotografia neste processo, manifesta que muitos de seus informantes se apoiaram em representações visuais para recompor suas histórias, como esta que diz respeito à religiosidade e ao espírito comunitário:

“Eva ao iniciar a leitura das fotos de família, aponta para o primeiro retrato de sua coleção e diz:

Esta é a igreja, quando começou a fazer aqui [1967]. No terreno onde existe a igreja hoje. Então foi feita em madeira. Nós trouxemos um caminhão de madeiras e ,construímos. Eram os padres redentoristas de um colégio do Km.20 [Rodovia Raposo Tavares] que cuidavam. Hoje tem a Igreja de alvenaria, mas ela começou de tábua.



Para complementar as explicações sobre religiosidade do bairro, a investigada localiza a foto seguinte e chama atenção para a celebração da primeira missa na vila:

Em 1966 era só um cruzeiro. E diante desse cruzeiro foi celebrada a primeira missa no bairro.

Posteriormente, descreve a celebração da primeira comunhão do filho:

Isto aqui foi a primeira comunhão do meu filho. Estas são as crianças que fizeram primeira comunhão com ele. Tinha missa todo domingo, então vinham os seminaristas, davam catecismo, ajudavam na construção de muita casa aqui, eles ajudaram na construção. Trabalhavam com as crianças, ensinavam a plantar. Aqui em casa mesmo, uma vez fizeram uma hortinha com minha filha e minha sobrinha. Cada uma tinha seu canteiro, eles davam as sementes e ajudavam a cuidar. Davam prêmios para a que ficasse mais bonitinha.(...) Ao lado da igreja de madeira, tinha o salão paroquial. Era usado para catecismo e para as reuniões do Clube das Mães. O salão ainda funcionou bastante tempo depois da igreja pronta. Aí fazia festas. Essas coisa eram lá: festas, bailes, um bailinho no fim de semana, um arrasta-pé, depois desmancharam”⁴⁴.



⁴⁴ Ibid. p.11

Para ela, a leitura da foto, enquanto produção de palavras, é um recurso que permite significados extras, “desdobram a experiência vivida em várias nuances. Trata-se de equiparar a fotografia à memória...”⁴⁵.

“Memória Coletiva e Imagem Fotográfica: Elaboração da Experiência em uma Tradicional Comunidade Rural” de Renata Amaral Araújo e Miguel Mahfoud ⁴⁶.

Miguel Mahfoud e Renata Amaral Araújo realizam uma pesquisa com a comunidade rural de Morro Vermelho, em Caeté, Minas Gerais, a partir da coleta de depoimentos sobre as impressões da população ao observar as fotos em exposição⁴⁷. Essas fotografias retratavam momentos de festas tradicionais como Encomendação das Almas e Cavallhada, e momentos do cotidiano de seus moradores. Partindo destas fotografias produzidas pelos pesquisadores, os autores realizam uma coleta de relatos da população da comunidade rural em torno de perguntas como: 1) o que estavam sentindo? 2) de qual foto mais gostavam? e 3) o porquê?

A intenção dos pesquisadores era “examinar o trabalho da memória e a afirmação de significados que marcam a história pessoal e coletiva”⁴⁸. Deste modo, a fonte fotográfica foi utilizada “como expressão e revelação do vivido, como instrumento de memória que expressa um valor do qual não se quer desfazer(...)”⁴⁹.

⁴⁵Ibid. p.12.

⁴⁶ ARAÚJO, R. A. e MAHFOUD, M. – “Memória Coletiva e Imagem Fotográfica: Elaboração da Experiência em uma Tradicional Comunidade Rural”. *Memorandum*, 2, 68-103, 2002, retirado em 23/09/2003, do World Wide Web: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos2/araujo02.htm>

⁴⁷ As fotografias produzidas para a pesquisa e exposição são de autoria da fotógrafa Kika Antunes e expostas na casa paroquial em julho de 1998.

⁴⁸ Ibid. p. 3.

⁴⁹ Ibid. p. 5.

Após o recolhimento dos depoimentos, os autores submetem trechos destes depoimentos a uma análise fenomenológica, enfocando o trabalho da memória como sendo elaboração de experiência: “tratamos de observar como os sujeitos transformavam as impressões provocadas pelas fotos em textos memorizáveis”⁵⁰. Depois, os pesquisadores tentam explicitar as conexões de sentidos atribuídos, pelos seus leitores visuais da comunidade rural, a uma ou mais fotografias de um conjunto de 21. No cruzamento dessas fotografias com a dinâmica da memória coletiva os autores selecionam trechos das entrevistas realizadas com 43 moradores, com idade entre 7 e 80 anos, e procuram acompanhar a dinâmica do trabalho da memória, apreendendo as estruturas da experiência e seu significado, a partir da identificação das modalidades: apreciações (descrição do sentido da exposição), elaboração da experiência com referência coletiva e elaboração da experiência com referência pessoal.

Enquanto “elaboração da experiência com referência coletiva”, os autores salientam: é “curioso notar que, às vezes, através de uma simples pergunta desenrolava-se uma longa conversa: contavam histórias, davam exemplos, admiravam-se, emocionavam-se ao observarem as fotos...”⁵¹. Um exemplo dado pelos pesquisadores é a lembrança de um grupo de crianças sobre o incêndio no andar de Nossa Senhora de Nazareth. As fotos tornaram-se uma provocação à memória: “uma bengala na foto provoca a lembrança da cena do incêndio” e a presença de fogos de artifício é associada ao incêndio:

⁵⁰ Ibid p.3.

⁵¹ Ibid. p. 13.

“Tem um embaixador, aqui tá aquele cachorro que eu falei (...)

Aqui a bengala caiu na turma (...)

A gente na hora, queimando a roupa da gente.



Foi nessa daqui que pegou, ó, fogo, ó.



Foi nesta (...)

Eu tava perto d'ela (...)"⁵²

Para os pesquisadores, interessou, em especial, a investigação da “fonte fotográfica como expressão e revelação do vivido, como instrumento de memória que expressa um valor do qual não se quer desfazer, um valor inestimável...⁵²”. Em poucas palavras, *compreender a fotografia como o recurso visual auxilia no processo de rememoração.*

⁵² Ibid. p.5

“O retrato de si”, de Maria Letícia Mazzucchi Ferreira⁵³

Utilizando a observação e leitura da imagem fotográfica produzida em campo, Maria Letícia Mazzucchi Ferreira desenvolve, neste artigo, um estudo etnográfico que trabalha “com base empírica” formada por pessoas idosas, no ambiente doméstico – casa familiar ou pensionato geriátrico –, em Pelotas, RS. O objeto de pesquisa diz respeito a um tripé constituído pelo corpo e as categorias de velhice e juventude. Objeto observado, a partir da leitura da imagem fotográfica produzida em campo e devolvida para posterior apreciação do sujeito pesquisado. Deste modo, vinculam-se ao recurso imagético, uma entrevista e uma observação em vários momentos: por ocasião da produção de fotografias, da escolha do ângulo por meio do qual as idosas queriam ser vistas e do retorno do material às informantes quando estas declaravam como se sentiam fotografadas.

A autora também utiliza, como elemento de observação, o material fotográfico já produzido (como fotos de casamento, de familiares e outras que estavam expostas nos locais de moradia das idosas). Para a pesquisadora, o uso da fotografia em seu trabalho se insere tanto como uma técnica de pesquisa quanto como um instrumento de análise em si. Ela afirma ainda que dentro do campo da observação, a fotografia, em geral de família, entra como um dado importante por ser uma dentre várias linguagens que o sujeito utiliza para expressar suas representações de mundo.

Para ela, o corpo velho, enquanto depositário de significados simbólicos, é que encontra tradução. Definir o corpo que envelhece passa necessariamente, conforme a autora, por aceitá-lo como uma representação que se inscreve numa trama de valores específicos desse modelo social.

⁵³ FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi. “O retrato de si” IN: LEAL, Ondina Fachel (Org.). *Corpo e Significado: ensaios de antropologia social.*, Porto Alegre: Editora da Universidade UFRGS, 1995, p.417 a 430.

A autora vê a fotografia como um texto a ser lido, que possibilita o mapeamento de um conjunto de representações expressas no discursos verbal e não-verbalizado. “O material fotográfico assume aqui não o sentido de um instantâneo mimético da realidade, mas é, ele mesmo, um catalisador de informações”⁵⁴.

“Algumas considerações sobre o uso de imagem fotográfica na pesquisa antropológica” de Luciana Aguiar Bittencourt⁵⁵

Também no campo da Antropologia, Luciana Aguiar Bittencourt estuda a produção artística de tecidos, canções e narrativas realizadas pela comunidade de tecelões de Roça Grande no Vale do Rio Jequitinhonha, em Minas Gerais, através de registros fotográficos.

Nesta comunidade, a produção de modos de expressão visual e oral representa um elemento essencial da vida cotidiana, de tal modo que nas suas investigações a autora considerará tanto a *análise do conteúdo* da imagem fotográfica quanto a *análise do processo* imagético. A imagem, segundo declara, contribui para buscar a interpretação de metáforas dos tecidos, das canções e das narrativas orais.

A análise de conteúdo da imagem fotográfica é, deste modo, associada à análise do processo imagético, as quais somam-se ao método de coleta de histórias de vida permitindo compreender o processo de transformação dos significados ocorridos no processo artístico-cultural. Para ela, a imagem pode e deve ser utilizada como uma narrativa visual que informa o relato etnográfico com a mesma autoridade do texto escrito.

⁵⁴ Ibid. p. 418.

⁵⁵ BITTENCOURT, Luciana Aguiar. “Algumas considerações sobre o uso da imagem fotográfica na pesquisa antropológica” IN: FELDMAN-BIANCO, Bela. e LEITE, Miriam Moreira (Orgs.). *Desafios da Imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. Campinas: SP: Papirus, 2ª edição, 1998, p. 197 a 212.

Como método fotográfico, a pesquisadora utiliza “o inventário visual” e a “investigação colaborativa”. Esta segunda enfatiza a interpretação de imagens e de idéias transmitidas pelos sujeitos da imagem: “as pessoas foram estimuladas não só a interpretar as imagens já elaboradas, como também a dar opiniões sobre o processo de criação das imagens. Deste modo, os tecelões de Roça Grande participaram da criação de imagens, da seleção de temas significativos e dos detalhes de suas representações”⁵⁶.

Considerando que as transformações sociais e econômicas trouxeram modificação no sistema de significados – produção de tecidos, tradicionalmente uma ocupação feminina, passa a ser também uma atividade desempenhada pelos homens da comunidade como forma de evitar a migração para os canaviais de SP -, a autora trabalha essas mudanças como novas oportunidades para compreender a relevância das narrativas visuais e orais, pois levam a uma redefinição de conceitos fundamental que organizam os grupos.

As fotografias também servem para documentar o processo e os produtos da tecelagem, pois a autora encara o uso sistemático da imagem como sendo uma técnica que auxilia na coleta de dados e contribui para a elaboração de um inventário do fenômeno social, permitindo a reiteração da observação e a reavaliação de aspectos da situação de campo. As fotografias também são usadas para “encorajar os informantes” a interpretar as transformações nos processos artísticos e na vida social.

A pesquisadora mostra que em Roça Grande, as fotografias forneceram informações visuais que no contexto cultural levaram à conclusão sobre a forma e conteúdo dos tecidos, estabelecendo uma “cosmologia das relações

⁵⁶ Ibid. p. 203.

significativas nas histórias de vida dos tecelões”⁵⁷. E ainda que na pesquisa de campo, realizada em Roça Grande, o envolvimento dos tecelões no processo de criação de suas próprias fotografias ajudou a desvendar a importância das técnicas e de noções estéticas sobre a tecelagem.



“A mensagem fundamental expressa por essa fotografia não se situa unicamente no seu conteúdo ou na interpretação da imagem dada pelo autor, mas, sobretudo, no processo de composição da imagem e na lógica da negociação entre o fotógrafo e os protagonistas da imagem. Essa fotografia foi tirada por um tecelão que pediu a ajuda de sua mãe para compor a imagem. Ambos concordaram que a foto deveria mostrar a casa, a dona da casa e a colcha tecida pelo fotógrafo. Portanto três idéias fundamentais foram articuladas no processo de produção da imagem: 1) a imagem da casa (...) 2) a figura feminina (...) 3) a imagem não estaria completa se uma peça tecida pelo artesão não estivesse presente”⁵⁸.

⁵⁷ Ibid. p. 204.

⁵⁸ Ibid. p. 207.

Entre os resultados obtidos na realização da pesquisa, as fotografias produzidas e mantidas pelos membros da comunidade de Roça Grande revelaram importantes noções que permeiam e organizam a experiência social. Para a autora: “a contribuição que a imagem traz ao registro etnográfico não se resume na valorização da técnica que gera imagens similares ao mundo sensível, mas reside no fato de que essas imagens são produtos de uma experiência humana”⁵⁹. E ainda acrescenta: “assumindo que a criação de imagens é um produto social de um modo negociado de ver e ser visto, as imagens fotográficas funcionam como molduras referenciais em que a realidade social e o contexto cultural são compartilhados”⁶⁰.

⁵⁹ Ibid. p. 200.

⁶⁰ Ibid. p.209.

**PARTE 1: PRIMEIROS CONTATOS,
PRIMEIROS OLHARES**

A importância dos Baús Fotográficos para a velhice certamente representa algo incomensurável. Neste estudo, a riqueza metodológica da articulação da fotografia com o registro verbal, sinaliza para uma condição múltipla de análise e interpretação, quando depara-se com a profundidade de diferentes leituras que oferece, em torno de fotos avulsas, pequenos retratos e álbuns cheios de histórias, guardados, neste caso de pesquisa, por pessoas velhas. Experiências, até então cravadas no silêncio singular da fotografia, vão se rompendo pelo desvendamento e voz que emergem da memória da pessoa idosa, num momento de vida em que suas lembranças se cruzam com o tempo do envelhecimento.

Entrar no universo dessas fotografias, guiado pela memória do idoso, é indubitavelmente uma viagem que às vezes transporta-nos para muito perto da fotografia e noutras distancia-nos dela, para temáticas e horizontes visualmente inalcançáveis. Acompanhar esta viagem e seguir o percurso desta memória, que mergulha nas sucessivas camadas da fotografia e, articular esses fragmentos - de uma realidade recortada no tempo e no espaço - com os relatos orais dos velhos, quando debruçados sobre os significados de seus baús fotográficos, eis o que se propõe no relato do desenvolvimento metodológico desta pesquisa. Uma tentativa de sugerir – por vezes de descobrir – caminhos metodológicos capazes de levar a um discernimento mais preciso das articulações cognitivas existentes entre o verbal e o visual e de revelar modos operacionais do trabalho da memória.

Em *Parte 1: Primeiros Contatos, Primeiros Olhares* apresentam-se dois capítulos - *Primeiros Contatos: Os Informantes* e *Primeiros Olhares: Movimentos de um Percurso*. Em dois momentos de uma mesma parte, configuram-se os *primeiros contatos* para a constituição de uma rede de cinco personalidades seguido dos *primeiros olhares* lançados sobre esse duplo contato – informantes e conjuntos fotográficos – na construção de um percurso de pesquisa.

CAPÍTULO 1

PRIMEIROS CONTATOS: OS INFORMANTES

Enquanto proposta, a pesquisa contemplou a formação de uma rede de velhos semelhantes àqueles que encontramos todos os dias nas ruas, nas praças, nos bancos, ou em qualquer outro espaço público. Buscava a construção de uma rede de pessoas velhas, sujeitos de minha pesquisa, diferentes dos idosos asilados ou doentes, que não vivessem a sua velhice escondida. A concepção desta rede previa a participação heterogênea dos pesquisados no tocante à classe social, etnia e gênero.

Para a realização dos primeiros contatos demarcamos como requisito essencial à integração desta rede, que os futuros informantes dispusessem de acervos pessoais de fotografia, aos quais denomino de “baús fotográficos”. O estabelecimento e a conquista de confiança mereceram lugar de destaque, de zelo, em todos os nossos movimentos para a formação da rede. Foi preciso considerar que este processo de construção da relação implicava em se respeitar algumas particularidades dos idosos como: o tempo individual, a rotina particular, as oscilações em torno da saúde, e de uma forma geral, foi necessário aprender a decodificar essas singularidades, sem, contudo, deixar de exercitar o ato de ouvir.

Como ponto de partida, trabalhamos com o suporte de uma lista de cerca de 60 nomes de pessoas idosas. Este rol era resultado de um trabalho, não vinculados da pesquisa, mas decorrente de minha atuação como jornalista, o qual consistiu em uma série de entrevistas antigos moradores de Jaguariúna, São Paulo, para um programa de rádio chamado *Memórias*, o qual concebi, produzi e apresentei, antes do processo de seleção para o mestrado. O programa semanal de meia hora, veiculado por mais de um ano, a partir de 2000, pela Rádio Educativa Municipal de Jaguariúna, tratava das histórias de vidas dos entrevistados – com faixa etária média acima de 50 anos - e suas lembranças sobre a cidade: a praça, a igreja, as festas, o trem, as primeiras construções, etc.

Apoiada pelo suporte desta lista, composta de muitos moradores de Jaguariúna contemporâneos de minha avó, Olga Rebelatto Bruno, resolvemos que a primeira pessoa a ser contatada seria ela própria. Consideramos que a proximidade contribuiria para o processo na medida em que suas observações - aprovação e ressalvas - em torno da proposta do trabalho me dariam elementos para pensar e aperfeiçoar a pesquisa ainda na fase inicial.

Estreamos com ela o trabalho de campo da pesquisa: a primeira entrevista em torno de um baú fotográfico. Em nosso primeiro encontro formulei-lhe o convite para fazer parte da rede. Na oportunidade indaguei sua opinião sobre minha pretensão de trabalho - pesquisar os baús fotográficos - e ela aprovou a idéia prontamente, comprometendo-se a participar. Entusiasmada com sua participação dupla – como avó e pesquisada – Dona Olga colaborou generosamente, oferecendo-me suas fotografias. Seu baú fotográfico me foi apresentado em uma caixinha de papelão branca durante nossa entrevista. Ao final solicitei a ela que me ajudasse também a contatar outras pessoas que poderiam vir a fazer parte da rede de informantes.

Partindo de uma primeira indicação de vovó, convidamos uma amiga sua, Dona Celeste Pires da Costa Ferrari, a qual receptivamente acolheu nosso

convite e também sugeriu novos nomes de possíveis informantes, todos na mesma cidade (Jaguariúna), o que inicialmente não era essencial ou determinante para o recorte da pesquisa.

A partir desse momento iniciou-se o processo de consolidação final da rede. Em busca de uma base ainda mais heterogênea, consideramos a possibilidade de contar com a participação de informantes que, além colecionadores, fossem produtores de fotografia. Para tanto, passamos a investigar se na listagem de que já dispunha haveria informantes colecionadores que fossem também fotógrafos (ou ex-fotógrafos).

A rede de informantes deveria ter, então, uma estrutura de quatro a seis pessoas, com idade superior a 65 anos, e que contemplasse homens e mulheres. Pesou na definição desse perfil, a preocupação de que a ampliação do conjunto pudesse inviabilizar o trabalho da pesquisa qualitativa.

Partimos assim para os primeiros contatos, por meio de visitas residenciais ou via telefone, em busca de um consentimento prévio dos informantes visando agendar um primeiro encontro. Foi aí que chegamos também aos nomes de Dona Teresa de Arruda Botelho Moraes, Seo Manoel Rodrigues Seixas e Seo Moacir Malachias, sendo este último um fotógrafo e repórter-correspondente pioneiro da cidade de Jaguariúna.

Nos primeiros encontros formalizei o convite e perguntei sobre a disposição dos entrevistados em abrir os seus baús fotográficos para o nosso estudo. Ao final das visitas e dos respectivos convites, todos aceitaram constituindo, então, uma rede formada por cinco informantes: Dona Celeste Pires da Costa Ferrari, Dona Olga Rebelatto Bruno, Dona Maria Teresa de Arruda Botelho Moraes, Seo Moacir Malachias e Seo Manoel Rodrigues Seixas. Uma breve biografia de cada um destes informantes é apresentada ainda neste capítulo.

Com a rede formada, iniciamos a segunda etapa do trabalho: as entrevistas. Iniciei o agendamento dos novos encontros. O contato com Dona Teresa foi

feito inicialmente por telefone, já que, residindo em São Paulo visitava Jaguariúna apenas eventualmente. Muito atenciosa, a informante se propôs a me receber para um encontro e prometeu uma seleção de fotografias para a pesquisa. Conforme o combinado, ela apresentou alguns de seus álbuns integralmente, com fotografias pessoais, principalmente da infância, produzidas pela mãe ou pelo pai, e outras mais recentes, depois da morte da mãe, feitas por ela mesma. Dona Teresa me emprestou – por período combinado – as fotografias para que pudessem ser reproduzidas.

Os primeiros impasses ocorreram com os dois informantes do sexo masculino, os quais demonstraram – durante o primeiro encontro – certo comedimento em relação à apresentação e empréstimo das fotografias. Foi assim com Seo Manoel Rodrigues Seixas, que embora tivesse me atendido – em sua casa – com grande disposição, não conseguiu esconder sua reserva em me mostrar algumas fotografias familiares, e na sequência emprestá-las, mesmo que por um curto período, para reprodução. Seo Manoel alegava que se tratavam de “fotos íntimas” – principalmente as familiares – guardadas, em alguns casos, em álbuns e assim, não se sentia à vontade de se separar delas. Ele justificava sua recusa dizendo ser um saudosista, que suas fotografias eram “muito particulares” e que se tratavam de “coisas preciosíssimas”, verdadeiras “jóias”, que se fossem perdidas não se acharia mais não se achava mais.

O informante tendia a mostrar inicialmente fotografias mais impessoais e avulsas ou em quadros, ligadas ao contexto de seu trabalho. Eram imagens de ferrovias, locomotivas e paisagens. Depois, quando passou a apresentar outras fotografias, também em álbuns de família, criou certa reserva, alegando ser dispendioso retirá-las. Disse que autorizaria tão-somente a saída das avulsas: 11 fotografias. Era claro a sua dificuldade em se separar de fotografias de seu baú. Sendo assim, para investir no desenvolvimento de uma relação de confiança, fundamental para a geração da pesquisa, especialmente na fase de

escolha pessoal das fotografias, propus a reprodução fotográfica em sua própria casa, sem a retirada do material. Desta forma, mudamos o cronograma, marcando um novo encontro especialmente para refotografar as imagens. No entanto, já neste momento o nosso informante se mostrou mais seguro, oferecendo-me algumas das fotografias - não autorizadas anteriormente – especialmente as que apresentavam maior dificuldade para reprodução fotográfica para serem digitalizadas, mas ainda guardando a ressalva de que as outras não poderiam ser emprestadas, pois se tratavam, reforçava Seo Manoel, de “fotos muito íntimas”.

Também com certa reticência, Seo Moacir Malachias chegou a colocar em dúvida a validade de seu aceite inicial de participação na pesquisa. A sua relutância consistia basicamente em postergar a entrega de seu acervo fotográfico nos primeiros encontros, o que mais tarde interpretamos como parte do processo de confiança da relação que iniciava-se.

Na primeira reunião, ele me recebeu em sua casa apenas para uma conversa, interessado em obter maiores informações sobre porquê suas fotografias poderiam interessar à pesquisa. Alegava que muitas das que fizera durante sua fase de repórter não existiam mais, pois tinham se deteriorado com tempo, e ainda não estava certo se teria outras a oferecer. Inexplicavelmente, Seo Moacir não foi encontrado em sua casa no horário previamente marcado para nosso segundo encontro. Entendemos que não deveria insistir naquele momento e resolvemos aguardar a sua manifestação de interesse. Este recuo de Seo Moacir se prolongou por cerca de um mês.

O contato foi restabelecido por iniciativa do informante, que um dia telefonou avisando que teria algumas fotografias para oferecer e que as deixaria em sua casa, me pedindo para ir apanhá-las. Ao chegar à casa do informante tive uma agradável surpresa: a esposa do informante entregou-me um envelope contendo cerca de 80 fotografias. Procurei por ele dias depois para que pudéssemos conversar a respeito das suas fotografias e, novamente, o informante

surpreende. Desta vez, preferiu que o nosso encontro se desse num espaço público, uma pequena praça no Centro Cultural, em Jaguariúna, para ser entrevistado e ao final gentilmente disponibilizou-me suas fotografias em prol da pesquisa.

1.1 Cinco personalidades

Apresentamos a seguir uma breve biografia dos cinco informantes, acompanhada de uma fotografia realizada durante os encontros de pesquisa. Esta rápida biografia, resultante de dados obtidos nas entrevistas gravadas com cada um deles, reúne informações sintetizadas da trajetória de vida familiar e profissional. Para complementar estes dados, organizamos também um simplificado esquema genealógico, a partir das referências dos pais, fornecidas pelos entrevistados.

No tocante à fotografia que acompanha cada biografia, registre-se que ela é escolha pessoal do informante, a partir de três imagens feitas e apresentadas a cada um. Ao solicitar um retrato dos entrevistados, objetivava, novamente, o enriquecimento da parceria pesquisadora-informante, e tornar mais concreto, mais pessoal, o conhecimento do leitor sobre as personalidades que colaboram com esta pesquisa.

Celeste Pires da Costa Ferrari (CF), 81 anos

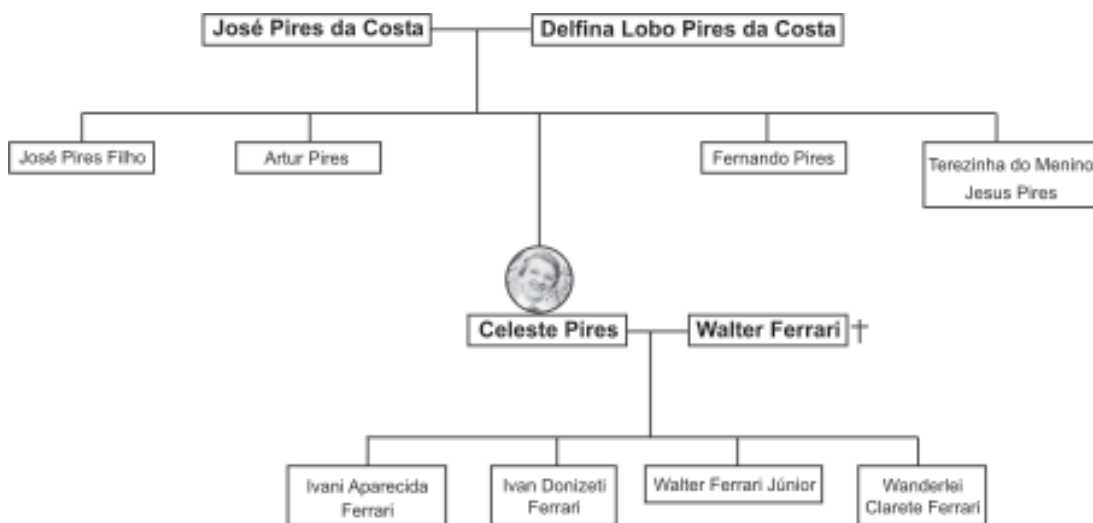


“Aprendi com o circo mesmo... a gente não tinha tempo pra ir à escola a gente ficava pouco tempo num lugar...”

Da infância no circo, Dona Celeste, aos 81 anos, guarda a alegria para com a vida, manifestando a mesma persistência que a acompanhou durante suas representações nos palcos, nas novelas

de rádio, no papel de mãe, esposa, dona-de-casa, escritora e artesã.

Nasceu em Botucatu, no dia 6 de outubro de 1921. É ao lado de nove irmãos, filha de Maria Delfina Lobo e José Pires da Costa. A mãe, embora não tivesse conseguido se formar professora, na realidade exerceu esse papel. O pai, com uma formação de colegial, antes de tornar-se dono de um circo, foi chefe da Estação Sorocabana Maringue. Dona Celeste cursou a 1ª e 2ª séries do ensino fundamental, aperfeiçoando a sua formação com a família do circo. Casou-se em 28 de dezembro de 1948 com Walter Ferrari, com quem teve quatro filhos. Na cidade de Jaguariúna, Walter Ferrari foi farmacêutico durante quase 40 anos. Viúva, desde 1990, Dona Celeste escreveu em 1996, um livro intitulado “Degraus da Vida”, no qual registra a sua trajetória no âmbito do circo.



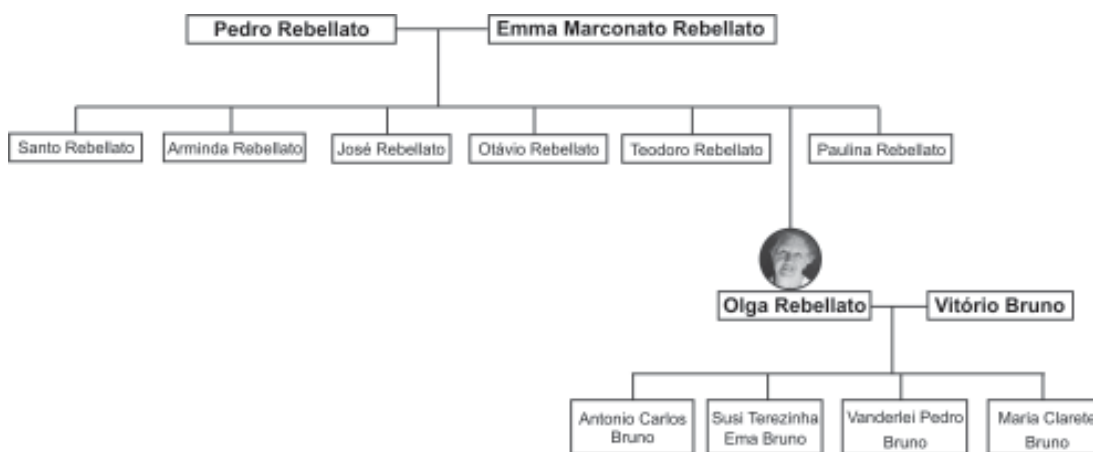
Olga Rebellato Bruno (ORB), 80 anos



“Eu era nova naquela época, não tinha nem vinte e um anos... Eu casei em 1944. Casei com vinte e um completo já, ia fazer vinte e dois”.

A força do trabalho, a importância da família e da fé alimentam a vida de Dona Olga Rebellato Bruno, herdeira da cultura imigrante italiana. Aos 80 anos, seus passos permanecem leves, sua voz terna e em torno de sua figura serena agregam-se quatro filhos, nove netos e cinco bisnetos.

Dona Olga nasceu em Jaguariúna no dia 4 de junho de 1923. É a penúltima do casal de imigrantes italianos, Emma Marconato e Pedro Rebellato. Sua mãe morreu cedo e Dona Olga ficou cuidando de seus irmãos mais velhos e, sobretudo da caçula, Paulina. Estudou até a 2ª série do ensino fundamental num grupo escolar rural. Com 21 anos casou-se com Vitório Bruno, produtor agrícola, descendente de imigrantes austríacos. Ambos continuam hoje vivendo em Jaguariúna.



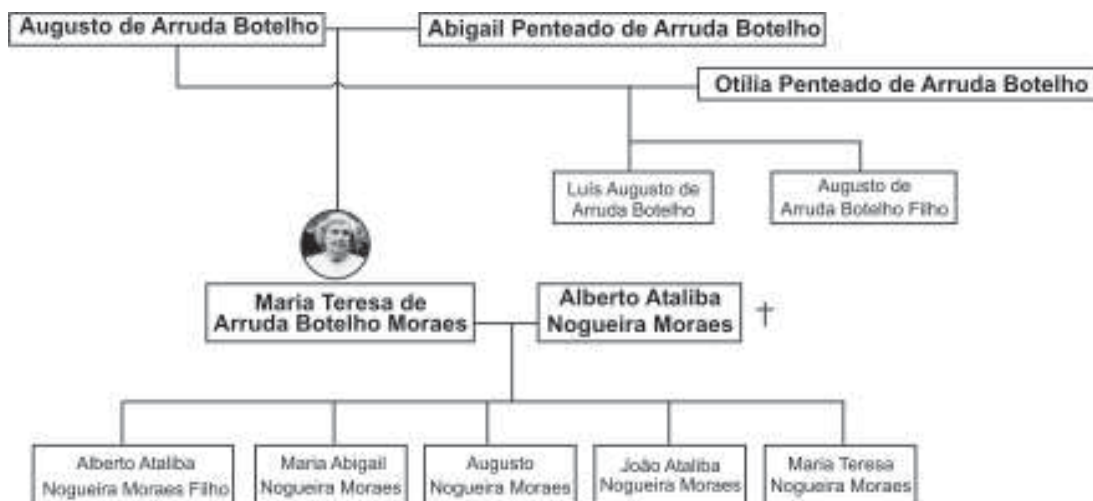
Maria Teresa de Arruda Botelho Moraes (MTM), 77 anos



*“Eu gosto do período que eu tive minha mãe...
Minha mãe morreu eu tinha 6 anos”*

Uma educação refinada somou-se à personalidade meiga, delicada e discreta de Dona Teresa. Da forte lembrança da mãe no entorno de sua infância, Dona Teresa guarda, aos 77 anos, valores que compartilha com seus cinco filhos, netos e bisnetos.

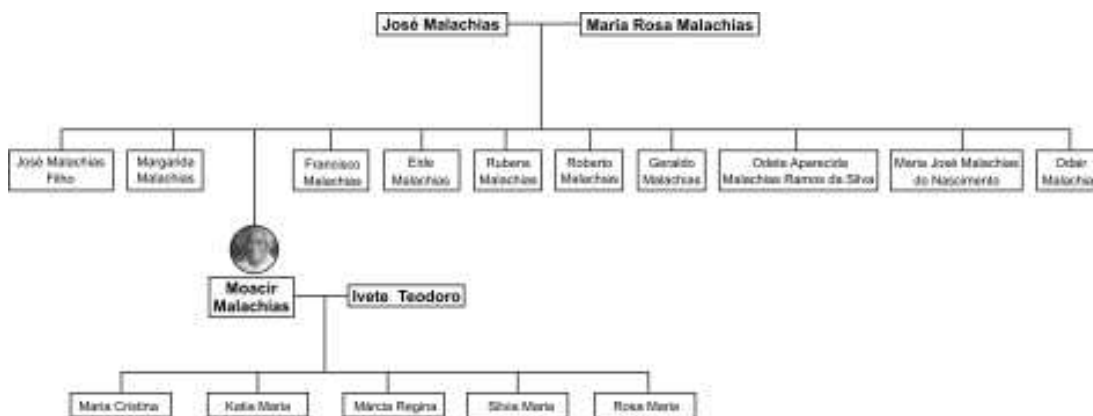
Nasceu em São Paulo, no dia 26 de agosto de 1925. É filha de Abigail Penteado de Arruda Botelho e do engenheiro Augusto de Arruda Botelho. Formada em secretariado, casou-se em São Paulo em 10 de abril de 1947, com Alberto Ataliba Nogueira Moraes – neto mais novo do Barão de Ataliba Nogueira. Viúva, reside ainda em São Paulo, alternando visitas a sua fazenda Santa Úrsula, em Jaguariúna SP.

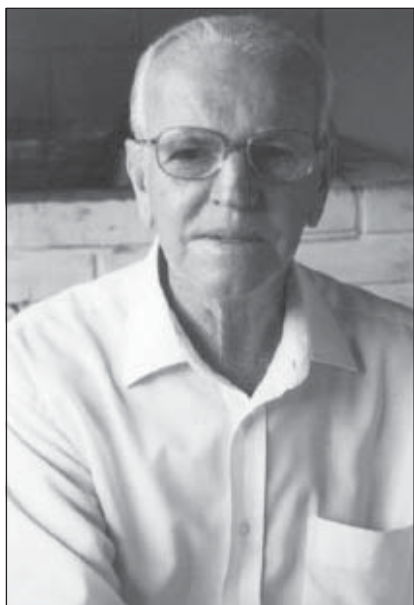


Moacir Malachias (MM), 76 anos

“Meu pai sempre estimulava, pra ver se eu conseguia fazer a minha primeira casa... logo que eu me casei – foi em 62 naquela época – Ah! Nem deu um ano... que a gente vai se mudando”

Nasceu em Jaguariúna, Estado de São Paulo, no dia 18 de agosto de 1927. É filho de pais negros, Maria Rosa e José Malachias. Após ter cursado até a 4ª série do ensino fundamental, em 1945, entra como ajustador mecânico para trabalhar nas Oficinas da Companhia Mogiana, onde o pai dele já trabalhava como chefe de manobras. Em 1956, após 11 anos na Mogiana, passou a trabalhar como comerciante, em sua leiteria. Casou-se com Ivete Teodoro, em 11 de junho de 1960. Tiveram cinco filhas, Maria Cristina, Kátia Maria, Márcia Regina, Silvia Maria e Rosa Maria. Ele que foi fotógrafo correspondente do jornal *Comarca* de Mogi Mirim é aposentado e continua residindo com sua esposa em Jaguariúna.



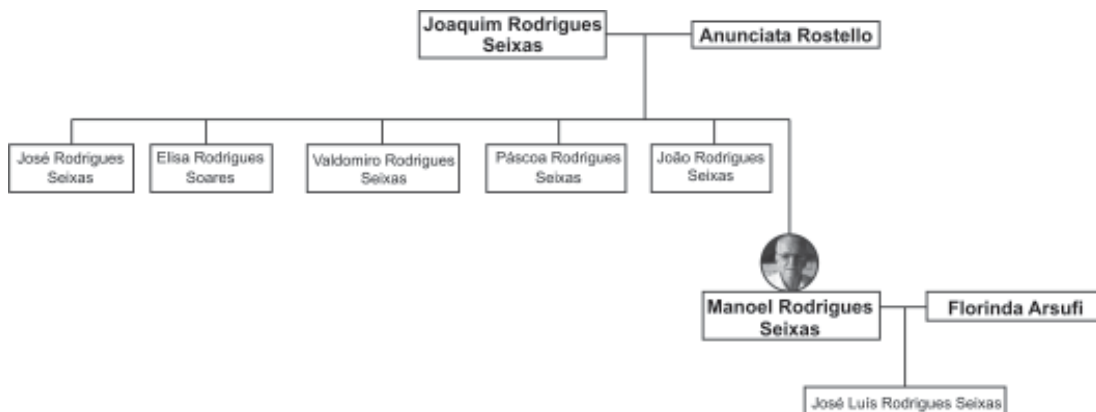
Manoel Rodrigues Seixas (MRS), 75 anos

“Eu sou muito saudosista... Minha vivência ferroviária é desde 1944. São quase 40 anos... “.

Aos 75 anos, Seo Manoel Rodrigues Seixas, se dedica ainda aos eventos da categoria dos ferroviários e não por acaso escreveu dois livros sobre o mesmo assunto: *“Crônicas de um Ferroviário”* e *“O Herói Ferroviário”*.

Nasceu em Jaguariúna, Estado de São Paulo, no dia 17 de junho de 1928. É filho de Anunciata Rostello e Joaquim Rodrigues Seixas, mestre de linha da Companhia Mogiana. Coursou o ginásio no Seminário Diocesano e, em 1944, foi admitido como praticante de telégrafo da estação Vila Albertina, para, mais tarde, até 1981, se tornar chefe estação de Jaguariúna pela mesma Companhia Mogiana. Foi vereador da cidade de Jaguariúna de 1973 a 1977 e vice-prefeito de 1977 a 1982, chegando a assumir a Prefeitura.

Casou-se em 24 de maio de 1954, com Florinda Arsufi Seixas e tem um único filho. Apaixonado por trens, diz que guarda as lembranças “desses mundos” como se fossem fotografias: “coisas preciosíssimas, jóias, e que se se perdem não se acha mais”.



CAPÍTULO 2

PRIMEIROS OLHARES: MOVIMENTOS DE UM PERCURSO

Eleger do baú fotográfico ou em álbuns pessoais, livremente e pessoalmente, um conjunto de 20 fotografias foi a primeira “tarefa” solicitada aos cinco informantes logo após a formação da rede. Sem estabelecer critérios fechados, mas entendendo que um número-limite de imagens asseguraria a viabilidade de um estudo e a não-dispersão dos informantes, indicamos a cada um dos entrevistados que trabalhassem na escolha de 20 fotografias.

De posse da informação de que essas fotografias seriam destinadas a uma pesquisa acadêmica, cada um dos informantes confabulou a sua escolha consigo próprio. No intervalo, até o reencontro, uma semana depois, imaginava o desenrolar da “tarefa”, ou seja, quais caminhos estariam percorrendo os informantes ao revisitarem seus baús fotográficos? O que estariam sentindo, definindo e compondo ao selecionarem fotografias que, em parte, representavam e, sobretudo, reanimavam sua própria história de vida?

O período de indagações foi rompido no dia do reencontro, quando, surgiu um fato interessante e unânime: todos os entrevistados apresentaram uma pré-seleção com mais de 20 fotografias e, em um dos casos, o número chegou a 80 imagens. Diante disso, cada um optou por compartilhar com a pesquisadora o momento final da escolha e da conclusão da “tarefa”. Queriam se certificar da validade de sua pré-escolha, embora deixassem transparecer que já tinham definido suas preferências.

Eis o que explica minha participação neste momento final de constituição e de consolidação de um conjunto de 20 imagens. Presença não planejada nesses

termos, já que, até então, pretendíamos com base em um gravação em áudio, apenas reunir dados primários referentes a cada fotografia, tais como data de registro, local da tomada, autoria e suas características materiais (tamanho, tipo de papel, local de armazenamento, quantidade de cópias, etc).

Na realidade, o que poderia ter se limitado a um mero, embora importante registro de dados técnicos, transformou-se em uma extensa e complexa interação entre pessoas e universos. As mais de duas horas de gravação com cada um dos informantes resultaram, com efeito, em um longo e espontâneo diálogo que, tanto o informante como a pesquisadora, teceram, sem roteiro prévio, em torno de universos - distintos e complementares - de representação: *imagens* evidentemente, mas também, esses outros universos representacionais, cujos nomes nos fascinam e nos perturbam: a *memória* e os caminhos da memória, em especial os do *envelhecimento*.

Os resultados desta cumplicidade, aberta e singela, surpreendem não somente por causa da duração da gravação, mas, sobretudo, em função dos desdobramentos aos quais tal processo conduziu. Esses desdobramentos oferecemos ao leitor numa dupla vertente analítica: optando por uma leitura direta das entrevistas de Dona Celeste e do Seo Moacir, que encontrará, na sua íntegra, no *Anexo I* desta dissertação; ou seguindo alguns dos movimentos de uma primeira exploração dos dados dessas entrevistas¹, que apresentamos a seguir sob os títulos “Reconhecimento”, “Operação de Triagem”, “Operação de Montagem” e finalmente, “Dois panoramas existenciais”.

¹ Tomamos como referência para o trabalho de gravador, a obra, situada no campo da História Oral, de Maria Isaura Pereira de Queiroz, *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*, (São Paulo, T.A. Queiroz, 1991). A autora considera que a técnica de gravador consegue registrar, por meio de suas fitas, a voz do entrevistado, suas entonações, repetições e suas pausas, seu vaivem e esses dados podem ser preciosos para estudo e interpretação do depoimento.

As três subseções apresentam alguns indicativos verbais ou outros marcadores espaço-temporais que presidem e revelam, ora os motivos que participam da operação da escolha de fotografias, ora as razões que vão definindo a ordenação e seqüenciamento das mesmas. Na última subseção, o leitor descobrirá o “panorama” (global e seqüenciado) das fotografias escolhidas e montadas por Dona Celeste e por Seo Moacir e, de cada uma delas, terá uma descrição mínima, sempre baseada em dados presentes nas entrevistas.

As várias leituras das entrevistas de Dona Celeste e Seo Moacir tornaram claro o fato de que a “tarefa” que lhes tinha sido solicitada estava longe de representar, na realidade, uma empreitada banal ou sem importância. Pelo contrário, essas entrevistas apontam e revelam, através de múltiplos índices lingüísticos e outros sinais uma sucessão de operações cognitivas, as quais, efetivamente, presidiram a constituição dos conjuntos fotográficos que, visualmente, descobriremos em breve.

No rol dessas operações lógicas, duas se destacam e deveriam merecer toda nossa atenção, cada vez que procuraremos refazer com os nossos informantes os caminhos de suas memórias. São elas: a operação de “escolher/selecionar/triar” e a de “organizar/ordenar/montar”. O estudo dessas fases sucessivas operações de “triagem” e “montagem” não pode, no entanto, prescindir de uma etapa exploratória que antecede a ambas e que se poderia designar como “reconhecimento”.

2.1. “Reconhecença”

Sem a presença de imagens, é difícil falar da “matéria” da memória². Sem recorrer a metáforas, é mais difícil ainda falar do “trabalho” da memória. “Reconhecença” é um termo que pertence aos vocábulos dos marinheiros. Remete ao que Houaiss³ designa como sendo esse(s) “aspecto(s) notório(s) de terra que permite(m) ao navegante saber em que parte do litoral está”: pode ser um promontório, um boqueirão, tal declive rochoso que corre em direção ao mar ou a uma praia de fina areia branca...

A metáfora pode ajudar a entender o que representou para os informantes a “tarefa” de escolher um conjunto de 20 fotografias, dentre as centenas de outros documentos que sossegavam nos seus baús. Colocados, de certo modo, ante uma outra paisagem – a do desenrolar de toda uma existência –, tiveram que navegar à procura de “reconhecenças”, no horizonte e na trama de suas vidas: aqui o “bordado de um vestido de casamento”, lá a imagem do “picadeiro de um circo onde passei minha infância”; noutra a “construção da primeira casa, graças, ao incentivo do meu pai”, ou, a lembrança do “dia da minha formatura”, e ainda, “este aí foi o meu melhor amigo”.

Essas “reconhecenças” são significativas na medida em que antecedem a uma “escolha” mais precisa de uma ou de outra imagem e, evidentemente, antecipam-se à “montagem” da série de imagens escolhidas. Constituem-se um território que valeria a pena explorar melhor se quiséssemos descobrir algumas das operações cognitivas concretas ativadas, desde que imagens e memórias se encontrem e se conjugem.

² Alusão evidente ao famoso ensaio de Bergson, Henri. *Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*, SP: Martins Fontes, 1999. (original francês: 1939). Numa pesquisa futura o exame deste livro se fará necessário.

³ Houaiss. *Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa*, versão 1.0, Instituto Antônio Houaiss, Editora Objetiva, 2001.

Entender-se-á desta maneira que, investidos da capacidade única de navegar pelas lembranças de seus baús, nossos informantes foram exercitando todo um *trabalho prévio* que vai do *reconhecimento* (de fisionomias, lugares...), passando por *identificação* (de espaços, momentos...) e, chegando, geralmente, a uma *nomeação* (de pessoas, locais, datas...). Sem pretender esgotar um assunto eminentemente complexo, alguns exemplos retirados das entrevistas de Dona Celeste e do Seo Moacir poderão ajudar.

Freqüentemente, Dona Celeste, ao “conversar” com as suas fotografias, utilizava sinais indicativos (de tempo, de espaço) deste tipo:

“*aqui é...*”

“*aqui são...*”

“*aqui foi...*”

“*isto aqui foi...*”

“*olha aqui...*”

“*este é...*”

“*... e aqui foi quando...*”

Em outros momentos, “dialogava” consigo própria procurando, dentro da fotografia ou fora dela, impressões, sinais, rastros, vestígios que lhe permitissem, ora o reconhecimento, ora a identificação de datas, de nomes, de lugares.

“Agora, eu não me lembro!”

“Que seria então isso?”

“Deixa eu ver pra cá. Aqui foi um jantar do Lions, o Walter [Seu esposo] foi, o Maurício[amigo do Walter]...”

“Eu não me lembro bem, mas eu acho que foi em 55... 56...”

“Como é que chamamos [procura o nome de um clube]? Ai meu Deus. Que pena o Wanderley [seu filho] não estar aí! Ele deve se lembrar...”

“Nossa, eu preciso olhar tudo, porque acabo esquecendo...”

“Foi mais ou menos 1915...16...por aí. Pelas roupas que usam, você calcula mais ou menos...”

Indicadores similares de *reconhecimento, identificação e nomeação* estão presentes em outros momentos dos relatos do Seo Moacir, desta vez:

“Essa daqui... isso aqui...”

“Aqui a turma do Darci...”

“Essa aqui de Jaguariúna, é de escola...”

Nos seus registros verbais há também significativas pausas, interrupções, silêncios durante os quais a memória do informante parece sair à caça de referências, de lembranças ou de dicas que lhe permitam identificar uma data ou denominar um lugar.

“... deve ter sido em ... (pausa) novecentos e... (pausa)... 76”

“Ah, eu acho que Ivete [sua esposa] não tava em gravidez ainda... (pausa)...

Eh! Acho que foi em... 60 (pausa)... 63... mais ou menos”

‘Essa [fotografia] aí... eu acho... peraí... não sei se era Mogi Mirim ou Mogi Guaçu que era... acho que marquei alguma coisa [no verso da fotografia]’.

No caso ainda deste informante que foi fotógrafo, o fato de ter produzido ou não determinadas fotografias ou de reconhecer o tipo de uma de suas câmeras o auxiliava fortemente na sua aproximação ao reconhecimento da fotografia e, conseqüentemente, no processamento das operações de identificação ou de nomeação.

“Essa aqui fui eu que fiz...”

“Nessa época aqui, era... era... aquelas Kodak, era, era Kodak mesmo...”

“Essa aqui eu não sei né... mas essa aqui foi no “Foto”... no estúdio”

2.2 Operação de Triagem

A este trabalho de demarcação e de balizamento, que chamamos de “reconhecimento”, sucedem-se e articulam-se duas outras operações cognitivas: a *triagem* das fotografias e a sua *montagem* em um novo ordenamento. Intervenção dupla no interior do *corpus* de imagens fotográficas, quando, num primeiro momento, o conjunto é desmembrado e parte das fotos é descartada e, em seguida, os elementos que permanecem, são reestruturados - à maneira de uma montagem cinematográfica -, em uma nova composição de significâncias visuais.

A despeito de *triagem* e de *montagem* sugerirem ao observador apressado operações elementares, constata-se, por meio de nossa observação participante e de reflexões mais aprofundadas sobre os registros orais, que o informante desenvolve, na realidade, um sofisticado trabalho intelectual para realizar a *escolha* e, também, a *organização* das suas fotografias, o que merecerá uma melhor reflexão no decorrer desta e da próxima subseção.

Pois, de novo, é possível, partindo dos dados contidos nas entrevistas realizadas, identificar uma série de expressões que qualificam a operação de “escolher”, bem como, de circunscrever outras sentenças que deixam aflorar as motivações afetivas que alimentaram este processo. É o caso de Dona Celeste que, no seu relato gravado, vai definindo seu trabalho de escolha e demarcando sua seleção a partir de temáticas relativas à beleza, à predileção ou, ainda, ao saudosismo:

1) Expressões verbais utilizadas para definir a operação de “escolha”

“tirar”, “separar”, “incluir”

2) Motivações temáticas da escolha**a) As mais bonitas**

“Tenho outras fotografias mais bonitas...”

“Essa daqui tá boa...”

“Acho que esta (fotografia) é melhor né?”

“ Devo ter outras fotografias que tá melhor...”

b) As prediletas

“Aquele que eu tô de baiana (eu mais gosto)”

“Aí eu tava com vinte e poucos anos, tava no frescor da idade..., ai meu Deus do Céu”

c) As mais saudosas

“São fases na minha vida que não me..., me, me entrou, me comoveram... marcou mais...”

Seo Moacir, da mesma maneira, deixa registrado em seu relato oral um leque de termos que conotam o seu ofício de “escolher”. Em relação à Dona Celeste, saudosismo e emoção reaparecem ao lado da “autoria fotográfica”, como motivações da escolha.

1) Expressões verbais utilizadas para definir a operação de “escolha”

“poder servir”, “recordar”, “procurar”, “guardar”, “perder”, “apresentar”, “separar e mostrar”, “colocar”

2) Motivações temáticas da escolha**a) Fotografias publicadas**

“No tempo que eu trabalhava, eu fazia reportagem pra aquele jornal Defesa, Defesa Regional de Mogi Mirim. Então aqui é um tombamento de trem, um acidente... ohhh!, no jornal, foi (publicada)”

b) As fotografias de suas câmeras

“aqui foi com o rio cheio, eu tava nadando... ah isso, a pessoa que tirou, justamente era minha máquina, deve ser o meu irmão, o José”

“Depois eu tenho essa que é... que é... essa é melhor máquina ainda, com essa que eu tiro as fotografias assim maiores, grandes...”

“...quando a velha fez um dos aniversários, então me convidaram pra eu poder lá tirar as fotografias, só tem essa!”

c) As mais saudosas

“é aquela vida, eu tinha... um dia tava num serviço noutro dia tava... é que achei que extração de areia era bom...”

“essa aqui.... iniciando aquela casa minha, meu pai, meu pai sempre estimulava eu né, pra ver se eu conseguia fazer a minha primeira casa...”

“...porque tava em gravidez da minha patroa... (bonita foto) essa é!”

“o primeiro automóvel que eu tinha... foi em 1947, um Ford”

d) As mais emotivas

“(e essa?) Ahhhh, com certeza aí é que quando me formei né? (emocionado)”

“É da minha patroa né... essa que...aquela que ela tá no alto lá...olhando a cidade...eu gosto!”

Analisando a operação de *triagem* de Dona Celeste comparada à de Seo Moacir, pode-se ponderar, entre outros aspectos, que a informante situa-se durante todo o processo de seleção num exercício de contemplação de suas fotografias, com as quais demonstra ter grande familiaridade. Dona Celeste “dialoga” com suas fotos.

O processo de *triagem* de Seo Moacir, ao contrário de Dona Celeste, se configura, por quase todo o tempo da entrevista, através de pequenas hesitações ou longas pausas, silêncios que podem se traduzir como indefinições pessoais para concluir a operação.

Ao invés, trechos da entrevista de Dona Celeste são reveladores para mostrar a sua consciência sobre o processo de escolha. O conhecimento profundo de suas fotografias, onde cada uma estava situada – em álbuns, em caixas, em malas, etc –, e a determinação do que incluir se tornaram bastante evidentes durante a entrevista. Estes aspectos se fazem compreender e interpretar, quando consideramos o fato de que Dona Celeste exercitou sua memória em outras ocasiões. Em particular, ao escrever o livro “*Degraus da Vida*”, no qual incluiu fotografias, e ao organizar suas fotos para uma exposição de lançamento da obra ou em álbuns e porta-retratos, como é de seu hábito.

2.3 Operação de Montagem

A operação de *montagem*, neste primeiro momento da pesquisa, dizia respeito ao ordenamento de cerca de 20 fotografias. Os informantes tinham a liberdade de apresentar os seus conjuntos fotográficos da forma que melhor lhes conviesse (cronológica, temática ou, até, na “desordem”)

Alguns, como Dona Celeste, ao final da entrevista, deram aos seus conjuntos uma organização formal na medida em que remetiam à pesquisadora, numa ordem, uma a uma, as fotografias escolhidas. Essas ficavam, deste modo, registradas e numeradas.

Outros entrevistados, a exemplo de Seo Moacir, que muito embora tivessem declarado que abriam mão de uma *montagem* formal e pessoal⁴, não se deram conta que, na verdade, seus conjuntos fotográficos obedeciam a uma outra lógica de organização, a outras formas de *montagem*, como veremos mais adiante. Neste particular, a pesquisa se pautou por preservar a preferência do informante.

No tocante à denominação/caracterização desta operação de *montagem*, podemos identificar, por meio do registro das entrevistas, outras expressões e sentenças que denotam tanto o entendimento particular dos informantes em relação ao significado da *montagem*, como apontam, por vezes, para alguns dos eixos norteadores, utilizados para a organização pessoal das fotografias. Eis o que Dona Celeste, por exemplo, nos oferece:

⁴ No final da entrevista, após ter feito a seguinte pergunta: “Seo Moacir, dessas 20 aqui que o senhor separou, o senhor colocaria elas assim em alguma ordem?”, o entrevistado respondeu: “Fica a critério da senhorinha... né”.

1) Expressões verbais designando a operação de “montagem”

“ordenar”, “classificar”, “seqüência”

2) Quatro eixos norteadores utilizados na montagem das fotografias

[Fotografias] “*Essas daqui são bem velhas; mais velhas, esta é velhíssima*”; “*as mais antigas*”

[Fotografias] “*No tempo do circo*”; “*época circense*”

[Fotografias] “*Uma época meio sacrificada*”; “*época difícil*”

[Fotografias] “*Estas mais recentes*”; “*fase atual*”; “*as mais recentes da família*”

As 28 fotografias de Dona Celeste revelam efetivamente uma clara ordenação em quatro *tempos*, numa ordem *cronológica*: “*As mais antigas*”, “*As (do tempo) do circo*”, “*A época difícil*” e “*As mais recentes*”. Isto não significa, todavia, que devemos reduzir a “montagem”, por ela realizada, a este único eixo de temporalidade. Pois, uma análise mais aprofundada das fotografias reunidas, por exemplo, nos conjuntos “*época circense*” (09 fotos) e “*época difícil*” (06 fotos), evidenciam, desta vez, linhas *temáticas*, em torno das quais se condensam e se estruturam submontagens importantes, a que poderíamos chamar, aqui, de “ambientes/lembranças de vida” e “cenas/lembranças de morte”.

Paralelamente, poder-se-á entender a opção do informante Seo Moacir em não oferecer uma *montagem formal*, nos parâmetros de Dona Celeste, e ter de convir, no entanto, que a informalidade aparente de sua escolha de 20 fotografias, esconde arranjos temáticos incontestáveis (embora talvez inconscientes), em torno, no caso, de uma “vida profissional” conquistada duramente e sempre articulada à “constituição e ao crescimento de sua família”.

Sem ter de nos estender agora sobre o assunto, é fora de dúvida que essas multifacetadas “operações” de montagem deverão nos abrir, no futuro, a uma compreensão mais fina do *trabalho* da memória na reconstrução/evocação de todo um percurso existencial, como é o caso nesses “Retratos da Velhice”. Não é impossível, aliás, que o exame de tais operações de montagem possam nos conduzir ao reconhecimento de “padrões” e de “configurações”, típicos à velhice.

2.4 Articulação entre Triagem e Montagem

Refletindo sobre esta lógica de montagens *não formais* e relendo as entrevistas de Dona Celeste e Seo Moacir descobre-se que a operação de *triagem* e a operação de *montagem* caminham muito próximas uma da outra, ou seja, uma *escolha* nunca é desvinculada de um princípio de *organização*.

Ao avaliar, com efeito, as coleções fotográficas dos informantes que realizaram a operação de *montagem*, observa-se, por intermédio dos registros verbais, que, ao fazerem a *triagem*, os entrevistados já processaram uma pré-montagem. E diante da proposta de *montagem*, revisitaram a sua primeira *escolha* com o objetivo tão somente de proceder e efetivar pequenos ajustes e retoques em vista à organização definitiva.

Na parte final da entrevista de Dona Celeste, precisamente no momento em que finaliza a sua *escolha* para proceder a *montagem* das fotografias, há um interessante indicador da imbricação existente entre as duas operações. Ao reconhecer os motivos da escolha, ela define, também, as razões da montagem que vai efetivar, nesses termos:

“São fases na minha vida que mais... me entrou né... me... me comoveram... marcou mais...”

2.5 Dois “panoramas” existenciais

Chegamos ao final de um primeiro percurso o qual, tomando sempre como ponto de partida os enunciados de entrevistas foram nos conduzindo a descobrir progressivamente dois conjuntos de fotografias: fotografias *reconhecidas*, depois *escolhidas*, finalmente *montadas*. São, de outro lado, fotografias de duas personalidades, Dona Celeste e Seo Moacir. São fotografias, enfim, que lembram e contemplam momentos selecionados de duas existências. Apresentaremos, deste modo, os dois conjuntos sob o título de “Dois panoramas⁵ existenciais”.

⁵ O termo “panorama” é aqui adotado numa referência a sua utilização no começo do século XIX, quando remetia à uma maneira cenográfica de expor num amplo quadro circular de imagens de modo que o espectador fosse o ponto-eixo essencial deste percurso visual. Sobre o assunto, ver o interessante artigo de Philippe Dubois “A fotografia panorâmica ou quando a imagem fixa fazia sua encenação”. IN: Samain, Etienne (Org.). *O fotográfico*. São Paulo: Hucitec, 1998, pág. 209 a 230.

**A) ‘Panorama’ de Dona Celeste Pires da Costa Ferrari
(28 fotografias)**

A coleção fotográfica da informante Dona Celeste, que virá a seguir, está composta por 28 fotografias organizadas – por ela mesma em sua operação de *montagem* - em torno de quatro blocos intitulados: “*As fotografias mais antigas*”, “*As fotografias (do tempo) do circo*”, “*As fotografias de uma época difícil*” e “*As fotografias mais recentes*”.

O leitor terá, primeiramente, uma visão de conjunto da coleção fotográfica e, depois, a oportunidade de leitura, foto a foto, do respectivo comentário descritivo⁶.

⁶ Comentário descritivo baseado nos dados presentes na entrevista (ver *Anexo 1* : p.3)



CF01



CF02



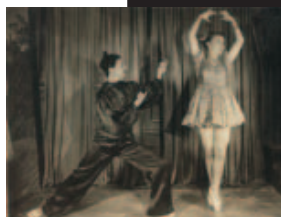
CF03



CF04



CF05



CF06



CF07



CF08



CF09



CF10



CF11



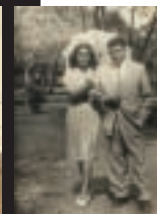
CF12



CF13



CF14



CF15



CF16



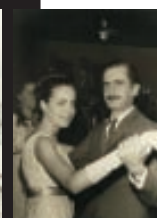
CF17



CF18



CF19



CF20



CF21



CF22



CF23



CF24



CF25



CF26



CF27



CF28

“As fotografias mais antigas”



Foto CF 01

Data: 1906

Local: Em estúdio fotográfico, em São Paulo

Fotógrafo: Profissional, contratado (não-identificado)

Quantidade de cópias: 1

Tipo: Preto e Branco

Características: tamanho original 10,5x17 cm; papel brilhante; conservada; bom contraste

Armazenamento: avulsa

Legenda: A mãe e a bisavó da informante, Dona Celeste: Maria Delfina Lobo Pires da Costa e Honória Carolina Fonseca, respectivamente.

Motivo da Escolha: A única fotografia que guarda o registro da bisavó.



Foto CF 02

Data: entre 1915 e 1916

Local: Estação Mairinque, em Mairinque, SP

Fotógrafo: não-identificado

Quantidade de cópias: 1

Tipo: Preto e Branco

Características: tamanho original 25 x 19,5 cm; papel fosco; pouco conservada (apagada e dobrada); bom contraste

Armazenamento: avulsa

Legenda: O pai de Celeste Ferrari, José Pires (sentado ao centro), já casado, na época em que foi chefe da Estação de Mairinque, acompanhado dos funcionários da estação, em fotografia produzida no seu local de trabalho.

Motivo da Escolha: a lembrança da profissão do pai em ocupação fora do circo.

“As fotografias do (tempo do) circo”



Foto CF 03

Data: por volta de 1942/1943

Local: Estúdio Fotográfico, em Mogi Mirim

Fotógrafo: profissional, contratado (não-identificado)

Quantidade de cópias: 1

Tipo: Colorida (efeito aquarela)

Características: tamanho original 18 x 24 cm; papel fosco; conservada; pouco contraste

Armazenamento: avulsa

Legenda: Época em que a informante, Dona Celeste, cantava no circo e foi a um estúdio fotográfico, vestida de Carmen Miranda, para ser fotografada. No canto esquerdo inferior há um pequeno recorte colado, com a imagem de Carmen Miranda, que um de seus filhos, Ivan, anexou para mostrar à mãe que ela “era mais bonita” que a famosa cantora e estrela de cinema.

Motivo da Escolha: É a foto em que mais gosta de se ver.



Foto CF 04

Data: 1926

Local: Estúdio Fotográfico

Fotógrafo: profissional, contratado (não-identificado)

Quantidade de cópias: 1

Tipo: Preto e Branco

Características: tamanho original oval, altura de 7,5 cm e diâmetro de 5 cm; papel fosco; conservada; pouco contraste

Armazenamento: álbum

Legenda: Celeste aos 5 anos, quando começou a dançar no circo, vestida com uma roupa confeccionada pela sua mãe.

Motivo da Escolha: As lembranças do início do seu trabalho no circo e da primeira roupa que usou para apresentação.



Foto CF 05

Data: 1936

Local: Circo “Leblon”, no Estado de São Paulo

Fotógrafo: não-identificado

Quantidade de cópias: 1

Tipo: Preto e Branco

Características: tamanho original 8 x 5,5 cm; papel brilhante; pouco conservada; pouco contraste

Armazenamento: álbum

Legenda: A família da informante Dona Celeste (da esquerda para à direita), o pai José, a mãe, Maria Delfina, a irmã Terezinha; Dona Celeste, os irmãos, dois funcionários do circo, e os irmãos dela, Artur, José e Fernando, em frente ao primeiro circo, chamado “Leblon”.

Motivo da Escolha: Destaca a imagem por ser uma das primeiras fotos a registrar a trajetória da família no circo.



Foto CF 06

Data: 1943

Local: Poços de Caldas, MG

Fotógrafo: não-identificado

Quantidade de cópias: 1

Tipo: Preto e Branco

Características: tamanho original 10,5 x 8 cm; papel brilhante; conservada; bom contraste

Armazenamento: álbum

Legenda: A informante Dona Celeste Ferrari e a irmã, Terezinha Pires Augusto, durante apresentação de bailado. Dona Celeste (à esquerda) cantava e a irmã era a principal dançarina.

Motivo da Escolha: A lembrança das apresentações com sua irmã, no picadeiro do circo da família.



Foto CF 07

Data: por volta de 1932

Local: estúdio fotográfico

Fotógrafo: profissional, contratado (não-identificado)

Quantidade de cópias: 1

Tipo: preto e branco

Características: tamanho original 9 x 13,5 cm; papel brilhante; conservada; bom contraste

Armazenamento: álbum

Legenda: O pai, José Pires, interpretando o personagem "Belarmino", o cantor, que apresentava no picadeiro do circo.

Motivo da Escolha: A lembrança do pai encenando o personagem "Belarmino".



Foto CF 08

Data: 1918

Local: estúdio fotográfico

Fotógrafo: profissional, contratado (não-identificado)

Quantidade de cópias: 1

Tipo: preto e branco

Características: tamanho original 12 x 17 cm; papel fosco; conservada; bom contraste

Armazenamento: avulsa

Legenda: A mãe da informante Dona Celeste, Maria Delfina Lobo Pires da Costa (à esquerda sentada), o pai, José Pires (em pé ao lado) e os irmãos, Artur e José.

Motivo da Escolha: Uma recordação da família numa época de Carnaval.



Foto CF 09

Data: por volta de 1949

Local: Circo "Marabá"

Fotógrafo: não-identificado

Quantidade de cópias: 1

Tipo: preto e branco

Características: tamanho original 22 x 14 cm; papel brilhante; conservada; pouco contraste

Armazenamento: álbum

Legenda: O picadeiro do Circo "Marabá", em data próxima ao Natal, quando se casando, a informante Dona Celeste também se despede do circo.

Motivo da Escolha: Uma das fotografias que traz a imagem do picadeiro do circo.



Foto CF 10

Data: por volta 1946

Local: estúdio fotográfico, em Serra Negra, SP

Fotógrafo: profissional, contratado (não-identificado)

Quantidade de cópias: 1

Tipo: preto e branco,

Características: tamanho original 17,5 x 22,5 cm; papel fosco; conservada; bom contraste

Armazenamento: avulsa

Legenda: O irmão mais novo da informante Dona Celeste, Fernando Pires.

Motivo da Escolha: Uma recordação em fotografia do irmão mais novo.



Foto CF 11

Data: entre 1948/1950

Local: Estúdio Fotográfico, em Serra Negra

Fotógrafo: profissional, contratado (não-identificado)

Quantidade de cópias: 1

Tipo: Preto e Branco

Características: tamanho original 17,5x23,5 cm; papel fosco; conservada; bom contraste

Armazenamento: avulsa

Legenda: O irmão mais velho da informante Dona Celeste, José Pires Filho.

Motivo da Escolha: Uma recordação do irmão mais velho de Dona Celeste, que lhe confiava segredos.

“As fotografias de uma época difícil”



Foto CF 12

Data: por volta de 1950
Local: Vila Formosa, em São Paulo
Fotógrafo: não-identificado
Quantidade de cópias: 1
Tipo: Preto e Branco
Características: tamanho original 9 x 7 cm; papel brilhante; conservada; bom contraste
Armazenamento: álbum
Legenda: a irmã, Terezinha, o pai, José e o irmão da informante, Artur, em frente à casa, comprada em São Paulo com o dinheiro da venda do circo.
Motivo da Escolha: Uma lembrança, triste, que faz Dona Celeste relembrar a venda do circo da família.



Foto CF 13

Data: por volta de 1937
Local: Carandaí, em Minas Gerais
Fotógrafo: não-identificado
Quantidade de cópias: 1
Tipo: Preto e Branco
Características: tamanho original 8 x 6 cm; papel brilhante; conservada; bom contraste
Armazenamento: álbum
Legenda: Fotografia da família da informante Dona Celeste, em Carandaí, no dia em que o circo se transformou em parque antes de ser vendido.
Motivo da Escolha: Dona Celeste lembra-se com tristeza desta fotografia que traz recordações de uma época de dificuldades para a família circense.



Foto CF 14

Data: 1944
Local: Poços de Caldas
Fotógrafo: não-identificado
Quantidade de cópias: 1
Tipo: Preto e Branco
Características: tamanho original 5,5 x 8 cm; papel brilhante; pouco conservada (rasgos e dobras); bom contraste
Armazenamento: álbum
Legenda: Dona Celeste, aos 23 anos, fotografada na Rádio Panamericana, em São Paulo, onde era locutora, ao lado de seu irmão, Fernando.
Motivo da Escolha: Dona Celeste confessa ter gostado muito da experiência de trabalho como locutora – um das primeiras mulheres da emissora – da Rádio Panamericana e “sentiu muito” por ter tido que pedir demissão a contragosto por imposição de seu pai.



Foto CF 15

Data: 1947**Local:** São Bernardo do Campo, em SP**Fotógrafo:** não-identificado**Quantidade de cópias:** 1**Tipo:** Preto e Branco**Características:** tamanho original 6,5 x 8,5 cm; papel brilhante; conservada; bom contraste**Armazenamento:** álbum**Legenda:** A amiga da informante Dona Celeste, Terezinha da Costa Lima e seu marido, Lainor, em um parque público, em São Bernardo do Campo. Esta fotografia recebeu de Terezinha como presente, em 1947.**Motivo da Escolha:** O marido de Terezinha havia morrido em um acidente de carro no percurso de São Bernardo do Campo para Santos, no qual estava também a amiga, que saiu ferida. Therezinha faleceu em 2001, no dia de Corpus Christi. Dona Celeste e Terezinha foram amigas durante 60 anos.

Foto CF 16

Data: por volta de 1937**Local:** no navio durante viagem entre Santos e uma cidade no Nordeste do País.**Fotógrafo:** não-identificado**Quantidade de cópias:** 1**Tipo:** Preto e Branco**Características:** tamanho original 5 x 8,5 cm; papel brilhante; conservada; bom contraste**Armazenamento:** álbum**Legenda:** O irmão da informante Dona Celeste, José Pires Filho, e a esposa dele, Maria José Martins Filho com o seu bebê de poucos meses. Todos fotografados no navio durante uma viagem que durou cerca de dois ou três dias. No percurso o bebê morreu e foi "sepultado" no mar.**Motivo da Escolha:** Dona Celeste guarda a fotografia como lembrança de uma das poucas imagens que foram registradas da criança.**Data:** por volta de 1940**Local:** Colégio de Botucatu, em SP**Fotógrafo:** postal (fotógrafo não-identificado)**Quantidade de cópias:** várias**Tipo:** Preto e Branco**Características:** tamanho original 13 x 8 cm; papel brilhante; conservada; bom contraste**Armazenamento:** álbum**Legenda:** Colégio de Botucatu, cidade onde a informante Dona Celeste nasceu e que até então (1940) não conhecia.**Motivo da Escolha:** Dona Celeste guardou este postal como sendo uma das únicas imagens que viu da cidade onde nasceu. Na época, morava em São João de Itatinga, SP.

Foto CF 17

“As fotografias mais recentes”



Foto CF 18

Data: 1948

Local: Igreja Santa Maria, em Jaguariúna

Fotógrafo: Profissional, contratado (não identificado)

Quantidade de cópias: 1

Tipo: preto e branco

Características: tamanho original 17 x 22,5 cm; papel brilhante; conservada; bom contraste

Armazenamento: álbum

Legenda: Fotografia do casamento da informante Dona Celeste com o farmacêutico, Walter Ferrari, ao lado das crianças convidadas para segurarem as alianças.

Motivo da Escolha: a recordação do dia do casamento.



Foto CF 19

Data: 1973

Local: Residência da informante Dona Celeste, em Jaguariúna

Fotógrafo: não-identificado

Quantidade de cópias: 1

Tipo: preto e branco

Características: tamanho original 24 x 17,5 cm; papel fosco; conservada; bom contraste

Armazenamento: álbum

Legenda: Dona Celeste (ao centro), o marido Walter Ferrari (à direita) e os filhos (da esquerda para direita), Vanderlei, Ivani, Walter Ferrari Júnior e Ivan em reunião comemorativa de Bodas de Prata.

Motivo da Escolha: Fotografia em que se encontram reunidos todos os seus filhos.



Foto CF 20

Data: por volta de 1974

Local: Jaguariúna

Fotógrafo: Profissional, contratado (não identificado)

Quantidade de cópias: 1

Tipo: preto e branco

Características: tamanho original 17 x 23 cm; papel fosco; conservada; bom contraste

Armazenamento: avulsa

Legenda: O marido da informante Dona Celeste, Walter, com a filha Ivani, durante a dança da valsa na noite de formatura.

Motivo da Escolha: Recordação da formatura da filha.



Foto CF 21

Data: por volta de 1955

Local: Jaguariúna, SP

Fotógrafo: Não-identificado

Quantidade de cópias: 1

Tipo: Preto e Branco

Características: tamanho original 18 x 11,5 cm; papel fosco; conservada; bom contraste

Armazenamento: álbum

Legenda: O marido de Celeste, Walter, e seus amigos, Maurício Hossri e Laércio Gothardo durante jantar do Lions Clube, em Jaguariúna.

Motivo da Escolha: Recordação dos eventos sociais do qual participava o marido falecido em 5 de outubro de 1990.



Foto CF 22

Data: por volta de 1980

Local: Hotel Andorinhas, em Campinas, SP

Fotógrafo: Não-identificado

Quantidade de cópias: 1

Tipo: Preto e Branco

Características: tamanho original 9,5 x 8 cm; papel brilhante; conservada; bom contraste

Armazenamento: álbum

Legenda: Evento no Hotel Andorinhas, do qual participaram a informante Dona Celeste e o marido. Walter vendeu ao hotel um armário, que tinha pertencido a sua farmácia, para abrigar garrafas de bebidas que faziam alusão a nomes antigos de medicamentos.

Motivo da Escolha: Recordação de fragmentos da farmácia do marido.



Foto CF 23

Data: por volta de 1980

Local: Residência dos sogros da informante Dona Celeste, em Jaguariúna, SP

Fotógrafo: não-identificado

Quantidade de cópias: 1

Tipo: colorida

Características: tamanho original 13 x 9 cm; papel brilhante; conservada; bom contraste

Armazenamento: álbum

Legenda: Os sogros da informante Dona Celeste, Deolindo, que exercia a profissão de sapateiro, e Anita, com os primeiros netos, José Guilherme e Fábio filhos de Ivani.

Motivo da Escolha: Dona Celeste revela que gostava muito dos pais de seu marido, Walter.



Foto CF 24

Data: 1989

Local: Residência da informante Dona Celeste

Fotógrafo: não-identificado

Quantidade de cópias: 1

Tipo: colorida

Características: tamanho original 14,5 x 9,5 cm; papel brilhante; conservada; bom contraste

Armazenamento: álbum

Legenda: Reunião da família no aniversário do segundo filho, Ivan.

Motivo da Escolha: Recordação de um dos encontros familiares, na casa do filho Ivan, quando o marido Walter ainda era vivo.



Foto CF 25

Data: setembro 1994

Local: Hospital Municipal, em Jaguariúna, SP

Fotógrafo: Profissional, contratado (não-identificado)

Quantidade de cópias: várias

Tipo: Preto e Branco, espontânea

Características: tamanho original 16 x 12,5 cm; papel brilhante; conservada; bom contraste

Armazenamento: avulsa

Legenda: Discurso da informante Dona Celeste durante a inauguração do Hospital Municipal de Jaguariúna que leva o nome do marido falecido em 5 de outubro de 1990, Walter Ferrari, com a presença do governador Luís Fleury e do então prefeito, Laércio Gothardo.

Motivo da Escolha: Recordação da homenagem prestada ao marido falecido.



Foto CF 26

Data: 27 de dezembro de 1998

Local: Hospital Municipal, em Jaguariúna - SP

Fotógrafo: Profissional, contratado (não-identificado)

Quantidade de cópias: várias

Tipo: Colorida, espontânea

Características: tamanho original 20 x 25 cm; papel brilhante; conservada; bom contraste

Armazenamento: avulsa

Legenda: A informante Celeste, no centro da foto, em inauguração da maternidade do Hospital Municipal, que leva o nome de seu marido falecido, Walter Ferrari.

Motivo da Escolha: Fotografia que recebeu de presente do então prefeito, Maurício Hossri, e da primeira-dama, Maria, (ambos ladeando Dona Celeste) para registrar sua participação na inauguração da maternidade.



Foto CF 27

Data: 1989

Local: Residência de Celeste Ferrari, em Jaguariúna, SP

Fotógrafo: não-identificado

Quantidade de cópias: 1

Tipo: preto e branco

Características: tamanho original 25 x 20 cm; papel brilhante; conservada; bom contraste

Armazenamento: álbum

Legenda: A informante Dona Celeste, os filhos, noras e netos, em reunião familiar.

Motivo da Escolha: Fotografia em que se encontra toda a família reunida.



Foto CF 28

Data: dezembro 1999

Local: Escola Estadual Maria Tereza Piva, em Jaguariúna

Fotógrafo: amador (não-identificado)

Quantidade de cópias: várias

Tipo: colorida

Características: tamanho original 18,5 x 12,5 cm; papel brilhante; conservada; pouco contraste (escura)

Armazenamento: avulsa

Legenda: Dona Celeste, a pedido da direção da escola, faz uma apresentação para alunos sobre a sua vida no circo encenando um número no arame.

Motivo da Escolha: Recordação de uma das apresentações mais recentes em que retoma a sua vida no circo para crianças da escola.

B) ‘Panorama’ de Seo Moacir Malachias (20 fotografias)

A coleção fotográfica de Seo Moacir, apresentada a seguir, está composta por 20 fotografias entregues numa ordem informal pelo entrevistado. O leitor poderá descobrir as imagens numa visão de conjunto, antes de ler, foto a foto, o respectivo comentário descritivo⁷.

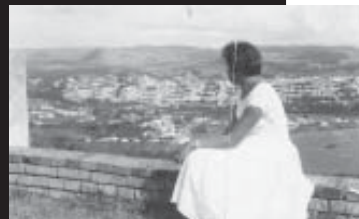
⁷ Comentário descritivo baseado - lembramos - nos dados presentes na entrevista (ver *Anexo I* : p. 71)



MM01



MM02



MM03



MM04



MM05



MM06



MM07



MM08



MM09



MM10



MM11



MM12



MM13



MM14



MM15



MM16



MM17



MM18



MM19



MM20



Foto MM 01

Data: 1976

Local: Sítio Capitinga, em Jaguariúna - SP

Fotógrafo: Moacir Malachias

Quantidade de cópias: 1

Tipo: colorida

Características: tamanho original 12 x 9 cm; papel brilhante; pouco contraste; boa conservação

Armazenamento: avulsa (guardada fora de álbum, mas integrante de uma série produzida do sítio)

Legenda: Plantação de arroz do Sítio Capitinga, que pertence à família do informante Seu Moacir. Na fotografia aparecem o pai, José Malachias, o irmão, José, e as cinco filhas do informante, Maria Cristina, Márcia, Kátia, Silvia e Rosa.

Motivo da Escolha: Seo Moacir guarda com orgulho a fotografia que traz a recordação do sítio que pertenceu ao pai e ainda hoje é da família.



Foto MM 02

Data: 1963

Local: Jaguariúna, SP

Fotógrafo: Moacir Malachias

Quantidade de cópias: mais de uma cópia (não sabe precisar)

Tipo: preto e branco

Características: tamanho original 14 x 9 cm; papel brilhante; pouco conservada (manchas); bom contraste

Armazenamento: avulsa (guardada fora de álbum, mas integrante de uma série sobre diferentes assuntos que produziu para o jornal "Comarca" de Mogi Mirim)

Legenda: Acidente com vagões de trem na saída da linha para Jaguariúna. A fotografia foi produzida pelo informante Seo Moacir para ser publicada no jornal "Comarca" de Mogi Mirim.

Motivo da Escolha: A fotografia traz lembranças sobre o trabalho de Seo Moacir como fotógrafo correspondente do jornal "Comarca".



Foto MM 03

Data: 1963

Local: São José do Rio Pardo - SP

Fotógrafo: Moacir Malachias

Quantidade de cópias: 1

Tipo: preto e branco

Características: tamanho original 13,5 x 9 cm; papel brilhante; pouco conservada (dobras e cortes); bom contraste

Armazenamento: avulsa

Legenda: A esposa do informante Seo Moacir, Ivete Teodoro Malachias, fotografada por ele, num ponto alto da cidade de São José do Rio Preto, durante uma viagem do casal.

Motivo da Escolha: É a fotografia que mais aprecia, dentre as produzidas por ele, de sua esposa, Ivete.



Foto MM 04

Data: 1945

Local: Rio Jaguari, em Jaguariúna, SP

Fotógrafo: José Malachias (irmão de Moacir)

Quantidade de cópias: 1

Tipo: preto e branco

Características: tamanho original 9 x 6,5 cm; papel brilhante; conservada; pouco contraste

Armazenamento: avulsa

Legenda: O informante Seu Moacir, aos 18 anos, nadando no rio Jaguari durante uma das enchentes ocorridas.

Motivo da Escolha: A lembrança de uma das grandes enchentes ocorridas no Rio Jaguari, que Seu Moacir presenciou e fotografou. Algumas de suas fotografias foram publicadas em jornais da região de Jaguariúna.



Foto MM 05

Data: 1960

Local: centro urbano de Jaguariúna, SP

Fotógrafo: Moacir Malachias

Quantidade de cópias: várias

Tipo: preto e branco

Características: tamanho original 9 x 6,5 cm; papel brilhante; conservada; bom contraste

Armazenamento: avulsa (guardada fora de álbum, mas integrante da coleção de fotografias publicadas no jornal "Comarca")

Legenda: Vista do centro de Jaguariúna e ao fundo o Rio Jaguari transbordando por ocasião de enchente.

Motivo da Escolha: A fotografia, produzida pelo informante Seu Moacir foi publicada no jornal "Comarca", em Mogi Mirim acompanhando o texto da reportagem sobre a enchente ocorrida na cidade. A fotografia é uma das mais destacadas pelo informante dentre as demais que registrou sobre o mesmo assunto.



Foto MM 06

Data: 1955

Local: Fazenda bairro Guedes, em Jaguariúna - SP

Fotógrafo: Moacir Malachias

Quantidade de cópias: 2

Tipo: preto e branco

Características: tamanho original 13,5 x 8,5 cm; papel brilhante; conservada; bom contraste

Armazenamento: avulsa

Legenda: Os familiares de Darci Machado de Souza (em pé à direita), veterinário na cidade, no dia de aniversário da matriarca da família (sentada ao centro).

Motivo da Escolha: O informante foi especialmente contratado para fotografar a comemoração. Seu Moacir lembrou-se da ocasião por ter guardado uma cópia das fotografias do evento que fez por encomenda da família de Seu Darci.



Foto MM 07

Data: 1960

Local: Rua Cândido Bueno, em Jaguariúna - SP

Fotógrafo: Moacir Malachias

Quantidade de cópias: 2

Tipo: preto e branco

Características: tamanho original 10 x 7 cm; papel brilhante; conservada; pouco contraste

Armazenamento: avulsa (parte da série produzida, mas não publicada, para o jornal "Comarca")

Legenda: Desfile de escolas públicas estaduais de Jaguariúna em comemoração ao 7 de Setembro.

Motivo da Escolha: Recordação do trabalho de cobertura fotográfica exercido pelo informante para o jornal "Comarca".



Foto MM 08

Data: 1976

Local: Proximidades da Fazenda Bela Vista, em Jaguariúna - SP

Fotógrafo: Moacir Malachias

Quantidade de cópias: 2

Tipo: colorida

Características: tamanho original 12 x 9 cm; papel brilhante; conservada; bom contraste

Armazenamento: avulsa (parte da série produzida para o jornal "Comarca").

Legenda: Acidente entre dois caminhões registrado pelo informante Seo Moacir como repórter fotográfico correspondente do jornal "Comarca" de Mogi Mirim.

Motivo da Escolha: Recordação do trabalho de cobertura fotográfica exercido pelo informante para o jornal "Comarca".



Foto MM 09

Data: 1980

Local: Rua Cândido Bueno, em Jaguariúna - SP

Fotógrafo: Moacir Malachias

Quantidade de cópias: 1

Tipo: colorida

Características: tamanho original 12 x 18 cm; papel brilhante; conservada; bom contraste

Armazenamento: avulsa

Legenda: A filha do informante Seo Moacir, Kátia, fotografada pelo pai durante o desfile escolar comemorativo ao 7 de Setembro.

Motivo da Escolha: Recordação da fase escolar da segunda filha, Kátia.



Foto MM 10

Data: 1980

Local: Rua Cândido Bueno, em Jaguariúna, SP

Fotógrafo: Moacir Malachias

Quantidade de cópias: 1

Tipo: colorida

Características: tamanho original 12,5 x 9 cm; papel brilhante; conservada; pouco contraste

Armazenamento: avulsa

Legenda: A filha mais nova do informante Seu Moacir, Rosa, fotografada durante o desfile escolar comemorativo ao 7 de Setembro.

Motivo da Escolha: Lembrança da fase escolar da caçula, Rosa, nos desfiles que o informante fotografava para o jornal "Comarca".



Foto MM 11

Data: década de 80

Local: Mogi Guaçu, SP

Fotógrafo: Moacir Malachias

Quantidade de cópias: 1

Tipo: sépia

Características: tamanho original 18 x 12cm; papel brilhante; conservada; pouco contraste

Armazenamento: avulsa

Legenda: A terceira das cinco filhas do informante Seu Moacir, Márcia, fotografada pelo pai, durante disputa de pentatlo em competição sediada em Mogi Guaçu.

Motivo da Escolha: Seo Moacir apresenta a fotografia como uma representação da importante fase da carreira de atleta da terceira de suas filhas, Márcia, que chegou a integrar a seleção brasileira.



Foto MM 12

Data: década de 80

Local: Jaguariúna, SP

Fotógrafo: Moacir Malachias

Quantidade de cópias: 1

Tipo: colorida

Características: tamanho original 12,5 x 9 cm; papel brilhante; conservada; bom contraste

Armazenamento: avulsa

Legenda: Desfile de escolas, comemorativo ao 7 de Setembro, do qual participava a terceira filha do informante Seo Moacir, Márcia.

Motivo da Escolha: Seo Moacir guarda a recordação de um dos momentos da vida escolar também da filha Márcia.



Foto MM 13

Data: 1973

Local: bairro Guedes, em Jaguariúna - SP

Fotógrafo: Moacir Malachias

Quantidade de cópias: 1

Tipo: preto e branco

Características: tamanho original 10 x 7,5 cm; papel brilhante; pouco conservada; pouco contraste (escura)

Armazenamento: avulsa

Legenda: Draga de extração de areia do informante Seu Moacir, no bairro Guedes, em Jaguariúna.

Motivo da Escolha: Lembrança de um período da vida profissional de Seo Moacir em que toma a decisão de mudar de trabalho (era comerciante) e passa a ser dono do negócio de extração de areia.



Foto MM 14

Data: 1962

Local: Rua General Gomes Carneiro, 181, bairro Berlim, Jaguariúna - SP

Fotógrafo: Moacir Malachias

Quantidade de cópias: 1

Tipo: preto e branco

Características: tamanho original 13,5 x 8,5 cm; papel brilhante; conservada; bom contraste

Armazenamento: avulsa

Legenda: Início da construção da primeira casa própria do informante Seo Moacir, na rua General Gomes Carneiro, número 181, em Jaguariúna, onde reside até hoje. O pai do informante, José Malachias, aparece no primeiro plano em frente à construção.

Motivo da Escolha: O informante destaca a fotografia remetendo ao incentivo dado pelo seu pai para a construção da primeira casa.



Foto MM 15

Data: 1959

Local: Fazenda das Vertentes, Serra Negra, SP

Fotógrafa: Ivete Teodoro Malachias

Quantidade de cópias: 1

Tipo: preto e branco

Características: tamanho original 11,5 x 9 cm; papel brilhante; conservada; bom contraste

Armazenamento: avulsa

Legenda: Passeio do informante Seo Moacir (no barco) com a esposa, Ivete, na Fazenda Vertente, em Serra Negra, quando ainda eram solteiros.

Motivo da Escolha: Fotografia remete à fase da vida em que o informante ainda era solteiro e vivia um romance com a futura esposa, Ivete.



Foto MM 16

Data: 1962

Local: Serra Negra, SP

Fotógrafo: Moacir Malachias

Quantidade de cópias: 10

Tipo: preto e branco

Características: tamanho original 9 x 12 cm; papel brilhante; pouco conservada; bom contraste

Armazenamento: avulsa

Legenda: A esposa, Ivete Teodoro Malachias, no início de sua gravidez, em viagem à Serra Negra com o marido, o informante Seo Moacir.

Motivo da Escolha: Uma das fotografias que guarda com carinho por representar a gravidez da esposa.



Foto MM 17

Data: 1947

Local: Aparecida do Norte, SP

Fotógrafo: Moacir Malachias

Quantidade de cópias: 1

Tipo: Preto e Branco

Características: tamanho original 13,5 x 9 cm; papel brilhante; conservada; bom contraste

Armazenamento: avulsa

Legenda: Uma visita da família do informante, Seo Moacir, à Aparecida do Norte por ocasião do batizado de Francisco Massuci (no colo à direita). Na foto (da direita para à esquerda) Nicola Massuci e Luís Carlos (criança), Antonia (a cunhada), Nair (mãe de Seu Moacir) e a então noiva do informante, Ivete.

Motivo da Escolha: O informante faz referência à fotografia recordando-se do seu primeiro "automóvel", um Ford.



Foto MM 18

Data: década de 80

Local: Campinas, SP

Fotógrafo: profissional (não-identificado)

Quantidade de cópias: 1

Tipo: colorida

Características: tamanho original 25,5 x 20,5 cm; papel brilhante; conservada; pouco contraste

Armazenamento: avulsa

Legenda: O dia da formatura da segunda das cinco filhas do informante Seo Moacir, Kátia, no curso de graduação em Educação Física, pela PUC Campinas.

Motivo da Escolha: A importância da profissão conquistada pela sua segunda filha.



Foto MM 19

Data: 1945

Local: Estúdio em Campinas, SP

Fotógrafo: profissional (não-identificado)

Quantidade de cópias: 1

Tipo: preto e branco

Características: tamanho original 7,5 x 11,5 cm; papel brilhante; conservada; pouco contraste

Armazenamento: álbum individual, padrão formato livreto, com proteção de papel de seda e recorte oval para foto colada no tamanho original.

Legenda: Lembrança da formatura do informante Seo Moacir no curso oferecido pela Companhia Mogiana, aos 18 anos.

Motivo da Escolha: Fotografia remete à fase de formação escolar do informante.



Foto MM 20

Data: por volta de 1935

Local: quintal de sua casa em Jaguariúna, SP

Fotógrafo: não-identificado

Quantidade de cópias: 1

Tipo: preto e branco

Características: tamanho original 3 x 4 cm; papel brilhante; pouco conservada; pouco contraste

Armazenamento: guardada no mesmo álbum individual da MM 19.

Legenda: Fotografia produzida, na infância do informante Seo Moacir, por volta dos 8 anos. O registro foi feito por fotógrafos contratados pela Mogiana, que vieram à sua casa para fazer uma foto do pai dele, José, que era funcionário da Companhia.

Motivo da Escolha: Um dos registros mais antigos da infância do informante.

**INTERLÚDIO:
PERCURSOS DA MEMÓRIA VISUAL**

O trabalho de elaboração dos dois “panoramas existenciais” se completava quando, relendo mais uma vez a entrevista de Dona Celeste, fomos despertados pela natureza da “provocação” que fazia a ela no final de um de nossos encontros e, sobretudo, pela natureza da sua resposta espontânea que apresentava. Eis o contexto do trecho da entrevista:

“Pesquisadora: Então Dona Celeste, outra coisa que eu queria ver com a senhora, eu separei algumas fotografias, porque agora na segunda parte do meu trabalho eu vou retrabalhar as fotografias com as pessoas [...] Mas eu já andei olhando um pouco das suas fotografias e eu queria só voltar algumas delas, são só duas, tudo bem, a senhora teria mais alguns minutinhos ?

Dona Celeste: Pois não, tô ao seu dispor.

Pesquisadora: Então tá bom. Eu tô com elas aqui, uma é essa aqui do seu casamento...

Dona Celeste: Tá linda essa, viu!

Pesquisadora: Tá bonita sim.

Dona Celeste: Aqui tem dez metros de pano [...]”

A solicitação, que nem tinha chegado a ser um convite explícito à informante, foi suficiente para que Dona Celeste iniciasse logo um comentário longo e preciso sobre as duas fotografias que eu lhe apresentava: a “*recordação do dia do casamento*” (CF 18) e as “*apresentações com sua irmã no picadeiro do circo da família*” (CF 06).

Este comentário e diálogo, que o leitor poderá reler na íntegra (ver *Anexo I*, p.63), interessará aqui, mais uma vez, duplamente. Primeiro, para lembrar, como efetivamente, a memória é provocada e despertada a partir de signos visuais, ou melhor, como as imagens servem de potentes detonadores da memória¹.

O diálogo que Dona Celeste tecia conosco acerca de duas de suas fotografias, todavia, conduzia a pensar em uma outra dimensão do *trabalho* da memória: os *seus próprios percursos*. Percursos de uma memória que se move dentro do quadro da fotografia, estimulada por este ou aquele sinal, incitada por detalhes e que, de repente, “se põe a falar”, ganha voz. Percursos de uma memória, ainda, que efetua um movimento de vaivém, quando sai da fotografia para além de sua moldura, se desloca e viaja afora do campo visual, para instantes depois, reintegrar o seu quadro e partir para novas evocações e recordações.

Esses percursos da memória são evidentemente múltiplos, talvez, até infinitos em termos de configuração. E a questão do *trabalho* da memória para ser desvendada, minimamente, exigiria um paciente exame de centenas de experiências nesta direção. Experiências que não poderíamos realizar agora, a não ser, oferecendo ao leitor algumas amostras (de Dona Celeste e Seu Moacir) que precisarão os contornos operacionais a que daremos o nome genérico de “*Percurso da Memória Visual*”.

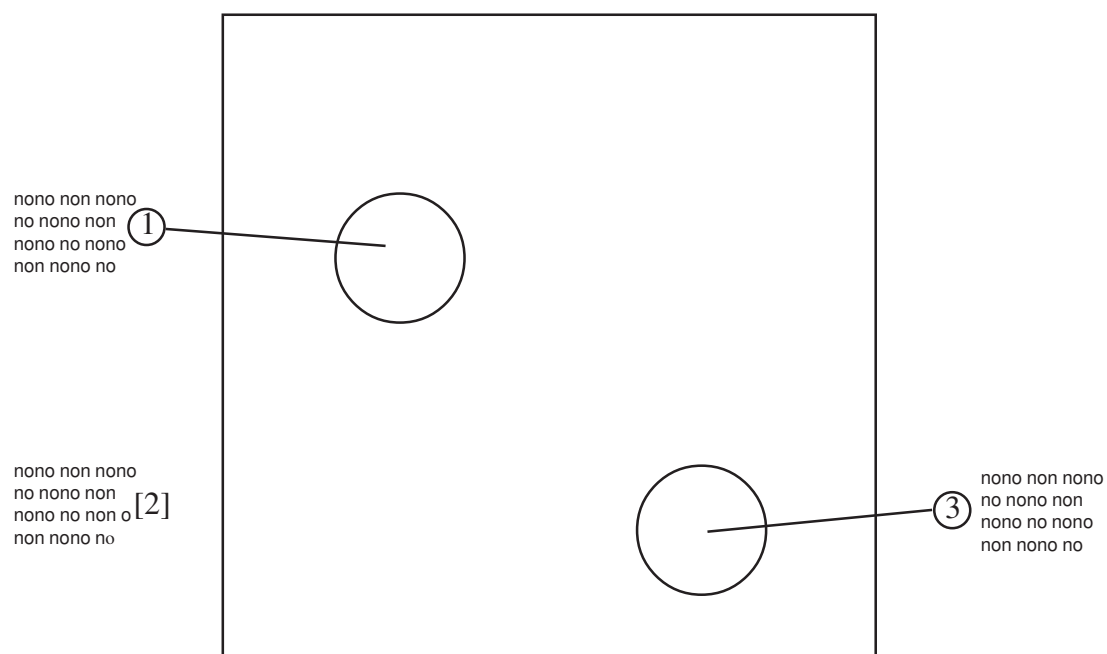
O instrumento que desenvolvemos, basicamente, nasce do que a entrevista nos revelou: uma descrição em forma de relato oral que às vezes se inicia na fotografia e, de repente, sai dela, por um determinado tempo, quando, repentinamente, um outro elemento fotográfico faz o informante retornar para ela – essencialmente uma forma, um percurso, sobretudo, uma maneira de organizar o pensamento.

Para trabalhar com este percurso, foi solicitado aos entrevistados que iniciassem livremente seu relato oral sobre e a partir da fotografia. Os pontos

¹ Sobre essa função “despertativa” das imagens, ver, entre outros autores, SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von. “Imagem e Memória” In: SAMAIN, Etienne (Org.). *O Fotográfico*, São Paulo: Hucitec, 1998, p. 21-34; GOMBRICH, Ernest “L’Image visuelle” (Paris, Minuit); LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *Retratos de Família: leitura da fotografia histórica*. São Paulo: Edusp, 2ª edição, 2000. Sobre esta questão também, no futuro, ficaremos atentos ao que escreve Rudolf Arnheim em “O Pensamento Visual” (original inglês: ARNHEIM, Rudolf. *Visual Thinking*. London, England: University of California Press, 1969).

percorridos pela fala do informante foram gravados, e anotados em caderno de campo, numa seqüência numérica (1,2,3...), cercando com um ○ (um círculo) o motivo ou assunto apontado *dentro* da fotografia e, abrindo os [] (colchetes), cada vez que a narração dizia respeito a dados ou informações situados *fora* do campo da fotografia. As descrições relativas a cada ponto percorrido pelo informante são, sempre, transcrições literais de trechos da gravação.

A seguir (A) *Diagrama indicativo* de “Percurso da Memória Visual” e (B) *Modelos* de “Percurso da Memória Visual”, construídos a partir de comentários que foram tecidos em torno de fotografias de Dona Celeste e Seo Moacir.

A) Diagrama indicativo de “Percurso da Memória Visual”

Legenda:

○ - Dentro da moldura da fotografia

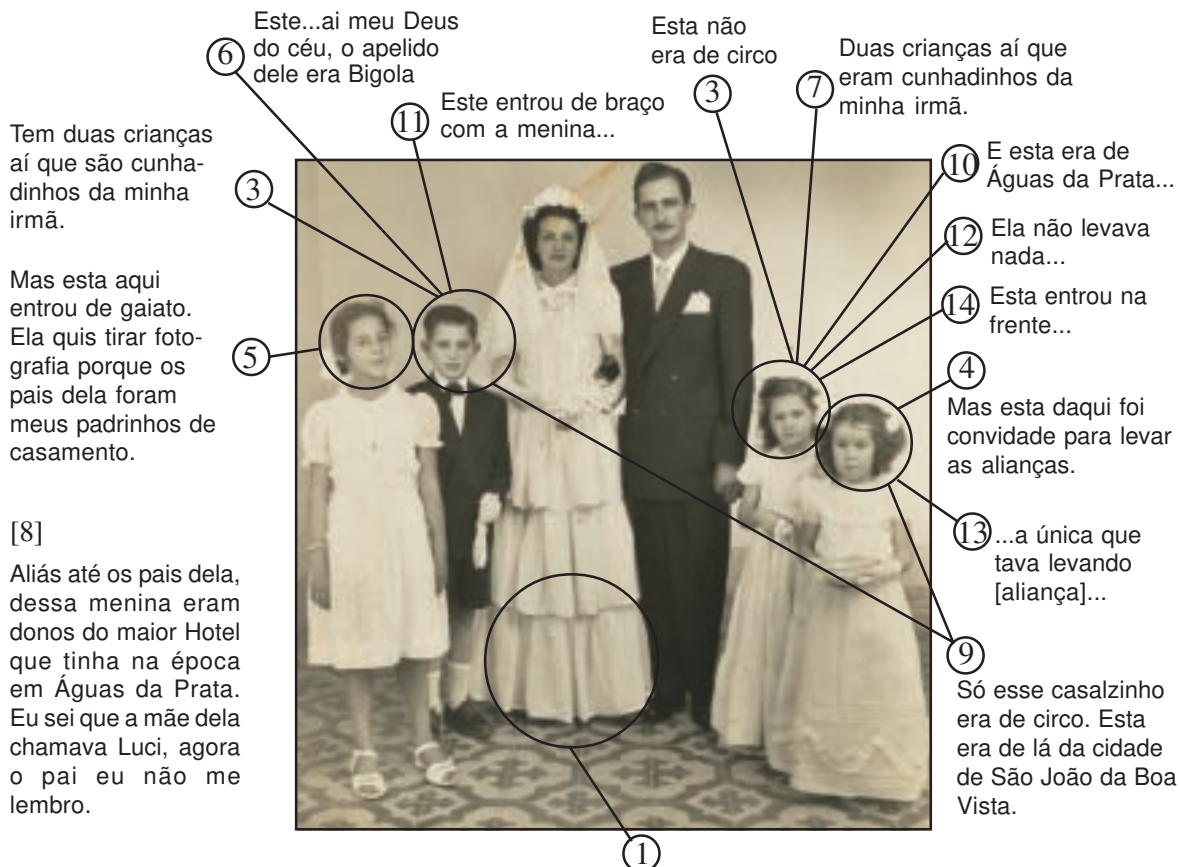
[] - Fora da moldura da fotografia

B) Modelos de “Percurso da Memória Visual”

Modelo 1

Informante: Celeste Pires da Costa Ferrari

Fotografia: CF 18



Tá linda essa viu... Aqui tem dois metros de pano. Eu pedi para a costureira fazer a parte de baixo em godê pra depois pregar os babados. Eu queria que ficasse bem-rodado. A bandida não fez feito um saco?! É, ela fez um saco assim e pregou (...) com babado sim, mas eu queria bem godê a parte e ela me fez isso daí. Ah, mas olha, eu senti tanto ... chorei ... Ah, mas o que que eu vou fazer?

[2]

Eu tive que aceitar porque a gente não tinha dinheiro, o circo não dava, principalmente em dezembro, tempo de chuva, quase a gente não trabalhava. O pano mesmo foi o Walter que me deu (...)
Bom, quando nós casamos eu estava doente, pra variar. Tava com úlcera no duodeno, mas ele quis casar né, não quis adiar. Então, eu já estava meio doente. Foi com um pouco de sacrifício até que casamos, porque ele também naquela ocasião era empregado numa farmácia, não era rico, o pai era sapateiro e a mãe dona-de-casa, mas eles não eram ricos. Mas como diz que o amor é cego, eu não sei o que ele viu em mim. Palavra! Olha, eu te juro, eu não sei o que que esse moço viu comigo. Era pobre, não tinha riqueza, não tinha nada, nem dinheiro quase para o casamento não tinha. Estava doente, era quatro anos mais velha que ele e finalmente eu era de circo, né? Você acha que uma família do lugar vai concordar, vai consentir que seu filho case com uma moça de circo, principalmente comigo que tinha todos estes defeitos? Mas graças a Deus casamos e fomos muitos felizes até muito! Ele era um homem, muito bom, muito prestativo ... ele não era de muito carinho, muita coisa não, porque a mãe dele era assim, a mãe dele tinha um ciúme louco do filho, né... E às vezes quando ele chegava em casa, da farmácia, que ele ia me beijar ela falava, *vocês não tiveram tempo quando solteiros, agora vai ficar com esse melado aí?* Ela falava, que ela era brava... Mas assim mesmo moramos dois anos na casa dela...o que ele ganhava não dava pra..., ele ajudava na casa, né? Não dava pra pagar o aluguel da casa... Depois Pedreira numa farmácia, depois quando viemos de lá, eles compraram a farmácia e voltei a morar com ela, porque não tinha lugar. Daí o que era antigo dono da farmácia nos cedeu um quarto (...) e já tinha a minha primeira filha, a Ivani (...). Os três anos que eu morei ali sofri muito, porque ele tacava cada indireta(...)

Modelo 2

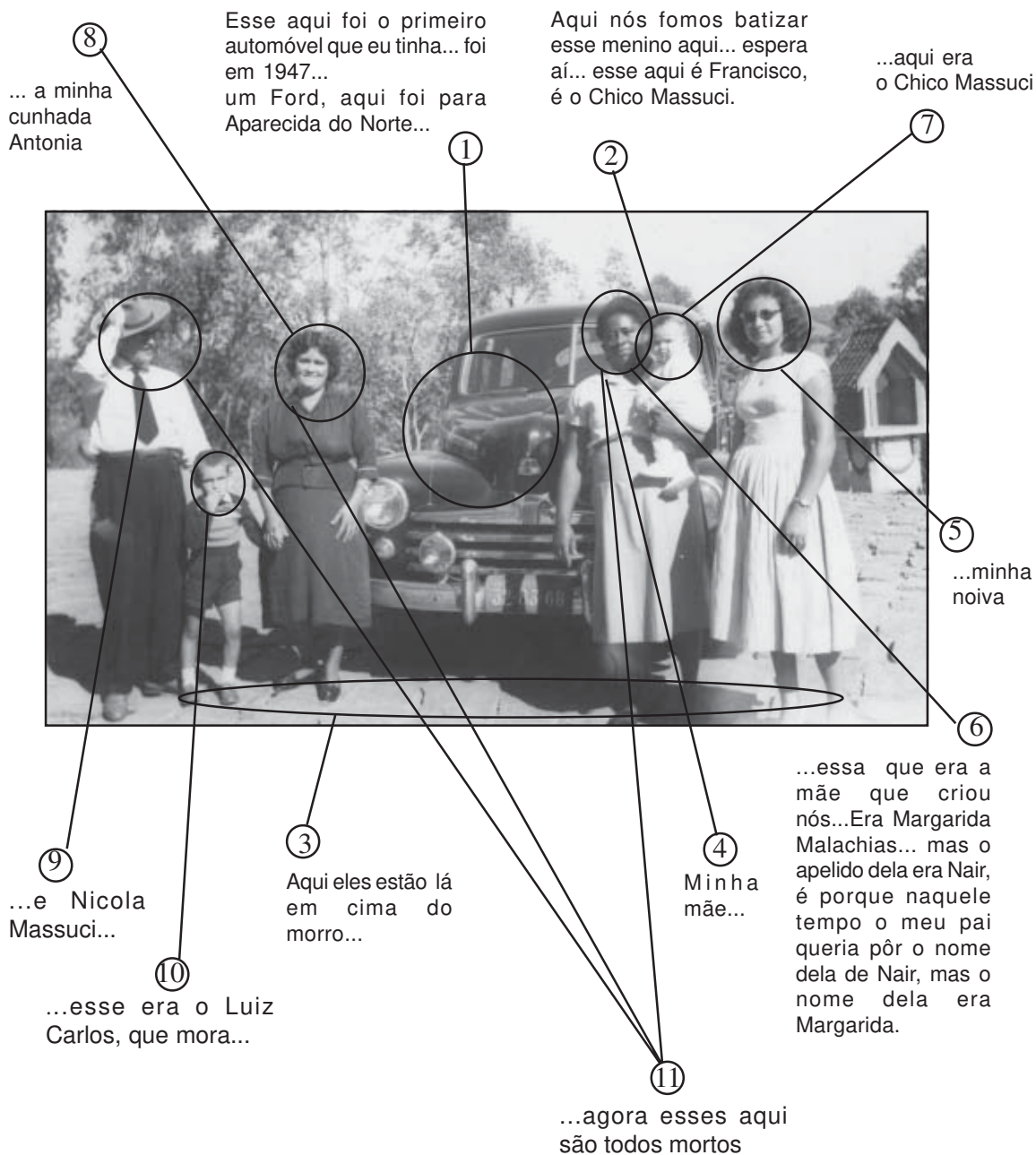
Informante Celeste Pires da Costa Ferrari

Fotografia: CF 06



[1]

Eu cantava na época e dançava também então nós fazíamos músicas, como é que a gente fala, ai meu Deus, esqueci da palavra ... Nós..., eu cantava, depois quando tocava a música inteira nós dançávamos, tem um nome desse treco aí. Ai Senhor! Quem sabe até a minha irmã lembraria. Eu, dos nove irmãos que tive, só uma que eu tenho agora, o resto todos falecidos (...) Terezinha. Ela também foi casada com um rapaz de circo. Sofreu muito com ele, aí ele mandou ela embora, ela veio aqui em casa. Aqui eu falei que aqui em casa era pára-raio. Toda a minha família, qualquer coisa que tinha vinham aqui em casa. O meu último irmão, que morreu, ele era mais novo do que eu ... ele separou-se da mulher em Serra Negra e ele ficou lá, aí ele...teve dois enfartes...o primeiro que ele teve eu fui com a minha filha até pra fazer uma visita pra ele, não sabíamos que ele estava no hospital. Ai onde ele trabalhava ele era barbeiro, o patrão dele falou que ele estava no hospital, que ele tinha tido um enfarte, aí nós fomos lá. Depois eu falei pra ele, *quando você sair daqui vá pra casa*, que ele tava sozinho lá, né?, a mulher abandonou e foi embora pra São Paulo. Mas ele não veio, ficou ainda lá um tempo aí ele teve o segundo enfarte. Ai nós fomos lá outra vez e eu falei pra ele, *não Fernando, agora você vai pra casa sim* (...), ele ficou quatro anos aqui comigo e morreu aqui. Então, papai tinha qualquer coisa vinha aqui pra casa, mamãe tinha qualquer coisa vinha aqui pra casa ... , minha irmã tinha qualquer coisa vinha aqui, aqui era pára-raio. Ainda bem que o Walter nunca foi um homem assim que dissesse sua família está me dando trabalho, tá me dando gastos, nunca ele falou isso... pelo contrário ele agradava, dava roupas...está me dando trabalho...pelo contrário ele agradava quem viesse.

Modelo 3**Informante: Moacir Malachias****Fotografia: CF 17**

O grafismo exploratório² do modelo – uma ferramenta que deve ser entendida como um meio e não como um fim em si – permite acompanhar visualmente os deslocamentos espaços-temporais da memória dentro e fora da fotografia. Este instrumento funciona como um marcador de pistas que delinea progressivamente um “território do imaginário”. O trabalho que a memória realiza a partir de cada fotografia é, assim, uma viagem em direção a territórios imprevisíveis.

Que interesse poderiam ter esses “Percursos Memória Visual”? Serão capazes de fazer avançar neste universo dos “Retratos da Velhice”? Não podemos responder agora a tais perguntas, pois, como já foi dito, a pertinência heurística do modelo somente poderá se configurar mediante e a partir de centenas de percursos visuais prévios.

Ao finalizar esses “Percursos da Memória Visual”, devemos evidentemente remeter o leitor às propostas analíticas que Roland Barthes deixou no seu último livro *A Câmara clara. Nota sobre a fotografia*³, quando requalificando seus conceitos anteriores de “óbvio” e “obtusos”⁴, fala respectivamente de “*studium*” e de “*punctum*”. Para Barthes a fotografia pode ser encarada com um “campo de estudo”; ela é efetivamente um “*studium*”. Mas ela é, também, esse “detalhe”, esse “acaso que, nela, me punge (mas também me mortifica, me fere)”; este “suplemento” (de sentido), que a inteligência não chega a absorver mas que o corpo reivindica: o *punctum*. Com

² Olhando para os três modelos que acabamos de apresentar, não se deve descartar a possibilidade futura de tirar proveito das “configurações” que os mesmos oferecem:

Exemplo 1 (Dona Celeste): ○ - [] - ○ - ○ - [] - ○

Exemplo 2 (Dona Celeste): [] - ○ - ○ - []

Exemplo 3 (Seu Moacir): ○ - ○ - ○ - ○ - ○ - ○ - ○ - ○ - ○ - ○

³BARTHES, Roland. *A Câmara clara. Nota sobre a fotografia*, Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2ª ed., 1984 [original francês, 1980].

⁴ BARTHES, Roland. “O terceiro sentido. Notas de pesquisa sobre alguns fotogramas de S.M. Eisenstein”[1970] e “Retórica da imagem”, ambos in *O óbvio e o obtuso*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

o *punctum*, não é mais o intelecto que fala, é o corpo (e seus afetos) que age e que reage⁵.

Reconhecido isso, a própria estruturação atual do modelo abre para duas outras considerações. Uma diz respeito à modalidade do olhar fotográfico e remete à especificidade investigativa vertical deste olhar, comparado ao processo de varredura do olhar cinematográfico. Outra consideração levantará uma questão de natureza mais filosófica ao lembrar que a fotografia não é apenas um *objeto* (uma imagem) e, sim, por essência, uma maneira de *ver e de pensar* a realidade humana.

Num denso artigo de homenagem a Roland Barthes, “*Um retorno à Câmara Clara. Roland Barthes e a antropologia visual*”⁶ Samain levanta no final uma reflexão que, antes de mais nada, é um questionamento. Escreve:

*“Ver um filme não é olhar para uma fotografia. São atos de observação, posturas do olhar, muito diferentes. ‘Assiste-se’ a um filme, ‘mergulha-se’ numa fotografia. De um lado, um olhar horizontal, do outro, um olhar vertical, abissal. Enquanto as imagens projetadas levam o espectador num fluxo temporal contínuo, que procura seguir e entender; as fotografias por sua vez, o fixam num congelamento do tempo e o convidam a entrar na espessura de uma memória. Diante da tela, somos viajantes e navegadores; diante da fotografia, tornamo-nos analistas e arqueólogos”*⁷

Considerando a fotografia uma superfície lisa, coberta por inscrições e de signos, e consciente de que a maneira de olhar para ela, apela para uma descida e convoca para um “olhar vertical, abissal”, passamos a compreender,

⁵ SAMAIN, Etienne. “Um retorno à ‘Câmara Clara’: Roland Barthes e a antropologia visual”, In: SAMAIN, Etienne (Org.). *O Fotográfico*. São Paulo: Hucitec/CNPq, 1998, p. 121-134, aqui, p. 130-131.

⁶*Ibid.*, p. 121-134.

⁷*Ibid.*, p. 132-133.

sob um ângulo novo, o trabalho da memória articulada à fotografia. Melhor do que falar – como acabamos de fazer – de “deslocamentos espaços-temporais da memória para *dentro e fora* da fotografia” ou, ainda, de “percursos de uma memória que efetua um movimento de vaivém, quando sai da fotografia para além da moldura, se desloca e viaja afora do campo visual, para, instantes depois, reintegrar o seu quadro”, deveríamos considerar esse trabalho da memória como uma investigação, uma espécie de viagem que faria um arqueólogo: “lento afundamento..., passando pelas sucessivas camadas do terreno de sua exploração... atraído pelo peso da gravidade e convocado a uma descida subterrânea dentro e abaixo de sua superfície achatada”⁸. A memória é uma interioridade: caça nas profundidades, nas espessuras e nas filigranas das representações humanas.

Outra reflexão, relacionada à questão da singularidade da nossa maneira (*forma*) de olhar fotografias, seria a levantada, desta vez, pelo próprio Barthes em *A Câmara Clara* que Philippe Dubois soube orquestrar em dois artigos particularmente inspirados⁹. Barthes, em 1980, escrevia, não sem provocação, que “gostava da Foto contra o cinema”. Precisava que “na Foto, alguma coisa *se pôs* diante do pequeno orifício e aí *permaneceu* para *sempre...* mas no cinema alguma coisa *passou* diante do mesmo pequeno orifício: a pose é levada e negada pela seqüência contínua das imagens: é uma outra fenomenologia, uma

⁸Ver ainda do mesmo autor “Modalidades do olhar fotográfico”, In: ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson (Org.), *Ensaaios (sobre o) Fotográfico*. Porto Alegre: Unidade Editorial da Prefeitura de Porto Alegre, 1998, p. 109-114, aqui, p. 110.

⁹DUBOIS, Philippe. “Le regard photographique de Roland Barthes” in *Roland Barthes, une aventure avec la Photographie. La Recherche Photographique*, nº 12, junho de 1992, p. 67-70 e “A linha geral (as máquinas de imagens)”, in *Cadernos de Antropologia e Imagem*, nº 9, Rio de Janeiro: UERJ, 1999, p. 65-85.

outra arte que começa...”¹⁰. O que sugere Barthes? Sem dúvida nenhuma, um problema de ordem cognitiva e epistemológica, que Samain expressa nesses termos:

“Existem atrás e dentro das matrizes imagéticas – fotográfica, cinematográfica, videográfica, informática – lógicas, isto é, operações cognitivas, posturas filosóficas, visões e apreensões singulares do mundo que temos ainda de descobrir e pôr à luz... [Com as imagens cinematográficas], pensa-se o mundo na sua continuidade, no seu fluxo, na sua dinâmica, na sua aparente ‘normalidade’; [com as imagens fotográficas] pensa-o na sua descontinuidade, na sua fragmentação, no seu recorte, na sua extraordinária ‘singularidade’”¹¹

O que pensar da memória e do *trabalho da memória* quanto aos *Retratos da Velhice* que trabalha, de um lado, com imagens *fotográficas* e, de outro, reinveste-se nos fotogramas escolhidos para uma montagem *cinematográfica*, do tipo dos “panoramas”, que apresentamos anteriormente? Eis o que poderemos problematizar melhor na *Parte 2* desta dissertação, quando daremos prioridade a uma reflexão que partirá da visualidade para nos reconduzir à verbalidade.

¹⁰ BARTHES, Roland. *A Câmara Clara. Nota sobre a fotografia*, Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984, p. 115-116. Barthes escreve ainda: “... diante da tela, não estou livre para fechar os olhos...”, p. 85.

¹¹ SAMAIN, Etienne. *op. cit.*, p.133.

**PARTE 2 – NOVOS CONTATOS,
OUTROS OLHARES**

Os “Primeiros Contatos, Primeiros Olhares” – Parte I desta pesquisa – deram origem à transcrição de cerca de dez horas de entrevistas e à constituição de cinco conjuntos de 20 fotografias escolhidas e montadas pelos cinco informantes. O universo deste duplo registro, verbal e visual (capítulo 1), nos conduziu a uma primeira série de desdobramentos (capítulo 2), colocando-nos diante de uma importante questão metodológica: definir caminhos de uma pesquisa viável na perspectiva de elaboração de uma dissertação de mestrado, sem, entretanto, cair no superficialismo.

A riqueza singular das explorações possíveis de *cada* fotografia (*Interlúdio*), de um lado, e a abrangência do material – mais de 100 fotografias – coletado em campo, de outro, nos obrigaram, deste modo, a pensar numa redução do número de fotos dos conjuntos até então constituídos, e a retornar a campo para solicitar aos entrevistados uma segunda “tarefa”: a de escolher dez, dentre as cerca de 20 fotografias dos conjuntos anteriores.

O desafio da nova escolha foi lançado aos informantes durante um reencontro com cada um deles. E os entrevistados aceitaram. Com as 20 fotografias em mãos, cada um iniciou a operação de nova seleção, procedendo da mesma forma que da primeira vez, isto é, de maneira livre e pessoal. Apenas uma novidade: desta vez, o registro do acontecimento – gravação e anotações de campo –, foi planejado atento às reações e às indecisões dos entrevistados frente às exigências e aos passos de sua nova escolha, procurando levantar informações – não mais de ordem técnica, mas de conteúdo, – em torno de cada uma das fotografias. Essas entrevistas, realizadas aproximadamente seis meses após as primeiras, transcorreram em um longo e espontâneo diálogo, com duração média de duas horas para cada uma.

Deste modo, para cada um dos cinco informantes, havia dois grandes conjuntos de dados, cada qual composto por uma entrevista e um lote de fotografias. Neste momento, duas decisões foram tomadas: 1) trabalhar a partir dali com o *material* de apenas *dois* dos cinco informantes, reservando a exploração dos outros dados para um empreendimento futuro. 2) dar à presente dissertação um encaminhamento resolutamente *metodológico*.

Sem renunciar, deste modo, ao objeto de uma pesquisa intitulada, até então, de “*Retratos da Velhice*” acrescentamos um novo e necessário subtítulo: “*Um duplo percurso metodológico e cognitivo*”. Mais ainda: à medida em que tínhamos privilegiado, na *Primeira Parte*, a questão dos possíveis tratamentos relativos aos *registros verbais* (as entrevistas, em particular) destes *Retratos da Velhice*, decidimos, então, agora, dar prioridade a questionamentos em torno das *formas* e *sistemas de signos visuais* (representados pelas fotografias e suas diversas montagens).

A *Parte II* se desdobrará, novamente, em dois momentos: o Capítulo 3 *Arranjos Visuais da Memória* e “*Formas que pensam*” e o Capítulo 4 *Visual e Verbal: Elos Interativos da Memória*.

CAPÍTULO 3

ARRANJOS VISUAIS DA MEMÓRIA E “FORMAS QUE PENSAM”

Em dois momentos distintos, os informantes *escolheram e montaram* imagens fotográficas de que gostavam, e esses empreendimentos sucessivos foram acompanhados, cada um, de uma longa gravação. Desta forma, seria possível pensar, logo, na realização de uma nova etapa de trabalho que consistiria em uma leitura sinóptica das entrevistas. Longe de descartar a importância de tal exame, daremos prioridade à vertente visual das montagens das pranchas fotográficas.

Para tanto, a proposta é mergulhar - nos duplos conjuntos fotográficos e nos mosaicos compostos por pequenas peças visuais, escolhidas e ordenadas pelos entrevistados em dois momentos - com uma questão aparentemente simples: que interesse (ou, talvez, importância) poderiam ter essas *figuras visuais*? O convite, deste modo, ao leitor é para acompanhar caminhos exploratórios que não costumam trilhar com frequência, pedindo-lhe que se deixe levar pelo potencial de revelação que as fotografias carregam quando começam a dialogar entre si; quando elas se colocam a “corresponder” no sentido comunicacional do termo, isto é, a estabelecer entre elas uma rede de relações sígnicas.

Num primeiro momento (3.1 *Arranjos Visuais da Memória*), considerarei os conjuntos fotográficos deixados por Dona Celeste e Seo Moacir, como se fossem “enunciações visuais” de sua memória, “frases visuais” de sua memória. O “leitor/espectador”, colocado diante de cada um dos cinco conjuntos fotográficos (que são apresentados sob o nome mais genérico de “arranjo

visual de memória”), deverá, deste modo, olhar cada prancha fotográfica, como uma “frase visual”, na qual as palavras (fotografias) se organizam, se articulam e se concatenam de tal modo que, de seus respectivos arranjos, nasce sempre uma “singular história” de memória.

Num segundo momento (3.2 “*Formas que pensam*”), o “leitor/espectador” será convidado a um outro trabalho de “alfabetização” à imagem, mais abstrato ainda. Deverá tomar todo o tempo de olhar para pranchas de fotografias que lhes serão apresentadas a partir de “traçados de formas” distintos, ora horizontal, ora vertical, ora circular, ora híbrido descobrindo que se as imagens são boas para pensar é porque elas são, antes de mais nada, “formas que pensam”.

3.1 Arranjos Visuais da Memória

Pensar, numa perspectiva metodológica, no que representariam esses conjuntos de fotografias, escolhidas e organizadas, incluídas ou excluídas; pensar no que significou para os informantes trabalhar com fragmentos de memória até compor (e recompor) narrativa(s) de história(s) de suas vidas, eis o motivo primordial que sinaliza para o esforço da apresentação dos cinco “Arranjos Visuais da Memória”. Esses arranjos e suas respectivas ordenações são, a nosso ver, expressivos de todo um trabalho operacional da memória sensorial que nos resta descobrir.



Dona Celeste

Arranjo da Memória I resulta da constituição do primeiro conjunto fotográfico escolhido e montado por Dona Celeste e Seo Moacir. Um arranjo formado, respectivamente por 28 e 20 fotografias.



Seo Moacir



Dona Celeste

Arranjo da Memória II, por sua vez, representa uma “memória revisitada”, constituída tanto por Dona Celeste quanto por Seo Moacir, de 11 fotografias.



Seo Moacir



Dona Celeste



Arranjos da Memória I e II propõem, lado a lado, os resultados dos arranjos anteriores. Poderão proporcionar futuros questionamentos ou remanejamentos, quando, por exemplo, propusermos aos informantes para se manifestarem diante da expressividade de seus dois conjuntos fotográficos. Será que fariam novas revisões de memória ao rever esses conjuntos?



Seo Moacir





Dona Celeste

No *Arranjo da Memória IV*, que poderíamos qualificar como “*Memória Apagada*”, fica realçada a ordem dos vazios deixados por ocasião da nova escolha dos informantes. A prancha mostra quadros fotográficos “apagados” e marcados em branco – uma certa alusão aos “brancos da memória” – deixando aparentes as fotografias que “sobreviveram” ao processo da segunda escolha. Dois aspectos se tornam, minimamente, interessantes neste tipo de composição:

- Notar os lugares ocupados na primeira escolha pelas fotografias, mas que agora estão em branco;
- Observar qual era a primeira ordem das fotos que foram mantidas no segundo arranjo visual. Inversamente, atentar para a nova ordem que se forma neste conjunto (*Figura de Memória II*) por decorrência do processo de nova montagem do informante.



Dona Celeste

No *Arranjo da Memória V*, que poderíamos chamar, talvez, de “*memórias de Memória*”, recuperamos, na sequência de exclusão o conjunto das fotografias que foram deixadas de lado pelos informantes. Esses fragmentos de vida são, pensamos, importantes enquanto peças de outra ordem de significação (não menos importante) no processo de reestruturação da história de uma vida.



Seo Moacir



Seo Moacir



CF01



CF02



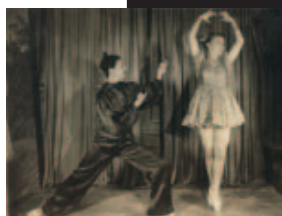
CF03



CF04



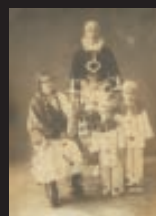
CF05



CF06



CF07



CF08



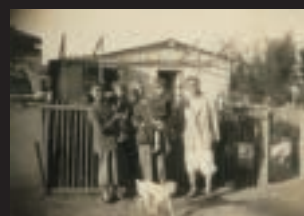
CF09



CF10



CF11



CF12



CF13



CF14



CF15



CF16



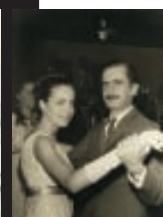
CF17



CF18



CF19



CF20



CF21



CF22



CF23



CF24



CF25



CF26



CF27



CF28



CF04



CF08



CF02



CF09



CF13



C



CF03



CF18



CF19

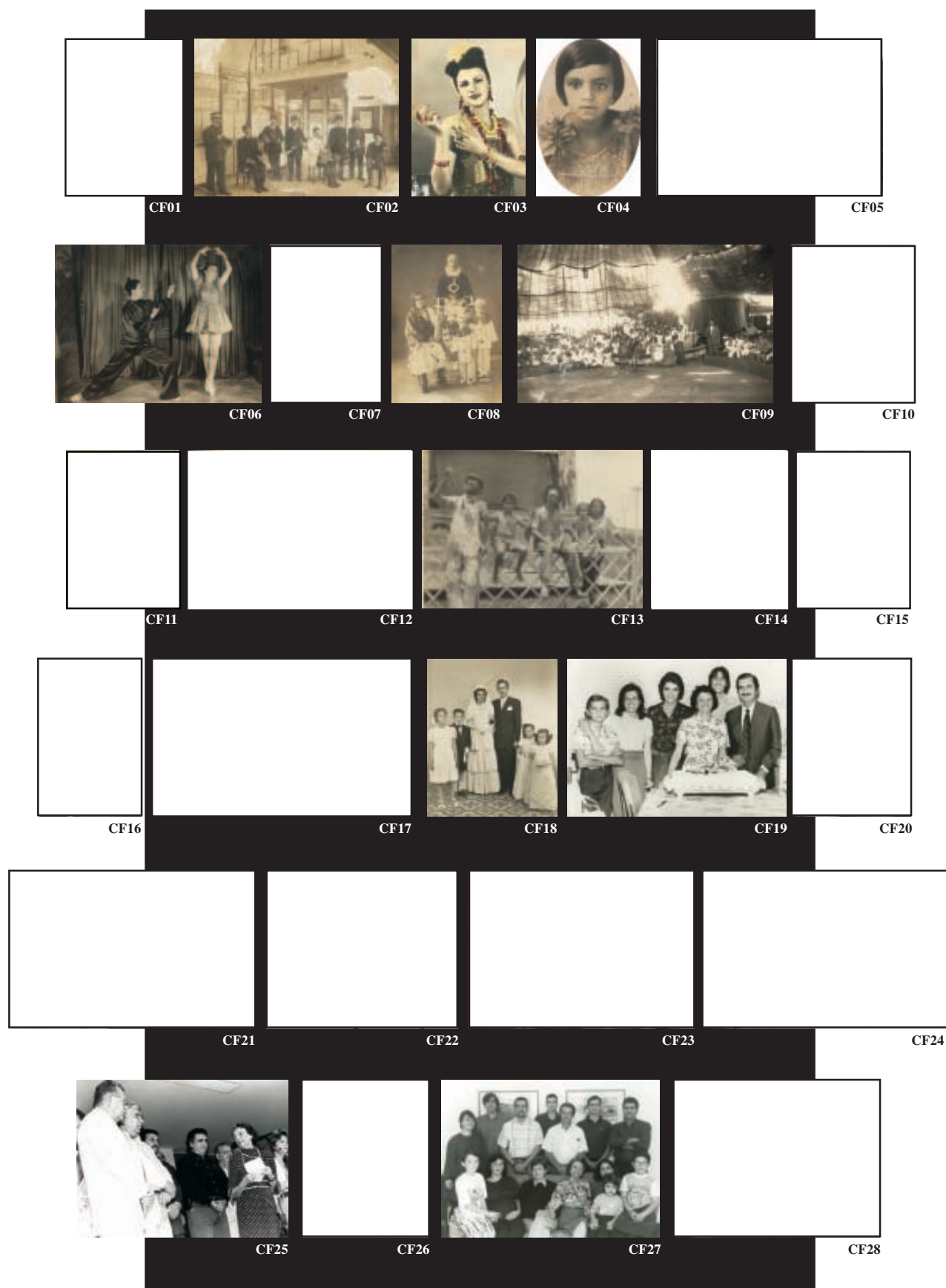


CF25



CF27







CF01



CF05



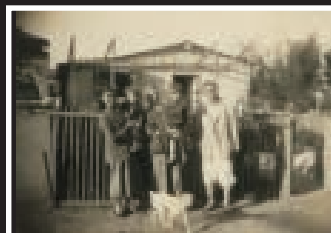
CF07



CF10



CF11



CF12



CF14



CF15



CF16



CF17



CF20



CF21



CF22



CF23



CF24



CF26



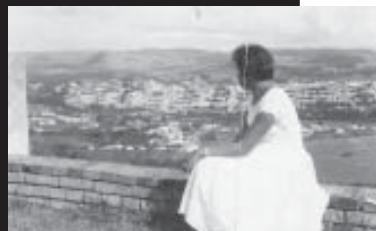
CF28



MM01



MM02



MM03



MM04



MM05



MM06



MM07



MM08



MM09



MM10



MM11



MM12



MM13



MM14



MM15



MM16



MM17



MM18



MM19



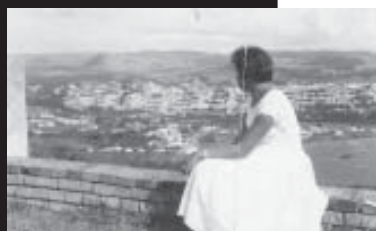
MM20



MM04



MM17



MM03



MM07



MM01



MM14



MM16



MM13



MM10



MM12

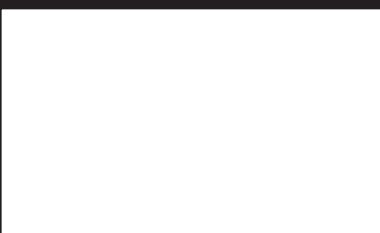


MM09





MM01



MM02



MM03



MM04



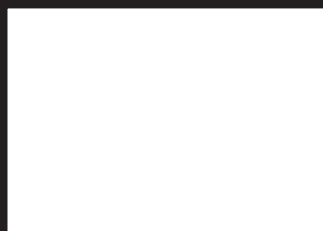
MM05



MM06



MM07



MM08



MM09



MM10



MM11



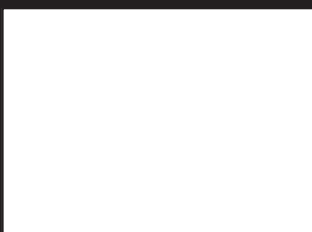
MM12



MM13



MM14



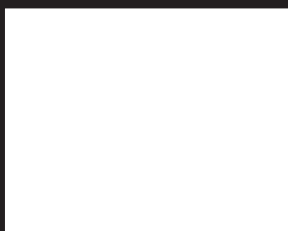
MM15



MM16



MM17



MM18



MM19



MM20



MM02



MM05



MM06



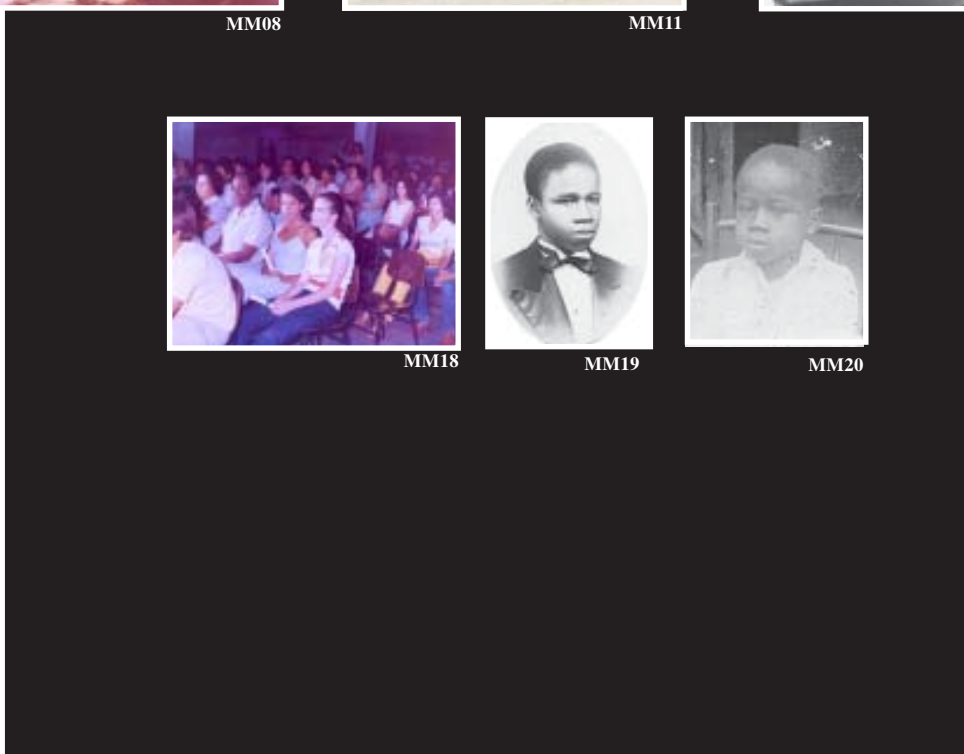
MM08



MM11



MM15



MM18



MM19



MM20

3.2 “Formas que pensam”

Decorrente da insistente investigação sobre as singularidades enunciativas das imagens, debruçamo-nos neste estágio da pesquisa, ante indicadores, de que as experimentações realizadas a partir da introdução das pranchas – montagens de conjuntos fotográficos – , constituem-se legítimas “formas visuais que pensam”.

A formulação provoca, evidentemente, surpresa e estranhamento. Pois, se porventura acabássemos aceitando com Jacques Aumont, que “a imagem tem...a capacidade de transmitir e, talvez, de fabricar reflexão no que diz respeito ao mundo”¹, dificilmente acordaríamos às imagens o peso de um pensamento que lhes seria intrínseco. Palavras, melodias, imagens são, efetivamente, “formas” singulares e complementares, simbolizações necessárias de que dispomos para representar a “realidade” de nossa condição humana. Será, no entanto, que podemos ir mais adiante e afirmar que escritas, melodias, imagens, por serem veículos de pensamentos e de idéias, são “acontecimentos [coisas que advêm, aparições, fenômenos] organizados e estruturados”, ou melhor, “formas que pensam”?

A questão é eminentemente complexa e, no quadro dessa pesquisa, ousamos apenas levantar a problemática pelo seguinte motivo: as imagens são, pelo menos, memórias, e sabemos que a memória trabalha.

¹ AUMONT, Jacques. *À quoi pensent les films*, Paris, Séguier, 1996, em especial o capítulo intitulado “Figurable, figuratif, figural” (p.148-173), aqui, p. 155.

Para dar um começo de consistência a tais indagações, propomos aqui alguns primeiros experimentos em torno de uma afirmação de Didi-Huberman, que pensamos poder partilhar com o leitor: “Se existe um pensamento próprio às imagens, é, decerto, o pensamento associativo, *translata*, o pensamento que se estrutura ao se deslocar”² ?

Recorrendo, deste modo e novamente aos duplos conjuntos fotográficos montados pelos informantes, vamos poder observar que os “traçados de *formas*” – horizontal, vertical, circular ou híbrido – que daremos (desenharemos) sucessivamente em torno de um mesmo conjunto de fotografias, vão estruturando, entre as imagens (deste mesmo conjunto), pensamentos associativos distintos.

²_DIDI-HUBERMAN, Georges. *Fra Angelico. Dissemblance et Figuration*, Paris, Flammarion (Col. “Champs”), 1995, p. 39-40. Do mesmo autor, ver *Devant l’Image. Question posée aux fins d’une histoire de l’art*, Paris, Éditions de Minuit, 1990; *Ce que nous voyons, ce qui nous regarde*, Paris, Éditions du Seuil, 1992 [Versão port. *O que vemos. O que nos olha*, São Paulo, Ed. 34]; *Phasmes. Essais sur l’apparition*, Paris, Éditions du Seuil, 1998.



O traçado de *forma horizontal* permanece, até o momento, aquele que, visualmente, nos é o mais familiar. Essa forma horizontal e *linear de associar as imagens* foi a maneira escolhida pelos próprios informantes e aquela que nos serviu, também, para o trabalho anterior de leitura dos conjuntos fotográficos. De tal modo que este traçado continua se apresentando como o mais natural dentre os demais, talvez o mais clássico para nossa alfabetização visual, já que permite que o nosso olho corra facilmente pela prancha, seguindo um percurso similar ao encadeamento das sílabas e das palavras, quando construimos (da esquerda para a direita) um pensamento através de nosso sistema de escrita.



Seo Moacir



Dona Celeste

No traçado de *forma vertical* – quando as imagens vão, desta vez, se associando de cima para baixo –, nosso olhar se agita e se perturba. Esse novo modelo cria uma espécie de embaraçamento visual e provoca um mal-estar. Temos, de repente, o sentimento ou, pelo menos, a sensação de ter perdido o “fio da meada”, ao procurar uma estrutura significativa, que conectaria as imagens entre si.



Seo Moacir



Dona Celeste

O terceiro modelo de apresentação – o traçado de *forma circular* – deverá surpreender o leitor, como, aliás, nos surpreendeu quando o realizamos. A circularidade abre para uma multiplicidade de novas leituras: ora o olhar se desloca, de uma imagem para outra, no sentido horário ou não, ora se desfaz em recortes sucessivos, laterais, transversais, diagonais, à procura de possíveis associações, correspondências, oposições, tensões.



Seo Moacir

Nota-se que o fato de olhar o conjunto de fotografias numa *forma circular* nos conduz à exploração de conexões, correspondências e aproximações entre as fotografias, que antes apareciam distanciadas ou, simplesmente, permaneciam “impensadas”. Um exemplo entre outros: a surpreendente “vizinhança de reflexão” proporcionada pela primeira e pela última das fotografias em cada uma das nossas coleções. No caso de Dona Celeste, uma primeira fotografia dela, quando, aos 5 anos, entra na “família circense”; a última, quando se encontra, aos 68 anos, no centro de toda sua “família” reunida. No caso do Seo Moacir, uma primeira fotografia que o retrata, aos 18 anos, nadando no rio Jaguari, quando “tinha fôlego ... de campeão”; uma última fotografia escolhida por ele, flagra, no ambiente de um desfile esportivo, a sua filha Rosa, a “filha caçula” muito “especial também”.

A potencialidade reflexiva propiciada pelo traçado circular deverá certamente merecer particular atenção no contexto de uma análise de “Retratos da Velhice”, não tanto por ser o círculo um marcador impenitente do tempo, e sim, por remeter ao movimento mais amplo de um ciclo vital, com o seu começo e fim. Talvez, aliás, não devêssemos descartar um outro traçado: um traçado *em espiral*.



Dona Celeste

Sob a designação, enfim, de traçado híbrido, procuraremos deixar claro o fato de que os três modelos até agora apresentados (horizontal, vertical, circular) representavam apenas algumas amostras dentro de muitas outras possibilidades. Desta vez, o leitor poderá, com efeito, visualizar – sinopticamente – três traçados de *forma circular justapostos*: o primeiro reunindo as fotografias escolhidas (por Dona Celeste ou por Seo Moacir), por ocasião da primeira montagem; o segundo, agrupando as fotografias remanescentes no término da segunda seleção das fotografias; o terceiro, remetendo a um primeiro estado do olhar mas, desta vez, recortado por janelas brancas, como se se tratasse de admirar novamente um rico colar de pedras, de que se teria perdido algumas peças.



Seo Moacir



CF04



CF08



CF02



CF09



CF13



CF06



CF03



CF18



CF19



CF25



CF27



CF04



CF13



CF19



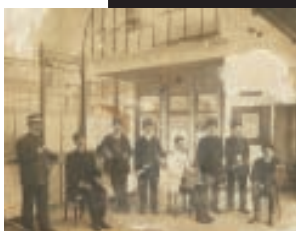
CF08



CF06



CF25



CF02



CF03



CF27



CF09



CF18



CF27



CF04



CF08



CF25



CF02



CF19



CF09



CF18



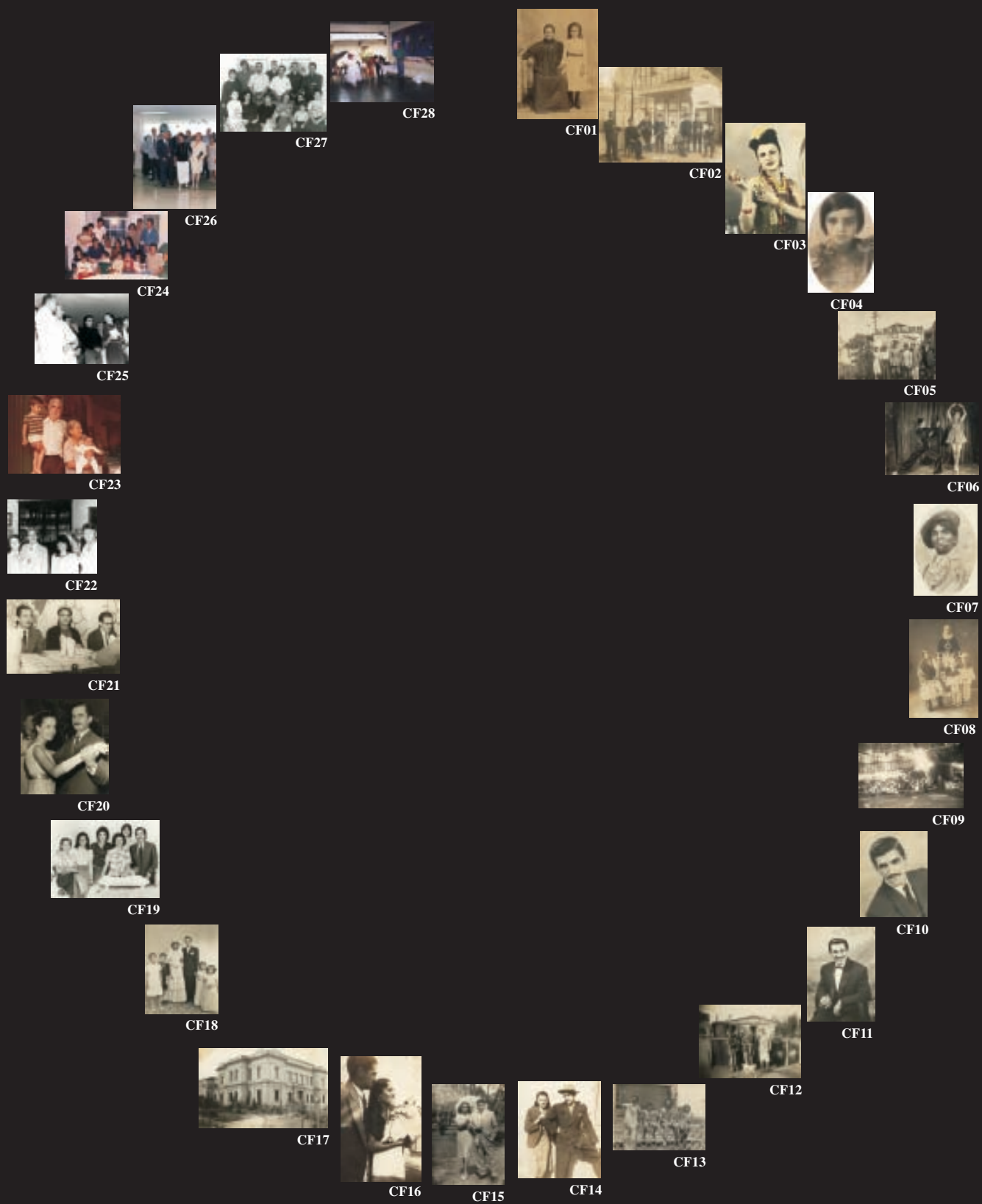
CF03



CF06



CF13





CF27



CF04



CF08



CF25



CF02



CF19



CF09



CF18



CF03



CF06



CF13

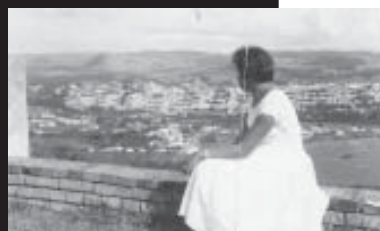




MM04



MM17



MM03



MM07



MM01



MM14



MM16



MM13



MM10



MM12



MM09



MM04



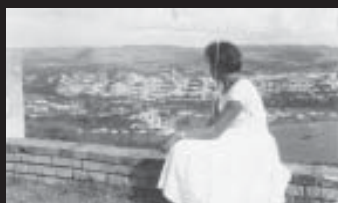
MM16



MM17



MM13



MM10



MM07



MM12



MM01



MM09



MM14



MM09



MM04



MM12



MM17



MM10



MM03



MM13



MM07



MM16



MM14



MM01





MM09



MM04



MM12



MM17



MM10



MM03



MM13



MM07



MM16



MM14



MM01



MM01



MM20



MM19



MM18



MM17



MM16



MM15



MM14



MM13



MM12



MM11



MM10



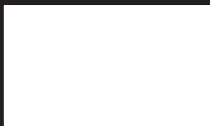
MM09



MM08



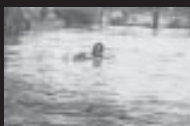
MM07



MM06



MM05



MM04



MM03



MM02

CAPÍTULO 4

VISUAL E VERBAL : ELOS INTERATIVOS DA MEMÓRIA

Tendo dado prioridade no capítulo anterior à *visualidade* e explorado tanto o estudo das *formas* dos conjuntos fotográficos em pauta como os movimentos *associativos* através dos quais vai se construindo um *pensamento próprio* às imagens, podemos voltar às *entrevistas* que acompanharam a *segunda escolha*, por parte de Dona Celeste e do Seo Moacir, de 11 fotografias.

Uma leitura atenta dessas entrevistas (cuja íntegra se encontra no *Anexo 2*) permite evidenciar dois momentos: o momento da revisitação e reconhecimento do primeiro bloco formado por cerca de 20 fotos e o dos comentários em torno de cada uma das 11 fotografias eleitas para compor o novo conjunto.

4.1 Dimensões exploratórias das segundas entrevistas

Para Dona Celeste, o tempo de revisitação das suas 28 fotografias ocupou praticamente o quarto da duração da entrevista, isto é, cerca de 30 minutos. Diante do primeiro conjunto, a informante teve o cuidado de percorrer todas as fotografias, tecendo comentários rápidos sobre elas, realizando, para assim dizer, uma espécie de revisão dos assuntos. A retomada do comentário sobre tal ou tal foto não representava, necessariamente, a sua inclusão no novo conjunto. Um exemplo: a informante começou o seu relato falando sobre a fotografia CF15 (*“A amiga Terezinha da Costa Lima e o marido Lainor...”*); contudo, esta imagem não mereceu uma nova escolha. O que a fez retornar à foto, possivelmente, foi a memória da morte recente da amiga, que aparece naquela fotografia.

O segundo momento do relato oral, com cerca de uma hora e meia de duração, foi reservado ao registro de comentários que Dona Celeste fazia sobre as fotografias que tinham sido eleitas; comentários esses apresentando indicativos e motivos de destaque especial para aquela foto em relação a outras que já haviam sido excluídas¹. Esse tempo de demarcação preferencial de tal ou tal fotografia mereceria particular atenção. Um exemplo: os comentários referentes a CF06 (*“Lembrança das apresentações de bailado com a sua irmã do circo da família”*) ocupam atualmente várias páginas de transcrição mas foram acompanhados, também, na época, de vaivéns de Dona Celeste percorrendo outros álbuns guardados numa mala, buscando recuperar fotografias comparativas em torno do mesmo assunto.

¹ Nota-se que, da primeira para a segunda escolha, alguns personagens foram excluídos: a bisavó e a mãe [CF01], os irmãos [CF 10, 11e 16], os amigos do marido [CF21], os sogros [CF23]

No término da leitura dessa entrevista², o que sabemos da memória de Dona Celeste? Sabemos que privilegia dois grandes momentos da sua existência. De um lado, a vida no circo (isto é, sua infância, sua juventude mas, também, a figura de seu pai e de sua irmã); de outro, sua vida familiar (isto é, seu casamento, sua viuvez e ela, ainda hoje, à frente de uma família unida). Em modo menor, a narrativa deixada por Dona Celeste revela, também, outros interesses: o corpo e a beleza.

De maneira semelhante à Dona Celeste, Seo Moacir selecionou num primeiro momento as fotos para, em seguida, uma a uma, tecer seus respectivos comentários. Não hesitou muito para definir a sua escolha de 11 fotografias, reservando um tempo maior às explicações.

A primeira fotografia a ser selecionada por ele, a MM16, foi aquela que guardava “com carinho, por representar a gravidez da esposa”³, e para qual dirá: “A gente gosta demais assim da patroa, não tem nem dúvida, mas naquela ocasião era até mais... todo início né”. Mostra sua jovem esposa, sentada numa mureta diante da cidade de São José do Rio Pardo. De vestido branco, seu rosto virado, contempla o infinito. Incluirá, também, a fotografia da terceira das cinco filhas, a Márcia, que não havia contemplado dentre as anteriormente separadas, comentando que se a deixasse de fora, “talvez ela reclamasse depois!”

² O que sintetizamos a seguir decorre de todo um outro trabalho prévio (que não apresentamos aqui nos seus detalhes) que, partindo dos *termos da entrevista*, procurou caracterizar duplamente cada *uma* das fotografias: 1) sob a forma de um breve resumo da cena representada e, 2) oferecendo ao leitor uma curta frase tirada do comentário do informante, capaz de realçar a temática central.

³ Na seqüência final, reencontraremos esta foto, na terceira posição.

Na sua nova escolha das fotografias, o informante, claramente também, pautou-se a partir de critérios técnicos que, enquanto fotógrafo, conhecia: tamanho, tipo de filme (colorido ou preto e branco), enquadramento, etc. Dentre as 11 fotos do novo conjunto, 10 são fotografias produzidas por ele⁴.

Ao final da entrevista, o que sabemos da memória do Seo Moacir? Ela privilegia, em modo maior, as relações familiares: desde a construção do seu casamento, o apoio dado pelo pai para a edificação da sua primeira casa, passando pela gravidez da esposa, chegando à fase escolar e profissional das filhas. O desejo pessoal de conquista esportiva, evocado na sua primeira fotografia “Nadando no rio Jaguari”, é, ele também, “consagrado” na última fotografia: na figura da sua filha predileta, uma esportista, hoje advogada. O Seo Moacir, um homem negro, casou-se com uma mulher branca. Toda sua vida é um desafio, um movimento para frente, uma construção e um feliz êxito. Não haverá de estranhar se, no seu discurso, encontramos, indicadores de papéis sociais claramente definidos como: “patroa”, “patrono” e “prole”.

⁴ Foi o irmão de Seo Moacir, José Malachias, que produziu a primeira fotografia deste novo lote [a MM01], onde o informante, jovem, nada no rio Jaguari numa das grandes enchentes de 1945.

uma das fotografias: 1) sob a forma de um breve resumo da cena representada e, 2) oferecendo ao leitor uma curta frase tirada do comentário do informante, capaz de realçar a temática central.

4.2 Dimensões exploratórias das segundas pranchas fotográficas

Ao longo de nosso empreendimento exploratório, fizemos confiança aos textos, às palavras das entrevistas. Confiamos também nas imagens e, não é por acaso, que a nossa viagem através de “Retratos da Velhice” iniciou com uma escolha de fotografias feita por informantes que, somente depois, foram convidados a falar “com elas”.

Em 4.1 recolhemos novas provas da riqueza que se tem ao realizar uma análise textual em torno das entrevistas. Embora rápida, a investigação permitiu evidenciar alguns eixos temáticos que perpassavam os discursos de Dona Celeste e do Seo Moacir. Este mesmo exame nos forneceu, deste modo, indícios importantes para poder retornar, agora, ao campo das imagens escolhidas pelos informantes e, quem sabe, acompanhar melhor assim alguns dos percursos e outros caminhos de suas memórias.

Para tanto, retomaremos os *segundos* conjuntos de fotografias escolhidas, privilegiando o traçado *circular* que, efetivamente, nos parece rico em termos de exploração visual. Como se tratará, mais uma vez, de uma etapa de “alfabetização” à imagem, o leitor terá vantagem, antes de seguir nossos comentários, de rememorar cada uma das 11 fotos que compõem as duas pranchas. Ele poderá reencontrá-las às páginas 130 e 134 e, ante delas, tomar todo o tempo de articulá-las em torno das idéias temáticas que a análise textual das entrevistas acaba de evidenciar.

O leitor apressado, ao descobrir nas duas pranchas visuais que seguem, algumas das nossas observações (sinalizadas por meio de símbolos visuais), deverá guardar na memória o fato de que as imagens são boas para ver e para pensar. Deverá lembrar-se, sobretudo, que se as imagens são boas para pensar é porque, com as palavras ou na ausência de palavras, elas são e, sempre, serão “formas que pensam”.

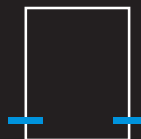
Legendas



Linhas mestras, elementos visuais a partir de indicativos verbais



Detalhes visuais recorrentes a partir de dados verbais



Movimento congelado nas fotografias de Dona Celeste



Eixos de movimento nas fotografias de Seo Moacir

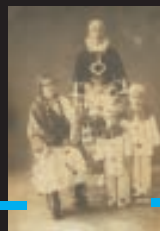
Segunda Prancha Fotográfica - Dona Celeste



CF27



CF04



CF08



CF25



CF02



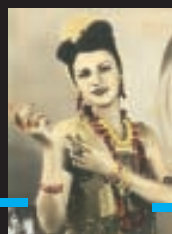
CF19



CF09



CF18



CF03



CF06



CF13

Segunda Prancha Fotográfica - Seo Moacir



MM09



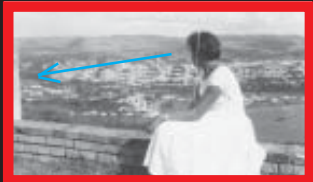
MM04



MM12



MM17



MM03



MM10



MM07



MM13



MM01



MM16



MM14

Exploração da segunda prancha fotográfica (Dona Celeste)

A segunda sequência visual das fotografias escolhidas por Dona Celeste evidencia efetivamente os dois eixos centrais a partir dos quais se desenrola toda sua existência: a vida no circo, que se inicia com a fotografia CF04 (a primeira da série) e a sua vida familiar que se prolonga a partir da CF18 (a oitava da série). Dois momentos [ver molduras de cor vermelha]: o primeiro: Celeste, aos cinco anos, pronta para sua primeira exibição [registrada oficialmente por um fotógrafo contratado] no circo; o segundo, a jovem Celeste, com 27 anos, no dia do seu casamento [registrado oficialmente por outro fotógrafo contratado] no espaço, desta vez, de um outro palco, o estúdio.

O que aconteceu no período medido por esses dois acontecimentos? As fotografias intermediárias sugerem. Num primeiro momento, é questão - tudo indica - do percurso memorial de uma menina que, ainda hoje, sonha com um pai que, antes dela nascer - (CF08: onde, em pé, ele aparece, no ano de 1918, conduzindo um grupo familiar composto por sua esposa e três crianças) - já tinha desígnios artísticos certos. Destino melhor realçado na fotografia seguinte (CF02), quando, numa época anterior (entre 1915/1916) e na qualidade ainda de Chefe da Estação Ferroviária ficou registrado, sentado “ao lado dos telegrafistas e maquinista”, com um livro nas mãos, num tempo em que já estava “escrevendo peças”. A viagem de Dona Celeste prossegue com uma vista do picadeiro do Circo Marabá (CF09: por volta de 1949), quando já era casada. Continua com a lembrança (CF13, datada de 1937) do “dia em que o circo se transformava em parque” e culmina com sua própria apoteose: a fotografia [de estúdio, colorida] CF03 (datada de 1942/1943), na qual Dona Celeste, então com 23 anos “mais gosta de se ver” até hoje, numa identificação com a mais famosa cantora e estrela de cinema da época: Carmen Miranda.

Por sua vez, a fotografia oficial do seu casamento (CF18), em 1948, tem para Dona Celeste, até hoje, o valor de uma prova: “... guardo essa foto pra provar que eu casei. Não me juntei não, não. Eu casei!”. Esta prova se confirma com a escolha da fotografia seguinte: a CF19, uma lembrança dos 25 anos de casamento [1973], quando, ao lado do marido e dos filhos, tinha esta certeza: “Eu já era uma senhora cumpridora de seus deveres... fui boa mãe”. Coroação que visualmente se comprova quando, após um momento importante de sua viuvez (CF25)⁵, a reencontramos (CF27, datada de 1989) – outra apoteose - no centro de sua “família unida”.

Essas duas linhas mestras (a “vida no circo” e a “vida familiar”) que redesenham visualmente o que Dona Celeste guarda de mais precioso na sua memória, não devem nos impedir de observar na prancha outros detalhes recorrentes, que revelam interesses profundos que a informante alimenta com relação, por exemplo, à beleza e ao corpo. Acabamos de falar do papel central das fotografias CF04 e CF18. Será, por ventura, simples acaso o fato de que comentando ambas as fotografias, Dona Celeste focalizasse detalhes dos vestidos (ver na prancha os círculos amarelos)? Ou ainda, com relação às fotos CF01 e CF02 (ver as marcas ovais amarelas) fizesse os seguintes comentários: [CF01] “Que cabelo horrível... sempre trançando as perninhas para não parecer as pernas tão tortas” e [CF02]: “Uma recordação de nossos bailados... fiz o vestido dela (irmã)... eu já tinha um cabelão comprido... já tinha as pernas tortas... Minha irmã era muito bonita... tinha uns cabelos compridos, loiros, bem loirinhos”. Estes elementos reincidentes, verbais no caso, são outros elos, entrelaçamentos importantes na medida em que deixam aflorar recordações mais profundamente embrenhadas nas camadas da memória.

⁵ Quando participa de uma cerimônia oficial de inauguração do Hospital que leva o nome do marido Walter Ferrari

Exploração da segunda prancha fotográfica (Seo Moacir)

Vários indicativos verbais pontuam, também, a escolha das fotografias do Seo Moacir. Entre eles se destacam os termos “*patroa*” [Ivete, sua esposa], “*patrono*” [José Malachias, seu pai] e “*prole*” [suas cinco filhas]. Esses termos, de fato, ordenam amplamente o panorama visual apresentado na prancha onde destacaremos [com enquadramento vermelho], sucessivamente, as fotografias MM03, MM14, MM16.

A foto MM03 apresenta Dona Ivete no “início” do casamento, em 1963⁶. Ela é fotografada por seu esposo, sentada numa mureta, no morro do Cristo, que domina o espaço de uma cidade: São José do Rio Pardo. Na foto anterior (também realizada por Seo Moacir), a MM02, a Senhorita Ivete já estava presente. Era em 1960, por ocasião de uma “viagem” em Aparecida do Norte, quando ainda namoravam. Agora, já se casaram [MM03] e o Seo Moacir pode, hoje, completar: “A gente gosta demais assim da *patroa*, não tem nem dúvida, mas naquela ocasião era até mais... todo *início*”

A foto MM14 (datada de 1962) mostra o pai do Seo Moacir, o “*patrono*”, mas, também, a casa que ajudava a construir⁷ logo após o casamento do filho. Seo Moacir lembra: “O pai exigia... teve 13 filhos, não admitia morar na casa dele após o casamento; dava 10 mil tijolos e dois alqueires de terra” e acrescenta: “Não tinha coragem de tirar uma moça da casa dela... e depois expor ela no futuro”.

⁶ Casaram-se em 11 de junho de 1960.

⁷ Não por acaso, a foto anterior [MM01], de 1965, apresenta o sítio que pertencia ao pai de Seo Moacir.

Na fotografia MM16, reencontra-se Dona Ivete, a “patroa”, subindo degraus no Parque das Vertentes de Serra Negra. A foto, datada de 1961, foi realizada por Seo Moacir que comenta: “esta foto é especial. A primeira *prole* vinha vindo”. De fato, logo seguirão as três fotografias com suas filhas, todas fotografadas quando participavam de “desfiles”.

A importância dos três indicativos *verbais* “Patroa”, Patrono” e “Prole” que organizam praticamente todo o conjunto das fotografias eleitas por Seo Moacir, não deve nos impedir de observar na mesma prancha outros motivos e detalhes – não mais verbais, e sim de ordem *puramente visual* – recorrentes, que revelam, desta vez, outros interesses profundos que nosso informante Moacir alimenta, mesmo que sejam inconscientes. Sabemos que das 11 fotografias, 10 foram produzidas por Seo Moacir. Resta-nos agora observar todas elas em contraponto com as 11 fotografias eleitas por Dona Celeste.

As fotografias, *todas* elas, que aparecem na prancha de Dona Celeste - fotografias em torno da vida no circo, fotografias em torno da vida familiar - não se mexem: são fixas, imóveis e olham para nós, suspensas no tempo e no espaço, congeladas no sentido pleno da palavra. Pelo contrário, *não existe uma* única das 11 fotografias da prancha de Seo Moacir que não leve consigo uma marca de movimento, um apelo a sair do próprio quadro da fotografia. Essas marcas são diversas. Ora, são indicações de meios de transporte (a água, o automóvel, a escada, o barco), ora são ações expressando um deslocamento/mudança (nadar, andar, desfilar, construir, subir) e ora são ângulo de posição de câmara que vão de baixo para cima. Esse conjunto de fatos são apresentados nas pranchas através de signos de cor azul. Os   da prancha de Dona Celeste indicam ausência de movimento; os  e  traduzem uma situação recorrente na existência do Seo Moacir: sua vida e as dos seus parecem atravessadas por constantes deslocamentos, construções e superações.

CONCLUSÃO

Seria paradoxal pretender apresentar conclusões de uma pesquisa que, desde o seu início, situou-se no campo de uma exploração. Se fosse necessário retomar as intenções básicas de nosso empreendimento, bastaria lembrar que desejávamos aproximar-nos do universo das pessoas idosas e, com elas, procurar descobrir – partindo de fotografias escolhidas e montadas por elas, de entrevistas concedidas por elas – a memória que traçavam de suas próprias existências.

Assinalamos na *Introdução* um fato importante: a decisão logo tomada, quando nossos primeiros olhares depararam-se diante de um impressionante conjunto de dados oferecidos pelos cinco informantes. Tínhamos, então, que lidar com um material não somente amplo, mas também denso. Sobretudo, tínhamos de nos afastar do risco de cair numa análise superficial, ao pintar quadros impressionistas com cores pseudo-sociológicas ou perdendo-se em subjetividades interpretativas.

A dimensão *exploratória* que atravessa todo esse trabalho deverá ser melhor entendida por meio de alguns dos *conceitos* que se tentou elaborar e experimentar. São, entre outros: “reconhecimento”, operações de “triagem e montagem” de fotografias e suas “articulações”; “panoramas existenciais”, “modelos de percurso da memória visual” e “arranjos visuais da memória”, enfim, “formas que pensam” e “elos interativos da memória”.

Não é necessário insistir sobre o fato de que o nosso empreendimento se constitui em uma espécie de prelúdio com relação ao universo dos questionamentos levantados pelos “*Retratos da Velhice*”. Temos consciência que tanto as entrevistas como as fotografias sobre as quais trabalhamos, nos revelariam outras dimensões sócio-culturais importantes,

em função de suas diversidades temáticas. Para tomar alguns exemplos, valeria a pena explorar, a partir delas, questões como o mundo do circo, a concepção do casamento e a constituição da família, os papéis sociais e as representações do pai, da esposa, da mulher e do homem na sociedade brasileira dos meados do século passado.

Não podemos também pretender dar, no futuro, uma resposta minimamente coerente e crítica ao tema dos “*Retratos da Velhice*” sem levantar novos problemas sobre os quais teremos de nos debruçar. Entre eles, uma reflexão necessária em torno da questão dos mecanismos de funcionamento da memória e, também, acerca das possíveis configurações (*patterns*) com as quais se manifesta entre as pessoas idosas. Deveremos, outrossim, aprofundar a instigante proposição do cineasta Jean-Luc Godard, quando diz que “a imagem é uma forma que pensa”, proposta que, num modo menor, Didi-Huberman retoma nestes termos: “Se existe um pensamento próprio às imagens, é, decerto, o pensamento associativo, *translata*, o pensamento que se estrutura ao se deslocar”. Declaração tanto mais pertinente, posto que a memória, também, se desloca.

Por fim, não é necessário acrescentar que tais pretensões somente poderão se tornar operativas e pertinentes a partir de uma rede de informantes suficientemente representativa, o que pretendemos alcançar em desdobramentos futuros deste trabalho.

BIBLIOGRAFIA

ALCÂNTARA, Adriana de Oliveira. *Velhos institucio
nalizados e família: entre abafos e desabafos.*

Campinas, SP: Dissertação (Mestrado) - Faculdade
de Educação/UNICAMP, 2003.

ARAÚJO, R. A. e MAHFOUD, Miguel. “Memória Coletiva e
imagem fotográfica: elaboração da experiência em uma
tradicional comunidade rural in *Memorandum*, nº 2, p. 68
a 103. disponível em [http://www.fafich.ufmg.br/
~memorandum/artigos02/araujo02.htm](http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos02/araujo02.htm).

ARNHEIM, Rudolf. *El pensamiento visual*. Tradução de Rubén
Maser. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 1998. [or.
inglês, 1969].

AUMONT, Jacques. *À quoi pensent les films*, Paris, Séguier, 1996.

BARROS, Armando Martins de (Org.). *Pedagogia da imagem,
imagem na Pedagogia*. Anais do Seminário “Pedagogia
da imagem, imagem na Pedagogia”, Niterói, RJ:
Universidade Federal Fluminense, Faculdade de
Educação, Departamento de Fundamentos Pedagógicos,
1996.

BARROS, Myriam Moraes Lins. *Autoridade e afeto: avós, filhos e netos na família brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1987.

BERGSON, Henri. *Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. SP: Martins Fontes, 1999 (original francês: 1939).

_____. “Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice” IN: BARROS, Myriam Moraes Lins de (Org). *Velhice ou Terceira Idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política.* , Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 113 a 167.

BARTHES, Roland. “*A Câmara Clara – Nota sobre Fotografia*”. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. São Paulo: Nova Fronteira, 1984 .

_____. *O óbvio e o obtuso*. Tradução de Isabel Pascoal. Lisboa: Edições 70, 1984.

BATESON, Gregory e MEAD, Margaret. *Balinese Character: a photographic analysis*. Special Publications of the New York Academy of Sciences, Volume II, New York: Wilbur G. Valentine, Editor, 1942.

BEAUVOIR, Simone. *A Velhice*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1970, 2ª ed.

BECEYRO, Raul. *Ensayos sobre fotografia*. México: Arte y Libros S/A, 1978.

BERGER, John. *Modos de ver*. São Paulo: Martins Fontes, 1972 (Coleção Arte e Comunicação) .

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1973.

_____. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues, (org.). *As Faces da Memória*. Campinas: CMU-Unicamp, 1987 (Coleção Seminários) .

_____. *Memória Sertão: cenários, cenas, pessoas e gestos nos sertões de João Guimarães Rosa e de Manuelzão*. São Paulo: Editorial Cone Sul/Editora UNIUBE, 1998.

CAMPOS, Maria Christina S. de Souza. “A associação da fotografia aos relatos orais na reconstrução histórico-sociológica da memória familiar” IN: LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo (Org.) *Reflexões sobre a Pesquisa Sociológica*. . São Paulo: *Textos Ceru*, série 2, nº 3, 1992, p.97 a 116.

_____. “A associação de fotos aos relatos orais de pessoas idosas” in *III Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais “Dinâmicas Multiculturais, Novas Faces, Outros Olhares”* (resumo) Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa. Lisboa: Edições Cosmos, 1994.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: I. Artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

COLOMBO, Fausto. *Os arquivos imperfeitos: memória social e cultura eletrônica*. Tradução Beatriz Borges. Revisão da tradução Pérola de Carvalho. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991.

DEBERT, Guita Grin. “A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade” IN: BARROS, Myriam Moraes Lins de (Org.). *Velhice ou Terceira Idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 49 a 67.

_____. “História de vida e experiência de envelhecimento para mulheres de classe média em São Paulo” IN: *Cadernos do Ceru*, nº 19, 1ª série, São Paulo, 1984, p. 128-147.

_____(Org.). Antropologia e Velhice. *Textos Didáticos* nº 13,
Campinas, SP: Departamento de Antropologia/Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas/ Unicamp, 1994.

DEPARDON, Raymond. *La ferme du Garet*. Arles, Paris:
ActesSud, 2001.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Fra Angelico. Dissemblance et
Figuration*, Paris, Flammarion, 1995 (Col.
“Champs”).

DUBOIS, Philippe. *O Ato Fotográfico e Outros Ensaios*.
Campinas: Papirus, 1994.

_____. “A linha geral (as máquinas de imagens)” in *Cadernos
de Antropologia e Imagem - Todas as Imagens*.
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Núcleo de
Antropologia e Imagem. Rio de Janeiro: UERJ, NAI, nº 9,
1995, p. 65 a 85.

ECKERT, Cornelia. “Memória e Identidade – ritmos e
ressonâncias da duração de uma comunidade de Trabalho:
mineiros do carvão” in *Cadernos de Antropologia*, nº 11,
UFRGS, 1993.

EWING, William A. *Le Corps*. Paris:
Editions Assouline, 1994.

FABRIS, Annateresa. “O corpo acéfalo como auto-retrato: John Coplans” in *Corpo e Cultura*. Lyra, Bernadette e Wilton Garcia (org.). São Paulo: Xamã, ECA-USP, 2001, p. 19 a 25.

FELDMAN-BIANCO, Bela e LEITE, Míriam L. Moreira (Orgs.). *Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. Campinas, SP: Papirus, 2ª edição, 1998.

FERRARI, Celeste Pires da Costa. *Degraus da vida*. Jaguariúna, SP: Editora Jaguariúna, 1996.

FERREIRA, Maria Letícias Mazzuchi. “O Retrato de si” in *Corpo e Significado: ensaios de antropologia social*. IN: LEAL, Ondina Fachel (Org.), Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1995.

FERREIRA, Marieta de Moraes e Amado, Janaína. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2ª edição, 1998.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. São Paulo: Hucitec, 1985.

FREITAS, Sônia Maria de. *História Oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

GODARD, Jean-Luc. *Histoire(s) du cinéma – 3: La monnaie de l'absolu. Une vague nouvelle*, Paris, Gallimard-Gaumont, 1998.

GODOI, Emília Pietrafesa. *O trabalho da memória: cotidiano e história no sertão do Piauí*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes. "A Maturidade e a Velhice: um olhar antropológico" IN: NÉRI, Anita Liberalesso (Org.). *Desenvolvimento e Envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas* São Paulo: Papirus, 2001, p. 113 a 139.

KOSSOY, Boris. *Realidade e Ficções na Trama Fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

_____. *Fotografia e História*. São Paulo: Editora Ática, Série Princípios, 1989.

JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Tradução Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papirus, Coleção Ofício de Arte e Forma, 6ª ed., 1996.

JONAS, Irene. “Mentira e verdade do álbum de fotos de família”

IN: *Cadernos de Antropologia e Imagem – Antropologia e Fotografia*. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Núcleo de Antropologia e Imagem. Rio de Janeiro: UERJ, NAI, 1996, p. 105 a p.114.

KOURY, Mauro Guilherme (Org.). *Imagem e memória: ensaios em Antropologia Visual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

LARROSA, Jorge e LARA, Nuria Pérez (Orgs.). *Imagens do Outro*. Tradução de Celso Márcio Teixeira. Petrópolis, RJ:Vozes, 1998.

LEITE, Miriam L. Moreira. *Retratos de Família: leitura da fotografia Histórica*. São Paulo: Edusp, 2ª edição, 2000.

_____ “A imagem através das palavras” in *Ciência e Cultura*, São Paulo, nº 38, 1986, p. 1483 a 1495.

_____ e SIMSON, Olga R. de Moraes. “Imagem e Linguagem: Reflexões de Pesquisa” IN: LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo (Org.) *Reflexões sobre a Pesquisa Sociológica*. São Paulo: Textos Ceru, série 2, nº 3, 1992, p. 117 a 140.

LUCENA, Célia Toledo. “Tempo e espaço nas imagens das lembranças” IN: SIMSON, Olga Von (Org.). *Desafios Contemporâneos da História Oral*. Campinas: CMU/Unicamp, 1996, p. 223 a 232.

- _____. *Artes de Lembrar e de Inventar: (re) lembranças de migrantes*. São Paulo: Arte & Ciência, 1999, (Coleção Universidade Aberta).
- _____. “O uso de imagens em história oral: bricolagem de representações” IN: *Historicidade Revista Virtual*, nº 3, Programa de História UNIVÁS-MG: *Historicidade.cjb.net*, UNIVÁS-MG, 2002.
- MACHADO, Arlindo. *A ilusão especular: introdução à fotografia*. São Paulo: Brasiliense/Funarte, 1984.
- MENESES, Adélia Bezerra de. “Memória e Ficção” IN: *Resgate Revista de Cultura*, Centro de Memória Unicamp, Campinas, SP: Papyrus, nº 3, 1991.
- MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (Org.). *Retratos quase inocentes*. São Paulo: Nobel, 1983.
- MOTTA, Alda Britto. “Chegando pra idade” IN: BARROS, Myriam M. L. (Org.). *Velhice ou Terceira Idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p.223 a 232.
- _____. “As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento” IN DEBERT, Guita Grin (Org.). *Cadernos Pagu Gênero em gerações*. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de Gênero/Unicamp, nº 13, p. 191 a 221.

- NERI, Anita Liberalesso. *Envelhecer num país de jovens: significados de velho e velhice segundo brasileiros não-idosos*, Tese, Departamento de Psicologia Educacional, Unicamp, 1988.
- _____. *Qualidade de vida e idade madura*. Campinas, SP: Papirus, Coleção Vivaidade, 4ª ed., 1993.
- _____ e DEBERT, Guita Grin (Orgs.). *Velhice e Sociedade*. Campinas, SP: Papirus, Coleção Vivaidade, 1999.
- _____ e FREIRE, Sueli Aparecida (Orgs.). *E por falar em boa velhice*. Campinas, SP: Papirus, 2000.
- ONDINA, Fachel Leal (Org). *Corpo e Significado: ensaios de antropologia social*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1995.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *As Formas do Silêncio: no movimento dos Sentidos*. Campinas: Editora da Unicamp, 5ª ed., Coleção Repertórios, 2002.
- PACHECO, Jaime Lisandro. *Educação, trabalho e envelhecimento: estudo das histórias de vida de trabalhadores assalariados focalizando as relações com a escola, com o trabalho e com os possíveis sintomas depressivos, após a aposentadoria*. Tese: Gerontologia - Faculdade de Educação/UNICAMP, 2002.

PEIXOTO, Clarice Ehlers. *Envelhecimento e Imagem: As fronteiras entre Paris e Rio de Janeiro*. São Paulo: Annablume, 2000.

_____. "Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso e terceira idade..." IN: BARROS, Myriam M. L. (Org.) *Velhice ou Terceira Idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, p.69 a 83.

_____. "A imagem da velhice nas telas do cinema documentário" IN: EBERT, Guita Grin (Org.). *Cadernos Pagu - Gênero em gerações*. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de Gênero/Unicamp, nº 13, p. 357 a 369.

PORTELLI, Alessandro. "Forma e significado na História: a pesquisa como um experimento em igualdade" in *Projeto História*, nº 14, São Paulo, 1997 p. 7 a 39.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1991.

ROEGIERS, Patrick. *L'oeil Multiple*. Editions La Manufacture, 1992.

SALGADO, Marcelo Antonio. *Velhice, uma nova questão social*. São Paulo: Sesc-CETI, 1980.

SAMAIN, Etienne (Org.). *O fotográfico*. São Paulo: Hucitec, 1998.

_____. “Oralidade, escrita, visualidade: meios e modos de construção dos indivíduos e das sociedades humanas” IN: Junqueira Filho, Luís Carlos Uchoa (Org.) *Perturbador Mundo Novo. História, Psicanálise e Sociedade Contemporânea. 1492-1900-1992*. Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. São Paulo:Escuta, 1994, p. 289 a 301.

_____. “No fundo dos olhos: os futuros visuais da antropologia” IN: *Imagens Diversas*. Cadernos de Antropologia e Imagem, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Núcleo de Antropologia e Imagem. Rio de Janeiro: UERJ, NAI, nº 6, 1995, p. 141 a p.158.

_____. “Os riscos do texto e da imagem – em torno de Balinese Character (1942), de Gregory Bateson e Margaret Mead” IN: *Significação. Revista Brasileira de Semiótica*. Nº 14 (nov. 2000), São Paulo: USP/CEPPI, p. 63 a 88.

- _____. “Modalidades do olhar fotográfico” IN: Achutti, Luís Eduardo Robinson (Org.). *Ensaaios (sobre o) Fotográfico*. Porto Alegre: Unidade Editorial da Prefeitura de Porto Alegre, 1998.
- SCHAPOCHNIK, Nelson. “Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade” IN Sevcenko, Nicolau (Org.). *História da Vida Privada no Brasil* vol. 3, São Paulo: Companhia das Letras, 1998. (Novais, Fernando A. coordenador geral da Coleção).
- SEIXAS, Manoel Rodrigues. *Crônicas de um ferroviário*. São Paulo:EDICON, 1991.
- _____. *O herói ferroviário*. Campinas, SP: EMOPI, 1995.
- SILVA, Armando. *Álbum de familia: la imagen de nosotros mismos*. Santa Fé de Bogotá, Colombia: Editorial Norma,1998.
- SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von, (Org.). *Os Desafios Contemporâneos da História Oral*. Campinas: CMU/Unicamp, 1997.
- _____. “Depoimento oral e fotografia na reconstrução da memória histórico sociológica: reflexões de pesquisa” IN *Boletim do Centro de Memória Unicamp*, vol. 3, nº 5, 1991, p. 14 a 24.

_____ e GIGLIO, Zula Garcia. “A arte de recriar o passado: história oral e velhice bem-sucedida” IN: NÉRI, Anita Liberalesso (Org.). *Desenvolvimento e Envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas*. Campinas: Papirus, 2001, p.141 a 160.

SONTAG, Susan. *Ensaio sobre fotografia*. Tradução de Joaquim Paiva. Rio de Janeiro: Arbor, 1981.

TACCA, Fernando Cury. *Sapateiro: retrato da casa, representação da casa do operário sapateiro francano através de seu próprio olhar fotográfico*. Dissertação (Mestrado), Multimeios- Unicamp, 1990,

THOMPSON, Paulo. *A voz do passado. História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WINKIN, Yves. *A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo*. Campinas, SP: Papirus, 1998.

LES CAHIERS DE LA PHOTOGRAPHIE, 20 Ans de *Photographie Créative. en France* 68/88,

BOLETIM CMU. *Especial sobre Fotografia*, Campinas, SP: CMUUnicamp, volume 5, nº 10, jul/dez 1993

ENCICLOPÉDIA DE ARTES VISUAIS site *Itaú Cultural* disponível em www.itaucultural.com.br

FILMOGRAFIA

A Balada de Narayama. Direção: Shohei Imamura. Cinema Asiático, Japonês, Colorido, 129 min., 1983.

Copacabana. Direção e produção: Carla Camurati. Cinema Brasileira, colorido, 2001.

A saudade em festa. Direção e realização: Equipe NAVISUAL (Núcleo de Antropologia Visual/Programa de Pós-Graduação em Antropologia Visual, Universidade Federal do Rio Grande do Sul), VHS, Cor, 38 min, 1996.

Em busca do pequeno paraíso. Direção: Clarice Ehlers Peixoto, Produção: Mission du Patrimoine Ethnographique de France, VHS, Colorido, 20 min., 1993.

Saudade. Direção: Bela Feldman-Bianco, VHS, Colorido, 57 min, 1991.

Os Velhos na Propaganda. Direção: Guita G. Debert, VHS, Colorido, 18 min., 1998.

**ANEXO 1: DONA CELESTE PIRES DA COSTA FERRARI
E SEO MOACIR MALACHIAS**

TRANSCRIÇÃO CELESTE PIRES DA COSTA FERRARI - 1

Assunto: Entrevista relacionada ao Primeiro Conjunto Fotográfico – 28 fotos

Informante: Dona Celeste Pires da Costa Ferrari (CF)

Pesquisadora: Fabiana Bruno (FB)

Data: junho de 2002

Horário: 17 horas

Local: Residência da entrevistada em Jaguariúna- SP

Duração da entrevista: 127 minutos

Fabiana Bruno: ...e fica a vontade de ver...

Celeste Ferrari: Deixa eu ver aqui o quê que é. Ah! Aqui foi aniversário... o ano passado, em outubro.

FB: Ah sim... Certo, certo.

CF: As minhas amigas mais íntimas vieram aqui em casa.

FB: Ah sim.

CF: Nem houve convite nem nada, não fiz nada, é que...

FB: Uma comemoraçãozinha né, é bom pra não passar em branco...

CF: Elas que vieram.

FB: É claro.

CF: Aqui são fotografias já que..., quando eu escrevi meu livro eu tirei umas fotografias pro meu livro, mas acontece que eu não coloquei...

FB: Ah, acabou não usando?

CF: Não, no livro não, porque o livro ia ficar muito caro, sabe?

FB: Com as imagens, não é?

CF: Com as imagens sim.

FB: Certo.

CF: Tá cheirando forte!

FB: É a tinta da fotografia né?

CF: Será ?

FB: É, me parece..., acho que seria essa de...

CF: Ah, é esta, é.

FB: ...que é aquela Polaroid né?

CF: É.

FB: é que ela tem um cheiro mais forte mesmo.

CF: Essa da caixa foi de aniversária..., não, não foi de aniversário não (?), não, manda ver...

FB: Tá pesado aí? Quer que eu ajude a senhora? Espera. Isso aí!

CF: Senão eu vou pondo lá na...

FB: É (risos), vai, vai...

CF: Na tampa, vai abaixando a tampa.

FB: É, tá certo.

CF: Essa aqui também..., é tudo fotografia. Aqui eu dançava o Charleston. Antigamente né!?

FB: Ah, sim.

CF: Aliás, desde a idade de cinco anos eu dancei o Charleston...

FB: Ah, olha só.

CF: Então o meu genro, é o marido da minha filha que estava aí...,

FB: Certo.

CF: ...*vamos dançar dona Celeste* ? Nós tínhamos ido na casa deles, *vamos dançar, me ensina dançar*, então tudo dançando o Charleston aqui (risos).

FB: Olha só que legal!

CF: Não parece, mas estamos. Aqui eu tirei também pra pôr no livro e acabei não pondo nada. Agora é meu neto que tava querendo aprender.

FB: Sei, que barato né...

CF: Aqui são fotografias mais... Você vê as que você gosta...

FB: A senhora pode ir separando aquelas que a senhora já tem um carinho assim...

CF: Aqui sou eu, meus filhos e meu genro. Você conhece, acho que todos?

FB: Eu conheço o...

CF: O Vanderlei...

FB: ...Vanderlei, o Ivan...

CF: O Ivan. Este é o Júnior.

FB: Este eu não conheço.

CF: Este, ele agora é motorista do ônibus..., como é? Serrano.

FB: Ah sim!

CF: Foi num dia de aniversário.

FB: Certo...

CF: Este é entre este e este.

FB: Ah é?

CF: A Ivani é a mais velha...

FB: Sei.

CF: ...e depois é o Ivan... Deixa eu ver uma fotografia que tem só..., só as mulheres.

FB: Ah tem das...

CF: A minha nora.

FB: ...da ala feminina.

CF: É.

FB: Ali.

CB: Aqui.

FB: Ah certo, o começo é a Elaine né...?

CF: A Elaine, a Míriam, é mulher desse que você disse que não conhece.

FB: Ah sim.

CF: A minha filha e a minha nora, mulher do Vanderlei.

FB: Ah sim, é a Míriam eu conheço.

CF: Conhece?

FB: Eu não conheço o seu filho, engraçado né.

CF: É, meu filho.

FB: A Míriam sim, eu já falei várias vezes com ela.

CF: Aqui tem umas fotografias que eu andei tirando, mas...

FB: Bom, as que a senhora for reconhecendo aí e quiser separar a gente já vai contando né.

CF: Tá, deixa eu...(pausa) Eram os meus irmãos... esta morreu com oito anos, ela era gordinha, meningite.

FB: Puxa vida.

CF: Este morreu já com..., (pausa) o Fernando, morreu com sessenta e dois anos. Este é meu irmão, era o mais velho, eu não tenho..., tenho uma irmã ainda, viva, o resto morreram todos. Mamãe teve nove filhos.

FB: Nossa!

CF: Só restou eu e a minha irmã.

FB: E a irmã...

CF: Aquele é meu pai, dizem que eu sou parecida com papai.

FB: É, sim, eu acho.

CF: Porque mamãe era franzininha...

FB: Essas...

CF: Aqui também era papai.

FB: Ah é? Quando menino né.

CF: Dezesete anos ele tinha aqui. Esta é uma sobrinha, mora em Santa Bárbara D'Oeste, esse aqui é meu..., aqui, são meus netos, pra tirar fotografia faziam sempre caretas.

FB: As caretas né.

CF: Aqui era o nosso primeiro circo, porque o último circo que nós tivemos chamava Marabá. Este ainda era o Leblon.

FB: Essa é uma foto que a senhora gosta, não?

CF: Eu gosto dessa foto.

FB: Podemos incluir esta?

CF: Pode, mas...

FB: Depois a gente vê, não precisa tirar ela...

CF: Tira já?

FB: Não, não, pra num..., depois a gente vê uma forma de não..., né, não se preocupe.

CF: Aqui era meu avô, pai de papai.

FB: Ah, olha só.

CF: Aqui era o meu pai (risos), naquele tempo vestia camisola, eles eram portugueses.

FB: Ah, sim.

CF: E vieram pra cá, pro Brasil, aí nasceu meu pai, nasceu na Barra Funda,

aqui é a minha tia, também...

CF: Aqui era o papai também, papai escrevia muito, sabe, papai era muito inteligente.

FB: É, olha, aqui ele tá com uns livros né.

CF: É. Aqui é papai e mamãe.

FB: Aqui também?

CF: É, olha a roupa antiga né, bota, botinha...

FB: É, bonita né, com chapéu e tudo. Que legal!

CF: Então, aqui era papai e a irmã dele. Não existe mais ninguém da família do papai; da minha mãe ainda tenho primas, mas do meu pai não. Aqui eu tinha quatorze anos, aqui dezesseis.

FB: Olha só!

CF: Aqui é minha filha.

FB: Ah é.

CF: Nós tiramos ali perto da farmácia. Você sabe a farmácia onde era, do Walter né?

FB: Certo.

CF: Do meu marido. São meus tios, este era irmão da mamãe.

FB: E esta aqui?

CF: Não, esta era uma amiga, uma amiguinha, que vinha de uma das cidades que nós estivemos e ela tinha estado no carnaval, então tiraram fotografia e ela me deu de lembrança. Aqui é meu irmão mais velho, a esposa dele, já morreu

também ela... (pausa) Aqui tudo... Aqui foi aquele circo que eu mostrei a fotografia. Nós desmanchamos ele inteirinho, em Carandaí, aí papai fez parque de diversão, de todo o madeiramento que tinha fez barraquinha, fez balança, fez..., aqui não aparece... Aqui era a porta do parque pra entrar.

FB: Ah, a entrada né.

CF: Aqui é tudo minha as fotografias, minhas, com dezesseis anos...

FB: Olha que legal!

CF: Olha eu, de homem.

CF: Papai tinha três peças que eu tinha entrado de homem, no fim declarava que eu era mulher, mas eu precisa entrar fumando, nem por isso eu peguei o vício de fumar. E minha irmã, que ainda é viva, fuma que é uma desesperada, nossa! Aqui foi em Conselheiro Lafaiete, a cidade que nós estávamos com o circo. Eu tinha uma amiga lá e ela trouxe. Um dia trouxe dois cavalos, um pra mim, outro pra ela, pra nós ir passear de cavalo. Papai deixou, ele não deixava sair sem meu irmão. Este é este, este é meu sobrinho, esta é a mulher dele, já falecida, ele também. Aqui é papai...

FB: Olha que barato!

CF: Eu gosto desta fotografia, que tá bem diferente dele.

FB: Podemos incluir esta também?

CF: Pode também. Seu Belarmino era o nome dele. Aqui foi na formatura do meu filho mais novo, o Vanderlei.

FB: Ele é formado em quê mesmo? É..., aqui era de que formatura?

CF: E agora?

FB: Não, quantos anos ele tinha? É aqui essa foto, não?

CF: É aqui, lá no, no Jaguar me parece, é no Jaguar, essa aí também em cima foi no Jaguar, mas agora eu não me lembro, formatura do quê.

FB: Não, tudo bem, não se preocupe.

CF: Se ele tivesse aí eu perguntaria, mas não tá, viajou, foi pra Campinas. Aqui é uma cena que nós fazemos com palhaços né, eu não estou aqui. Parece o Sílvio Santos, não parece? (risos) Aqui foi em Poá, nós moramos em frente à igreja, numa casinha lá. Essas duas fotografias..., esta é minha irmã, esta é minha prima, as duas têm a mesma idade e..., é, as duas têm a mesma idade. Aqui é a capela que fizeram aqui do lado da igreja, em Poá. Aqui são amigas. Este é meu avô, pai da mamãe. E este é meu irmão, aquele bonito que você viu é este. Isso aqui foi um, um..., papai fez uma campanha..., campanha do quê? Todos por um e um por todos, é uma campanha, eu não sei se foi em Pederneiras..., diversas pessoas trabalharam. Aqui foi aqui mesmo, num almoço que fizemos pra vender os adesivos. Esta senhora já falecida. Aqui minha filha, eu, a Cacilda, Bercolini, você conhece?

FB: Sei.

CF: É esta. Esta é a Lourdes Domeluzzi, Geraldo Firmino, padre Antônio..., esta já foi embora daqui faz muito tempo. (pausa) O meu irmão mais novo, Fernando, aqui sou eu, tô parecendo turca. Esse aqui é..., acho que é da minha..., parente da minha irmã, sobrinho por parte de marido, não sei. Aqui foi em Lençóis Paulista que nós tiramos esta fotografia, aqui é meu irmão e tinha um rapaz na Companhia que fazia palhaço também. Você quer falar alguma coisa agora sobre...?

FB: É, então... dessa, a gente separou duas né, não sei se a senhora queria incluir mais algumas não é... depois de ter olhado?

CF: Você quer que eu tire agora umas?

FB: É, se a senhora quiser já separar, vamos ver se não vai estragar né?

CF: Não, eu já tenho tirado tudo as fotografias daqui pra fazer alguma coisa...

FB: Já tem prática até.

CF: Já.

FB: Então... seria do primeiro circo né?

CF: É.

FB: Essas daí?

CF: Essa aqui.

FB: Isto.

CF: O pior é que eu colo com cola mesmo, depois fica difícil.

FB: Sei... é.

CF: E tinha aquelas cantoneiras, mas de tanto tirar, põem, tira e põem, rasgaram as cantoneiras, então agora eu tenho que tirar assim.

FB: Tem que tirar assim né?

CF: Colado.

FB: Aqui, olha, vou pôr ela assim do lado, depois eu vou... A senhora lembra que época seria? Ah, tá aqui ó, 1936, não é isso?

CF: Isso.

FB: Então essa foi em 1936, que cidade seria, a senhora se lembra?

CF: Não lembro, a cidade é que eu não me lembro.

FB: A senhora tá nessa foto?

CF: Tô?

FB: Será?

CF: Não, não, tô, tô aqui, no banco...

FB: Ah, sim, então aqui seria toda a sua família, mas...

CF: Não, aqui é meu pai, esta é minha cunhada, mulher de um dos meus irmãos; esta

era artista do circo, este também era artista, este, policial entrou aí de gaiato, ele quis tirar junto, não aconteceu nada, viu?

FB: Sei, tá bom.

CF: Este aqui é esposo desta de preto..., não, não, este aqui que era esposo dela.

FB: Tá, então só a senhora e o seu pai. A sua mãe também tá?

CF: Não, minha mãe não está não.

FB: Ah tá. E quem que fez esta foto, a senhora se lembra?

CF: Não me lembro, trinta e seis...

FB: Mas era uma pessoa do circo mesmo?

CF: Ah foi, foi, uma pessoa do circo.

FB: Então este era o primeiro, chamava Leblon?

CF: Leblon.

FB: E quantos anos a senhora tinha aqui, mais ou menos, será ?

CF: Acho que tinha uns quinze.

FB: Certo.

CF: Pera, é só fazer as contas né?

FB: É, trinta e seis...

CF: Trinta e seis, eu nasci em vinte e um...

FB: Exatamente quinze anos.

CF: Não errei ein.

FB: (risos) Direitinho, tá bom. E então a outra que a senhora falou é do seu pai né, aquela que ele tá com uma roupa diferente.

CF: Essas aqui nem adianta, porque essas aqui eu acho que nem vão sair daqui, que eu coleí tanto...

FB: É e qualquer coisa eu posso refotografar sem tirar do álbum, eu faço uma foto...

CF: Esta que tá assim apagadinha, daria pra...?

FB: Acho que sai.

CF: Deixa eu ver essa aqui.

FB: Ah, se a senhora gostar de alguma a gente coloca dentro dessas, a senhora que sabe. (pausa)

CF: Este aqui era a bordo de um... navio, não era grande não, era pequeno. É o meu irmão e a mulher dele, com o primeiro filho. E ele nasceu e eles tiveram que fazer uma viagem, não fora do Brasil, não sei de que cidade era, pra uma outra cidade. E aqui estão no convés do navio e o neném morreu, morreu no navio e foi jogado no mar.

FB: Puxa vida, não, que história!!

CF: Esta também tá difícil de tirar, acho que (?)

FB: Sei e essa foto foi tirada antes do acontecimento?

CF: Foi, foi tirada antes.

FB: Depois que o bebê faleceu né?

CF: É. Essa deixa pra trás ou você vai pôr?

FB: Quer inclui-la? A gente inclui. Então é o seu irmão e a esposa? Como é o nome do seu irmão?

CF: José Pires Filho.

FB: José Pires Filho. E ela?

CF: Maria José Martins Pires.

FB: E quanto tempo tinha o bebê, poucos nesse né?

CF: Ah!...tinha acho que uns dois meses.

FB: E...

CF: Só que o nome dele eu não me lembro.

FB: E que época devia ser então, a senhora tem idéia que ano mais ou mesmo, que década, faz muito tempo isso?

CF: Quando eles casaram eu estava com quatorze anos..., dezesseis anos, mil novecentos...

FB: E trinta e sete mais ou menos?

CF: ...trinta e sete, por aí...

FB: E aí essa foto foi feita antes, por motivo da viagem mesmo né, provavelmente...

CF: É.

FB: De lembrança da viagem, alguma coisa.

CF: Foi.

FB: E a viagem durou muitos dias, será?

CF: Não, não, foi viagem rápida, acho que uns dois, três dias só. Foi aqui no Brasil né, não me lembro de que cidade, pra quê cidade.

FB: Certo. Tá bom.

C: Deixa eu ver uma do papai e mamãe. (pausa) Depois eles...

FB: Essa...

CF: Não, depois eles tiveram essa menina, tiveram mais seis filhos, eles. Eu tenho uma fotografia, acho que tá num outro álbum, que...

FB: Que tem outros.

CF: É. E daqui, você gostaria de levar alguma?

FB: Pode ser, qual que a senhora gosta dessas?

CF: (pausa) Aqui tá o papai, o meu irmão que ainda era menino, o outro meu irmão que era um pouquinho mais velho do que eu e a minha irmã Terezinha. Terezinha eu vou mostrar no outro álbum.

FB: Pode ser essa então.

CF: Pode?

FB: Pode, claro. Esse..., onde era mesmo essa da..., essa fotografia?

CF: Esta aqui foi em Carandaí, Minas.

FB: Carandaí. Era um dos locais em que o circo ficou né?

CF: É, transformamos o circo em parque, parque de diversões.

FB: Ah sim. E que época seria essa então mais ou menos, a senhora...?

CF: Foi em mil novecentos e trinta..., não tem atrás né?

FB: Essa não. Mais ou menos trinta né?

CF: Não... mais.

FB: Década de trinta? Década de trinta mais ou menos.

CF: Eu tinha dezesseis anos.

FB: Dezesseis ? Então é trinta e sete mais ou menos né?

CF: Isso.

FB: E a senhora tava aonde, não tava aqui?

CF: Eu tô.

FB: Cadê a senhora?

CF: Eu tô aqui.

FB: Ah bom!

CF: Ói que escandalosa, que cabelo bonito. Nós távamos..., nós mesmo que fizemos a transformação de circo em parque, quer dizer, todos nós trabalhávamos, todos nós. Mamãe tinha, tem uma fotografia que ela tava pintan..., aqui, ói, ela tava pintando a frente do circo, de casaco, eu acho tava frio naturalmente né?

FB: E ficou muitos dias nessa cidade?

CF: Ficamos oito meses.

FB: Nossa!

CF: Carandaí?

FB: E foi alguém do próprio circo que fez a foto, será?

CF: Não, foi uma pessoa conhecida.

FB: E depois ganha..., ela deu pra senhora a foto?

CF: Foi, deram pro papai, este álbum era da minha mãe.

FB: Ah é?

CF: Eu não tô achando meu pai aqui, será que é esta fotografia de...?

FB: É aquela que ele tá com uma roupa...

CF: Não é esta?

FB: Isto...,

CF: É?

FB: ...que a senhora falou, é, exato, que a senhora falou que ele tava..., que a senhora gosta, que ele tá diferente.

CF: Tá bem diferente do que ele era, nossa...

FB: Era de uma peça essa, esse jeito...?

CF: Não, aliás meu pai cantava no circo, sabe? Então ele cantava músicas caipiras, sertanejas agora né, então ele cantava.

FB: E essa era uma das apresentações dele?

CF: É, ói que feio, credo!?! Vamos olhar aqui que tinha uma coisa escrita.

FB: Ah sim.

CF: Belarmino no seu característico.

F: Que seria então isso?

CF: É que ele cantava, isso tava pregado atrás acho.

FB: Eu acho que sim, ó, é.

CF: Bom, aqui são essas.

FB: E que ano seria mais ou menos isso, a senhora tem idéia?

CF: Ah, eu acho que eu tinha uns doze anos...

FB: Mil novecentos e trinta e dois,... mais ou menos né?

CF: É.

FB: E como é mesmo o nome do pai da senhora, Belarmino... ?

CF: José Pires...

FB: Pires...

CF: Ele tinha pai, mas não precisa pôr pai né.

FB: José Pires né?

CF: Só.

FB: E o que era Belarmino?

CF: Era o personagem dele, ele só cantava assim, desse jeito.

FB: Esse é bonito né, esse álbum é antigo também?

CF: Meus Deus, eu tinha..., acho que quinze anos quando eu ganhei de uma...?

FB: Ah é?

CF: Quinze anos eu tinha. Aqui tá a família toda, papai, mamãe, meu irmão, eu tenho outras fotografias mais bonitas. Meu irmão, este é mais velho que eu, este era mais novo e este o mais velho de todos. Mamãe teve nove, mas vivos ficaram só cinco.

FB: E cadê a senhora?

CF: Eu tô aqui.

FB: Ah sim. Esse foi a senhora que montou esse álbum ?

CF: Foi. Eu ganhei o álbum só. Esta fotografia deve tá no livro. Você já viu meu livro né?

FB: Sim, eu tenho o livro da senhora.

CF: Deixa eu ver se aqui tem alguma coisa que neste. São minhas orquídeas, elas são pequenininhas assim...

FB: Que bonitinhas.

CF: Teve uma época que deu trinta e tantas orquídeas nesta placa. Nessa aqui tem alguma coisa..., não. Aqui é foto de amiga, esta é a Míriam, Ivone minha filha, o resto é tudo criançadinha amiga. (pausa). Aqui é papai fazendo mágica,

mamãe. Aqui eram os três irmãos, eles faziam apresentação no circo que chamava estátua viva, tanto que no livro saiu, parece que estaca viva, eu falei, meu Deus do céu...(risos). Não sei, a editora que errou.

FB: Sei.

CF: Este é meu irmão...

FB: Ai que legal!!

CF: Aqui é minha irmã, ói como ela era bonita!!

FB: Bonita né?

CF: Tadinha tá tão magrinha, tão franzina, tão pequeninha, nem parece mais ela. Aqui é eu e ela, dançávamos, eu cantava e ela dançava né, a música que eu cantava.

FB: Qual é a senhora?

CF: Aqui.

FB: Ah sim.

CF: Tinha umas pernas bonitas... Eu nunca tive coragem, porque quando eu era pequena, até uns doze anos, eu fazia trapézio, andava no arame, depois dos doze anos eu não quis mais, aí pedi pra mamãe pedir pro papai, porque a gente não tinha voz ativa de pedir nada né, aí ele concordou que eu não fizesse mais. Porque eu tenho as pernas meio tortas e eu tinha vergonha de pôr roupinha curta pra..., no arame tem que andar com roupa curta, trapézio tem que andar de maiô, uma coisa assim né, então eu não fiz mais, aí ele concordou.

FB: Quer incluir essa,...?

CF: Pode.

FB: E que lugar, que cidade seria essa no caso dessa foto?

CF: Essa daqui foi em Poços de Caldas.

FB: E aí a senhora teria mais ou menos quantos anos?

CF: Na época foi..., acho que quarenta e dois, mais ou menos.

FB: Certo. E era um dos números, tinha um número..., tinha um nome?

CF: Não, era bailado né, a gente bailava.

FB: E como é o nome da sua irmã?

CF: Terezinha. Terezinha Pires Augusto, que ela casou né.

FB: Certo.

CF: Bom, essa época ainda era Pires.

FB: Então ela era a..., como se diz, o...

CF: Era a principal né, ela era a artista principal pra bailado.

FB: Certo. E a senhora?

CF: Eu cantava... (interrupção da gravação - fim do lado A)

CF: Aqui eu tinha vinte e três, eu casei com vinte e sete. Aqui era o meu irmão, aquele bonito, mais velho.

FB: Sei.

CF: O Walter, eu , a minha irmã e o marido dela. Judiou tanto dela, se você leu o livro inteiro você deve se lembrar. Esse barulho...

FB: É ali fora?

CF: Você deixou...

FB: O carro...

CF: Aonde ?

FB: Tá aqui em frente.

CF: Em frente ?

FB: É, ali, uma pessoa passou.

CF: Aqui foi nossa Bodas de Prata. Aqui foi na frente da casa da minha sogra. Aqui já é a minha casa, antigamente era assim, depois que nós trocamos por grade. Aqui são meus sogros, minha sogra, meu sogro, devo ter mais fotografias deles aqui que estejam melhor. Aqui sou eu, aqui sou eu, aqui eu tinha dezesseis anos. Aqui eu já tava em Poços de Caldas. Aqui é minha mãe.

FB: Olha só que barato!

CF: Aqui é mamãe, papai e meu irmão. Meu irmão em São Paulo o bonde cortou a metade do pé dele, ele subiu no bonde, mas tava muito cheio...

FB: Ave Maria!

CF: No bonde tem aquele..., como é que chama? Estribo. E ele subiu no estribo, ficou segurando, mas uma pessoa apertou de cá, a outra não quis se afastar, empurraram e ele caiu, caiu com um pé só, graças a Deus, ele caiu com um pé só...

FB: Nossa, coitadinho.

CF: ...embaixo do bonde e cortou. Aqui eles foram pagar uma promessa em Taubaté. Aqui sou eu que tirei na frente do espelho. Aqui papai quando tinha circo ainda, já tinha casado, tudo, aí ele quis trocar a casa dele, aliás, o circo, tinha um senhor que tinha uma casinha de madeira e queria ter um circo, então papai fez a troca com ele, ficou com a casinha e um terreno grande no fundo e o rapaz ficou com o circo nosso.

FB: Quer incluir qualquer uma dessas a senhora vai falando, qual que a senhora quiser ir separando.

CF: Essa aqui tem até um cachorro.

FB: É, verdade.

CF: Meu pai fez uma gruta aqui, uma gruta bonita, mas não aparece ainda porque acho que ainda não tinha, ele não tinha coberto ainda aqui. Precisou fazer uma melhoria na casa, porque tava só assim né, ele pôs cobertura aqui na frente no terraço... E qual que eu ponho? (pausa) Puxa, acho que essa...

FB: Essa daí?

CF: Essa daqui tá boa, minha mãe, a minha irmã, aquela que eu falei pra você, a única irmã que eu tive. E este é meu irmão, este meu irmão morava com mamãe, com mamãe e papai né.

FB: Como é o nome dele

CF: Do meu irmão?

FB: É.

CF: Artur, Artur Pires. É esse daqui, ele deixou a barba desse jeito depois que ele..., que o bonde cortou o pé dele.

FB: Ah, que ele tá aqui também né, nessa foto.

CF: Ah é. Ele era assim ó, depois deixou a barba crescer. Você quer essas daqui?

FB: Pode ser então. E em que cidade é?

CF: São Paulo.

FB: Ah, em São Paulo.

CF: Vila Formosa.

FB: E quanto tempo vocês moraram lá?

CF: Não, eu não morei, eu já tinha casado, foi..., foi acho que cinqüenta... Na frente desses, na frente desses paus, que hoje seguram a cobertura, da pajem da casa temos uma..., que que tá aqui? Foi papai que escreveu, ...espécie de caramanchão. Tomou conta uma linda trepadeira que deixa flores em cachos. Não aparece nada disso né, só aparece a casa sem telhado (risos), sem o alpendre, não tem nada.

FB: E quem será que fez essa foto?

CF: Deve ter sido algum amigo deles.

FB: Certo.

CF: Aqui foi a fotografia que tiramos no..., ele fez do batizado do Júnior, marido da Miriam, essas daqui. Agora essas aqui foi em Santos que nós tiramos, minha filha se formou e ela falou que não queria presente nenhum, o Walter queria dar o anel pra ela e ela não quis, *não pai, eu quero ir num passeio pra Santos, mas eu quero que todos vão.*

FB: Sei.

CF: Custou muito pro Walter deixar a farmácia pra ir né?

Ficamos cinco dias lá.

FB: Ai que gostoso!!

CF: No fim, quase não aparece ninguém. Essa é a Sandra Camillini, você... acho que não conhece, ela tinha uma loja lá no shopping. Essa daqui..., ah, não vou nem falar porque eu não me lembro mais.

FB: Tudo bem.

CF: Aqui é quase todas amigas.

FB: Ah, que legal.

CF: Aqui é de Igarapava; aqui é Lençóis; essa daqui é de Poços de Caldas; não me lembro aonde que era; essa é de Igarapava, Rosa; acho que foi de Laranjal; Igarapava... Bom, esse aqui é Betinho, você conhece né?

FB: Betinho...

CF: Queiroz.

FB: Acho que não dona Celeste.

CF: Ele é daqui, aqui era meninote ainda.

CF: Esse aqui foi..., eu casei em quarenta e sete..., ah, quarenta e oito, acho que foi em quarenta e dois, acho que foi, essa fotografia foi no circo, dentro do circo.

FB: Ai que bonita.

CF: Mais ou menos em 1942. Aqui subia pro palco.

FB: certo. E como chamava o circo aqui? Ah sim, ó, Mara...

CF: Circo Marabá.

FB: Marabá. Quarenta e nove.

CF: Quarenta e nove, que bom que tinha a data aí. Quarenta e nove, aí eu tinha casado, eu casei em quarenta e oito.

FB: Já era casada. E aqui na frente tem...

CF: Aqui tem uma espécie de um palco, a gente trabalhava aqui nesse palco e trabalhava neste, eram dois palcos. Aqui era o picadeiro, no picadeiro tinha rola-rola, tinha trapézio, tinha escada, tinha diversos números de arte né, de, de... E meu irmão saltava, não é assaltava... (risos)

FB: Tá certo. A senhora tá aqui nessa foto?

CF: Não, não que eu já tinha casado.

FB: O seu pai tá.

CF: Papai tá. Deixa eu ver aonde que ele tá.

FB: Era perto do natal né? provavelmente....

CF: Era. Onde papai tá? Aqui, não, aqui é meu irmão, aqui é meu irmão..., cadê o papai? Não era o Hércules, esse é meu irmão.

FB: O Hércules...

CF: Parece que não tem ninguém...

FB: Tem. Esse de óculos, esse aqui...

CF: Papai era magro... Puxa vida..., não, não é esse, esse também não. Eu não sei aonde que tá meu pai, perderam meu pai. Só se não está aí.

FB: Ah, pode ser. Não é esse aqui né?

CF: Isso foi numa, numa... Esse aqui? Eu acho que é.

FB: Parece ele.

CF: Parece, é, eu acho que é sim, foi numa matinê.

FB: Ah sim. Vamos pôr essa aqui junto.

CF: Bom, aqui eu tinha cinco anos, foi quando eu comecei a dançar o charleston, esta roupinha mamãe quem fez. Você quer levar ela?

FB: Ah?

CF: Cinco anos.

FB: E quem fez esta foto?

CF: Qual, esta?

FB: É.

CF: Esta aqui foi feita sem fotógrafo mesmo.

FB: Ah sim.

CF: Olha, os fotografos de antigamente não dava nem... Vamos, vamos, não tenho nada de bom pra te oferecer.

FB: Imagina, que é isso.

CF: Não posso comer nada, não posso fazer um bolo, nada né, tenho diabetes.

FB: Eu aceito (retirando uma bala do baleiro), obrigada dona Celeste. É ruim né agente ter que regular a alimentação né?

CF: Ai, pressão alta, diabetes...

FB: Ixi Maria!

CF: Tenho um monte de coisa, nem vou escalar pra você o que que é...

FB: Listar né, ah, é assim mesmo...

CF: ...porque senão você vai ficar muito tempo...

FB: E a gente tava falando dessa né.

CF: Então. Aí eu tinha...

FB: Aos cinco anos.

CF: ..., cinco anos eu tinha. Que cabelo...

FB: E quem fez a foto, a senhora se lembra?

CF: Foi um fotógrafo, não me lembro assim o nome dele, nem nada, eu sei porque mamãe falava, *fica direitinha, não vai se mexer...* Eu me lembro que foi tirada com um fotógrafo. (pausa)

FB: E a roupa foi feita por quem?

CF: Mamãe. Eu tenho, um outro vestido que a mãe fez eu ainda tenho, quando eu tinha cinco anos.

FB: Ah, a senhora guardou?

CF: Guardei.

FB: Olha, que legal.

CF: É de organdi, mas tudo furadinho na manga ainda, tá tudo comidinho. Bom, aqui é meu irmão velho, aqui minha cunhada, esposa dele.

FB: E essa aqui?

CF: Aí sou eu que tinha quatorze anos. Bom, deixa eu ver mais pra cá. Aqui foi um jantar do Lions, o Walter foi, o Maurício...

FB: Ah, o seu Maurício.

CF: Ah!!! ?

FB: O seu Maurício né?

CF: É, tá novo ainda. Aqui é o Laércio...

FB: Olha só.

CF: Foi num jantar, antigamente tinha aquela sociedade Lions e então o Walter pertencia também.

FB: certo.

CF: Você quer levar ela?

FB: Pode ser.

CF: Vamos ver se eu conseguiria tirar assim.

FB: É, sem estragar né.

CF: Sem rasgar.

FB: É, a senhora tem mais prática, vou deixar pra senhora.

CF: A prática, prática de tirar...(pausa) Credo, isso aqui tá colado mesmo.

FB: A senhora sabia que... sabe a Abigail que tá abrindo aquela..., a senhora já viu a foto do seu Walter?

CF: Não, ela, ela falou pra mim...

FB: Que ela disse que fez uma imagem...

CF: É, ela disse que vinha me pegar aqui em casa pra me mostrar, mas até agora não veio.

FB: Sei.

CF: Ela sempre foi muito amiga da gente, aliás todos eles, o pai dela se dava muito com o Walter. Às vezes se encontravam em bar e bebia até as coisas..., então a gente se dava muito, a dona Teresa é muito amiga, muito boazinha. Barbaridade, tá colada. Agora quando eu colar eu vou só colar as pontinhas.

FB: As pontinhas... isso.

CF: Porque de vez em quando tem gente que pede.

FB: Certo. Então essa quando seria mais ou menos a época, a senhora tem idéia dessa aqui, é mais recente né?

CF: É, acho que foi mais ou menos em..., não tá aí marcado né.

FB: Essa não tem. Mais ou menos a década assim a senhora sabe?

CF: Eu não me lembro bem, mas acho que foi em cinquenta e cinco, cinquenta e seis...

FB: E era na sede mesmo do Lions?

CF: Não, era no antigo clube que tinha aí, pegado a padaria do Gotardo, não sei se você se lembra, faz tempo já que saiu dali.

FB: Ahan, que era a Sociedade Amigos de Jaguariúna, alguma coisa assim, que era o antigo Jaguar né, é isso que a senhora fala?

CF: Não, não, como é que chamava?

FB: Tudo bem, depois eu vejo, não tem tanto problema.

CF: Tinha um nome aquele clube lá.

FB: É, eu acho que sim mesmo.

CF: Aqui o Walter já estava doente, você vê a diferença?

FB: Puxa vida, é. Ele aqui bem jovem né?

CF: É, aqui foi quando nós casamos eu tinha tirado, uns dias antes ele tinha tirado essa fotografia pra me dar porque eu não tinha fotografia dele ainda. Aqui ele já, nós já tínhamos casado. E aqui foi quando ele ficou doente. Aqui é ele também. Aqui é ele e o Di, você conhece o Di?

FB: Sei quem é.

CF: Bem aqui também né?

FB: É fogo né?

CF: O tempo passa né? Aí era do circo, da minha, da minha irmã, o marido dela tinha circo, casou e foi pra lá, aliás sofreu bastante. Aqui também é ela, ela não gosta de fotografia, aí, ah, eu já falei pra ela, ela falou, *tira daí então se você não gosta*. Não sei, tá parecendo mulher da vida aí, ela fica brava comigo.

FB: E esse quem é ?

CF: Papai.

FB: Olha, tá diferente aqui né.

CF: Papai, mamãe..., tá, aí ele tá magro, faz muitos anos. Aqui é minha sogra.

FB: Ah sim, se parece né com seu Walter, parece bem com ele.

CF: É. Agora, o Júnior, o marido da Miriam se parece com meu sogro.

FB: Ah sim, é, ele tem uns traços diferentes né dos outros filhos.

CF: Essas duas trabalhavam na Panamericana, onde eu trabalhava, as duas Marias, eram cantoras.

FB: É mesmo? Bonitas né.

CF: Olha, foi em quarenta e quatro que inaugurou a Panamericana. Esta menina é filha de uma comadre minha, aliás ela é minha, era minha afilhada.

FB: Sei.

CF: Cresceu, casou, aí ela teve dois filhos, aí ela teve uma doença, talvez você conheça, chama Lupus. É uma espécie de reumatismo que vai pegando os órgãos, se pegar o coração mata e foi o que aconteceu com ela. Sofreu coitadinha, é minha afilhada e tem o mesmo nome que eu, tinha.

FB: É mesmo? Olha só...

CF: A mãe dela, antes de casar, diz que gostava muito de mim, que se ela casasse e tivesse uma filha que ela ia pôr meu nome e pôs mesmo, só que pôs Celeste Maria.

FB: Sei, é, com dois anos.

CF: Celeste Maria. Aqui foi em São João da Boa Vista aqui também. Não, aqui não, aqui é Águas da Prata, ó meu sogro, devia de pôr meu sogro junto da minha sogra, onde que ela tá? Aqui.

FB: É.

CF: Devia ter posto aqui junto. Meu sogro era tão bom.

FB: Era?

CF: Ah, que homem bom. Deixa eu ver os cunhados nas fotografias que tem lá. Aí era uma pescaria que a gente ia fazer, de Pirassununga. Eu tenho uma amiga ainda, tá viva, lá, muito..., uma amiga mesmo do coração, deixa eu ver

se eu vejo ela por aqui. Eu não vou falar pra você, eu não sei se eu lembro direito mais, é, ela tá por aqui, ah, não sei. Então, esta e este são os pais da Celeste Maria, ele morreu num acidente horrível, na hora, ele morreu na hora, eles iam indo pra Santos, ele morreu na hora. Ficou ela toda estragada, sabe, ela sofreu também muito...

FB: Sei.

CF: ...muito, do acidente né.

FB: Certo.

CF: E agora do dia de Corpus Christi agora, ela morreu um dia antes, dia de Corpus Christi foi enterrada. Mas eu chorei... era tão amiga, ela não passava nada lá sem me contar, ou por telefone, ou por carta, eu ainda tenho...

FB: Sei e onde ela morava?

CF: São Bernardo do campo.

FB: Olha só, é uma amizade grande né?

CF: Nossa! Mais de sessenta anos tivemos amizade. Nós tivemos lá em quarenta e cinco, quarenta e seis.

FB: Quer incluir esta dona Celeste, a senhora que sabe?

CF: (pausa) Será que sai daqui? (pausa)

FB: E como era o nome dela?

CF: Terezinha.

FB: Terezinha.

CF: Terezinha da Costa Lima.

FB: E ele?

CF: Lainor.

FB: Lainor?

CF: É.

FB: E onde eles tão aí, em que lugar será?

CF: Aqui eles tão, acho que no jardim lá da cidade né.

FB: De São Bernardo.

CF: De São Bernardo do Campo. Aqui foi logo que eles casaram, eles casaram um ano antes que eu, quarenta e sete. Deixa eu ver, essa é a irmã? Ela me chamava de Inelzinha comadre, *todo afeto e dedicação*. Quarenta e sete.

FB: Em quarenta e sete. Ela que deu essa foto pra senhora?

CF: Foi. Ah, tudo que era foto que ela tirava lá ela mandava pra mim.

FB: Ai que gostoso...

CF: Tadinha, passou tão mal, ficou quarenta e tantos dias no hospital.

FB: Nossa!!

CF: Aqui sou, meu irmão Fernando, Terezinha minha irmã, ela era gordinha, bonitinha e esse era um irmão que eu tive, que morreu do coração, morreu com quatro anos. Essa não vai não. Bom, aqui...

FB: Ah você passou...

CF: Duas?

FB: Isso, tem uma página aqui que a gente não viu.

CF: Aqui são pessoas amigas... (telefone tocando)

FB: Pode atender (interrupção da gravação) Mas qualquer coisa a senhora pergunta, depois eu falo com a senhora de novo.

CF: Bom, esses...

FB: São os amigos né?

CF: ...de Carandaí, lá onde nós fizemos do circo o parque.

FB: Certo.

CF: Aquele moço gostava da minha irmã, coitado, morreu cedo. Bom, aqui também são amigas. Esta amiga era uma amiga íntima, viajou até com a gente

no circo por minha causa.

FB: É mesmo?

C: Gostava de mim, até falavam que era..., sapatão né que a gente fala. Que ela tinha um ciúme de mim...

FB: É mesmo?

CF: Nossa, quando eu comecei a namorar o Walter ela estava no nosso circo e ela falava: “esse moço não presta, ele bebe, porque não sei o quê”... Olha, por causa dele ela me deu um tapa no braço, porque eu achei ruim com ela né?

FB: É mesmo?

CF: Daí ela foi embora.

FB: Ai, foi embora...

CF: Elza ela chama, foi muito minha amiga, até se tiver outra fotografia dela aqui, que aqui ela tá muito moça.

FB: Ah sim, Elza.

CF: Elza Alves de Moraes. Não tem nada a ver com os Moraes daqui.

FB: E esse prédio aqui?

CF: É a minha cidade, aonde eu nasci. Como eu não conhecia a minha cidade, o papai comprou essas duas (cartões-postais). Aqui era a estação e aqui era um colégio, ele comprou essas duas pra mim ver como é que era lá, tal. Como é que era ? Não mostra a cidade!!!!

FB: Isso que lugar que é mesmo?

CF: Botucatu. Quer levar essa ?

FB: Pode ser, qual delas que..., essas aqui?

CF: Eu acho que é melhor esta né?

FB: Essa aqui tá mais fácil

CF: Visível, também.

FB: E esse prédio do que seria, será?

CF: É um colégio.

FB: Uhm, um colégio. A senhora sabe o nome do colégio?

CF: Ai bem...

FB: Veja se não tem atrás, ah lá...

CF: Vista do ginásio de Botucatu, a Cidade Progresso, uma lembrança da minha primeira visita, papapá, papapá...Itatinga, primeiro de março de 1940.

FB: É, Itatin...

CF: Itatinga, é São João de Itatinga que chama.

FB: E por que Botucatu?

CF: Não, é que papai mandou...

FB: Ah, é de lá, ele mandou, foi isso?

CF: Não, não, tiraram a fotografia, ou ele comprou a fotografia, mas ele só foi me dar na outra cidade que nós fomos.

FB: Ah e já quando tava em Itatinga, é isso?

CF: Março...

FB: Ah, entendi.

CF: Eu nasci, eu nasci..., não, mas ele me deu essa fotografia, essas duas fotografias eu já era mocinha.

FB: Já era grande né.

CF: Já era grande, tinha uns doze anos mais ou menos.

FB: Certo.

CF: Aqui foi (?) também. Esse aqui..., o Biro, você conhece o Biro ?

FB: Conheço, é ele?

CF: Ele era pequeno.

FB: Olha só.

CF: Brigava com ele, ihhh, falava que eu não tinha nada, porque eu morei dois anos com a minha sogra né, se eu ia ligar o rádio ele falava, *tira a mão daí, não é teu o rádio...* Nossa, mas como brigava. Bom, aqui foi um passeio que nós fomos fazer em Poços de Caldas, aliás, nós estávamos lá com o circo. Aí foi essa senhora aqui, nós moramos três anos em São Paulo no porão da pensão dela.

FB: Ah, sei.

CF: É, deixa eu ver se ela tá aqui.

FB: Aqui sua mãe.

CF: Isso, mamãe, essa é filha dela, aqui papai, a filha dela, esta é uma amiga..., ela não tá aqui não. Aqui a Terezinha..., acho que fui até eu que tirei essa fotografia.

FB: sei.

CF: Bom, deixa passar. Aqui meu irmão e eu quando nós estávamos na Panamericana em São Paulo. Aqui também.

FB: Quer pôr uma dessas?

CF: Quando era jovem..., põe. Tem, mas eu não...

FB: E aqui é a senhora?

CF: Sou eu.

FB: Olha, que bonita.

CF: Eu tinha... acho que vinte e um anos. Aqui tinha vinte e três..., (?) meu irmão. É trinta e um, mas ainda época da Jovem Pan, Jovem Pan agora né, era Panamericana.

CF: Panamericana.

CF: Não sei se eu te dou esta...

FB: A senhora é quem sabe. (pausa) Tá difícil achar. Opa! Ai meu Deus...

CF: Não, não tem problema. Se eu te contar a história desse galo aqui você vai dar risada.

FB: Que que era?

CF: Nós tivemos em Atibaia e tinha um leiteiro que trazia todos os dias..., com o circo né, trazia todos os dias um litro de leite em casa.

FB: Sei.

CF: E um dia ele trouxe dois pintinhos, casalzinho e falou pra mim se eu gostava de criar. Falei, ah, gosto sim. Então ele deu, o casalzinho. E eles foram crescendo. Numa época de frio, nós nem estávamos mais em Atibaia, uma época de frio, eles pousavam no meu quarto, a guardada cama assim, dos pés, era o poleiro deles, então eu punha papel embaixo, tudo, no caso deles sujarem. E como tava frio eu botei uma blusa minha no chão, velha, nem ocupava mais e eles se agachavam e ficavam lá cocoradinhos né e parecia que tinha frio mesmo, que ficavam ali, não subiam no poleiro deles lá do quarto.

FB: Coitadinhos.

CF: Aí quando foi uma noite de frio ela se..., foi entrando pela manga da minha blusa, era de lã, entrando pela manga, morreu sufocada...

FB: Ai meu Deus...

CF: Ai, eu senti tanto. Bom, daí foi. Ele chamava Menino, mas era tão ensinado que você precisa ver. Ficava na janela, gostava de ficar na janela, mas se alguém passasse e fizesse, que bonitinho, ele picava.

FB: Olha só!!!

CF: E não saía de perto de mim.

FB: Não acredito...

CF: Aqui sou eu, ele não saía de perto de mim. Bom, quando eu fiquei noiva, nós tínhamos umas galinhas e tinha ele também né. Aí a mamãe falou, *Celeste*,

porque que você não fala pro Walter, se a mãe dele tem terreno pra deixar as suas galinhas lá, seu Menino... Falei, tá, eu vou falar pra ele. Falei, ele disse, *ah, pode mandar, minha mãe não se importa não*. Então quando foi um dia nós viemos aí na casa do Walter e deixamos lá as galinhas, tudo. Mas eu gostava dele (Menino, o galo), tinha saudades dele, no circo eu tinha saudades, vivia no meu quarto, vivia perto de mim sempre. Quando foi um dia ele..., um dos dias que ele foi me visitar ele falou, Celeste vou... (interrupção da gravação - final lado B)

CF: ...mas eu senti, senti, eu sou muito amorosa. Eu tinha uma cachorrinha aqui em casa também, se você visse o que ela fazia, brincava comigo de pique, de esconde-esconde, agora você imagina o que que ela fazia, eu saía com ela as vezes, ia no supermercado e eu levava minha bolsa pra ela, enquanto eu não dava a bolsa pra ela, ela não sossegava, pulava, pulava, aí eu dava e ela ficava quieta e ia junto.

FB: Coitadinha.

CF: E ela morreu, um carro passou nela, ela..., a Cida tinha o bar aí, agora é do sobrinho dela, passou um carro, Não tinha asfalto ainda, tinha um buraco no chão, a sorte é que ela caiu dentro do buraco, mas ela ficou com a cabecinha assim e passou o carro, mas não morreu na hora e nem nos dias seguintes. Depois, com o tempo, fazia um ano, um ano e meio mais ou menos, criou uma bola no pescoço dela, câncer...

FB: Coitadinha...

CF: ... aí ela morreu. Mas eu chorei por causa da cachorrinha, era minha companheira né? Agora eu tenho um passarinho...

FB: É, eu vi o passarinho ali.

CF: O Benê falou, mãe vou falar uma coisa pra senhora, se esse passarinho

morrer e a senhora chorar a senhora vai ver, vai ouvir muito, porque a senhora não pode ter criação, a senhora tem muita estima por eles, quando morre a senhora... Bom, deixa eu continuar...

FB: E essa daqui a senhora vai querer incluir?

CF: Ah não.

FB: Não?

CF: Não, ninguém quer saber de galo. Aqui são as pessoas com quem eu trabalhei, este era de Poços de Caldas, da rádio de lá, eu trabalhei com ele. Aqui..., você já ouviu falar no Oduvaldo Viana?

FB: Ah sim.

CF: É esse daqui, esta é a esposa dele e..., tem o menino, cadê o menino, não tá aí? Não, ele tá na outra fotografia. Oduvaldo Viana Filho é este, mas, porque eu não tinha uma fotografia dele e pus aí. Tem outra foto..., ah, não, tem outra fotografia deles... Pedro Vargas, Lucília de Abreu, esta aqui queria eu bem.

FB: Harpista?

CF: É, tocava harpa, mas ela me queria tão bem. Eu senti tanto de sair da rádio, que você nem calcula! Aqui é minha irmã e as duas filhas mais velhas. Aqui é sobrinha também, mora em Santa Bárbara D'Oeste. Aqui é mamãe e o irmão dela, pouco antes dele morrer. Aí, meu sogro e minha sogra, acho que você vai levar essa fotografia.

FB: Tá.

CF: Barbaridade, mas como eu coleí isso?!

FB: E quem são os meninos da foto, é o...?

CF: São filhos da Ivani. Você não conhece né?

FB: Não. O pequeno?

CF: É, este é o Fábio, ele casou, já tem um filho e tem o Guilherme que tá

solteiro. Gente do céu!

FB: Então seriam os, os...

CF: Meus primeiros netos.

FB: Os netos né? (pausa)

CF: Nunca mais eu faço isso, viu? Não colo mais assim não, tá demais.

FB: Ai...

CF: Oxa, dá até suador.

FB: Ô meu Deus! E que época será que foi aqui, que década mais ou menos ?

CF: (pausa) Nossa, aí, terrível...

FB: Eu também tô em cima da senhora.

CF: Não, você deve tá em cima da tábua que tem...

FB: Não, imagina.

CF: Nós estamos em julho né?

FB: Isso, já, julho.

CF: Julho..., julho, o Guilherme..., não, primeiro o Fábio né, que é o mais velho, o Fábio... e agora, que ano tem o Fábio?

FB: São os aniversários que a senhora vai olhar ?

CF: É, vem a data que eles nasceram. Quando que foi, meu Deus ? Acho que é... é julho também ? O José Guilherme é esse mais novo, ele nasceu em 1980.

FB: Ai, ele era bebezinho, então é mais ou menos, acho que a década de oitenta né?

CF: O quê?

FB: Aqui, essa fotografia.

CF: Ah, foi.

FB: Porque se é 1980 que ele nasceu...

CF: Em junho, ele tinha uns...

FB: Alguns meses né eu acho.

CF: Acho que tinha uns quatro meses aí né.

FB: Então foi em 1980 essa foto né?

CF: Também, é, essa foi. Agora o Fábio..., nossa, eu preciso olhar tudo, porque eu acabo esquecendo.

FB: Então esse pequenininho o nome dele como é? José...

CF: José Guilherme.

FB: Guilherme e o outro é Fábio.

CF: Fábio.

FB: E o sogro da senhora, como é o nome dele?

CF: Deolindo.

FB: Deolindo. E a sua sogra?

CF: Anita.

FB: Anita.

CF: Meu Deus do céu, aonde que tá? O Lucas... Setenta e sete, setenta e sete acho que é, ou setenta e oito, o Fábio.

FB: Eu vou pôr mais ou menos 1977.

CF: Isso.

FB: Então tá bom.

CF: Puxa, achei, pronto.

FB: E aqui onde que eles estão?

CF: Na casa da minha sogra, que era lá em baixo, agora demoliram a casa, fizeram estacionamento. Aqui foi quando..., ó ele aqui, o Oduvaldo Viana Filho.

FB: Olha, pequenininho...

CF: Eu senti tanto quando eles morreram, morreu o pai primeiro. A mãe eu nem sei quando que ela morreu e depois morreu o...

FB: O filho.

CF: ...o Vianinha. Este, este também eram colegas da...

FB: Da rádio.

CF: É, este é o Hélio de Soveral, este é o Nélio Pinheiro, esta é a Isaurinha, Isaurinha Marques, todos eram da rádio. Aí é gente minha, esta é minha prima, já faleceu; esta quando eu lancei meu livro ela veio, a Terezinha. Minha tia, o marido dela é que era irmão da mamãe.

FB: Sei, aí ela já não tá aí de nove né?

CF: Não, não tá.

FB: Que a senhora diz que tinha uma outra foto dela.

CF: É, eu devo ter. Aqui foi um passeio que nós fomos fazer em Águas da Prata. Quarenta e oito foi o ano que eu me casei, vinte e dois de novembro, eu casei em vinte e oito de...não, de dezembro. Aqui é Serra Negra, aqui eu e Elza. Mas devo ter outras fotografias que tá melhor.

FB: Qual que é ela?

CF: É essa branquela aqui, ela tem a cabeça branca, branca, ela deve ser um ano ou dois mais velha do que eu, nem sei se está viva, porque eu...

FB: Morava aonde ela?

CF: Ela morava em Poços de Caldas, mas ela foi nossa secretária..., essa que gostava demais de mim, nossa. Esta é mulher do meu irmão, mas separaram e ela foi pra Campos do Jordão e meu irmão veio morar aqui comigo, morreu aqui. Aqui é meu (?), olha que tipo de cabelo bonito.

FB: Olha, é mesmo!

CF: Aqui foi uns dias, uns dias antes de eu me casar, dia seis, eu casei no dia vinte e oito. O Walter foi lá em Águas da Prata e nós tiramos essas fotografias. Aqui é tudo da família lá dessa minha amiga que morreu agora há poucos dias. Esta é a Celeste, ela tá com a irmãzinha dela. Minha amiga teve quatro, cinco filhas, todas mulheres e todas com as iniciais C.M, Celeste Maria, Celina Marta,

Cecília Marli...

FB: Olha que interessante.

CF: Célia..., ah, todas elas com C.M. Aqui foi uma palestra que teve lá na...

FB: Ó, a senhora tá bem aí né?

CF: ...no grupo escolar da..., acho que é Maria Tereza Piva.

FB: Isso.

CF: Teve uma palestra lá, até eu devo ter uma fotografia que eu tirei fazendo, como se eu andasse no arame. Eu até pedi pra uma menina, segura pra mim bem o arame, aí ela segurou. Daí eu fui mais adiante e pedi pra um menino segurar o arame, falei, ela disse, assim tá bom? Eu falei, não bem, assim cai, abaixa o arame... Ah, mas era só risada. Mas antes eu fui, falei lá sobre..., de vez em quando eu sou chamada pra falar nas escolas.

FB: Certo.

CF: Olha, meu irmão mais velho, a esposa, a filha mais velha, depois a outra, depois este. Esta aqui morreu, não, o ano passado foi (barulho de motor de carro), depois ela morreu, não, meu irmão já morreu em oitenta e dois.

FB: Sei.

CF: Teve ao todo seis filhos. Um tá aí, que é o mais novo, é esse daqui. Esse é o mais velho, são bonitas ainda as minhas sobrinhas. Aqui foi nas Bodas de Prata, eu devo ter outra fotografia, poderia até dar esta pra você mas eu tenho no outro álbum, eu tenho. Minha irmã e o Walter.

FB: Aqui é na farmácia?

CF: Não.

Fb: Não? Parecia...

CF: Este móvel era da farmácia, aí lá na, na..., Hotel das Andorinhas lá, compraram os móveis da farmácia.

FB: Ah é?

CF: Então, no dia da inauguração do bar eles nos convidaram, eu e Walter, o meu sobrinho também, o Zé Luís, foi e tiraram. Esses são os donos do Hotel, eram, não sei se ainda são. O Walter já estava doente aqui, já tinha sofrido uma operação na cabeça. E todos os aperitivos eram todos nomes de remédio...(risos)

FB: Olha que interessante.

CF: Ah, mas foi tão, tão bonita a homenagem que eles fizeram pra gente, precisa ver que...

FB: Ai que gostoso né, interessante.

CF: Quer levar esta? Pelo menos uma lembrança da farmácia né?

FB: Pode ser. E lá mesmo no Hotel né?

CF: Foi, este aqui foi lá no Hotel. Agora diz que tá muito modificado, tá muito bonito, eu nunca mais fui lá.

FB: E que ano seria mais ou menos esta então, a senhora tem idéia?

CF: Quando é que foi vendida a farmácia?

FB: Vamos ver se tem alguma coisa.

C: Vendida a farmácia..., é... vendeu a farmácia, mas antes tinha tirado já os móveis.

FB: Nos anos oitenta já tinha vendido, não?

CF: Não tem nada aqui né.

FB: Não. Acho que seriam os anos oitenta, porque eu ainda me lembro da farmácia.

CF: Oitenta?

FB: Ainda existia não é?

CF: Não, acho que foi um pouco mais, porque o Walter morreu em noventa. Ele ficou cinco anos doente, então seria..., aí era o começo da doença dele, que ele foi operado da cabeça, ele tinha uma veia entupida, a carótida e ele foi operado. E desde daí... lá no hospital ele teve derrame, daí ficou assim inutilizado

na parte esquerda e...(pausa), sofreu o Walter!

FB: Um pouco depois né dos anos oitenta então?

CF: É, foi. Deixa eu ver se eu tiro, o outro lado... Aqui ele já estava doente, tava com o meu neto no colo. Aqui é ele, eu e a Vani. Nossa, agora a Vani reclama, por causa dos laçarotes que pus na minha cabeça. Aqui é o meu neto, o que é casado. Aqui foi nossa Bodas de Prata, mas eu vou ver uma fotografia melhor aí. O casamento do Júnior e da Míriam. Aqui foi casamento..., já viviam juntos há muito tempo, então casaram aqui. A (?) foram padrinhos e eu e o Walter fomos... É minha sobrinha esta, é filha da Terezinha, essa minha irmã que eu falo que era muito bonita. Aqui em casa foi criado cavalo, foi criado cachorro, uma época nós tínhamos cinco cachorros, o Walter tinha três cachorros de caça, aí, este, este, tinha mais um que chamava Duque. Aqui foi na..., aqui foi nas minhas Bodas. Aqui são tudo criançadinha miúda. Aqui é Melize, você conhece Melize?

FB: Sei, olha só.

CF: Essa roupa fui eu que fiz pra ela, ela me deu a fotografia por causa da roupa. No colégio que ela estava precisava apresentação de signos, então eu fiz o signo todo na volta da saia e esta manga é curta e esta é mais comprida. Fiz tudo, a blusa, o colete, tudo.

FB: Que bonita a roupa né?

CF: Aqui são amigas, aqui é minha cunhada que separou do marido. Aqui a ceia que a gente fez. Esse aqui é meu neto, filho do Vanderlei, olha os olhos...

FB: Lindos...

CF: Ele tem os olhos azuis. E minha sogra, quando ela ficava grávida, ela falava: “ai eu quero um menino, não me vem com menina”, e eles são padrinhos

da milha filha, mas sabe, era como um neto, não era padrinho, sabe, não era afilhado. Então eu tive a Ivani e depois eu tive três mais. Então eu falava pra ela, olha, pode ser homem, o que a senhora quiser, o que Deus mandar, tá, mas só que eu não quero o seu cabelo, os seus olhos eu quero, que ela tinha os olhos azuis, azuis, na fotografia quase não aparecem os olhos dela. Então só, a Ivani tem os olhos azuis. O Vanderlei tem os olhos azuis e os da Ivani, não sei se é Guilherme, ou o Fábio que tem. Eu acho que é o Guilherme que tem os olhos azuis. E esse é do Derlei, tem os olhos azuis também. Tem mais aqui no álbum, não tem mais...

FB: É, essa aqui então a gente já vê.

CF: Ué, cadê meu álbum? Aqui, esse é da Bodas de Prata.

FB: Dezembro, dia vinte e oito.

CF: Foi 1973. Eu tiro alguma daqui? Sofreu tanto coitado. Quer outra?

FB: Não, não, tá tudo bem aqui, não, tá bom...

CF: Tem uma fotografia que aparece uma comadre minha que morreu, aqui, essa daqui é a Lourdes Baldo...

FB: Ah sim, me lembro dela.

CF: Eu sou, era madrinha do filho dela, que aconteceu o acidente com ela. Nossa, ela ficou horrível, coitada....dos dois. Aqui o pessoal que vieram aqui em casa. Eu acho que eu vou..., essa daqui, essa daqui que tem linhas firmes. Não sei se você vai querer levar essa.

FB: Tá, claro que sim. Ela e os filhos não é?

CF: E agora?

FB: É, acho que não tem, ela é fechada né?

CF: Mas deve ter lugar pra gente encaixar as fotografias né, vamos ver se a gente descobre. Se não tiver a gente faz.

FB: É que vem..., aqui, deixa eu ver no final se ela solta.

CF: Solta.

FB: Ah sim.

CF: Essa daqui acho que já..., não..., acho que é só empurrar.

FB: Veja a senhora aqui, tenho medo de estragar.

CF: Estragar mais do que tá..., setenta e três, já estamos no dois mil e qualquer coisa, acho que é só puxar, mas acho que o parafuso em baixo é que tá prejudicando.

FB: É que esse foi simples soltar.

CF: Ai meu Deus do céu, ah, deixa, eu tiro. Eu tenho um álbum, num álbum grande parece que eu tenho uma fotografia dessa. Eu tenho..., nossa menina essa fotografia era o compadre lá que tirava, não tinha ainda fotografia colorida.

FB: Sei, então abre só a ponta aqui pra senhora não.. né, assim, aqui.

CF: E aqui? Aqui já tá aberta, vou tirar aqui, pronto. Ai, mais essa agora! Isso é arte do compadre, viu, arte dele. (risos)

FB: Aqui, pronto.

CF: Olha o Derlei que tinha...

FB: Pequenininho ainda.

CF: É, ele tinha o cabelo cacheado assim, crespo...

FB: Cadê, qual que é o Ivan aqui?

CF: Aqui. Tá feinho aqui o Ivan, coitado!

FB: Ah tem esse que tá na cozinha aqui.

CF: No final acho que você vai ler mais de vinte.

FB: Vamos ver quantas tem.

CF: Eu tenho umas ali pra te mostrar.

FB: Tá bom, a gente vai...

CF: Uhh! (pausa)

FB: Quer que eu pegue pra senhora? Enrosca né. Essa aqui... É que agora o parafuso, a gente..., essa também saiu.

CF: Pronto, pode... Essa aqui ?

FB: Aí.

CF: Só essa né?

FB: Agora, o que a senhora vai me mostrar?

CF: A mamãe foi criada pela vó dela, essa é mamãe e esta é a avó dela, porque a mãe dela morreu quando ela..., quer dizer o neném morreu na hora do parto.

FB: Como chamava a avó da sua mãe?

CF: Honória.

FB: Ah, a bisavó da senhora não é?

FB: Minha bisavó, deixa eu ver aqui.

FB: Honória.

CF: Honória Carolina Fonseca. Mamãe Maria.

FB: Maria, Maria do quê a sua mãe?

CF: A mamãe era Maria Delfina.

FB: Delfina. E qual era o sobrenome, Delfina...

CF: Lobo Pires. Só que ela não assinava Lobo.

FB: Olha, 1910.

CF: Não a mamãe, a avó dela faleceu onze de..., do dez, onze de outubro de 1910.

FB: E a sua mãe antes?

CF: Não, mamãe foi bem depois, mamãe morreu quando...

FB: Em 1906 acho que foi a foto né, essa foto, 1906...

CF: É!

FB: Bonita essa foto né?

CF: Isso daqui foi da inauguração do..., inauguração do...

FB: Do hospital.

CF: ...do hospital.

FB: Ah sim.

CF: Essa foi a formatura da Ivani.

FB: Quando foi essa, a senhora se lembra?

CF: Xi..., não lembro bem. Ela... tava em setenta e sete..., será que foi em setenta e quatro, setenta e cinco. (pausa). Lá eu tava mais magrela.

FB: Ah, claro que sim...

CF: Tava horrível...

FB: A senhora que sabe, olha aqui...

CF: Eu tava com trinta e nove quilos aqui.

FB: Nossa, bem magra!

CF: Bem magra. Eu tava com úlcera do duodeno. (?) quer dizer, era só pra entrar este e esta, que era o casazinho que ia entrar com a gente, aí uma senhora pediu se podia a filhinha dela entrar de daminha. Esta daqui não tinha nada, quando foi lá tirar fotografia ela se enfiou.

FB: Já tava lá. Então foi em quarenta e oito né?

CF: Foi. Esta fotografia não sei se você pegou, uma fotografia, já falei, estou falando, parece que eu tô com um osso na cabeça, já falei?

FB: Ah sim, que a senhora contou da apresentação... (problemas na gravação)

CF: Eu tava no arame...

FB: Ah sim.

CF: Andando no arame, foi lá na escola..., acho que o nome é...

FB: Maria Tereza Piva

CF: Maria Tereza Piva.

CF: Certo. Essa é mais recente, quando foi mais ou menos? Deixa eu ver se não tá marca..., ah, tá aqui.

CF: (?) a professora (incompreensível, problemas na gravação) (interrupção da gravação) Meu Deus, quando foi que tirada essa fotografia.

FB: Essa daí a senhora dizia que era do...

CF: Antes, bem antes de papai ser de circo..., ele foi telegrafista, com conferente,

depois foi chefe de estação e eu sei que a cidade tava até escrito aqui, mas barata andou na minha..., coisa e tirou daqui a data, eu devia ter escrito à caneta pelo menos né.

FB: Sei e onde ele estaria aí, a senhora não se lembra?

CF: Na estação.

FB: Em qual delas?

CF: Mayrinque Veiga.

FB: Assim...

CF: Eu tava...

FB: Como se chama, Mayrin...

CF: Mayrinque, May com Y, rinqe.

FB: Sei, rinqe. Veiga?

CF: É.

FB: certo.

CF: Chamavam, antigamente era Mayrinque Veiga, agora acho que cortaram o Veiga. Mas papai casou em mil oito..., não, mil novecentos e doze, aqui ela já tinha casado.

FB: Ah sei.

CF: Foi mais ou menos 1915, dezesseis, por aí. Pelas roupas que usava você calcula mais ou menos...

FB: Pois é. E ele era chefe?

CF: Ele era chefe. Aqui é papai, mamãe, no circo já, papai, mamãe, meu irmão mais velho, o outro e a menina que eu falei pra você que morreu.

FB: Em qual, em que lugar..., Maria José, 1918.

CF: Sônia, Lula e Zinho, Zinho era apelido, José.

FB: E em que lugar eles estavam, não? Parece um estúdio aqui né?

CF: É, um estúdio né. Esse é o meu irmão mais velho, ó que bonito que ele era!

Ai, como eu gostava desse irmão!

FB: Como é o nome dele mesmo?

CF: José Pires Filho.

FB: Com quantos anos será que ele tava aqui, não ?

CF: Aí era..., acho que uns quarenta e oito, cinqüenta, por aí.

FB: Em 1948?

CF: É.

FB: Idade dele?

CF: Não, não idade, a fotografia foi tirada em...

FB: Ah sim, em quarenta e oito não é?

CF: É.

FB: Mais ou menos, certo. E aqui acho que era um estúdio também certo?

CF: Também, foi em fotógrafo mesmo. Essa fotografia o meu filho tirou. Cortou o retrato da Carmem Miranda e pôs aqui, *Mãe, a senhora é muito mais bonita do que a Carmem Miranda* (risos), eu cantava...

FB: A senhora tá muito bem nessa foto.

CF: Eu cantava aí, cantava no circo, isso foi em Mogi Mirim que eu tirei essa fotografia.

FB: E foi depois pintada aqui, não?

CF: É, pintaram né, que naquele tempo não existia né...

FB: Certo.

CF: ...fotografia colorida.

FB: E foi tirada num...

CF: Foi no estúdio.

FB: No estúdio né.

CF: Mil novecentos...

FB: Era essa roupa a senhora usava pra cantar?

CF: Pra cantar, eu cantava vestida de baiana mesmo.

FB: Ah... e foi em quando mais ou menos que a senhora falou, mil novecentos e...?

CF: Essa até o nome da...

FB: Roberto...

CF: É, Mogi Mirim.

FB: Quem fez a foto né...

CF: Espera um pouco, deixa eu me lembrar, eu casei em quarenta e oito, acho que foi em quarenta e dois, quarenta e três, por aí.

FB: Certo. A senhora gosta dessa foto?

FB: Eu gosto.

FB: É bonita.

CF: Meu filho gosta mais, o Ivan, ele gosta! Eu tinha uma fotografia pequenininha, que acho que tá no álbum, tava na parede lá do jornal, assim bem em frente aonde ele trabalhava, a mesa que ele trabalhava.

FB: É, muito bonita essa.

CF: Bom, essa daqui..., eu tenho uma que foi tirada toda a família..., aquela tava o Walter, mas ele já estava doente, foi no aniversário do Ivan aquela lá. Você quer levar aquela?

FB: Pode ser, se a senhora prefere que tenha a família inteira né?

CF: É. E aqui foi na Ponte Preta, acho que foi o ano passado que tiramos essa. Não. Minto, não foi no ano passado, porque a minha nora tá grávida, a menina dela já está com cinco anos.

FB: Faz uns cinco anos mais ou menos então?

CF: É. A família. Esse é o Júnior, meu filho mais velho.

FB: Esses são os bebês daquela foto? (risos)

CF: Da minha sogra né?

FB: Isso, é, que a senhora falou né?

CF: Deixa eu ver uma coisa, eu devo ter outra fotografia dessa, ou será que é essa?

FB: Quer que eu ajude a senhora?

CF: Não...(pausa)

FB: Tá difícil hein..., tô dando trabalho pra senhora.

CF: Não, imagina, que é isso! Ah, esse aqui era uma fotografia que tinha..., será que é a outra? Vou deixar aqui e vou ver se é a outra, tá dentro de uma bolsa minha.

FB: Achou?

CF: Achei.

FB: Ah sim, esse é seu Walter, né? Deve tá todo mundo aqui... os netos...

CF: É.

FB: Certo. Quem tirou essa foto, dona Celeste? Foi aniversário...

CF: Foi um amigo do Ivan.

FB: Ah sim, foi aniversário de quem que a senhora falou?

CF: Do Ivan.

FB: Ah certo. O Ivan é..., não é o caçula, é?

CF: Não, ele é depois da Ivani...

FB: É o Derlei.

CF: O Caçula é o Derlei.

FB: Certo, tá bom. Então essa daqui... Seriam essas por enquanto, ou a senhora quer olhar mais?

CF: Por enquanto? (risos) Quantas fotografias que você tem aí?

FB: Vamos ver quantas que a senhora escolheu aqui.

CF: Se precisar de mais...(pausa)

FB: Vinte e oito a senhora escolheu.

CF: Tá vendo, pra quem pediu vinte?

FB: Tá certo. Mas não é difícil escolher dona Celeste? A senhora tem bastante fotografia né? Foi a senhora que acabou ficando com boa parte das fotografias mais da família...

CF: Foi, a minha irmã já pediu pra mim, Celeste, quando você morrer, antes...
(interrupção da gravação - final lado A - fita 2)

FB: ...gosta de guardar as lembranças né?

CF: Gosto. Esse vestidinho que eu falei pra você, imagina, eu tinha cinco anos, tô com oitenta, setenta e cinco anos, mas também tá, sabe, não pode abrir muito ele que senão ele...

FB: Tem que ter muito cuidado não é?

CF: Eu tenho o leque que a mamãe casou.

FB: Aí, olha só.

CF: De madrepérola, só que não tem mais nem o tecido do leque, já...

FB: Foi gastando né?

CF: É, tá com o...

FB: Eu ia perguntar pra senhora uma coisa, dessas que a senhora separou, elas teriam assim uma ordem pra senhora de..., que a senhora classificaria, uma sequência, ou elas são assim aleatórias mesmo?

CF: Num..., a não ser aquelas de circo você...

FB: Sei, a senhora quer olhar alguma coisa?

CF: Ai, como eu gostava do meu sogro, que homem bom, a minha sogra era nervosa...

FB: Era?

CF: Meu Deus do céu ! Era brava...Esta é..., ih, essa aqui é... Essa é no tempo do circo...

FB: Cidade né?

CF: Lembrar aquelas cidades, esta aqui é mais recente. Essa daqui não tem nem data...

FB: Da casinha...

CF: Da casinha da mamãe. Tudo mais ou menos junto com essa.

FB: Certo.

CF: Esta daqui também já bem..., bem de idade. Papai ainda era do circo. Esta também é de circo. Esta não. Essa também..., estes são mais recentes...

FB: Dessas aqui tem alguma...?

CF: Segura esta pra mim.

FB: Ôpa, pera um pouco...

CF: Esta é recente também. Esta eu tenho mais idade... Estas não são muito recentes, mas... Esta sim é velha. Esta é velha...

FB: Deixa eu vir mais pra cá pra senhora sentar aqui, no espaço aqui.

CF: Esta é bem velha, quando papai tinha circo ainda. Esta agora daqui... (pausa)
Esta é velha. Você tá com o que aí na mão?

FB: Estas mais recentes que a senhora falou e estas também né?

CF: É, também são recentes. Esta também é recente... Esta. Esta não, essa já é mais... Essas fotografias estão coladas num negócio preto aqui...

FB: Elas foram pra algum lugar?

CF: É, quando foi da..., do lançamento do meu livro, os meus filhos quiseram fazer um painel...

FB: Sei.

CF: ... com as fotografias né, então...onde que eu vou pôr esta ?

FB: Essas são as recentes, certo?.

CF: Mais recentes.

FB: Estas também. Tem essas daqui.

CF: Esta aqui... Esta aí não é tão velha né, não nem..., bom, as três acho que não são tão velhas. Olha, eu tirei o papel e agora tá colando aqui.

FB: Ah, depois eu vou passar um outro papelzinho pra não... Então essas vão junto aqui né ?

CF: Isso. Agora essas aqui são mais velhas...

FB: Certo.

CF: Estas daqui são bem velhas.

FB: Então eu vou pegar uns papelzinhos aqui pra gente só colocar pra separar...
(pausa)

CF: Isso aqui fui eu que escrevi, *Vista do Ginásio de Botucatu, a cidade progresso. É uma lembrança de minha primeira visita a esta cidade.* Mentira, que eu não fui lá.

FB: (risos)

CF: Já passei uma mentira aqui.

FB: Ah, a senhora que colocou?

CF: Foi. Esta é velhíssima.

FB: Põe junto...

CF: Não, aqui, melhor por aqui né?

FB: Com essa aqui, tá. Essa aqui, deixa eu só mostrar agora, deixa eu por uma folhinhas pra essas, pra esse grupinho aqui.

CF: Aqui tem bastante.

FB: Então as..., como foi que a senhora separou os blocos? Seria... essas aqui o que a senhora chama das mais atuais né?

CF: É.

FB: São as mais recentes da família né, essa daqui?

CF: Isso.

FB: E essas daqui são as do circo?

CF: Isso.

FB: E as outras?

CF: É, essa aqui ainda é do tempo que eu tava no circo né? Não, aqui não, aqui já... eu tinha casado já, essas duas aqui eu já tinha casado. Não, essas não, esta, essa aqui é quando nós fizemos do circo um parque.

FB: Certo. Então essas daqui que a senhora separou são as do circo?

CF: É.

FB: E essas aí..., seriam que fase assim que a gente pode chamar ?

CF: Fase atual não é, atual seriam aquelas...

FB: Essas daqui né? Essa são as mais antigas...

CF: Mais antigas, é.

FB: ...que a senhora tem certo? Que essas daqui que a senhora separou do circo..., que tem o seu pai, tudo e que tão mais com..., caracterizadas né do circo.

CF: É, época circense.

FB: É. E essa daí a gente podia chamar..., da família, alguma coisa assim? (pausa) E em que foi que a senhora pensou assim quando a senhora separou estas ? A senhora pensou em alguma época, alguma coisinha assim?

CF: Uma época meio sacrificada foi essa.

FB: É?

CF: Época difícil né, época mais difícil. (pausa)

FB: Certo. E essa daqui eu colocaria junto com alguma do..., ou põe separada essa ?

CF: Não, pode pôr junto com alguma..., com essas aí mesmo, né?

FB: Com essa aqui certo?

CF: Isso. Você viu que cartão bonito?

FB: Olha que bonito, lindo né.

CF: É minha filha que me deu.

FB: Muito bonito.

CF: No dia de natal.

FB: Ah é? Dona Celeste, dessas fotos todas a que senhora se vê e que a senhora mais gosta qual seria assim, da senhora mesmo? Tem, uma que a senhora mais goste dessas aqui?

CF: Aquela que eu tô de baiana.

FB: Esta aqui?

CF: Isso, essa é a que eu mais gosto.

FB: Certo.

CF: Aí eu tava com vinte e poucos anos, tava no frescor da idade..., ai, meu Deus do céu!

FB: Outra coisa que eu ia perguntar pra senhora: essa seleção, vamos dizer assim, que a senhora foi fazendo, tem assim algum motivo especial pra senhora ter escolhido essas daqui? A senhora se baseou em alguma..., algum pensamento pra ir separando estas, por exemplo, em relação às outras, tem algum motivo especial, vamos dizer assim?

CF: São fases na minha vida que mais me..., me..., me entrou né, me..., me comoveram...

FB: Certo. Marcou né?

CF: Marcou mais.

FB: Certo. Tá bom. Dona Celeste então eu vou, vou deixar a senhora des... (interrupção da gravação - final fita 2)

FB: Tá tudo bem aqui. Então, quer ver o que eu não perguntei pra senhora ? O nome

da sua mãe completo faltou, a senhora me diz por favor?

CF: Maria Lobo Pires da Costa.

FB: Da Costa. Eu já vou pôr aqui também, o do seu pai eu tenho, mas eu vou pôr aqui, a senhora repete pra mim que eu já vou colocar.

CF: Papai é José Pires.

FB: José Pires.

CF: Da Costa né?

FB: A senhora sabe qual era a escolaridade do seu pai e da sua mãe, a senhora sabe, eles... ?

CF: A mamãe..., espera um pouco, a mamãe ela, ela, o último ano do normal dela ela não completou, era quase uma professora, porque...

FB: Certo, faltou um ano.

CF: Faltou um ano, porque a avó dela morreu, então ela não foi mais, a avó foi quem criou ela.

FB: Foi criada pela avó né?

CF: Foi criada pela avó.

FB: E o seu pai a senhora sabe?

CF: O papai..., olha, a escolaridade do papai eu não sei bem, mas ele com certeza ele... tenha feito a escola antiga, que a gente falava primeiro ano, segundo ano, ele deve ter feito o colegial...

FB: Até o colegial.

CF: Porque papai...

FB: Escrevia bem né que a senhora disse.

CF: É, ele escrevia, era muito inteligente, mas ele nunca disse que esteve em alguma faculdade não.

FB: Certo, entendi, tá bom. A senhora estudou até que série?

CF: Não estudei nada.

FB: Nada? É sério mesmo dona Celeste?

CF: É.

FB: Nem foi... Aprendeu com a mãe?

CF: Não, aprendi com o circo mesmo.

FB: Com o circo né?

CF: É.

FB: Porque também a senhora lê, escreve...

CF: Escrevo.

FB: Tem um livro também escrito.

CF: Tenho um livro, eu já escrevi três livros, três contos pra o Banco Real.

FB: Ah é ? Pra um trabalho que vai ser ainda publicado?

CF: Não, já, já...

FB: Já foi?

CF: Esse ano era pra mim inscrever, até eu comecei a escrever uma coisa, mas tá aí, já tem que mandar agora em agosto. Se eu mandar né.

FB: Sei.

CF: Se eu conseguir escrever..

FB: Então a senhora foi aprendendo no circo mesmo, algumas pessoas lá ensinavam as crianças a ler e escrever, como foi que a senhora aprendeu ?

CF: Não, não, a gente aprendia conforme os dramas, as comédias, assim, o que a gente não sabia o valor da palavra, ou pontuação, ou..., a gente perguntava pro papai e ele dizia, vai consultar o livro dos burros, que era o dicionário né?

FB: Sei.

CF: E assim a gente foi aprendendo.

FB: E desde a época de...

CF: Eu tive, no primeiro ano eu estive.

FB: Na escola?

CF: É, primeiro ano, segundo ano eu estive, mas depois...

FB: Na escola mesmo?

CF: Na escola mesmo.

FB: Certo, depois foi aprendendo...

CF: Aí eu fui aprendendo no circo mesmo porque..., a gente não tinha tempo pra ir na escola, a gente ficava pouco tempo num lugar....

FB: Viajava muito...

CF: Um mês, é, um mês, dois no lugar e não dava. Quer dizer, felizmente, com a graça de Deus que me deu esse dom eu não sou tão burra, eu escrevo um pouco. Olha, este é do terceiro concurso.

FB: Talentos da Maturidade, olha que bonito.

CF: Deixa eu ver se este é bom. Eles mandam, pedem pra gente escrever outra vez.

FB: Sei, ahan.. Então aqui já tem uma da senhora nesse?

CF: Não, daí não, eu não venci, porque lá é concurso.

FB: Ah, entendi, é um concurso.

CF: E tem os prêmios e apesar de eu escrever, mas meus livros num..., meus contos não chegaram a...

FB: Olha, mas é tudo coisa bonita.

CF: A primeira vez eu fui lá em São Paulo, a segunda e a terceira não fui, não fui porque a segunda vez eu estava..., não a segunda vez por causa de chuva.

FB: Ah sim.

CF: Eu estava pronta pra ir no coquetel, que eles depois, eles oferecem um coquetel não só pros que venceram, mas pra todos os participantes.

FB: Pra todos que participaram, ah...

CF: Você precisa ver...

FB: E onde que é?

CF: No Banco Real em São Paulo.

FB: Ah, que gostoso.

CF: O coquetel foi uma maravilha, o primeiro ano que eu escrevi que eu fui convidada e fui. O segundo eu fui convidada também, mas eu não pude ir por causa da chuva, do tempo...

FB: Ah, fez tempo ruim.

CF: Tava um tempo feio, eu falei, ah não, vou viajar com tempo ruim eu não quero não.

FB: Mas é muito interessante né. E a senhora teria, deve preparar um pra esse ano?

CF: É, eu..., cê quer ver? Aonde está..., segundo conto, primeiro conto... (pausa) São contos, são poucas folhas, até...

FB: Sei.

CF: Esse foi o primeiro. (pausa) Este foi o segundo...

FB: Este já em dois mil.

CF: É. E este foi o terceiro.

FB: Este é o do ano passado?

CF: Do ano passado.

FB: Ah, João de Tal...

CF: Eu gosto de escrever, gosto muito, apesar de não ter..., assim, aquelas palavras...

FB: Certo.

CF: Mas...

FB: Não, mas a senhora escreve bem, olha só.

CF: Eu escrevo assim pra..., vamos dizer, pra classe média que entende bem a letra e o que eu escrevo, mas... o primeiro livro eu vendi bastante, agora o segundo tá ali pra mim..., comecei já um rascunho...

FB: Olha só, eu gostei muito dessa, a senhora não tem outra cópia dessa daqui?

CF: João de Tal... ? Deixa eu ver. João de Tal... E eles mandam..., eles mandam um diploma.

FB: Um diploma. Muito bonito né?

CF: Nesse veio um disquinho... Tem lá na, na, no concurso lá de, de..., tem literatura, tem...

FB: É, tem outras coisas né, tem música.

CF: Tem, tem cinco..., é, cinco modalidades.

FB: Artes plásticas... Tem bastante..., tem monografia né, que eu vi.

CF: Tem.

FB: Muito interessante.

CF: Deixa eu ver se eu tenho uma outra.

FB: Se a senhora não tiver agora uma hora que a senhora tiver eu pego com a senhora.

CF: Mas parece que tinha mais, porque eu até falei que eu ia dar uma cópia pra minha filha, que ela..., tudo que eu escrevo ela fala, *mãe, eu quero uma...*

FB: Ahan. Eu gostei do tema da senhora porque, que a senhora fala sobre envelhecer né, que tem um pouco a ver com a minha pesquisa também né?

CF: Ahhh?

FB: Que tem, o assunto é, tem a ver com a minha pesquisa que também é sobre o envelhecimento, que eu trabalho com as fotografias, mas eu discuto o envelhecimento né?

CF: Ué, mas será que eu não tenho. Não, mas se eu não tiver, você querendo levar esse e tirar uma cópia...

FB: É, a senhora não se importa de eu levar esse?

CF: Não.

FB: Eu deixo de volta pra senhora quarta-feira, eu faço um xerox né...

CF: Sim.

FB: Então deixa eu lhe devolver esses outros, uma outra hora eu quero ver com calma todos. Mas é muito interessante, é um incentivo bom, porque é tão difícil se falar dessas coisas né dona Celeste?

CF: É verdade.

FB: Então, eu ia perguntar pra senhora a data do seu nascimento, que eu não tinha perguntado.

CF: É seis do dez...

FB: Seis do dez...

CF: ...de 1921.

FB: Então a senhora tem quantos anos?

CD: Oitenta, vou fazer oitenta e um né?

FB: Olha só, é verdade.

CF: Em outubro eu faço oitenta e um.

FB: E qual é a data do seu casamento dona Celeste?

CF: Dia vinte e oito de dezembro...

FB: Vinte e oito de dezembro.

CF: De mil..., pera aí, mil novecentos... (pausa) quarenta e um... Meu Deus...

FB: Acontece...

CF: Eu tô ficando velha mesmo, deu um branco agora.

FB: Quantos anos a senhora teria de casada, a senhora se recorda?

CF: Cinquenta e três.

FB: Esse ano?

CF: É.

FB: Cinquenta e três...

CF: Pera um pouquinho... É vinte e oito de dezembro...

FB: Quarenta e nove?

CF: Nove, quarenta e oito.

FB: Quarenta e oito?

CF: É.

FB: Então a senhora casou em 1948. A senhora lembra a data? Mil novecentos e..., vinte e oito de dezembro de 1948?

CF: Isso.

FB: Eu também sou meio chata pra data, não consigo me lembrar as vezes. E qual foi a cidade que a senhora nasceu, até aquela da fotografia né?

CF: Botucatu.

FB: Botucatu. E são quantos irmãos dona Celeste?

CF: Éramos em..., éramos em nove, nove irmãos.

FB: Quantas mulheres?

CF: Três mulheres.

FB: Três mulheres.

CF: E seis homens. Dois morreram novinhos ainda...

FB: É, pequenos.

CF: Meses.

FB: Puxa vida.

CF: E uma morreu tinha oito anos, gorda que ela era, gordinha, ela dançava, era uma gracinha. Eu acho que eu até mostrei fotografia dela.

FB: Ah, acho que sim, que a senhora mostrou...

CF: É.

FB: Então dona Celeste, outra coisa que eu queria ver com a senhora, eu separei

algumas fotografias, porque agora na segunda parte do meu trabalho eu vou retrabalhar as fotografias com as pessoas, mas isso ainda depois de agosto porque agora eu vou apresentar essa primeira parte e depois prosseguir, se Deus quiser. Mas eu já andei olhando um pouco das suas fotografias e eu queria só voltar algumas delas, são só duas, tudo bem? A senhora teria mais alguns minutinhos?

CF: Pois não, tô ao seu dispor.

FB: Então tá bom. Eu tô com elas aqui, uma é essa aqui do seu casamento...

CF: Tá linda essa, viu!

FB: Tá bonita sim.

CF: Aqui tem dois metros de pano. Eu pedi pra costureira fazer a parte de baixo em godê, pra depois pregar os babados. Eu queria que ficasse bem-rodado. A bandida não fez feito um saco?! É, ela fez um saco assim e pregou...

FB: Não era assim...?

CF: Não, não era...

FB: ...que a senhora pretendia?

CF: ...com babado sim, mas eu queria bem godê a parte... e ela me fez isso daí. Ah, mas olha, eu senti tanto... chorei... Mas o que vou fazer?

FB: É, fazer o quê...

CF: Eu tive que aceitar, porque a gente não tinha dinheiro, circo não dava, principalmente em dezembro, tempo de chuva, quase a gente não trabalhava. O pano mesmo foi o Walter que me deu.

FB: Ah é? É, foi dezembro que a senhora casou.

CF: Foi dezembro.

FB: Então Dona Celeste, eu queria que a senhora descrevesse um pouco da fotografia pra mim, com um pouco mais de detalhes, que a senhora falasse um pouco mais sobre ela...

CF: Bom, quando nós casamos eu estava doente, pra variar (risos), eu tava

com úlcera no duodeno.

FB: Nossa senhora...

CF: Mas ele quis casar né, não quis adiar...

FB: Certo.

CF: Então eu já estava meio doente. Foi com um pouco de sacrifício até que casamos, porque ele também naquela ocasião era empregado numa farmácia, não era rico, o pai era sapateiro, a mãe dona-de-casa, mas eles não eram ricos.

FB: Certo.

CF: Mas como diz que o amor é cego, eu não sei o que que ela viu em mim. Palavra! Olha, eu te juro, eu não sei o que que esse moço viu comigo. Eu era pobre, não tinha riqueza, não tinha nada, nem dinheiro quase pro casamento eu não tinha; tava doente, era quatro anos mais velha que ele e finalmente eu era de circo né? Você acha que uma família do lugar vai concordar, vai consentir que seu filho case com uma moça de circo, principalmente comigo que tinha todos esses defeitos?

FB: Imagina...

CF: Mas graças a Deus casamos e fomos muito felizes até, muito. Ele era um homem muito bom, muito prestativo, ele não era de muito carinho, de muita coisa não, porque a mãe dele era assim, a mãe dele tinha um ciúme louco do filho né...

FB: Sei.

CF: E às vezes, quando ele chegava em casa, da farmácia, que ele ia me beijar ela falava, “vocês não tiveram tempo quando solteiros, agora vai ficar com esse melado aí?” Ela falava, que ela brava...

FB: Sei.

CF: Mas assim mesmo moramos dois anos na casa dela, que o que ele ganhava não dava pra..., ele ajudava na casa né?

FB: Sei.

CF: ...não dava pra pagar um aluguel de casa. Depois ele foi trabalhar em Pedreira, numa farmácia e depois quando viemos de lá eles compraram a farmácia, eu voltei a morar com ela porque não tinha lugar pra mim. Daí ele..., o que era o antigo dono da farmácia nos cedeu um quarto, aí eu passei da casa da minha sogra nesse quartinho da farmácia, que tinha na farmácia. E ali eu fiquei três anos. Mas quando eu vim morar aí eu já tinha minha primeira filha, a Ivani e ali eu fiquei três anos e ali eu me engravidei outra vez, mas..., Aí eu falei pro Walter, eu não posso ficar mais aqui, o dono da casa, da farmácia, ele era muito, uma pessoa muito brava e ele me ofendia muito, qualquer coisa ele soltava: “nossa a casa tá cheirando ruim, mas isso é porque tem gente de circo morando aqui”.

FB: Pôxa vida.

CF: Eu também..., falo o nome porque..., ele era sogro do Maurício que foi prefeito, pai da Marília. A Mãe era uma delícia de mulher, uma pessoa tão bondosa, tão amiga, mas ele era danado viu, ih credo, sofri muito. Os três anos que eu morei ali eu sofri bastante, porque ele tacava cada indireta...

FB: Que chato...

CF: Tudo porque eu era de circo né?

FB: Sei. É fogo né? Então, ainda sobre essa fotografia dona Celeste, o que mais que a senhora poderia descrever dessa cena aí?

CF: Tem duas crianças aí que são, eram cunhadinhos da minha irmã, mas essa daqui, esta foi convidada pra levar as alianças, mas essa entrou de gaiato.

FB: Ah é?

CF: Ela quis tirar fotografia porque os pais dela foram meus padrinhos de casamento, então ela quis tirar junto.

FB: Ah sim. A senhora se lembra o nome das crianças ? Não né?

CF: Esta e este, este..., ai meu Deus do céu, o apelido dele era Bigola.

FB: Ah sim. São todos, os três ali já fizeram parte do seu casamento, levaram as alianças?

CF: É, esta não era de circo, nem esta.

FB: Sei.

CF: Aliás até os pais dela, dessa menina, eram donos do maior hotel que tinha na época, de Águas da Prata. Eu sei que a mãe dela chamava Luci, agora o pai eu não me lembro.

FB: Certo. E daí as outras crianças eram do circo?

CF: Não, esses dois só. Só esse casalzinho que eram de circo. Esta era de lá da cidade, de São João da Boa Vista e esta era de Águas da Prata.

FB: E então os três levaram as alianças, não?

CF: É, os..., não este entrou de braço com a menina..., ela não levava nada não, a única que tava levando...,esta entrou na frente...

FB: Sei. E os dois...

CF: ...e os dois atrás, o casalzinho.

FB: Ah, certo.

CF: É o que eu me lembro.

FB: Tá jóia. E a outra que eu ia pedir a senhora, deixa eu só localizá-la aqui, que eu separei os grupinhos, acho que tá aqui... Vamos ver se está no envelope. (pausa) Deixa eu ver se está..., acho que é essa daqui. A senhora tá aqui nessa foto, não?

CF: Não.

FB: Não né?

FB: Essa é mais antiga.

CF: Eram os meus irmãos mais velhos.

FB: Era, era essa daqui que eu queria que a senhora descrevesse um pouco mais também, do que a senhora lembra dessa fotografia aí.

CF: Eu cantava na época e dançava também. Então nós fazíamos músicas..., como é que a gente fala? Ai meu Deus, esqueci da palavra...

FB: Como seria?

CF: Nós..., eu cantava, depois quando tocava a música inteira nós dançávamos, tem um nome esse treco aí.

FB: Que será?

CF: (pausa) Ai Senhor. Quem sabe até minha...

FB: Às vezes acontece.

CF: ...quem sabe até minha irmã lembraria. Eu, dos nove irmãos que eu tive, só uma que eu tenho agora, o resto todos falecidos.

FB: Sei. Só uma irmã?

CF: Só.

FB: Qual que é viva ? Como ela se chama ?

CF: Terezinha.

FB: Ah sim.

CF: Ela também foi casada com um rapaz de circo.

FB: Ah é?

CF: Sofreu muito com ele, aí ele mandou ela embora, ela veio aqui em casa.

FB: Ah é?

CF: Aqui, eu falei que aqui em casa era pára-raio, toda a minha família, qualquer coisa que tinha vinham aqui em casa.

FB: Olha só, sentiam segurança com a senhora né?

CF: É. O meu último irmão que morreu, ele era mais novo do que eu, ele separou-se da mulher em Serra Negra e ele ficou, teve dois enfartos lá, aí ele...,

o primeiro que ele teve eu fui com a minha..., com a minha filha até lá, pra fazer uma visita pra ele, não sabíamos que ele estava no hospital. Aí onde ele trabalhava, ele era barbeiro, o patrão dele falou que ele estava no hospital, que ele tinha tido um enfarte, aí nós fomos lá. Depois eu falei pra ele, quando você sair daqui vá pra casa, que ele tava sozinho lá né, a mulher abandonou e foi embora pra São Paulo...

FB: Sei.

CF: Mas ele não veio não, ainda ficou lá, aí ele teve o segundo infarte. Aí nós soubemos, fomos lá outra vez e eu falei pra ele, não Fernando, agora você vai pra casa sim. *Não, eu tenho que acertar a minha conta com o meu patrão, depois eu vou.* Você vai? *Vou.* Quando foi um dia ele apareceu mesmo com a malinha dele aí. Ele ficou quatro anos aqui comigo e morreu aqui.

FB: Ah é? Pôxa vida.

CF: Então, papai tinha qualquer coisa vinha aqui pra casa; mamãe tinha qualquer coisa vinha aqui pra casa... minha irmã tinha qualquer coisa vinha aqui. Aqui era pára-raio. Ainda bem que o Walter nunca foi um homem que dissesse assim pra mim, sua família está me dando trabalho, tá me dando gastos, nunca ele me falou isso...

FB: Então, uma pessoa...

CF: Pelo contrário, ele agradava quem viesse, ele agradava muito, dava roupa...

FB: Ah então, uma pessoa compreensiva né?

CF: Nossa, era....!

FB: Pois é. Então, essa foto aí o que que a gente..., que que a senhora vê aí nessa foto, vamos dizer assim?

CF: Eu vejo uma mulher de preto... (risos)

FB: Uma o quê?

CF: Uma mulher de preto. Não, não escreve não (rindo muito), ai, ai. Que que eu vejo? Eu vejo aqui numa apresentação de um bailado. Olha, eu tô com o

nome na ponta da língua pra falar o que que... bailado... ah...

FB: As vezes é assim mesmo, daqui a pouco a senhora lembra.

CF: Quase que eu lembrei agora, mas.. Bom...

FB: E o que mais?

CF: Minha irmã era muito bonita, nesta época ela era solteira e eu também, mas ela era muito bonita, ela tinha uns cabelos compridos, loiros, bem loirinhos...

FB: Ahan.

CF: Aliás, não escreve isso, eu que tratava do cabelo dela.

FB: Sei.

CF: E mesmo pernas, ela tinha umas pernas muito bonitas, eu já não, eu já tenho a perna torta.

FB: (risos)

CF: Verdade. Mas nós dançávamos, dançávamos até muito bem. Muitas vezes a gente precisava até repetir, bis. Que mais que você quer saber?

FB: Não, tudo bem, tem mais alguma coisa?

CF: Ela é mais nova do que eu. Acho que é só. Isso aqui foi tirado num fotógrafo mesmo.

FB: Tá bom, tá jóia dona Celeste...(interrupção da gravação)

TRANSCRIÇÃO SEO MOACIR MALACHIAS - 1

Assunto: Entrevista relacionada ao Primeiro
Conjunto Fotográfico – 20 fotos

Informante: Moacir Malachias

Pesquisadora: Fabiana Bruno

Data: 03 de julho de 2002

Horário: às 15 horas

Local: Centro Cultural de Jaguariúna

Duração da Entrevista: aproximadamente 60 min.

Fabiana Bruno (FB): Oitenta tem aqui. Eu ia dizer pro senhor, se o senhor poderia, pra eu fazer uma organização....separar umas 20 fotografias....as que julgar principais pro senhor...

Moacir Malachias (MM): Você é que manda, quem vai falar, se essa serve...é diga você... Essa aqui é o sítio né, é plantio de arroz, e tinha meu pai....agora, tem também as crianças né, as meninas....

FB: O senhor quer dar uma olhada aqui, eu reparei que tem outras mesmo....Por que assim eu já vou anotando o que o senhor for falando sobre cada fotografia...

MM: Essa daqui é o do Sítio Capitinga né?!

FB: Onde fica Seo Moacir?

MM: Vizinho...né da Colméia, aonde tem o Rincão, o Rincão não, Sentinela dos Pampas.

FB: E em Jaguariúna?

MM: É Jaguariúna né, bom é ..o sítio nosso é antes de chegar ali no sítio universo sabe...depois faz aquela curva que vai pra Holambra, tal, tal, mas o sítio nosso é ali no Km 138 um?

FB: E esse aqui?...o senhor sabe em que época que foi?

MM: Eh...isso aqui é, deve ter sido em...novecentos e76

FB: Isso aqui é uma plantação de arroz?

MM: De arroz...eh!

FB: O sítio é do senhor ainda?

MM: Eh, da nossa família né, meu pai faleceu, então houve esta divisão. Então, cada um ficou com 2 alqueires de terra, então quer dizer que nós temos, um aqui, esse Capitinga e outro (.....), na frente, na frente, quer dizer, um na frente do outro.

FB: E essa daqui quem fez a foto, o senhor sabe?

MM: Essa aqui fui eu que fiz, foi

FB: E o senhor lembra se fez mais de uma, se tem cópias dela?

MM: (pausa) Pelo menos não rasguei...(silêncio)...Olha, todas essas aqui são em 76 (1976), no sítio, com as crianças...

FB: Ah sei, certo. Dessas aqui qual que o senhor gosta mais pra gente selecionar?

MM: Essa daqui seria que tem por exemplo, onde está meu pai, minhas crianças, assim....entendeu, essa que já tem a casa né, já tem a casinha lá no fundo...

FB: Certo. Então... seria esta daqui que o senhor gosta né? Certo? E qual mais o senhor me mostraria que o senhor tem recordações?....

MM: Essa daqui foi quando eu saí daqui, quando eu ...isso aqui foi um acidente quando tombou esse vagão, esse trem saía, passava, saía daqui de Jaguariúna, às quatro e trinta.

FB: Quem que fez essa foto?

MM: No tempo que eu trabalha, eu fazia reportagem pra aquele jornal Defesa, Defesa Regional de Mogi Mirim. Então aqui é um tombamento de trem, um acidente

FB: Que foi esse acidente Seo Moacir?

MM: Ah... isso daqui foi em 1963, mais ou menos....

FB: E aonde foi esse acidente Seo Moacir?

MM: Aqui mesmo, aí tá escrito São José do Rio Pardo, mas naquele tempo tinha a linha do trem ali né?... na saída de Jaguariúna, antes de chegar na ponte... ali né?

FB: E essa foto foi publicada lá Seo Moacir?

MM: Ohhh no jornal, foi.

FB: Ah foi!... Então o senhor tem várias?

MM: Várias... (silêncio)

FB: Bom...qual mais?

MM: Bom....essa aqui é minha patroa, naquele tempo do

FB: O nome da esposa do senhor?.... O nome dela é Ivete?

MM: É Ivete Teodoro Malachias.

FB: O senhor aqui já era casado? Essa foi durante uma viagem Seo Moacir?

MM: Ah já, já era....É nós fomos lá na casa dela, eh... o pai dela era mestre de linha, então, cada vez em quando, ele tava num lugar né ? então. (...) lá mesmo, em São José do Rio Pardo....

FB: O senhor que fez a foto?

MM: Eh. Eu que fiz.

FB: Que ano, o senhor lembra?

MM: Ah! Eu acho que Ivete não tava em gravidez ainda....eh, acho que em 60, 63 mais ou menos....(pausa) aqui foi com rio cheio, eu tava nadando

FB: E esse daqui, quantos anos o senhor tinha?

MM: Ah, eu tinha...uns 18 anos....era criança. Ah isso, a pessoa que tirou, justamente era minha máquina, deve ser o meu irmão, o José.

FB: Que ano que foi então, o senhor tinha 18 né?

MM: Nossa senhora! Tenho 75. Cinquenta, cinquenta e pouco, não quando eu tinha 18, seria quarenta, seria mais ou menos mil novecentos e quarenta e cinco.

FB: Tinha chovido muito por aqui?

MM: Não, aí é enchente mesmo, como o Rio é alto né? (pausa) Essas fotografias viu....(comenta e silencia)

FB: O senhor tem máquina há bastante tempo?

MM: Eu tenho... Vou trazer um dia pra sua pessoa ver. Só que eu tô até procurando....até que a Ivete (esposa) falou até assim que eu não podia falar que era entulho, mas...sabe quando a gente esconde, guarda assim qualquer coisa, às vezes acaba até perdendo....eu tenho a da Kodak Turística comigo....

FB: Certo....

MM: Depois eu tenho essa que é ...que é...(pausa)....essa é melhor máquina ainda, com essa que eu tiro as fotografias assim maiores, grandes...Yashica, Yashica

FB: Mas o senhor tem ainda essa dessa época, que o senhor usava?

MM: É 1900 e.....É eu tenho a Kodak Turística...Mas, não sei se a senhora ouviu falar em máquina caixão né? Ela não está comigo...então....eu tinha...

FB: Então o senhor tinha a caixão?

MM: E eu tinha essa caixa, daí eu deixei depois, né, foi no ano de 1960 que eu peguei saí da minha casa, me casei em 60 e saí da minha casa e deixei lá e aí acabou perdendo, porque eu deixei em cima do forro, tudo aquelas fotografias, negativos....e tudo...

MM: Essas aqui são dos casamentos né...a missa ali já não....essa aqui o rio tava cheio também, esse é o Jaguari velho....

FB: Qual destas aqui o senhor me apresenta? Essa foi o senhor que fez também? Olha só que bonita....foi na mesma época então, mais ou menos em 1963...

MM: Éhhh....não, não, não, não...essa foi mais ou menos quase, ou 60 e pouco.

FB: Sessenta mais ou menos. E o senhor estava aonde pra fazer esta foto?

MM: Tava em cima da Igreja é....Era meio difícil do Padre Gomes deixar, mas eu dei um pulo lá em cima...

FB: E essa aqui o senhor chegou a publicar alguma coisa ou não?

MM: Não, não, porque tinha muito mais coisa interessante do que essa daí...é que quando existiam enchentes essa marginal aí lotava de água...aí onde que é a Lanchonete Andorinha... Meu Deus do céu....

FB: E como chamava o Jornal que o senhor enviava as fotografias, era de Mogi?

MM: O de Mogi Mirim...qual que seria... é o Comarca..

FB: Certo... então vamos ver qual mais o senhor separava e mostra dessas daí?

MM: Aqui a turma do Darci...quando a velha fez um dos aniversários, então me convidaram pra eu poder lá tirar as fotografias, só tem essa, agora essas criança aí tão tudo homem, formado...

FB: Em que ano o senhor tirou essa foto Seo Moacir?

MM: Ahhh isso daí, eu acho que foi lá por 1955 não é? Essa reportagem foi boa.....(pausa) Essa aqui é um desfile de Jaguariúna...ali onde tinha, como se

diz,,,ali de escola, do grupo é até aqui me falaram que era aquele menino,...não...aquele era o Pico...né era o pai dele.

FB: Sete de Setembro? Que ano o senhor tirou essa?

MM: Ehhh era Sete de Setembro,...(pausa)...Bom....vamos pôr tudo de 60 pra cá...se não...nessa daí eu já era casado...

FB: E nessa daí o senhor estava trabalhando?

MM: Tava, tava trabalhando né,...fazendo a reportagem do desfile...

FB: Essa não foi publicada?

MM: Não, essa não foi publicada. Bom...essa aqui foi um acidente no Duas Maria, um caminhão...agora essa do seu...Corse aí né....

FB: Essa aqui foi em 1976 não é? Qual dessas duas o senhor escolheria?

MM: Eh que bateu foi esse daqui, pelo menos o caminhão.....ali quando ia chegando ali na Fazenda...ali perto do Rio, ali....(pausa)

FB: Certo Seo Moacir....

MM: Ahhh essa daqui era desfile também olhe é, aqui em Jaguariúna, minha menina, por ali onde hoje é a Loja Cem...mais ou menos....é também de Sete de Setembro viu?

FB: Essa aqui é sua filha?

- Essa aqui é a Kátia, essa aqui eu acho que era rosa, mas também era desfile...aqui era o Ginásio de Esportes...

MM: Certo....Essa é mais recente né Seo Moacir?

- Ah mais recente...hum....é vamo dizer assim...agora ela tá com 33 anos...também casou já....

FB: Foi mais ou menos em 80?

MM: Eh setenta, não sei, acho que(silêncio)

FB: Agora essa aqui posso considerar que foi do mesmo ano Seo Moacir?

MM: Ah não, essa não, essa aqui foi....em outro ano, ela vinha subindo aonde que é a Loja Cem né? Agora atualmente....

FB: Ainda tinha um pontilhão aí?

MM: Ah tinha, tinha, olha do pontilhão eu tinha também, oh onde tá? (silêncio)
Aquele quebrado...., mas eu posso lhe mostrar qualquer hora...Essa aqui é uma das filha minha, é a Márcia que é atleta, ela é, é...é até da seleção brasileira.

FB: Ahhh e aqui onde ela está Seo Moacir?

MM: Essa aí eu acho....pêra aí...não sei se era Mogi Mirim ou Mogi Guaçu que era... acho que eu marquei alguma coisa....

FB: Ela chegou a ir para a seleção Seo Moacir?

MM: Ah sim, ela era da seleção campineira, depois ela era da Paulista, ficou aí como jogadora... e ela acabou ficando...na brasileira, só que ela é pentáculo (pentatlo), eh, ela é professora de Educação Física

FB: Ah olha só?

MM: Só que depois ela sofreu um acidente, com ela, e ela se formou como psicóloga, eh ela é psicóloga, até vai colocar aqui em Jaguariúna uma clínica né?

FB: E aqui... ela estava disputando lá em Mogi?

MM: Eu não sei...esse já é do Interior...foi, acho que...foi Mogi Guaçu, Mogi Guaçu

FB: E essa aqui era a Márcia?

MM: É essa aqui era do tempo dodo....do aniversário....do tempo da Kátia...né? que ela tava fazendo aquele desfile...Oitenta e pouco

FB: Na década de 80?

MM: Éh, mas esse já foi feito em sépia não é?

FB: Qual mais aí o senhor separaria?

MM: Essa aqui né, ... de Jaguariúna, é de escola...

FB: O senhor sempre cobria esses desfiles não é?

MM: Porque, eu fazia todos eles, aí depois a turma me pedia...eles me pediam...porque naquela época era só eu...agora hoje em dia todo mundo, toda criança tem uma maquininha aí bater né....naquela época não tinha...

FB: Certo, quase ninguém tinha...

MM: Não...de jeito nenhum e...e...e.. quem tinha não tinha essa paciência de entregar, então a gente fazia né....

FB: Seo Moacir, vamos ver então se não está faltando nada...essa aqui é da época mais ou menos daquelas anteriores? (silêncio) Dessa daqui qual o senhor mais gosta?

MM: Dessa daqui tem as meninas, é que eu não tô enxergando muito bem....mas aqui tem por exemplo, a Cíntia, tem as minhas filhas...

FB: Essa daqui não é?

MM: Exato! (pausa)

FB: Qual mais Seo Moacir?

MM: Essa daqui quando eu tirava areia em Guedes, é a extração de areia....a draga né?

FB: O senhor estava aqui na draga?

MM: Não....aí não tem né...tem um outro tipo de draga, mas aí acabou mudando...eu tenho a mais novas mais, mas não acho também...né, ali onde adquiriram água do moinho, lá no fundo...né...

FB: Sei. Esta aqui é em 73 (1973) ? O senhor que fez a foto?

MM: Hummmm....Ah foi, foi foi...

FB: O senhor trabalhava lá então Seo Moacir?!!!

MM: É...daí... é aquela vida, eu tinha....um dia tava num serviço noutro dia tava...é que eu achei que extração de areia era bom, era bom negócio naquela ocasião também né?

FB: Certo....Qual mais Seo Moacir?

MM: Agora essa aqui quando eu tava iniciando aquela casa minha, meu pai, meu pai sempre estimulava eu né, pra ver se eu conseguia fazer a minha primeira casa, ali mesmo né?

FB: Como é o nome da rua do senhor?

MM: Ali é General Gomes Carneiro, 181.

FB: Então o pai do senhor está aqui né? Como é o nome dele?

MM: É José Malachias.

FB: Certo...quando foi que o senhor começou a casa?

MM: Logo que eu me casei...foi em 62 (1962) naquela época...

FB: Levou quanto tempo Seo Moacir?

MM: Ah não deu nem um ano....a gente vai mudando....

FB: E foi o senhor que fez a foto?

MM: Ah foi...foi....

FB: Nessa época aqui seu Moacir, que máquina que o senhor usava?

- Nessa época aqui, eraera....aquelas Kodak, era, era Kodak mesmo, aquelas caixão né? Um dia eu posso encontrar ela né lhe mostrar....era essas fotografias mais nítidas era com essa né...depois tinha aquela né, de 800 de velocidade, tinha

MM: A Yamashica, a Yashica Mark...Quem tem uma igualzinha assim é o compadre...é igualzinho.... agora teve uma Yashica, não não era Yashica, não sei se foi Olympus...bom...

FB: Então essas mais antigas o senhor fez com a caixa preta, a caixão? E as suas coloridas com a Yashica?

MM: É, a caixão, caixão...Isso, com a Yashica mesmo...(pausa) Essa aqui era ao bote que agente tinha que ir na draga né?

FB: Quem é essa pessoa, é o senhor?

MM: Eu mesmo né, eh não, de canto não. (...) Essa aqui não, a gente tava em Serra Negra...tava lá na fazenda, na fazenda em Serra Negra, na Fazenda das Vertentes ...

FB: Que que era lá, foi a passeio?

MM: Ah inda tem só que agora é condomínio fechado mas a turma ainda ta indo lá passear...mas agora é meio difícil pra gente ta entrando lá, mas naquele tempo era livre né?

FB: Que época foi? O senhor lembra?

MM: Deve ter sido em 1959...porque eu não tinha casado ainda....

FB: Qual mais Seo Moacir?

MM: (silêncio, murmúrios...) Essa é de Serra Negra também....essa é do casamento....essa aqui deve ser de 1962 porque tava em gravidez da minha patroa né....

FB: Certo...onde é aqui?

MM: É em Serra Negra também....a passeio...

FB: Bonita foto...

MM: Essa é...(silêncio...)

FB: Essa daqui... com qual máquina foi Seo Moacir?

MM: Ah essa foi...com a Kodak Turística....a Kodak Turística era uma máquina boa...ehh eu até vou trazer

FB: E essa sépia aqui o senhor fez com qual?

MM: Essa é o banho que eles dão...

FB: Sim mas com qual máquina o senhor fez?

MM: Tudo com a Kodak Turística....depois que eu abandonei a caixaõ...eu usava mais essa...

FB: Tem alguma aí com a caixaõ?

MM: (silêncio)....(Entusiasmado) .Esse aqui foi o primeiro automóvel que eu tinha...foi em 1947..um Ford, aqui foi para Aparecida do Norte..Aqui nós fomos

batizar esse menino aqui...espera aí...esse aqui é Francisco, é o Chico Massuci...Aqui eles estão lá em cima do morro...Minha mãe, minha noiva, essa que era a mãe que criou nós...

FB: Qual era o nome dela?

MM: Era Margarida Malachias...mas o apelido dela era Nair, é porque naquele tempo o meu pai queria pôr o nome dela de Nair, mas o nome dela era Margarida...aqui era o Chico Massuci, a minha cunhada Antonia e Nicola...Nicola Massuci

FB: E o menino aqui?

MM: Esse era o Luiz Carlos, que mora em...agora esses aqui são todos mortos né...minha cunhada....

FB: Então o senhor escolheu já 18, faltam agora 3 pro senhor completar...

MM: Hummmm...aí...essa aqui era enchente....(silêncio)....a Márcia quando teve lá....eu pedi pra ela a Cordilheira dos Andes...então ela pegou lá..essa é no Chile né?...essa aqui era outra do casamento....é do casamento...ta no fim né?....essa é da formatura né da Cátia...o pai tem que levar a filha né?....Essa aqui era uma homenagem quando minha filha voltou né....da excursão que ela fez...então fez uma homenagem pra ela....

FB: Essa aqui era a Márcia né?

MM: É a Kátia...quando ela se formou.....

FB: Ela se formou em quê?

MM: Era Educação Física né?

FB: Que ano foi isso?

MM: (fazendo contas...) ela nasceu em 62..... Oitenta, oitenta e dois né...é por aí....

FB: Esse foi fotógrafo profissional né?

MM: Foi...foi

FB: Qual mais Seo Moacir?(silêncio). E o que tem nessa aí? (silêncio)... E essa?

MM:- (Euforia) – Ahhhh, com certeza aí é que quando me formei né?

(emocionado)

FB: E essa?

MM: Essa (embaralhado)... essa é quando eu era criança né, não sei quantos anos eu tinha aí...

FB: Aqui o senhor formou aonde? O que que era?

MM: Eu me formei em Campinas. Era curso de ferroviário da companhia...era tipo Senai sabe....eu tinha 18 anos....em 1945....

FB: E essa outra então quando era criança?

MM: Essa aí é....era um molecão....acho que tinha uns 8 anos....

FB: E onde foram feitas?

MM: Essa aqui eu não sei né...mas essa aqui foi no foto...no Estúdio...

FB: Ahh! De quando o senhor era criança... o senhor sabe como foi?

MM: Ah eu não lembro, às vezes, de primeiro vinha uns homem tirar fotografia 3x4 pra documento....e meu pai era ferroviário também....

FB: Essas que o senhor escolheu aqui foi por algum gosto pessoal?

MM: (Embaralhado) É uma coisa que tem que ser feita assim....aí a gente foi procurando uma melhor maneira né...de casamento, tudo assim, também tudo já é passado né?

FB: Tem alguma foto dessas que o senhor um carinho especial?

MM:(risos) É a da minha patroa né....essa que ...aquela que ela tá no alto lá....olhando a cidade....ali aquela no muro do cristo....eu gosto....

FB: Tem alguma que está o senhor, que o senhor mais gosta?

MM: (risos) Ah...(envergonhando) pode colocar qualquer uma. Teve uma que a Gislaine me tirou de mim que eu estava mostrando a máquina a ela...não sei...acho que era pra revista do aniversário da cidade sabe...aí eu tava mostrando a máquina Kodak a ela e ela fez questão que eu tirasse a fotografia e ela me fotografou como primeiro fotógrafo da cidade né? Lá perto de casa...é uma revista, deve estar com ela...e eu propriamente devo ter uma revista daquela...

FB: Seo Moacir, dessas 20 aqui que o senhor separou, o senhor colocaria elas assim em alguma ordem? (pausa)

MM: Fica a critério da senhorinha....né

FB: Certo....

FB: Então o senhor aqui não tem nenhuma fotografada pela caixa né?

MM: Tem uma de jogadores, não tem jogadores de futebol? Quando é ampliada né... (silêncio)

FB: Tudo bem Seo Moacir era só pra saber...se tinha alguma
(interrupção da gravação)

**ANEXO 2: DONA CELESTE PIRES DA COSTA FERRARI
E SEO MOACIR MALACHIAS**

TRANSCRIÇÃO DONA CELESTE PIRES DA COSTA FERRARI-2

Assunto: Entrevista relacionada ao Primeiro
Conjunto Fotográfico – 11 fotos

Informante: Dona Celeste Pires da Costa Ferrari (CF)

Pesquisadora: Fabiana Bruno (FB)

Data: 05 de março de 2003

Horário: 17 horas

Local: Residência da entrevistada em Jaguariúna- SP

Duração da entrevista: aproximadamente 120 minutos

(**Fabiana Bruno**): ... separadamente na sua mala, todas elas, eu não sei se ainda estão lá ...

(**Celeste Ferrari**) ... na mala estão, só que não estão organizadas...

FB: é que eu queria retomá-las, eu posso até ajudar a encontrar, pra que a gente fizesse uma nova seleção, porque eu vou trabalhar com dez ...

CF: Ah, sei!

FB:... e eu queria que a senhora me indicasse as dez

CF:...Certo

FB: E fosse me dizendo sobre elas, de novo, então se a senhora quiser eu ajudo a pegar lá a mala...

CF: Não, eu pego bem

FB: não tá difícil pra senhora?

CF: Não, não!

FB: Não quero também incomodar muito ...

CF:... Vou pôr a banquetinha aqui, pra gente por a mala. Não deve estar muito esparramado não...

FB:.. É eu acho que não ...Vamos ver se a gente consegue, eram aqui 28.

CF:...A do meu aniversário, lá na casa do meu filho.

FB: Ah, Dona Celeste acho que são estas aqui.

CF:... Será que não esparramei?

FB:...Acho que não, eu lembro que tinha colocado estas folhinhas, ó? Pode olhar aqui?

CF:Pode bem!

FB:Vamos olhar se são todas estas mesmo, eu tenho a impressão que sim... Aí, são elas mesmas.

CF:...Ainda bem!

FB:.. A senhora deixou direitinho... (pausa, Dona Celeste se concentra em rever as fotos)

(pesquisadora)...Será que vem chuva Dona Celeste?

CF: Tá parecendo.

FB: Ihh vem sim, né! É! Estão aqui Dona Celeste... Deixe-me ver se tem as 28?
(cai um trovão forte) Vêm mesmo...

2, 3, 4, deixe-me ver se são as 28 ... 12, 13, 14... 28. Estão todas aqui, que bom.

CF: Não esparramei!! (repete mais uma vez)

FB: Mas também a gente reencontraria, né Dona Celeste?

CF: É.

FB: Então, olha só, é com estas aqui que eu gostaria que a senhora olhasse e fosse, primeiro queria que a senhora fosse separando as que a senhora gostaria de deixar entre as dez. Então nós temos aí 28...

CF: Eu contei desta amiga, né?(começa a falar de uma das primeiras fotos

que vê, sem ser questionada. A foto não é escolhida para ficar entre as dez)

FB: Foi a história da... como é mesmo Dona Celeste?

CF: Ela ia muito no circo, gostava de mim, eu não conhecia, fomos embora de lá de São Bernardo do Campo, fomos embora de lá, e ela começou a me escrever. Depois ela nós mantínhamos correspondência sempre... Aí ela casou-se com este rapaz (olha a foto) e eles vinham sempre, sempre vinham me ver. E ela teve a primeira filha dela, falou que ia por o meu nome e pôs ... colocou mesmo.

FB: Ah é? Tem o seu nome, Celeste?

CF: Tinha, ela morreu. Se conhece aquela doença “*lupos*”?

FB: Não. Não conheço bem...

CF: É um reumatismo que dá nos ossos, nos órgãos e se dá no coração mata. Foi o que aconteceu com ela ... Mas essa ... bom ele morreu num acidente de carro quando iam indo pra Santos e ela morreu agora no Dia de Corpus Christi, essa minha amiga morreu.

agora no último ano... É, ano passado. Eu senti tanto...

FB: E aí como era, onde é que eles estavam, chegou esta foto de presente para a senhora?

Ah!, ela mandava ...

CF: Eu mandava fotografia minha.

FB: E essa foto de onde é?

CF: Do jardim lá de São Bernardo do Campo

FB: Elegante né ... (pausa)

CF: Ele morreu de um acidente, ela estava junto, mas ele morreu na hora e ela ficou muito machucada... mas sobreviveu...

FB: Triste não...

(*pausa longa*)

CF: Minha filha... olha o cabelão da minha filha...(emocionada)

FB: Aqui é ela?!

CF: É, agora há pouco tempo ela cortou curtinho, assim igual o meu ... e agora ela está completamente careca. Tinha um cabelo lindo ... Ela nunca tinha me mostrado. Um dia desses nós estávamos conversando aí, e eu falei, mas você perdeu tudo mesmo Vani? Ela falou: Ah! Mãe caiu tudo e puxou assim o lenço pra mim vê. Ah, aparecia assim a cabeça dela carequinha... Ah! Me deu uma aflição!

FB: Mas que bom que ela é forte...

CF: (Dona Celeste) Quantas você disse, umas dez (se referindo às fotos)?

FB: Dez, isso!

CF: Você vê a diferença de feição... este é o meu irmão mais velho e este era mais novo. Ele tem o queixo quadrado e ele, já não! (comenta passando pelas fotos dos irmãos)

Dizem que eu e ele éramos muito parecidos. Ele era um irmão tão bom ... Não sei se eu deixo estas, deixa eu ver...Esta tá tão riscada, tão “feinha”... *(começa a falar sobre a foto do pai na Estação de Mairinque)*

FB: É, mas também a época dela né, Dona Celeste, uma raridade...

CF: Engraçado...para mim tinha o nome da Estação, Mairinque, mas tinha, não sei aonde, mas parece que tinha um nome marcado...

FB: Tem um bem aqui, a senhora reparou?

CF: É... engraçado né! A estação com certeza tinha alguma escada pra subir, porque aqui fica no alto.

FB: Cheirinho de chuva ...

CF: Terra né... a mamãe não deixava a gente sentir este cheiro

FB: Por que Dona Celeste?

CF: Ela dizia que o cheiro da terra molhada fazia mal...

FB: É mesmo?

CF: Eu não gosto de temporal

FB: Ah, eu também!

CF: Meu Deus do céu eu fico aflita...

FB: Eu estou separando algumas (se referindo a fotos) depois a gente torna ...

CF: Meu neto, minha nora... isso aqui foi assim? (diz referindo-se a colagem de Carmem Miranda no canto da foto dela)

FB: Foi, porque a senhora disse que o seu filho tinha colocado.

CF: Mas não saiu aí, né?

FB: Saiu bem pequenininha..., mas a gente tira se a senhora quiser...

CF: Ah ela estava com o cabelo assim... (diz referindo-se a uma outra foto da filha)

FB: As do circo né...

CF: A mãe de minha, foi ela quem criou a minha mãe, porque a mãe dela morreu de um parto, nasceu ela depois... mas não foi do parto dela, foi um outro que veio, mas a mãe da minha mãe morreu no parto. E foi a avó, mãe da mãe dela, que criou a minha mãe.

FB: Esta daqui a senhora já tinha visto? ...

CF: Já...

(pausa longa, informante permanece em silêncio apenas olhando para as fotos aleatoriamente)

CF: Nossa será que minha nora telefonou para a Ivani? *(revela que no momento anterior de silêncio poderia, talvez, já estar pensando na filha...)*

FB: Quer ver com ela...

CF: Não.

FB: Pode ver!

CF: Não, deixa.

FB: Eu ouvi ela dizendo que ia telefonar de lá *(presenciei este diálogo entre as duas logo que cheguei e fui recebida por Dona Celeste em sua sala)*

FB: Que ir lá falar com ela, fique tranqüila...

CF: Não, não vou não. Está chovendo, não vou não.

(outra pausa)

FB: E a senhora tem ido ao grupo *(de terceira idade)* ainda?

CF: Não.

FB: Nem minha avó tem ido. A senhora deixou de ir?

CF: Eu deixei porque nós éramos em três aí na loja. Era eu, a Ivani e a minha nora. Não esta nora, a Elaine... Houve um desentendimento entre a Ivani e a Elaine... Sabe, ela vinha aí pra loja, agente pegava as coisas de fazer pra loja, quando tinha que ficar lá, a gente ia fazendo as coisas da loja. E ela trazia coisas do jornal, fazia coisas da revista, que ela agora faz uma revista. Trazia, e não fazia nada da loja e então a Ivani falou pra ela: Elaine quando você vier pra cá vê se você traz alguma coisa pra fazer pra loja, porque você traz coisas do jornal, traz coisas da revista, e nós precisamos de coisas aqui. E ela se ofendeu nossa... e aí discuti com a Vani e a Vani falou: se você quer sair problema seu... “eu vou já!”. Saiu brigada mesmo com a gente, mas depois ela veio aí, já conversou, as coisas que eram dela, que estavam na loja, mesinha, cabide, e uma porção de “trecaiada”, a máquina, tinha uma máquina aí, os pés sós (???), em cima ela tem um vidro que era até de uma porta da casa, a porta da cada dela não, do jornal. Uma porta que tinha na entrada, quando era aqui...

(buzinas) Será que é ela?

FB: tem um caminhão aí...eles param aí e ficam um tempão...

CF: Ah ficam, ficam a vida toda.

FB: Acho que a senhora não viu esta aí... Quando a senhora era pequeninha...

CF: Aquela a minha nora que saiu agora ela nos ajuda e ela não tem parte nenhuma ali na loja. Mas ela ajuda bastante... ela é muito boazinha.

FB: E aí a senhora ficou sem tempo...

CF: Sem tempo de sair...

FB: Aquele menininho me disse que ele faz crochê...

CF: Você precisa ver as bonequinhas que ele faz... precisa ver como ele faz crochê bem... 12 anos.

(pausa longa)

FB: Deixe eu tirar os papéis para não atrapalhar... São tantas bonitas né...

CF: São recordações...

FB: Estas separa...

CF: Olha que cara de polenta...

FB: A senhora esta aqui?

CF: Olha aqui. Eu tinha o que, 16 anos. Aqui é minha irmã. Você vê esta minha irmã é esta daqui. Ela tinha umas pernas bonitas. Dançava, nós duas dançamos juntas, ela também dançava sozinha o clássico, dançava junto com meu irmão também. Mas ela era mais gordinha que eu. Eu sempre fui magra. Agora eu estou mais gorda que ela. Ela tá magrinha, magrinha, tá pele e osso. Fuma feito uma condenada. Não para de fumar. Ela tem bronquite asmática..

FB: Aí complica, né Dona Celeste.

CF: Iiiiiihhh...

CF: Acho que então eu vou por esta.

FB: Põe esta aqui...

Aí se a senhora quer uma ou outra a mais, como está difícil pra senhora. Veja se tem mais alguma então que ficou pra trás...

CF: Essa aqui foi quando nós vendemos a farmácia, ele nós chamou lá, lá na... como é que chama lá... perto da... e agora esqueço uma e esqueço outra. Perto de qual?

FB: Não foi no hotel que a senhora me falou da outra vez, no Hotel solar das Andorinhas.

CF: Obrigado. Mas esta parte, tem mais outras partes que era da farmácia, e eles compraram, e dentro deste armário eles puderam só bebidas, bebidas todas com nome de remédios. Biotônico Fontoura... o que me veio na idéia agora... Estes são os donos, eram os donos, o Walter aqui já estava doente. Era preciso segurar pela mão. *(fala olhando pra foto e apontando)*

FB: Então aqui nós temos dez, são estas?

CF: É.

FB: Então vamos ver aqui, vamos só organizá-las porque eu tenho aqui os números... Essa daqui, a senhora já estava falando sobre ela vou começar com ela, pode ser? Deixe-me ver que número ela era no meu fichário, aqui 13. Treze é o número da sorte...

CF: É verdade. A mamãe era do dia 13.

FB: Então põe essas aqui, porque assim não fica muita coisa pra senhora olhar. Então comece me falar sobre essa. Por que a senhora falou que a senhora estava com cara de polenta aí?

(foto CF13 do primeiro conjunto)

CF: Mas olha uma coisa que cabelo horrível. A gente estava trabalhando, né. A gente... nós mesmos é que fizemos o parque. Transformamos. Tinha que serrar, serrávamos, tinha que pintar, pintávamos, armávamos as barraquinhas. Das tábuas da arquibancada, fazíamos barraca. Foi um tempo gostoso. Foi em Carandaí, Minas Gerais. Ficamos oito meses pra fazer isso. Éramos só nós. Aqui só está faltando mamãe. Eu, dois, três, quatro...É éramos quatro filhos lá morando com papai. Porque o mais, o mais velho é este, ele não estava com a gente. Então nós quatro, papai e mamãe, é que fazíamos essa parte.

FB: E nessa foto quem está?

CF: Está papai, José. Este meu irmão que chama Fernando, meu irmão que chama Artur, Terezinha, que é minha irmã e eu... Sempre trançando as perninhas para não aparecer as pernas tortas. (risos...) Mas eu tenho as pernas tão tortas. Mas eu falava meu Deus a Ivani... Ah! Ivani...a Terezinha minha irmã nasceu com as pernas tão bonitas, certinhas, gordinhas, e eu nasci com uma perna torta! Eu não posso ficar muito de pé, com o pé junto não, porque daí parece bem que eu estou com a perna torta.

FB: Aí a senhora estava então com a perna cruzada... Aí a senhora já tinha trabalhado então, porque a senhora disse que estava com uma cara de cansada?

CF: Ah, sim. Tinha trabalhado até tarde, acho.

FB: Quantos anos a senhora tinha aí?

CF: 16.

FB: Que ano a senhora se recorda mais ou menos?

(Dona Celeste) Ah, meu Deus...

FB: Vamos fazer as contas... A senhora nasceu em que ano mesmo?

CF: 1921.

FB: 1937...

CF: Foi isso mesmo, 36/37, porque depois daqui nós fomos... não foi de um lugar... como é que foi...Indaiatuba. E eu ando esquecida. Vou falar pro médico... e ele falar são os janeiros

FB: Daí foram pra uma outra cidade.

CF: Fomos. Eu não sei se nós tínhamos o circo ainda, porque nós tivemos num lugar que um menino tinha loucura por mim. Ele falava que era meu noivo, ele tinha 7 anos e eu estava com 17. Era um amor o menino... (???) Saímos de lá, onde era...Presidente... não era Presidente nada... não era nem vereador... não estava confundida com um lugar que tem perto de Belo Horizonte... Conselheiro Lafaete. Mas não dessa cidade...que eu tinha meu noivo...

FB: Daqui a pouco a senhora se lembra... E por quê que a senhora resolveu escolher esta foto entre as outras? Esta foto lhe traz alguma coisa?

CF: Porque foi justamente quando tínhamos o circo, papai cansou do circo, fizemos o parque. Então pra nós era um motivo de alegria, porque tínhamos transformado o circo num parque. Mas também não levou muito tempo não com o parque. Nós tivemos em Jacutinga, não depois daquilo, depois de uma cidade, nós tivemos em Jacutinga e lá papai foi convidado, chegamos lá com o parque, mas ficamos lá por tanto tempo, meses, acho que uns dois anos, papai quis parar para descansar e ele vendeu o parque para o padre da paróquia e...lá eu tive um noivo. Noivo mesmo..

(o irmão que não estava na foto é o José Pires Filho; mãe é a Maria Pires da Costa e foi quem bateu a foto)

(foto CF 06 do primeiro conjunto)

(há um pequeno corte na fita em que Dona Celeste começa a falar sobre a CF 06 dizendo que a irmã já era mocinha e ela tinha 22 anos, a irmã...)

CF: Ela dançava clássico, qualquer tipo de bailado ela dançava. Ela dançava um mexicano muito bonito...

FB: E a senhora não por causa das pernas?

CF: Eu dançava assim junto, tinha que dança eu dançava, nada de clássico... não dava

FB: Por que nada dona Celeste?

CF: Por causa das minhas pernas você fica perguntando outra vez das pernas...
(risos)

FB: E esta foto a senhora se lembra?

CF: Foi em Poços de Caldas que nós tiramos... Eu já tinha um cabelão comprido, aqui é uma trança... *(para dentro da foto)*

FB: E aí era um número?

CF: É. Olha que cabelo que ela tinha! *(para dentro da foto)*

FB: Da sua irmã. *(começa a olhar o seu outro álbum para ver fotos da irmã)*

CF: Olha ela só tirava retrato assim... quero ver uma fotografia da minha irmã que ela dançava... olha o cabelo... *(mostrando outra foto)*

Olha minha irmã que morreu, com oito anos, ela era gordinha... este é meu irmão mais velho que eu... *(pausa)* ajudando a pintar é lá em Carandaí, ela tava pintando a porta do parque...queria mostrar a dança... ah, não dá pra ver direito, aqui era uma dança espanhola, mas o vestido dela era tão bonito, fui eu que fiz.

FB: E aqui é ela também?

CF: É ela e a cunhadinha dela...ela era muito bonita.

FB: E esse quem é? *(ainda no álbum vendo outras fotografias)*

CF: É irmão desta, são cunhadinhos dela... Olha aí, estou sempre com a perninha dobradinha, bonitinha (risos)

FB: e aqui?

CF: é uma afilhada minha, também era do circo, ela cantava...

FB: Essa aqui quem é?

CF: Então quando estive na Pan, na Panamericana, Jovem Pan agora, tinha essa moça que trabalhava lá, ela era escriturária, eu penteava o cabelo dela. A cada dois dias, ela morava na pensão onde nós morávamos, só que ela morava na casinha e nós morávamos no porão.

CF: Essa senhora me queria bem, ela também era da Panamericana, ela tocava arpa, precisava ver que bondade de pessoa... Esse é o Pedro Vargas e a Gilda de Abreu... ah!, Vicente Celestino, que Pedro Vargas... Vicente Celestino e a Gilda de Abreu... eu fiz programas da Pan... Esse é o Duvaldinho, este menino, não, não é, é aqui este, esse pequenininho, é filho do Duvaldo Viana. Este é o Duvaldo Viana, esta é a Delcélia, mulher dele. Eles eram da

Panamericana, eram os patrões nossos...

FB: A senhora viu que faleceu a Cely Campelo?

FB: Olha que judiação... Aqui a Ivani fazendo a Primeira Comunhão... aqui é o Ivan, ele era tão “rechunchudinho”... De vez em quando é bom a gente lembra, né?... este daqui também era da Pan, Nelly Pinheiro... esta também era amiga. Ah, quase todos eu tinha amizade, eu só não tinha muita amizade com a Vida Alves, agora ela é advogada, não sei o que, pepepê papapá... eeee ela era muito assim altiva, já não gosto... Esta é mulher deste meu irmão, era. Eles se separaram e ele veio morar aqui, ele tinha tido dois infartos, ele veio morar comigo e ele morreu quando estava aqui na minha casa e esta é a mulher dele, brava feito não o sei o que... Morreu agora também, faz uns cinco meses acho que ela morreu. Morava em Campos do Jordão, separou dele foi para São Paulo, depois já mudou para Campos do Jordão... Minha mãe, olha como usava o cabelo antigamente... Só acho que ela está com uma fita aqui e outra fira aqui ela tinha um cabelão... Essa foi um pouquinho antes d’eu me casar ...

Essa onde foi? Ah!, eu fui contar minha vida para as crianças da escola lá da Nova Jaguariúna, fui também na Amâncio Bueno, fui requisitada para contar minha vida...O meu Walter...

FB: Ali a senhora com as mãos para o alto?

CF: Jogando o buquê, nem apareceu o buquê aqui, eles estão olhando para cima. Aqui era o meu sogro, meu pai, minha mãe. Minha sogra não foi porque não podia viajar, mas ia sempre pra Campinas ia ver a filha (*fala com ressentimento*).

Ah, aqui é a Ivani eu fiz uma festa da igreja, fiz barracas das nações. Então teve barraca espanhola, barraca japonesa, barraca italiana. Então a Vani era da barraca espanhola... Passa o tempo, não? Aqui era meu irmão... esse.

FB: O mais velho?

CF: É o mais velho. E os filhos dele, só que aqui ainda estavam faltando dois. Ele teve seis filhos. Essa daqui morreu e depois de uns meses morreu a mãe. Este tomava conta da escola e este é advogado. Estas duas são essa e essa.

FB: Bonitas!

CF: Eram bonitas as minhas sobrinhas...

FB: Mas elas são vivas?

CF: São só o pai a mãe e esta irmã que morreu...

Casamento do meu irmão este. Não! do Lula, do mais velho do que eu. Mas logo se separou, ela foi embora porque diz que não estava acostumando com o circo, foi embora. Mas, levou a filhinha eles tinham, fazia já dois anos de casado. Depois de não sei quantos anos, eles moravam em Santa Bárbara D'Oeste, depois de quantos anos ela veio aqui: a senhora não me conhece? Eu sou sua sobrinha. Eu sou filha do Lula.

Daí mostrou documentos, tudo. Mas durante este tempo todo ele ia lá para ver a filha, a mãe não deixava ou o pai não deixava, o pai dela...Aqui meu Walter e o Ivan... e minha irmã. Aqui é o Walter ele já estava doente coitado! Aqui no quintal até cavalo nós tínhamos. Este meu neto queria muito esta roupa de...

FB: Policial?

CF: É, de estrada...

FB: De rodoviário

CF: De rodoviário. O meu filho, o Júnior, acho que você não conhece, foi para São Paulo comprar, porque nem em Campinas não achou. Olha o Júnior, aqui ele está magro, agora ele está gordo. Aqui sou eu e o Walter. Esse rapaz era casado com a minha sobrinha, se separaram, se você ver agora como ele está? Já foi para o hospital, mandaram ele embora pra casa, não tem mais condição de ficar com ele em casa. Teve de cortar a perna... Eh!

O casamento do meu irmão... Tem tanta gente morta aqui já. É meu pai, minha irmã...Doutor Doto de Campinas, conhece? Ele, a esposa, foram padrinhos dele. Essa já morreu, este, esta, o Walter, este menino já morreu o cunhadinho dela... Aqui o Walter com o fusquinha dele, ele tinha um fusquinha. Cachorro eu tinha cinco, cavalo, se vê. Essa roupa também fui eu que fiz, uma prima quem tivesse

a roupa mais bonita no colégio ia ganhar o prêmio, e ela ganhou. É tudo signo que eu pus aqui.

Marga (???) tudo amiga, essa também já morreu. A Zula, também morreu agora a pouco tempo, de Amparo, as duas. Essa já tinha morrido faz tempo. Essa morreu agora a pouco tempo.

FB: Bonita essa!

CF: Muito linda.

FB: Quem é ?

CF: Quem?

FB: A senhora?

CF: É.

FB: Tá diferente, não?

CF: Esse aqui é meu bisnetinho. Pequenininho ainda... A minha neta.

Meu Deus do céu, não sei quem são esses...

FB: Mas é muita gente né Dona Celeste?

CF: Aqui sou eu, a Márcia, aquela minha nora, o Delei, está magro aqui, o Walter e o Chico, o marido da Ivani. Aqui ele está cabeludo, tá feio. Ele não é tão feio assim.

FB: Bom a gente estava nesta aqui. Bom aí a senhora me falou da dança, tem mais alguma coisa para dizer desta foto aí?

Foi em Poços de Caldas que tiramos, assim continuamos até ela casar-se, dançando juntas até ela casar-se. Ela namorou, noivou e casou-se em quatro meses. Por isso, sofreu bastante com o marido. Ele veio morrer nos braços dela. Mas o que ela sofreu, ela gostava tanto dele e ele colocou uma mulher dentro de casa e falou para ela agora você pode ir embora já arrumei outra. Coitada ela sofreu mesmo. Mas também ela casou de vingança, por vingança ela casou com ele, assim em tão pouco prazo. Porque ela namorou um primo

nosso e nós não queríamos, eu falava para ela: Terezinha, ele já tem uma mulher em São Paulo, e tinha um filho com a mulher lá em São Paulo. Ele veio embora com o nosso circo e começou a namorar a minha irmã. E a gente sempre deu contra né. A mamãe falava, casa primo com primo os filhos nascem defeituosos, não sei... tinha isso né.

E aí ela falou tá bem. E depois ele começou a beber e fazia estripulias no circo, ia fazer uma coisa fazia errada e papai mandou ele embora. Ele foi embora e queria levar ela, mas depois sumiu. Então ela falava dele, porque nós não quisemos que ela se casasse com o primo com qualquer um que arrumasse ela ia casar. Eu falava Terezinha você não gosta dele, deste que foi marido dela, E ela dizia, eu gosto, gosto sim, em quatro meses dá para a gente gostar da pessoa. Eu falava, olha, eu quando for me casa, pode ser um carroceiro, mas que tenha amor. Eu não me importo de me casar com gente pobre, gente simples, mas eu quero casar por amor. E ela dizia que não, ela queria casar com um homem bem rico, mas no fim apareceu esse malvado desse... já morreu coitado... desse rapaz e ela começou a namorar. Vocês não queriam que eu me casasse com Pedro, então agora vocês fiquem satisfeitos porque ele é difícil, então vocês têm que gostar dele. Mas ele fez ela sofrer bastante nossa!

FB: A senhora se lembra que data que era aqui, que número que era?

CF: Era uma dança clássica. Eu dançava com ela, rodopiava ela, rodopiava, mas eu não dançava na ponta. Com o sapato de ponta, mas eu não dançava não.

FB: Certo. E essa por que a senhora escolhe essa foto, tem algum motivo especial?

FB: Não, não. É que pelo fato de estar as duas dançando juntas, que era um número que a gente fazia no circo. Uma recordação dos nossos bailados.

(foto CF 08 do primeiro conjunto)

FB: E esta aqui Dona Celeste?

CF: Esta ainda o papai ainda não tinha o circo. Num Carnaval eles saíram

assim, fantasiados. Papai era um pierrô meio “faguta”, a mamãe nem sei do que está aqui... Acho que de cigana. Ah, não sei. O meu irmão mais velho de pierrô, o outro abaixo dele, também de pierrô e minha irmãzinha não tava com nada. Não era fantasia. Foi um Carnaval que eles foram...

FB: A senhora nem estava ainda?

CF: Eu não tinha nascido.

FB: E nesta época já o seu pai então gostava das fantasias, das roupas?

CF: Gostava, gostava...

FB: A senhora não sabe que Carnaval que era este, aonde era?

CF: Ah, não sei, nem sei onde era. Maria, José, Zinha, Lula e Sônia, em 1918. Três anos depois eu nasci...

FB: Demorou um pouco ainda

CF: É. Mas entre a minha irmã, não. Entre... 1918 para 21 nasceu um menino...

FB: E o circo só chegou depois?

CF: Bem depois..., mas aqui já escrevia. Ele gostava de escrever... muitas peças ele escreveu

FB: E aí ele estava então de pierrô?

CF: De pierrô. Ele ainda era nessa época, ele era chefe de estação de... E agora lembrar o nome daquela estação, você falou que eu ia lembrar não lembrei... Mairinque Veiga

FB: Tá vendo como a senhora se lembrou... mas uma foto muito bonita, né?

CF: Pelo ano que era.

FB: E esta foto, a senhora gosta bastante desta foto?

CF: Gosto.

FB: Por que?

CF: Por que aqui estão os três irmão mais velhos que eu e ainda papai e mamãe, né. Eu adorava meus pais, apesar do meu pai ser muito bravo. Você tem meu livrinho, né?

FB: Tenho.

(foto CF 09 do primeiro conjunto)

FB: Então vamos passar para outra, se não eu vou cansar muito a senhora hoje né? E essa aí o que a senhora me conta dela

CF: Esta, é um dos primeiros circos que o papai teve... Não sei... 1949

FB: O que a senhora vê aí nesta foto...

CF: Aqui é o palco, ao fundo um palco. Isto foi numa matinê... (pausa) tem crianças...

Aqui não é meu pai não... meu pai está aqui, meu pai e meu irmão...

FB: Este então já era o circo da sua família

Era o primeiro circo do papai. Aqui está circo Marabá, mas ainda não era circo Marabá.

FB: Como que chamava?

CF: Talvez Leblon. Circo Teatro Leblon.

FB: E o que que esta foto lhe traz?

CF: É uma recordação do primeiro circo que tivemos

FB: A senhora já participava aí então?

CF: Já. Eu comecei a trabalhar com 5 anos. Aqui eu já trabalhava no circo

FB: Era Natal será?

CF: Tinha Papai Noel, né. Acho que era... era Natal sim. Foi numa matinê. Papai costumava distribuir brinquedos para as crianças...

(foto CF04 do primeiro conjunto)

FB: E essa?

CF: Será que não tem uma antes dela... porque essa daqui já foi mais recente.

Bom essa daqui... essa daqui eu tinha 5 anos né. Que cara... só acha o olho aqui. A roupinha foi mamãe que fez a mão, furadinho na mão, mas aqui eu já dava meus passinhos do Charliston. Comecei com 5 anos...

FB: E essa foto a senhora se lembra como foi feita?

CF: 1926 (*descobre olhando atrás da foto*) acho que é a barriguinha do 6 aqui...

FB: E a senhora guardou esta foto? Marcou né?

CF: Marcou. Foi a primeira fotografia que eu tirei pra circo né.

Tinha os olhos grandes... agora estão meio fechadinhos...

(foto CF 02 do primeiro)

FB: Veja qual vem agora Dona Celeste?

CF: Esta daqui você podia até intercalar junto com aquela que ele está de pierrô...

FB: Então vamos falar primeiro depois a senhora me diz a ordem... Aqui tem uma coisa escrita... Não cuspir no chão.

CF: Mas que coisa eu sei que tinha o nome da Estação aqui, Mairinque Veiga, eu sei que era Mairinque Veiga, papai era chefe lá... chefe da Estação, os outros todos são os telegrafistas, são chefe de trem... Tem chefe de trem?

FB: É, mas tem maquinista né.

CF: Ah, é maquinista, Ah eu não sei não posso dizer a você quais os telegrafista e maquinista.

FB: E essa cena a senhora tem alguma referência dela?

CF: Não. Esta não me traz nada assim de recordação...

(interrupção gravação - final da fita)

FB: Esta foto então é mais recordação de seu pai

CF: Do meu pai quando ainda trabalhava na estrada de ferro Sorocabana.

FB: Acho que eu não tinha nem nascido ainda. Meu pai tava com uma carinha bonitinha aqui....Olhe eu!!!(grita) ...Risos....Essas fotos....Não pode, não pode passar o dedo...Se não risca....Ah coitado ficou sem olho agora....Só ele hein?

Também o quê que eu tinha de esfregar o dedo aqui....??

FB: Ele estava com um livro aqui não é?

CF: Éhhhh ele já gostava de escrever não é?

FB: Ele tinha esse dom não é dona Celeste?

CF: É verdade...

(foto CF 03 do primeiro conjunto)

FB: E essa aqui?

CF: Ah essa aqui, eu fiquei feliz da vida, quando vi essa fotografia aqui...

FB: Por quê?

CF: Porque muitos achavam mesmo que eu era parecida com a Carmem Miranda...E Carmem Miranda pra mim foi um ídolo, eu gostava muito dela...

FB:E como foi que a senhora se produziu pra foto?

CF: Vesti como na época a gente podia.... modesta né...não era uma fantasia assim...muito...assim eu cantava.

FB: Mas tinha os adereços não é?

CF: Tinha....era tudo nosso né? Roupa, adereços...tudo era nosso né? (silêncio) Eu era moça ainda...Muita vontade de vencer na vida. Trabalhar! Era uma jovem cheia de ideais... (silêncio)

FB: E depois foi colorida?

CF: Não foi colorida, porque naquela época não existia foto colorida. O fotógrafo que depois coloriu, assim desse jeito.

FB: E a senhora gostou?

CF: Eu gostava. Me enchia assim de prazer, de poder cantar. Eu gostava muito de cantar.

FB: Então é uma das fotos favoritas.

CF: É... (silêncio).... essa aqui...

(foto CF1 do primeiro conjunto)

FB: A do casamento...me conte..como foi essa?

CF: Pra te falar a verdade eu não estava bem nesse dia...Por que nessa época eu tinha úlcera no duodeno e eu já estava... não em convalescente não..., mas estava me tratando da úlcera. Eu queria adiar o casamento, mas o Walter não quis. Ele disse: - Já que você está assim, vamos casar, assim eu cuido de você. Achou que ia cuidar de mim.... e cuidou coitado. Mas eu não estava muito satisfeita aqui não (levanta a voz). Essa menina não era pra entrar. Meu vestido saiu horrível. Eu queria que a moça tivesse feito a parte de baixo godê pra pregar os babados né? Aí ia ficar bem redondo, bem-bonito e ela pregou o pano, franziu aqui em cima e ficou aquele saco, aí ela pregou os babados naquele saco! (entristecida). Então não gostei nada, nada.

FB: E essa menina?

CF: Essa menina era tia da madrinha minha de casamento. Mas ela achou que tinha de parar aí porque a mãe foi madrinha....aí...

FB: E os demais?

CF: Era pra ser só esse casalzinho. Eram cunhadinhos da minha irmã. Eu fui a última a casar... E essa menina também não era pra estar aqui, mas a menina pediu pra mim que a menina fosse na frente...levando as alianças e tal.. aí foi...

FB: Mas a senhora está bonita aí...

Muito bonita! Aii mas como eu estava triste esse dia! Uma que eu estava doendo o estômago **CF:** né? E outra que o vestido não ficou do meu gosto. E outra, o véu era um pedaço de renda que eu tinha então eu pus redinha na ponta. Então nem casei com aquele véu lindo... que as noivas casavam. Uma, que eu não tinha dinheiro pra comprar o véu. O vestido mesmo foi o Walter que me deu. O sapato, não aparecem, mas foi a minha cunhada que me deu. Aaii ai! Foi tudo dado. (silêncio) Dá pra perceber que ele é mais novo que eu? Ahhh dá sim... quatro anos....Ele tinha 23 quando casou e eu estava com 27.

FB: Mas a senhora guarda essa foto...

CF: Ah sim, eu guardo (a foto) porque afinal de contas pra provar que eu casei. Não me juntei não, não (risos) Eu casei!

FB: A senhora tem outras do casamento?

CF: Tenho!

(foto CF19 do primeiro conjunto)

CF: Essa, quando fizemos 25 anos de casados (silêncio)...

FB: E como foi essa? O que a senhora me conta dessa ocasião?

CF: Dessa eu gostei. Gostei ! Fizemos uma festinha. Vieram meus compadres. Eu convidei só os compadres e as comadres. Ihhh Eu gostei muito, porque 25 anos de casado não era 25 dias né?

Eu já era uma senhora. Uma senhora cumpridora de seus deveres...Fui boa mãe. Apesar de que os meus meninos acham que eu fui muito brava (risos)! Olha o arreganhado.

FB: Tava rindo bastante aí né? Por que será?

CF: Sei lá! Eu estava muito feliz. Achei que ia chegar nos 25 e não ia demorar muito eu já ia... faltar porque eu já tava velhinha.

FB: Mas a senhora não está com cara de velha não.

CF: Aqui não tá ainda, mas aqui!

(foto CF 25 do primeiro conjunto)

CF: Barbaridade! (risos) É uma foto especial.(silêncio)...Essa foi da inauguração do Hospital com o nome do Walter...Esta. Eu estava feliz nesse dia. Pela bondade do Walter, da presteza dele. Por tudo de bom que ele era, colocaram o seu nome nesse grande hospital né? Eu fiquei muito feliz...na inauguração...Eu estava falando aqui...éh, eu devo ter até o que eu falei, escrevi em algum lugar. Eu estava falando acho que do Laércio (prefeito na época)

essa hora. Eu escrevi uns trequinhos...

FB: E essa foto a senhora escolheu por quê?

CF: Por que foi da inauguração desse imenso hospital que tem o nome do meu marido né? Fiquei muito feliz com isso porque foi lembrado, foi homenageado e acredito que ele esteja olhando pelo hospital que tem seu nome.

(foto CF 27 do primeiro conjunto)

FB: A última?

CF: Eh, esta foi no dia que nós nos reunimos na casa do meu filho, o Ivan, aí eu quis tirar uma fotografia de nós todos, porque veja que a nossa família é unida. O Júnior você não conhece?

FB: – Não

CF: É o marido da Miriam. Com os dois filhos. Já estão grandes né. Estão mocinhos. Ivani que é mãe destes dois. Guilherme e Fábio. Fábio já é casado. Tem um filho. E Guilherme tem... umas vinte namoradas (risos) O Delei e a Márcia, que aqui ela estava esperando nenê, o filhinho dela que agora tem cinco anos, Gabriel.

FB: O Gabriel é filho da...?

CF: Da Márcia... já mocinho... Elaine, o Eduardo, os outros eu acho que você já colocou.

FB: Ah sim...

CF: O neto, o Walter Ferrari Junior. E esse também é Walter... três Walter na família. A Vani com a perna assim... não dá impressão é que sou eu que está com a perna aberta? (risos) Olha direito? Não parece? Olha que coisa?

FB: E a senhora com a perna cruzada?

CF: Cruzada (risos)...(silêncio)...Tadinha da minha filha, ela emagreceu...

FB: Eh!.....

CF: No braço que ela toma injeção, a veia não tem quase... e deram injeção

aqui embaixo...e ficou vermelho, endureceu... Ela foi ao médico pra ver isso, mas disse que logo ia passar... Ela está passando um remédio que ele deu..mas ainda está...

FB: Então essa é também especial...

CF: Especial!

FB: Então, (risos) acho que nós chegamos ao final da décima? Tá jóia...então estão aqui...deixe eu anotar....(pausa) Então....qual seria a primeira? É essa?....depois? a do Carnaval?

CF: Espere aí...deixa eu ver se tem mais alguma...(murmúrios).....silêncio....Essa aqui já foi...acho que tem essa agora..

FB: As do carnaval...depois?...terceira?

CF: Depois acho que seria esta aqui...

FB: Do circo né? (silêncio....Até a quarta. (slêncio).....Depois?

CF: Humm..

FB: Essa aqui?

CF: Hummm.

FB: Tá...Treze...é a quinta né?

CF: Isso.

FB: Tá! Casamento....humhum....(murmúrios)....A nona...humhum....Ah não anotei errado, essa daqui...

CF: Essa você já pôs né?

FB: Já...é que essa aqui eu marquei errado...essa aqui que a senhora falou....a nove....estava confundindo com aquela outra. E agora?(silêncio)....

CF: Esta...

FB: Hum Hum...e por último esta? Tá! Foram todas né? Engraçado! Deu 11? (risos)....

CF: Que que é isso? (risos)....

FB: Ou nós fizemos a conta errada? Uma, duas, três, quatro...cinco...nove...11!

CF: 11! Ah, tira uma então....

FB: Não, pode deixar dona Celeste, , a senhora até já me contou as histórias dela...(risos)

Tá tudo bem...pronto!

(gravação finalizada)

TRANSCRIÇÃO SEO MOACIR MALACHIAS - 2

Assunto: Entrevista relacionada ao Segundo Conjunto Fotográfico – 11 fotos

Informante: Moacir Malachias (MM)

Pesquisadora: Fabiana Bruno (FB)

Data: 31 de março de 2003

Horário: às 16h00

Local: Consultório de Fonoaudiologia da Filha

Duração da Entrevista: aproximadamente 120 min.

(Fabiana Bruno): Destas daqui então queria que o senhor escolhesse dez.

(Moacir Malachias): Dez dessas...

FB: Pode ver com calma, não tenha pressa não...

MM: Dessa de arroz aqui... tem já aí

FB: Isso, o senhor vê qual que o senhor quer deixar, dessas que já tinham, dentre todas essas...

MM: Ah sim, essas daqui são do número de 20...

FB: Essas são aquelas que o senhor já tinha escolhido, né?

Então agora dessas qual que deixaria aí...dez

MM: Ah! dez deixaria aqui comigo?

FB: Não que o senhor me mostraria... que seria mais importante para o senhor, as que o

senhor gosta mais ... aí o senhor vê...

MM: Essa daqui a minha patroa na primeira gravidez, então a gente pode achar que é interessante também...

FB: Tá certo.

(Pausa, silêncio longo, durante o período em que fica olhando e passando pelas fotos, uma por uma...)

MM: Acho que são mais interessantes as coloridas... É melhor né?

FB: O senhor é quem sabe, porque as preto e brancas também são bonitas. O senhor gosta mais das coloridas?

MM: Não... para evitar problema

FB: Hoje em dia é quase tudo colorida né?

MM: Ah agora realmente é só colorida, tão certo né. Aquele tempo da televisão preto e branca, lembra?

FB: Lembro, nossa...

MM: Agora é diferente... né

FB: Quase não se vê mais TV preto e branco.

MM: Não, não...

(silêncio enquanto continua escolhendo as fotografias...)

MM: Essas grandonas assim fica grande, fica ruim pra trabalhar é?

FB: Não dá pra reduzir não tem problema. Pode ficar tranqüilo quanto a isso. Preocupe-se só com o que o senhor gosta.

MM: Formatura da minha filha...

FB: É essa daí era né!

FB: Aí tem duas né?

MM: Teria duas aqui?

FB: Tem o senhor molequinho ...

MM: Ah, sei sei sei...

Difícil de lembrar dessas duas ... 43 do tempo que freqüentava o Senai

FB: Ninguém segura o tempo né Seu Moacir...

MM: E agora passa mais depressa ainda?

FB: A gente tem essa impressão...

MM: Porque o tempo não, tantas coisas que as pessoas têm pra fazer e não consegue fazer no dia.

MM: Uma, duas, três...

FB: Essas o senhor tirou ou escolheu?

MM: Não, escolhi essas cinco, quer dez né?

FB: Faltam mais cinco né? Vai colocando aqui para eu anotar quais o senhor já escolheu...
(pausa longa, continua olhando as fotografias para escolher mais cinco)

MM: Essa daqui é a Cíntia do Lúcio, a Cristininha, aquela filha do... essa que é advogada aí aquela filha do Chico Santiago...

FB: A Carminha?

MM: Esqueci o nome dela... ela mora ali perto do..

FB: Essa vai...

MM: Acho essa ta muito amassada...

FB: Não, não tem problema.

MM: Acho que são essas daqui...

FB: São essas daqui, vamos ver então.

MM: Está com sete...

FB: Nove.

MM: Nove?

FB: Se o senhor quiser escolher um pouco a mais... não tem problema, se estiver muito difícil...

MM: Ah, põe essa daqui...

FB: Essa aqui... jóia. Tem mais alguma Seo Moacir?

MM: Só se tem essa uma aqui da Márcia

FB: Se o senhor quiser incluir mais uma pode ser...

MM: Essa aqui o Doutor Darci quando era criança, a gente vê esses “moçaiada” que é tudo..., “moçaiada” a gente não conhece não... só eles mesmo.

FB: É né.

MM: Deixe eu por, vou pegar uma da Rosa aí, senão é capaz de encrencar viu...

FB: Ahhh

MM: Se não fez nenhum meu... Agora da Márcia já entreguei...

FB: Da Márciaaaaa... Qual... o desfile?

MM: Não é cessa daí não!

FB: O senhor quer revisar aqui...as que o senhor já escolheu estão todas aí mais essa daqui... nove. Me dá essas daqui, opa.... esse montinho aqui... Essas daqui não escolheu né? Então deixe-me separar as que saíram. Essas que ficaram não é isso? Dá uma olhadinha. Deixe-me pegar essas daqui também...

MM: Como o rio de Jaguariúna, Jaguari aí, era cheio mesmo... naquele tempo! Aqui não é tempo de chuva não.

FB: Não?

MM: Nãaaaao. Era grande, era cheio mesmo. Antes a gente ia lá no Atibaia, tinha água e aí acabou...

FB: Seo Moacir eu ia pedir pro senhor fazer agora uma seqüência delas pra gente poder fazer uma atrás da outra. Que seqüência que o senhor daria pra elas, pra dar uma organizada?

MM: Quando era criança, moleque teimoso, nadava... era proibido, meu pai, pegava a gente mesmo...

MM: Começando desse daqui pra cima, é onde tá nadando ali

FB: Tá. O rio primeiro...

MM: Isso.

FB: Tá. (pausa) Depois vêm aqui em cima?

MM: É.

FB: Depois essa

MM: É...

FB: Depois ééééé...

MM: O desfile dessas meninas aqui... é que depois que a Rosa casada, e esse daqui quando eu trabalhava no tempo dela, depois de casada...

FB: Ah, então depois vem essa agora...

MM: Só que tem uma aí... será que caiu? Uma que está em São José do Rio Pardo...

FB: Veja se está aqui...

MM: A que ela (a esposa Ivete) estava sentada...deixa eu vê....

FB: Essa aqui?

MM: Não....deixa ver

FB: Então me dê essa daqui pra não misturar....(pausa).....

FB: Não está aí seu Moacir? Como que era a foto?

MM: É uma que a Ivete estava sentada...Era em São José do Rio Pardo e ela tava olhando lá pro fundo.

FB: Deixa eu ver se não está aqui

MM: É essa, é essa...é..

FB: Está no começo. É essa mesmo?

MM: É....realmente...

FB: O senhor gosta dessa foto não é? Já reparei que o senhor gosta!

MM: (risos) Ahhhhhh....eeeeeiííííh!!!!(Mudando de assunto) – E naquele dia que eu fiz a reportagem ...eu fiquei apavorado...a gente fica vendo o microfone na frente, você falando e agente aqui, eu tenho a impressão que o senhor falou muitas coisas ali mas não falou nada....de

nós...eu falei puuuuxa vida! Tá naquela preocupação né? E o menininho morreu coitadinho né (se referindo a um técnico da Rádio, que morreu num acidente)?

FB: O senhor viu que coisa não é?

MM: Parece que tem um outro né que é parente dele?

FB: É o irmão dele é!

MM: Tava curioso até...puuuuxaaa vida!

FB: Tragédia né?

MM: Quem diria! Até um mocinho falou assim...ele falou que ele estava ...que até me conhecia e eu falei...Nossa Senhora...e eu conhecia ele, ele era mecânico lá doaquele que tem....do Sérgio. E o rapazinho ta lá e ele estava junto no desastre. Ele falou assim...que o rapazinho.... um morreu na hora..agora, o Sérgio depois né? E ele...não aconteceu né?

(foto MM04 do primeiro conjunto)

FB: Seo Moacir...eu ia falar só pro senhor voltar aqui pra alguns dados de algumas fotos pra mim, começava por essa que o senhor pôs primeiro. Essa foto aí queria que o senhor me falasse um pouquinho sobre ela...o que o senhor lembra dessa foto aí...

MM: (silêncio) Nessa ocasião...quando a gente ainda era menino traquina...nós não tinha permissão nenhuma de fazer isso né! E eu chegava na ponte vermelha...que agora atualmente é..., ela é de 1835 né? Então...lá de cima em soltava embaixo. Não sabia o que poderia acontecer né? E vinha nadando e saía aqui no Jataizeiro que dava aqui...(silêncio) E naquela ocasião eu tinha muito fôlego e eu fazia a travessia desse rio por baixo d'água...

FB: Maravilha né?

MM: É sim, agora só as pessoas que podem saber são as pessoas de 70 anos pra cima né? Se existir algum que possa saber se o seu Moacir Malaquias fazia isso, fazia né? Às vezes a turma aí do Gottardo fala né...que pode saber que eu era traquino que eu fazia tudo isso. Meu pai não admitia que a gente fizesse isso né então agente fugia. Fugia lá de casa que eu morava ali justamente onde era o escadão, na Rua Coronel...

FB: Sei Hummmm!

MM: Ali, aquela que desce pra igreja né...então...dali eu fugia e tal e era perto da Fepasa tal ..

FB: Que época seria isso seu Moacir, o senhor se lembra?

MM: Olha isso aí poderia ser mais ou menos...teria 20 anos...foi em 46...ou 45...em 1950 mais ou menos...eu tinha de 20 a 23 anos...

FB: De 20 a 23 anos?

MM: De 20 a 23...

FB: E por que o senhor escolheu esta foto?

MM: É recordação porque até achei interessante que a turma acabou levando, levando e essa aqui acabou ficando né? Os parentes né?

FB: Certo!

MM: Então a gente sabia que agente poderia até ser um atleta né...poderia ser mais não continuei não, porque eu tinha fôlego mesmo...

FB: O senhor falou do rio aí também...

MM: Ah sim o interessante naquela ocasião que não tinha o desvio em Atibaia, do Rio Jaguari, então ele era um rio cheio mesmo, qualquer chuvinha transbordava e ia até no asfalto, qualquer chuvinha ele alagava mesmo ali, a turma reclamava disso daí, naquela ocasião não via como era a enchente ali, porque tinha as leis bastante, agora quando mudou, foi mudado tudo isso porque São Paulo faltava muita água então tirava água do Rio Jaguari.

FB: E aí nessa foto o senhor alguma coisa de especial?

MM: Bom...e agora? Agora a gente fazer isso sem saber, agora que a gente vê o que acontece no fundo desse rio nunca nem em pensamento a gente faria isso. Você vê tantas pedras, cada lugar que a gente pulava né...e se afundasse de uma vez, como podia né? Ou descia ali da ponte vermelha até aqui na atual nessa ponte aqui...

(foto MM17 do primeiro conjunto)

FB: Jóia. Então vamos pra essa outra seu Moacir? E essa aí? Essa deixe só eu ver o número dela...O que o senhor me conta dessa foto aí?

MM: Essa...Essa daqui, essa eu era solteiro esse carro aqui era do motorista era do Dúviolo Maiochi

FB: Duvílio ele chamava?

MM: Era Duvílio Maiochi.

MM: : ele fazia carreto... saiu de Jaguariúna para Aparecida do Norte. Nós vamos pra tirar esse menino aqui, que está aqui, que é, sabe esse rapaz aí, o Chico Massuci, então ele que está no colo da minha irmã, que foi madrinha dele.

FB: Como chama a irmã do senhor?

MM: Quem a minha irmã? Chama... o nome dela... Ah, sim, ela chama Margarida, mas a turma chama ela de Nair né...

FB: Nair, mas é Margarida?

MM: Mas é Margarida (risos)... Nair é o nome de guerra dela e quem mudasse... Às vezes o pai saía para colocar o nome, depois a patroa falava se podia ou ele foi... Ah eu queria Margarida “tar”, mas meu pai colocou... eu coloquei Margarida e você quer Nair então fica Nair mesmo.

FB: Olha só, as histórias...

MM: Esse é o menino, Chico Massuci... E aqui do lado, tinha a Ivete, que é a minha atual patroa, quando eu era namorado dela, ainda no início né. Aquele tempo eu tava paquerando ela...

FB: Cadê ela Seo Moacir. Qual é ela? A de óculos?

MM: É.

FB: Aqui da ponta?

MM: É.

FB: Ah, sim, a da direita?

MM: Da direita. Da direita pra esquerda...à direita estava Duvilio Marion, aqui tinha a mãe do Chico Massuci...

FB: Quem que é?

MM: Essa aqui Dona Antonia. Agora, aliás é falecida já. Os dois aqui que estou falando já é falecido.

FB: Certo...

MM: E esse aqui é o Ditinho né. É o Dito Massuci...

FB: Com essa criança aí né ? Ele é quem?

MM: Ele era, ele é divorciado daquela menina que mora aí, Rosana né? Conhece a Rosana?

FB: Rosana?

MM: Aquela que vende jornal!

FB: Ah, sim.

MM: Filha do Marion também né.

FB: Tá.

MM: Esse é o Ditinho. E esse aqui é o Nicolau Massuci, que é esposo da minha patroa, meu concunhado...

FB: Ele, esse Nicola é o que de sua esposa?

MM: Ele é cunhado e co-cunhado meu né. Os dois casaram com as duas irmãs.

FB: Certo.

(interrupção gravação - final lado B)

FB: Seo Moacir, nesse dia aí como foi a história então?

MM: Ah sim... Como foi um parto muito difícil da minha cunhada, então eu simplesmente ajudei ela ir a Campinas juntamente e minha patroa né agora atualmente, a gente ainda não era casada... a gente fazia tudo porque tava namorando, se arrebenta tudo... então nós levamos aí, ela chegou, ela sentiu muito mal, mas foi uma coisa de repente. Daí que nós conseguimos levar com a parteira aqui, uma senhora... que depois fez o parto. Então eles acharam que nós fizemos tanto favor que pelo menos favor, era uma obrigação a eles que nos oferecemos ele como afilhado. Ele é meu afilhado...

Ele também não tem juízo né? Ele já largou da patroa dele, casou, amigou com outra lá, tem filha, agora ele ta vortando com a patroa, como é que pode né?

FB: E nesse dia vocês estavam em?

MM: Aparecida do Norte

FB: Foram batizar lá?

MM: Fomos batizar lá. Ela fez a promessa né. Tudo correu bem. (...) Acho que ela pensou tudo isso para oferecer pra nós...Aceitamos né

FB: Claro.

MM: E aqui nós estávamos subindo o morro...

FB: Que época que foi Seu Moacir?

MM: O Chico tem... sabe que se eu procurar a data que ele nasceu ou eu pergunto a ele...

FB: Mais ou menos

MM: Eu tenho certeza que foi em 60, em 60 que eu me casei, sessenta e ... sessenta e seis. É 66.

FB: Tudo bem, só mais ou menos para situar no tempo.

MM: É.

FB: E o senhor escolheu esta foto para ficar entre as outras por causa de que Seu Moacir?

MM: É uma recordação do passado ainda quando jovem. Tinha 22 anos, porque era 66... 22, 23 anos (???) *casei com 27* naquele tempo a gente não levava na conversa quando ia fazer essa idade a pessoa nunca pensava mais em casar. A turma colocava, você tá... os amigos aí falavam assim, tirando sarro da gente, não casou nem nada, então falava você vai para o museu. E é mesmo, porque naquele tempo, era interessante, namorava a moça sem a autorização do pai não podia, então quando você dava um jeitinho de conversar com ela no jardim sabia... porque andavam as mulheres para lá e os homens assim, então quando a gente achava que ia conversar com ela, elas paravam daí encostava no barranco, quer dizer na muretinha ali e ia saía né... Então isso aí dos amigos (????) ficava conversando, esperando olhando sempre pra ver se o pai vem vindo né, porque eles achavam ruim, porque é pai não perguntavam, obedecia a eles... e era assim naquela ocasião...

FB: Era de outra forma...

MM: Mudou muito

(foto MM03 do primeiro conjunto)

FB: Com certeza... E essa aqui Seo Moacir?

MM: Essa aqui eu lembro, São José do Rio Pardo, era minha patroa também. Era início de casamento e nós estamos no morro do Cristo aqui. É tão lindo lá se olhando agora a cidade (???), a gente vai sempre lá tem o Cristo, tem o Morro do Cristo aqui. E eu e a Ivete nós fomos lá. A cidade de São José do Rio Pardo... Porque ela veio de Guaxupé pra São José do Rio Pardo

FB: Foi o senhor que fez essa foto? Foi o senhor que fez... a foto?

FB: Seo Moacir: Essa aqui?

MM: É. Foi. Ela já era casada, e aqui ela tava grávida também, não sei de quem delas... da Márcia... (pausa)

FB: E a época dessa foto, o senhor se lembra?

MM: Essa é de 63...

FB: E por que o senhor resolveu escolher essa aí, essa foto?

MM: A gente acha tão interessante porque ainda a gente gosta de mais assim da patroa, não tem nem dúvida, mas naquela ocasião era até mais (risos).... todo início né (???) se um dia ela intoxicar, a gente... nunca bati na minha mulher não, nunca bati nela e nunca ... quer dizer discuti, discuto, todo casal, mas a gente chegar a agredir ela nunca, Graças a Deus, nunca, nunca bati nas minhas filhas, nunca bati na minha mulher. Leva uma vida boa, Graças a Deus, sem briga, sem nada

FB: Isso é que é importante.

MM: Éeeehhh..

FB: Jóia.

(foto MM07 do primeiro conjunto)

FB: E essa outra aqui?

MM: Essa aqui leva grande recordação de um sobrinho meu, chamava Alvair,

FB: Alvair?

MM: É Alvair, ele faleceu, futebol mesmo, era jogador bom, ele tinha aqui 16 anos... tem ainda recordação dele. Ele morreu em 1957...Ele bateu a cabeça noutro jogador, ficou em estado de coma, mas não morreu naquela ocasião não. Ele jogava pelo União Esportiva Jaguariense e a diretoria simplesmente deu tudo o que podia ter de bom pra ele, ficou no hospital, recuperou. Depois de uma no e meio ele faleceu assim, aí foi o Doutor Jorge (um médico da Cidade) disse que foi proveniente daquilo. Porque morreu de repente, porque dizia que estava esquentando o corpo, esquentando o corpo, (???) aí foi a irmã minha a Nair, a Nair não a Rita. Então ele fazia parte da escola aqui, ele era um irmão, um sobrinho que veio de São Paulo pra cá morar com o pai. Fiquei com dó... Aquele tempo bom Jaguariúna era bacana...

FB: Ele é esse que está na bandeira?

MM: É na bandeira, Alvair Ramos da Silva... morrer por causa de uma partida né... Ele é irmão do Miro, você não conhece o Miro, molequinho atrapalhado? *(toca o telefone na recepção)*

FB: Ah, sim. Acho que é o seu telefone. O senhor não quer atender, fica a vontade *(Seo Moacir sai por alguns minutos e vai atender o telefone)*

FB: E a sua filha fica em Campinas, trabalha lá,

MM: Fica, trabalha na Prefeitura...

FB: O senhor estava falando dessa, e aí então?

MM: Alvair...

FB: O que mais?

MM: Foi uma morte repentina a dele... Foi em 57

FB: E essa foto, o senhor..?

MM: Devia ser mais, vamos 55, dois anos a menos.

FB: O senhor tinha essa foto já? Como que foi a história...

MM: Não, eu tirava que nós fizemos o desfile esse aqui, o desfile aqui de Jaguariúna na ocasião, do Preto e Branco ainda né, desfile...

FB: Foi o senhor que fez a foto então?

MM: É fui eu que tirei...

FB: O senhor resolveu incluir essa foto aí como...

MM: Como recordação dele...

FB: Então vamos para outra...

(foto MM 01 do primeiro conjunto)

MM: Esse é no sítio lá no Capetinga, lá no nosso sítio, aonde meu pai... aqui na frente tem “tudas” as crianças, as minhas filhas, minhas sobrinhas também, no meio do arrozal, e o meu pai ficando ao fundo justamente com o emprego, naquele tempo. Lá ao fundo é o depósito, onde colocava os sacos de arroz. Agora não tem mais nada aqui. Esta parte aqui toda é o sítio...

FB: Qual parte o senhor fala?

MM: Essa parte aqui toda é o sítio, que vai até naquela distância lá...

FB: Certo.

(pausa)

MM: Aqui é as minhas filhas

FB: Essas, né.

MM: Essa deve ser a Márcia, a Kátia né? A Kátia, a Cristina... mas agora estão tão diferentes, bem diferente. Também tem que ficar (risos), o tempo vai passando...

FB: Passa o tempo né Seu Moacir? E que época foi esta foto?

MM: Essa deve ser mais ou menos, as meninos tinham aí uns 5 ou 6 anos, uns 5 anos, então 65 em diante...

(pausa)

MM: Aqui era arroz, aqui era a parte... acho que arroz aqui, aqui milho

FB: Milho?

MM: Também tinha uma parte de milho, arroz... Essa parte aqui.

FB: Qual Seo Moacir? Essa da frente...

MM: Essa parte aqui...Meu pai gostava de plantar muito arroz. E é interessante, que ele não tinha

interesse de vender, não. Ele dava pra nós. Ainda ele tinha aqueles... jacás enormes que tinha, enchia. Cada vez mês ele dava dois sacos de arroz para pessoa, para os filhos, mas os casados né. E ele simplesmente ia até o Seu Frazato, aonde que nós beneficiava arroz né.

FB: Era bom né.

MM: Naquele tempo tava o sítio tudo assim desse jeito. Quando acaba o tempo, então a turma lá do seu Dalbó, lá w m Guedes, eles já vinham com a máquina lá, já rolava toda a terra do meu pai, tal. Aquele tempo meu pai, seu pai não conhece, mas seu avô lembra, meu pai tinha pensamento oculto né. Então ele ajudava muito as pessoas. Seu avô, ele sabe quem é... E é tudo esse pessoal que ele ia, a parte de Deus, fazer cura né. Não é propriamente cura, ele achava que força de pensamento oculto, o que ele fazia o presente é..., o presente, quer dizer a atualidade e o futuro da pessoa. Ele falava assim né, é interessante. Não propriamente seu pai, mas seu avô sabia que ele fazia isso.

FB: E por que o senhor escolheu essa foto?

MM: São recordações né? Nunca a gente lembra o que é agora o sítio, que é só mato assim... principalmente dessa parte que é minha parte. Porque daí meu pai falou assim, quando eu morrer, ou simplesmente ou antes de eu morrer eu gostaria de repartir para os meus filhos, mas ficava uma parte do lado de lá que a Capitinga, quer dizer indo do lado direito, sentido Mogi Mirim, e outro na frente, que é o Aparecida então sai de lá e cai tudo no lago. E não tinha lago lá... Então o pensamento dele era esse, positivo esse e a que lenda que falasse que tinha lago lá, e o que era o lago agora lá? Teve uma pista que foi feita uma segunda via, então foi colocado lá no sítio toda rotatória de terra fez uma enorme, esse lago na cabeceira tem nada mais nada menos que 18 metros de água, enormidade. Até fornece para o Yamaguishi água

FB: Que beleza né...

MM: E é mina

FB: Água boa né...

MM: Daí deixamos para colocar um pouco de peixe lá... Chegava à noite lá a turma ia lá roubar, pelo menos se fosse pescar não custava nada, não pagava nada, não é pescueiro.

Mas eles chegavam lá com aquelas redes, acabavam com o peixe. Então acabamos também desistindo.

(foto MM 14 do primeiro conjunto)

FB: Então vamos pra próxima...

MM: Essa casa aqui tem o patrono é meu pai, esse que está aqui na frente,

FB: Qual?

MM: Esse aqui meu pai, ele é o patrono, ele foi patrono aqui, porque naquela ocasião, o pai exigia, as pessoas... nós éramos em 13 pessoas, 13 filhos, então ele sempre fez isso daqui, as pessoas, os filhos que iam casando ele não admitia também morar em casa, iam embora, casou vai procurar sua vida, fazer sua vida como ele fez, mas ele oferecia, porque naquele tempo havia uma facilidade de comprar terra, pelo menos aqui, porque até eles falavam pra não comprar muita terra porque era muito fácil... e porque ele deixar para nós uma enormidade de terra, ele falou e é mesmo, hoje nós temos dois alqueires cada um, porque o sítio é mais de 20 alqueires né? Então nós já temos um monte que não sabemos nem o que vai fazer. E aqui lote às vezes que comprava, pessoas às vezes exigindo para comprar, ficava “negocinho” acabava fazendo, qualquer pobre podia comprar até o fato que nós compramos está daqui. Hoje a gente vai querer pensar numa enormidade de valor que a gente não consegue. Então ele dava dez milheiro de tijolo para cada filho que iniciasse a vida dele... então com o terreno ele dava dez milheiro...

Agora para mim ele foi demais de bom, ele não me deu dez ele deu 20. Porque ele me deu essa parte que está aqui, até no alicerce, até essa parte aqui... Depois tem que levantar a casa, que aí vem o eitão (??), tal... então ele me deu mais dez, 20. Iniciou aqui fazer, uma pequena casa, que por sinal, pequena essa que está aí, uma pequena casa não é mansão nem nada. Então e esses senhores aqui são os pedreiros e aí já era quarto que eles estavam fazendo já colocar o madeiramento das partes aqui...

A minha casa mudou, é diferente agora... essa grama não tá aqui, tá aqui agora..

FB: Pra frente não...

MM: Aqui é garagem...

FB: Que época que foi essa?

MM: Essa após um ano que eu casei, 1961, 61. É 1961. Só paguei um aluguel só um mês, o só um ano. É que a hora que a gente tinha aí a possibilidade de comprar o terreno, tava a turma do Bueno vendendo, não é nem vendendo implora, porque aquele tempo implorava e realmente a mentalidade era uma coisa de nada que a gente achava que podia mesmo...pode comprou, Eu, que nem eu, comprei aí, comprei dois, três lotes, só que um ficou pro meu pai, que era do lado de cá. Tem um lote, depois tem uma parte, lá atrás onde que tem um comércinho lá. Ele ficava lá e eu nesta parte aqui da frente, feito um L.

FB: Que bom né Seo Moacir, ficou tudo perto!

MM: Esse aqui que é o início da vida da gente. Já era casado em 1961, quer dizer casada há um ano.

FB: E por que o senhor escolheu essa foto aí então?

MM: É de recordação e pergunto pra você porque é mais alegre da minha vida, porque eu nunca podia pensar isso, porque eu pensava em casar eu era muito responsável (???) tá certo que tinha as namoradinhas da gente (risos) sempre pegava, namorava uma, namorava uma, mas nunca cheguei falar que eu tinha intenção de me casar. Eu no meu pensamento sempre fui assim. Eu não tinha propriamente interesse porque eu não tinha coragem de tirar uma moça da casa dela, isso mocinha ainda e depois expor ela no futuro. Se ela tivesse na casa dela bem, porque eu ia trazer ela pro incerto? Então acabava não dando certo, quer dizer, acabava né desistindo, pode até ter criança... Vai ficando mais velho! Depois quando eu achei que podia casar com a Ivete eu já trabalhava no comércio, era comerciante, que era melhor esses tempos, que antigamente naqueles tempos nossos que 1960, 1950, só abria uma portinha... só abria uma portinha prosperava. Agora não, agora não, se faz alguma coisa que dá certo já aparece outro que faz o mesmo, no fim não dá nada, no fim a pessoa morre no nascedouro aí. Se pode ver quanto comércios muito bonitos crucificados, aquilo ali e tal...

Jaguariúna, a turma fala, fala, fala, mas as pessoas não prestigiam o comércio, faz parte nosso

certo. Mas não então eles vão lá em Campinas ou qualquer lugar e eles vêm que é muito diferente isso aí. Às vezes eles compram lá em Campinas e põe mais 20% aqui, então eles compram em Campinas mesmo. Não vou falar que... esse é o famoso comércio do interior, que nunca pode prosperar aliás, a turma chegar a apoiar. Se vê, se vai comprar uma coisa se vai comprar lá tem mais novidade, muito mais fácil fazer compra. Aqui a turma que consegue vender alguma coisa meio caro em três vezes assim lá o mínimo é seis, sete vezes sem acréscimo, seis vezes, cinco, três sem acréscimo e aqui não pode fazer isso. Quem é que vai pegar, não prestigia. Sem prestígio o comércio nosso, qualquer cidade pequena. Por mais que Jaguariúna agora subiu, cresceu. Então tão vendendo alguma coisa, mas se for levar a sério mesmo... mesmo que tenha o supermercado aqui, muitos vão pra fora, tem o Carrefour né? E faz lá..

FB: Ainda é pouco né seo Moacir?

(foto MM 16 do primeiro conjunto)

FB: E dessa aqui o que o senhor me diz?

MM: Deve ser mil novecentos e sessenta e uns quebrados. Sei lá porque dessa foto, devia ser criança. Essa aqui é lá em Serra Negra quando eu não conhecia lá nós fomos passear lá né? É o Parque das Vertentes...e aqui a turma subia essa altura aqui e depois descia esse negócio aí e caía na água.

FB: Ahhh Sei!

MM: Agora ...Fizeram escada de onde que a turma aqui é uns lagos, o Lago das Vertentes

FB: E essa época aí?

MM: É 1961. Eu casei em 1960, é essa era de 61. Mas era antes de junho esta daqui porque a Cristina (uma das filhas) nasceu. Dia 7 de Julho. Então é de junho essa daqui, de 1961.

FB: E essa daí o senhor escolheu por que então? O senhor que fez também essa foto? O senhor que bateu a foto?

MM: É essa fui eu que bati. Era também ela (a esposa), só que eu bati também.

Eu tinha aquela máquina, custou mais eu consegui achar. Eu tinha uma máquina que sumiu, agora eu achei. Tava lá em cima do forro, de casa. De dentro da casa mesmo, vê s epode? Uma máquina Kodak, não é Kodak Turística, é Yashica Matt. Ta lá, um dia eu vou te mostrar.

FB: Ah eu queria ver sim.

MM: Daquele tempo, eu via aqui em Jaguariúna, só na foto do Compadre, até eu ia perguntar pra ele pra vê se tem. Existe filme 120?

FB: Ah existe ainda.

MM: 120 existe? 620 também?

FB: Seiscentos e vinte, seiscentos e vinte, já não sei. O 120 é aquele mais largo né?

MM: É porque tinha o 120, que era o caso desse. Depois tinha o 127 que era o menor e tinha aquele miudinho, que era o 45.

FB: O 120 eu sei que tem, agora os outros eu não sei.

MM: Eu preciso perguntar...porque será que é melhor lá em Campinas pra gente ver...É daquelas máquinas que a gente liga elas...

FB: Por que que o senhor escolheu essa foto?

MM: (Sorri) Esta foto é especial. A primeira prole vinha vindo.

(interrupção da gravação - final da fita)

(foto MM13 do primeiro conjunto)

FB:Podemos ir então....

MM: A senhorita trabalha com jornalismo né? É só o jornalismo né? Que coisa interessante né?

FB: Essa daqui então, do barquinho né?

MM: Essa aqui é....seria uma draga no Rio Camanducaia, em Guedes. Essa aqui é um início da minha pequena indústria de extração de areia.

FB: Ahhhh!

MM: Essa aqui é a primeira draga. Depois, com o decorrer do tempo, a gente arranjou melhoras né? E essa aqui, houve um transtorno, quase que me deixou a zero, foi que numa ocasião que a molecada lá em Guedes, me afundaram ela. Nos domingos, ela ficava no meio...Então aqui na frente, era puxada por um cabo de aço, então a gente deixava ela no rio, então aos domingos, a molecada ia lá e como era perto o Rio Camanducaia, tinha só areia, água bem pouco, eles entravam dentro do rio, então eles puxavam até lá no alto mais ou menos, que ficava ali perto da Fazenda da Barra ali né, e depois eles desciam, soltavam o cabo de aço e vinham descendo e aquele monte de criança e acho que tinha grande também, foi num domingo...E tinha aquele soco, e como era feita de madeira, então acho que foi deslocando, deslocando. Agora quando eu cheguei de manhã, numa segunda-feira, foi uma das maiores tristezas, foi esse dia pra mim. Me deixou eu numa situação complicada. Eu peguei, lá da ponte eu olhei lá embaixo, não vi minha draga e aí quando cheguei lá continuei não vendo, daí eu olhei assim...o cabo de aço tava preso, tava no fundo do rio. Ela travou. E aí cheguei também falando pra um rapaz daqui de Jaguariúna, era de Guedes. E ele falou assim pra mim que ia investigar, agora se eu por acaso achasse testemunha, uma pessoa que viu, que ele provava que ele ficava como testemunha então chamasse ele na polícia. Agora, na minha volta ao local, eu tive uma sorte que eu encontrei um garoto que ele me falou pra mim, me contou a história que eu contei, que eles estavam brincando, tal e tudo....não ele né? Menos ele, que era um pequeno. Daí ele indicou o nome de várias pessoas. Daí eu peguei e cheguei lá, falei com ele... que o delegado tava chamando ele na delegacia. Naquele tempo era assim...não precisava a pessoa receber a intimação e tal...Daí eu senti a vida da gente ficar avoadada (*ficou emocionado e bastante nervoso*) com o que podia ser o que estava acontecendo, a gente em acreditava né? E daí o delegado falou assim que eu não mexesse nada que eles iam pagar tudo. Daí eles foram lá, o delegado chamou a atenção, eles pegaram, os pequenos, eles não afundaram, mas eles só brincaram sim, mas no decorrer do tempo foi deslocando, deslocando e acho que à noite encheu de água. Daí foi pro fundo. Eles prometeram que pagavam, mas era em dez pessoas ...agora só pagou eu foi três.

FB: Ahh é?

MM: Pagou a parte deles, foi o técnico foi lá, falou vai ficar em tanto tal, então eles prometeram. Podia ter arranjando um advogado, tal, e eu fiquei numa situação difícil, daí acarretou mais despesas pra mim, que eu quase fui à falência. Daí veio a queda de aço tal, aí eu prosperei uma época, uma temporada, depois eu vendi também....acabei vendendo. Era muito perigoso, a gente não tinha certeza, podia acontecer o pior né?

FB: Claro!!! Então essa época aí quando é?

MM: Essa aqui foi na ocasião que a ...67 mesmo.

FB: E a escolha dessa foto aí seo Moacir?

MM: Então... É uma que a gente achou interessante, que essa máquina que eu tinha aqui, ela ficou ...foi um dos maiores prejuízos que eu pude ter na vida. Eu perdi tudo. Daí precisou comprar outra, não foi paga né? Começar tudo de novo.

FB: Jóia! Quase chegamos no final, faltam só mais três...

(foto MM 10 do primeiro conjunto)

MM: Essa daqui faz parte do desfile de 7 de Setembro e essa menina que está na frente aqui é uma filha minha, em destaque, é a Maria Cristina. E a gente vê lá no fundo, mais a Kátia..

FB: Qual é a Kátia?

MM: A Kátia é essa aqui do fundo. E essa aqui é a Cristina. É o traje que eles foram representando, eles representavam cada quadro, e cada quadro era representativo por elas, Por exemplo, essa aqui é baiana que seria né? Ou é batuqueiro. Aqui na parte de trás é menino, não sei desses negócios aqui, que pula né?

FB: Capoeira?

MM: É capoeira né? É capoeira.

FB: A foto é do senhor também? Seo Moacir:É essa daqui foi eu que fiz.

FB: E de que época foi seu Moacir?

MM: Essa aqui as meninas já tinha tamanho. Essa aqui nasceu em 62, um 68, ao fundo a gente vê a casa de dona Sada né?

FB: Qual Seo Moacir?

MM: Essa aqui onde tem o desfile...

FB: Casa de quem o senhor disse?

MM: Aqui é de dona Sada, era uma comerciante. Aqui embaixo já desce aquela descida onde tem a farmácia, onde que tinha a leiteria. A Farmácia era do São Sebastião, era. Aqui era o Centro de Jaguariúna. ...

FB: E essa daí? É especial também seo Moacir?

MM: É especial por causa das minhas filhas né? (risos)

(foto MM12 do primeiro conjunto)

FB: E essa outra?

MM: Ainda é desfile, que como era uma parte aí que a turma colocava as meninas em cima, esses carros alegóricos né? Então aqui eu tenho as duas filhas minhas com demais coleguinhas né? Uma filha do...como chama essa menina? Essa que é advogada, que é filha do Santiago, do ex-prefeito? A Carminha..

FB: Qual Seo Moacir?

MM: Essa é a Carminha, essa aqui.

FB: Certo!

MM: Depois tem a Cíntia né? Que é filha do Lúcio Pires, a Cristina, minha filha, agora aquela que ta virada pra lá eu não sei...porque eles colocavam assim... aquele, tipo um carro alegórico né? Você tirava um pouco mais pra frente e depois chegava mais preto pra destacar a pessoa né?

FB: E o senhor lembra essa época aí?

MM: Foi na época dessa daí, em 68 que eu falei né?

FB: Isso. Mais ou menos. E por que o senhor escolheu essa aí?

MM: Heheheheh! (sorri) Porque é filha da gente né? A gente acha interessante né? E junto com as coleguinhas dela né? Conhecidas né? Agora tão tudo senhoras né?

(foto MM 9 do primeiro conjunto)

FB: Então vamos para a última

MM: Essa é minha filha caçula. É a Kátia, deixa eu ver? É a Rosa sim! Ela fazia parte do esportes, a Rosa, que hoje é advogada né?

FB: Então é a Rosa?

MM: É a Rosa...Esse aqui é o desfile, desfile da parte do esporte né? Ela não gostava de futebol, nem nada, mas tá com uma bola aí, acho que ela tinha destaque, era uma mulherzona grandona mesmo, até agora ela é a maior de casa e essa é uma das filhas que incentiva a gente. Tudo que ela pode fazer pra gente, pros pais, ela faz. Não só pros pais...Às vezes tem muitas coisas aí que agente nem ta pensando, ela consegue né? Que nem foi idéia assim, acho que partiu dela, hoje eu tenho um carro, uma picapinha, em cinco filhas, elas me deram de presente em 1997. Elas me deram pra mim, porque eu tinha vontade de ter um carro, mas uma camionete também...então eu tava procurando, uma Saveirinho né? Mais não dava né? Haahahaha! Daí, que pegou chegou, acabou, justamente hoje em dia houve um acidente aí, você conhece a Lão?

FB: Quem?

MM: A Lon, você conhece?

FB: Alão?

MM: Aquela filha do seu...daquele que tinha um ferro-velho aí, seu Cidão que a turma falava.

FB: O que que aconteceu seo Moacir?

MM: Nossa senhora...Foi uma...Essa filha do Luporini, Essa que uma vez a filha dela foi seqüestrada? Ela pegou, ia indo acho que levar a filha pra escola...Pegou uma perninha, a mulher ficou embaixo do carro...Quebrou a perna, clavícula...isso ..fez, deu um jeito pra ver se minha filha ainda comprava o carro. Ela telefonou, que a mãe dela foi atropelada, avisar, mas ela não tava, tão nervosa tava em São Paulo, que ela mora lá, e ela era muito amiga da Rosa e a Rosa considera, e deu o número do telefone, tal e ela foi correndo lá, porque a Cida e a irmã dela não resolvia nada. Foi ver lá, depois na volta voltou e chegou lá não sei como

a mulher ta, mas no momento, ela num, o acidente, ela podia estar pior, ou desmaiada, mas não desmaiou não, ficou ali, só que ficou quebrada né? Debaixo do carro...

FB: Quando foi isso?

MM: Hoje cedo. Depois que ela tava assim, ainda tinha uma outra pessoa que veio com uma Camionete, uma outra senhora assim...e bateu naquele carro que tava parado e a mulher ali embaixo...daí que ela exigiu, falou assim que minhas filhas trabalhava na Silmar, mas aquela ocasião era o carro, a Cedros né? Aí elas foram me levando na conversa e daí que coloquei, cheguei lá. Ela pegou e falou assim: - Ah, porque o senhor não vai, uma picape, melhor, não sei o quê lá!? O senhor não tem uma parte pra comprar do Saveiro? Então, acaba comprando esse daí, dá de entrada o carro, eu falei. - Ah eu não tenho condições, mas conforme que ela pegou me deixou, entrou, entrei dentro do carro assim com ela, nossa Senhora, deu uma lumbriga do carro (risos) essa coisa feia aí, eu falei Ah é muito dinheiro pra mim né? Quase 15 mil reais naquela ocasião...mas é muito difícil tal... E elas estudaram aí um jeito. Avisou, ela avisou a Chefia lá e tal e trouxe o carro pra cá e aquilo foi encher, assinar embaixo propriedade do carro e eu tava lá no fundo, o meu netinho pegou ...os dois sabiam, mas eu não, menos eu que não sabia. - Oh o carro do vô chegou, grande, e eu assustei! Nossa Senhora, daí...deu vontade de cair pra fora né? Assim...novo, eu chorava de ver, agora custou pra mim parar de chorar, porque eu ia contar essa história que eu to contando pra senhorita, Ahhhh meu Deus do céu viu? Eu ficava num estado de nervo, eu chorava Ahh heheheheh! (risos) Agora tá tudo bem, agora eu acostumei, já faz seis anos né? E daí foi o começo isso daí né? O tempo passa, passa mesmo... (???)

FB: Quem bom né Seo Moacir..

MM: Ah, é. Precisa ver que força, eles colocavam o dinheiro lá pra mim no dia viu... um pouco cada um.

MM: Então, e essa aí que época que foi Seo Moacir, o senhor tem idéia?

FB: Ah, devia fazer, devia ter uns dez anos aqui acho. Ela foi a última filha que nasceu... 60, 57, uns 60 mais ou menos (??) Essa é a filha que, a gente considera todas né, mas essa aí é

especial também. Tá certo que ela me ajuda muito até o remédio meu, que eu tomo, é ela que dá, ela que paga... remédio caro. Eu tenho hipertensão, é!

FB: Jóia Seo Moacir. Deixe eu só perguntar pro senhor, essas fotos que o senhor tinha me passado, o senhor costuma guardar elas assim avulsas, como que era, o senhor guardava aonde essas fotos?

MM: Não, eu tenho um álbum que eu até ganhei da falecida Vanda Poltronieri. Ela falou, você é fotógrafo tem algumas fotografias soltas aí e me deu um álbum muito bonito. E deu pra mim e eu enfiei as fotografias tudo no meio. Porque tem muitas, ainda tinha muitas e não achei, porque eles vêm cobrando eu há muito tempo e até tão chateados comigo aí que a filha da Dona Celeste, essa menina patroa do Chico Correa, como que ela chama... ela foi, ela fez parte, quando a pessoa entra assim... tem todas aquelas criançada na frente...

FB: Ah! Dama de honra?

MM: Dama de honra, e ela era justamente, ela era uma noivinha, justamente com um amigo nosso que é Seo (??) que era gerente do banco Itaú, e ela gostava do rapazinho, mas no fim ela casou com o Chico né. Ele agora é doutor tudo, acho que lá em São Paulo né. E acho que deve ter recordação que acho que era meio paquera dele... Então eles ficaram meio chateados d'eu não entregar né. Nossa Mãe do Céu, mas eu não achei, fazia tempo que eu não via aquele álbum.

FB: O senhor tem bastante fotografias guardadas então?

MM: É e eles cobram até hoje, mas ficaram chateados... eu tinha certeza, eu via a fotografia... Ela entrando assim ... a Dona Celeste que comandou a frente assim da entrada do casamento, porque foi em 1960 era tudo novidade. Era novidade, porque por exemplo assim, existia e ainda existe um pequeno preconceito racial né? De... não vou dizer assim total, mas existia,

naquela ocasião se uma pessoa, a única de cor que casou com uma pessoa um pouco mais clara, fui eu. O primeiro de Jaguariúna, também. Foi em 1960, né? Também ...é tudo novidade,

MM: E aquele tempo, então aquilo foi uma coisa, graças, Jaguariúna foi ohhhhh, tal né. Eu não sei, eu falei pô né, ela era tão boazinha, a Ivete, ela também tinha a família dela fazia... A família dela não (*falando da mãe e do pai*), tinha os avós dela que é da parte de índio, então é gente escura também. O pai dela já era português, casou com minha sogra que era morena, então eles já saíram muito ... não bem morena, mas tem a irmã branca né...

FB: Certo...

MM: Meu casamento (*se emociona e fala rápido demais com dificuldade de pronúncia...*) Ah, meu Deus... o Moacir vai casar, já tava velho já. Ahahahaha... eeehhh, fui me aventurara isso faz 43 anos, Graças a Deus... e nossa!!! Vou para 44 agora. Certo....